

VERSOS  
DE  
FILINTO ELÍSIO

TOMO III

# AOS ANOS DE FILINTO ELÍSIO

*Em 23 de Dezembro de 1816.*

Por um dos seus admiradores,  
que faz anos no mesmo dia

## SONETO

**A** Luz celeste, com que rindo a Glória  
Teu berço tem, Filinto, abrilhantado,  
Da Apolínea virtude o dom sagrado  
Te esmalta hoje no templo da Memória.

Teu nome recolhendo a mão da Historia  
Doutro portento Luso assinalado  
Mostra o dia aos mortais, que sobre o fado  
Desde já conta perenal vitória.

Dia tal de honra excelsa entre os humanos  
Saúdo pois, Filinto! Dar-mo a sorte  
Quis também, mas sem lustres soberanos.

Ah quem sabe admirar-te! o meu transporte  
Mal paga absorto no teu dia de anos  
Dom da fortuna escasso a Dons sem morte.

A. J. F. M.

*Londres, 17 de Dezembro de 1816.*

## ADVERTÊNCIA

O desejo de oferecer ao público as Obras inéditas de Filinto, e de aproveitar, para a revisão delas, o vigor de que ainda goza este ilustre vate, me decidiu a interromper a reimpressão das Obras já conhecidas para terminar a publicação das inéditas em verso e prosa. Este tomo encerra as poesias, e o seguinte constará das obras em prosa. Umas e outras estavam em tal confusão, e o manuscrito tão cheio de emendas e borrões que seria impossível em muitos lugares decifrá-lo sem o socorro do autor, cuja avançada idade, e achaques inseparáveis da velhice faziam justamente reear que a pátria tivesse cedo de chorar a perda de tão digno filho. À vista destas considerações julgo ter justificado a preferência que dei às obras ainda não conhecidas do público, e cuja lição não interessará menos que a das que reimprimirei nos seguintes tomos, correctas e castigadas pelo autor.

O EDITOR

*Paris, 30 de Julho de 1817.*

OBRAS INÉDITAS

DE

FILINTO ELÍSIO

## ATENÇÃO!!!

Quanto o ano é de mais safra, em versaria  
Tanto é mais escoimado, em Poesia.

Fábula de Anaxerete, por LAZARO DE COINA. *Canto 3, est. 23.*

CRÊS paradoxo, o meu citado Texto?  
Pois é Verdade suma; pesa-a afouto  
Nas cuias da Balança judiciária.  
Quantos Poetas contas na ditosa  
Era, que viu a Ilíada, e Odisseia?  
Quantos, na do Camões? Sós quatro, ou cinco.  
E hoje, que há hi milheiros de Versistas,  
Quantos Camões nos contas? – Ouve um Sonho,  
Em que Apolo me fez grande honraria  
De tratar-me esse ponto, por miúdo.

APOLO

«Quando o lauro, obtive eu da Poesia  
Nos cabeços do bífido Parnasso,  
Disse-me Jove: – Toma esta boceta,  
Que encerra minas de Estro sublimado.  
Dele, em cheio, te abasta, abasta as Musas;  
E inda aí há, com que prender de sobra,  
Quem bem tos contentar. Mas, dá tal jeito,  
Que, em cada séc'lo, dê certa quantia,  
E não mais: se mais dás – Adeus, Boceta!  
Escapa-te das mãos; e vai-se ao Fado,  
Que, quando a assim compôs, lhe deu tal sina.

Disse Jove, e partiu. Fiquei chofrado  
(Por certo) de ouvir tal. Tomo uma Trípode,  
Das muitas, que, cada ano, caprichava  
De me of'recer a Grécia, e, mui de assento,  
Encosto o cotovelo, numa banca,  
Debruço a face, na hospedeira palma,  
E ponho-me a cismar, no que me disse  
Meu Pai Jove... Ainda hoje cismaria  
Sem achar solução do pressuposto,  
Se Mercúrio não vem, que me estremunha  
Do profundo cismar, e diz, zombando:

MERCÚRIO

– Que tens, Febo? que tão amazorrado,  
Tão Saturno te vejo? Engrinaldou-te  
Co' as pontas de Vulcano alguma Cloris?  
(Que também cá nos Deuses cai o raio.)

Algum novo Faeton deu solavancos,  
No flamígero Carro? – Então lhe exponho  
O caso porque cismo. – Às gargalhadas  
Desfecha a rir, por tempos esquecidos:  
Té que acalmando o vendaval do riso,  
Despede da áurea boca o alado acento.

#### MERCÚRIO

– Aqui trago... És feliz!... O teu remédio.  
Foi bem adivinhá-lo: – sem sabê-lo;  
Ou Jove mo inspirou, por que te acuda.  
Este canudo, com que a Deusa Moda  
Assopra o crespo a rendas, e a beautilhas;  
Que eu com ela brincando, e galhofando,  
Do arteiro toucador (sem que ela o sinta)  
Mui subtil lhe cisei, em dom to deixo.  
Dir-te-ei sua virtude; que eu, um dia,  
Conversando c’o Fado, a alcancei dele,  
Por mimo, e por favor, entre mil outros  
Segredos importantes dessa laia.  
Abre, cada Era a versejal Boceta;  
Chupa, enche de Estro o vão do tal canudo;  
Sopra então, dando aos foles das bochechas,  
(Que, com sopros, se inspiram os Poetas)  
Verás esse Estro voar, pelo ar patente,  
Qual plúmbea péla, que dispara o bronze,  
Ir-se encovar, nos testos dum Orate.  
Lá desenvolto em chama, dar-lhe tratos,  
Até, que, em labaredas de Poesia,  
Lhe arrebente, e lhe estoure. Mas, repara,  
Que, se harto Poeta então inçar o Mundo  
Esse Estro, (que os vislumbra, e os conta,) esbroa-se,  
Noutros tantos Estrinhos, quantos Vates;  
(Como um quebrado Espelho, em spelhinhos)  
E se Poetastros vê mil e milhentos,  
Logo, tornado em miudinha areia,  
Sobre eles choverá chuvinha de Estro,  
Tão miúda, que, de si, nem sinal deixe.  
Acordei. Meditando, no tal sonho,  
Achei, que há sonhos, que verdades valem.

# ÉCLOGA

## A INVENÇÃO DO AÇÚCAR

Si canimus Sylvas, Sylvæ sint Consule dignæ.

VIRGIL.

**S**ILVANO era um Pastor, a quem as Musas  
Prendado tinham com o dom do Canto.  
Toda a mente lhe tinham povoado  
De terníssimos Quadros. Os rochedos,  
E as Sículas Campinas repetiam  
Os versos, que Silvano aos ares dava.  
    Amarilis, Pastora a mais formosa  
De quantas o sol via nesses prados,  
E, por quem, muita vez, colheu as rédeas  
Aos fogosos Etontes, enlevado  
No prazer de admirar tão lindo rosto,  
Lúbrico a incautos olhos... Amarilis  
Tão terna, quanto linda, e graciosa,  
Entranhada duns sons, que ouve (reclamos  
De algum Hino, que Apolo só, pudera  
Ter modulado, por grão mimo, a Erato)  
Vai, sem que o saiba, após dos sons Celestes  
Na fé, que alguma Diva a Amor rendida  
Exalava, no Bosque, amantes mágoas.  
    Não vê, não sente: segue no arvoredos  
Senda, que envida, à voz, mais presto, os passos.  
Ei-la, junta a Silvano, antes que o veja.  
Silvano a vê: e ao ver tal formosura  
Tanto se enleva, quanto em seu Canto a Ninfa.  
Ambos absortos, amorosos ambos  
Têm presas, na alma, as vozes. Porém Vénus,  
Que os tinha contemplado lá do Olimpo  
Que co' Filho traçou que Esposos sejam,  
E o sacerdócio dar-lhes de Amatunta,  
Desce dum alva nuvem, pisa a Terra,  
E ao Filho diz: « Esperta-lhe os sentidos,  
Co' som das flechas da ruidosa aljava;  
Dá abalo à voz da Amante».

AMARILIS

«Pastor, canta.»  
Cantar não pode: que a alma inteira tinha  
Embebida nos olhos. Lá Cupido  
Lha abrasava, c'os disparados lumes

De cada feição linda, ou gesto airoso.  
Pan, que seguiu, de longe, à Filha os passos.  
(Filha que à luz lhe deu a Ninfa Olmida)  
Mal que avista as Celestes Divindades,  
E quão forçoso ardor calado tinham  
Nos peitos de Amarilis e Silvano:

PAN

«Cessai, potentes Numes: dai-lhes prazo  
Que os arrobados ânimos recobrem.  
Consinto que ambos se amem, que ambos se unam.  
Venha-lhe o acordo, que ambos hão perdido;  
Que o ânimo espraíem, seus conceitos soltem;  
Conheçam quanto são, quanto vos devem.»

SILVANO

« Oh Pai benigno, oh Numes favoráveis,  
Não sem causa reinais no Orbe, no Olimpo;  
Nem sem causa, oh bom Pai, *Tudo* és no Mundo.  
Tal sinto gratidão, que esta alma é estreita  
Para tais dons conter, render tais graças.  
Numes sois, almas vedes. Tomai desta  
O que não cabe, em voz mortal; dizer-vos.»

Mais queria dizer: mas a alma Vénus  
E o potente Cupido, a rir, o atalham;  
E a rir, entram na nuvem, que os descera.  
Também os deixa Pan. Conta Amarilis,  
Em mal seguida frase, como o Canto  
De Silvano a atraíra.

AMARILIS

« Assim Alcides,  
Com as áureas correntes de Eloquência,  
Nações levava, após de si, gostosas.  
Assim Anfion trazia, ao som da Lira,  
Desraigadas dos montes, para os muros  
De Tebas, duras penhas, obedientes.»

Silvano dando largas aos afectos,  
Que tumultuavam no âmago do peito,  
A troncos proferia os que lhe arroja  
O Coração, que lida em vir à boca,  
Recontar o que mal exprime a Língua.

Mas já se vão sentar, na Fonte rústica  
Que a veia de cristal verte ruidosa,  
E retreme em Meandros, pelo vale,  
Rasgando a verde matizada felpa.  
Um Plátano, que os braços estendia,  
Tremulando a frondente rama umbrosa,  
Com fresco pavelhão, lhes dava abrigo,  
Contra os raios do sol. Ali, mais manso



Mais domado o tropel de impulsos da alma  
Entram a recontar, com brandas falas,  
Quanto, num coração, e noutro, volve.  
Ela o encanto exaltou da voz suave,  
Ele, a que o conquistou, face tão bela.

Toda em rubor tingida, a Ninfa pede  
Que o Canto lhe renove. Ele, que anseia  
Agradar a quem da alma há dado a posse,  
Se esmera em dar à voz mais doces quebros.  
Canta ora a formosura de Amarilis  
Ora a chama de amor que ateadada sente,  
Pelos seios mais íntimos do peito:  
Ora levanta a voz, declara à Ninfa  
Quanto sobem de ponto as esperanças,  
E os prazeres, que a ideia lhe debuxa,  
Vindos co' a ardente união, c'o laço estreito,  
Que Vénus tem de atar, de atar Cupido.  
Eis que, cantando, lhe reluz na mente...

SILVANO (*dizendo entre si*)

« Mas, se Amarilis sua voz desposa  
C'o septívoco invento, a Pan devido...»

Correu fama em Sicília que Hebe, um dia,  
Dessedentando o Esposo com o néctar,  
Este a taça entornou, roubando um ósculo.  
Bíbulo o Chão, a líquida doçura  
Transmitiu à verdura que nutria.

Algum tempo depois, ali plantaram  
Ciciosas canas Sículos Pastores,  
Que o Tempo, em larga cópia, deu medradas.

Silvano as vê: remessa-se a cortá-las;  
Empunha desiguais cálamos sete,  
Que une com mole cera enxuta, e nua  
Dum espremido favo. Aplica à boca...

SILVANO

«Oh maravilha! oh pasmo! – O mel do Himeto,  
A Ambrósia do Céu não é mais doce.  
Sorve, sorve, Amarilis. Igualar-nos  
C'os Numes quis dulcíssimo Cupido.  
Saiba Pan, saibam Faunos, saiba o Mundo,  
O Dom dos Deuses, a ventura nossa.

Já todos os Pastores, e Pastoras  
À suave cana aplicam bocas ávidas,  
Sorvem néctar celeste; e já devotos  
Alçam aos Céus as mãos, joelhos curvam:  
Em Coro, gratos, ledos Hinos cantam  
Ao Deus, que tão mimosos os prendava.

Já todos, pela selva se derramam,  
E da eriçada coma o Chão despojam.  
Esta a cabana escorcha das infusas,

Prenhes aquela traz as mãos de cântaros,  
Vem correndo açodadas a atestá-los  
Do suave maná, que escorre lento,  
Da comprimida cana, em grosso grumo.

Outras, os vasos cheios cogulados  
Expõem ao raio férvido de Apolo.  
Aqui molha esta a mão, sôfrega a chupa:  
Aquela o pão, na doce calda embebe.  
Té que ao Sol refervendo em cachões rotos,  
Se aperta e se condensa o néctar líquido,  
E é já tenaz e duro, e brilha Açúcar,  
Oportuno, amigável defluxífugo,  
Tempero essencial de gulodices.

## ODE

..... Quis talia fando  
Temperet *ab era!*

E quem há hi, que, sem anojo possa  
Aturar, tão tardia, uma resposta,  
Prometida a vir logo e rebolindo?  
Que há quasi um mês remancha?  
Mal cuida quem não cuida na ânsia, e anelo  
De quem, posto a esperar, stá, como a Dona  
Que se confrange, e torce, a agudas dores,  
Sem vir o parto a lume.  
Se não fora eu temer, que algum assomo  
De leve macacoa, ao caro Brito,  
*En páramos de nieve estampar sombras*  
Tenha atéqui vedado:  
Se não cuidara, que em Jardins floridos,  
Em verdes veigas, ou viçosas várzeas  
Reclinado nas abas dum arroio,  
Ou jorro de onda spúmea:  
De gentis Damas, qual Sultão, rodeado,  
Esta, meiga as madeixas lhe anafia,  
Dá-lhe outra os tafonés, como que o cata,  
Porque brando adormeça.  
Se eu não.... Que esfuziote estalos-dante  
Não sacudira a pluma de Filinto,  
Para desafogar a alma repleta  
De enfadonho despeito?  
Por ora, calo; até que avenge o Nume,  
Que lhe retém a mão, que não me escreva.  
Coitada da Preguiça! se ela é estorvo  
À anelada resposta!  
Uma Sátira azeda, recheada  
De impropérios, convícius destampados  
Lhe há-de ir, e sem cabresto, à desfilada!  
Descompor o carinho.

## ODE

– Inquinavit ære tempus aureum.  
Dehinc ferro duravit sæcula. –

HORAT. Epod. 16.

**E**inda há quem diga, que este Mundo seja  
Dos Mundos o melhor? Velhaco, ou néscio  
Foi quem tal escreveu. Não viu os males  
Que esse Universo alagam?  
Não viu Pestes, nem Guerras, não viu Fomes,  
Terremotos, Vesúvios? E mais feias  
Traições não viu? e Aleives? Não viu Bonzos <sup>[1]</sup>  
Devassos, sobre Hipócritas?  
Quem me tolhera a mim viver na Pátria  
Rodeado de Amigos, desfrutando,  
Em honrado sossego, os bens, que honrado  
Meu Pai me granjeara?  
Hoje que enceto Invernos de amargura,  
Outo sobre setenta, ao desamparo,  
Da maligna Fortuna asseteado,  
Onde está o Festejo,  
Que, na Pátria, este dia abrilhantava?  
Avelhentado, pobre, lasso e triste  
Ponho os olhos no Céu; espero a Morte,  
De tal Mundo aborrido.  
Dizer, que dos possíveis seja este Orbe  
O melhor! Minguar fora a Onnipotente <sup>[1]</sup>  
Dextra do Criador. Nenhum Cordato  
Na boca tal tomara.  
Nasceu melhor do que é este Universo.  
Teve Era de ouro já. E eu de ouro a tive,  
Quando Márcia tão meiga, copo a copo,  
Trincando com Alfeno,  
Os derretidos olhos me inclinava.  
Fora ao menos de prata, a lavar nele  
Com menos fúria o Dolo, o Roubo, e a Sede  
Do guerreiro homicídio.  
Se de lábios malditos a Calúnia  
Não exalara pérfido veneno,  
(Vapor infame, no melhor dos Mundos;  
Da Stix dos Bonzos sobe!)

# SEVERIDADE OPORTUNA

## APOLO AGONIADO

**D**E tanto Poetastro, que se atreve  
A gabar-se por Febo perfilhado,  
Gritar às Musas, sitiar o Pindo,  
Pela causa mais leve;  
Manda a Sátira vir.

APOLO

« Empunha o açoute; vai-me bem zurzindo  
Quanto Orate quiser aqui subir,  
Sem Alvará selado,  
Por Garção por Dinis, ou por Alfeno.  
Zurze-os, com desempenho,  
Que os vergões se lhe enxerguem, no costado.»SÁTIRA

– E a Filinto também?  
« Deixa esse velho Orate: assaz lhe têm  
Atontado o juízo as mágoas duras  
Do Exílio; – e da Pobreza as amarguras.»

# ODE

## A OLINDO

..... Tu sapientium  
Idem cultor est æmulus,  
Quem per scabra trahunt tesqua inopes Deæ:  
Fessum subsidiis bonus  
Non vanis recreas.

ANT. MATHEVON DE CURNIEU

OH Deusa da Amizade, oh vem do alcácer  
Do Olimpo; e a mim descendo, de mãos dadas,  
Co' a Gratidão preciosa,  
Vem dar ao bom Filinto  
Mimosas influências, que o Deus Febo,  
Que as Piérides negam à Velhice.

Abre o claustro do seio ao raio puro,  
Bem-vinda Gratidão, louros de Olindo  
Ilustra, e os alardeia  
À presente, à vindoura  
Prole de Luso, prole do Universo:  
Padrão lhe ergue às virtudes, lhe ergue ao Ingenho,  
Tu, que, em Cortes, sagaz, e sábio o viste  
Destramar os enredos cavilosos,  
Tu, que gostosa o ouviste  
O Rei servindo e a Pátria  
Áureos avisos disferir sublime,  
No Conselho Real, puro e singelo:

Que o viste, na prisão, sem sobressalto,  
Discorrer c'os Amigos, novo Sócrates  
E Alcibíades novo  
No cortesão co' as Damas,  
Dize quão larga a mão, quão presto aberta  
Lha viu sempre o infeliz necessitoso.

Já previdente Olindo (outro Menezes)  
Vislumbrava na Pátria agro desastre,  
Se imprudentes conselhos  
Segue, quem, nos negrumes  
Aplica a mão ao leme do Governo.  
Baldou (novo Menezes) são avisos,

Mas, ele ama o Sob'rano, e leal o segue,  
Na áurea bonança, na tormenta escura.

Nas venturas receia,  
Nos desastres confia  
Coração bem fornido de experiência,  
Embebido em saber, em Probidade.

## FÁBULA

Claros visos vaidosos dá, se fala  
O Zote presumptuoso, e dá-os inda  
No termo, no ademan, quando se cala.

ANASTÁSIO VIEIRA, *Nas Florestas de Diana*.

UM Pato socarrão, no pátio, um dia,  
Ao vão Perum dizia.  
«Quanto mais eu te escuto, mais me encantas,  
Co' a gala, com que cantas.  
Louvam do Cisne a morte melodiosa.  
Louvor de gente ociosa!  
Louvam do Rouxinol a voz mesquinha.  
Sediça louvaminha!  
Que o garbo teu, e o tom hardido e forte,  
É a Tuba de Mavorte.  
Não sabem admirá-la em teus gorjeios  
De consonâncias cheios  
Se purpurino em polas rutilante  
As fauces, pondo avante  
O ponte-agudo monco, e enrufas a asa,  
Humilde, logo, e rasa  
Do Rouxinol, do Cisne a Canção fica.»  
O Perum [III] se despica  
C'um glu glu tão redobre, e tão trinado.  
Que deixa embasbacado  
O plumífero povo. E o Pato ria  
Do Perum que engolia  
Tão sôfrego a lisonja. Tal sucede  
À Ave, que mal se mede,  
E a Pelões, e a Madamas de espavento  
Que (de uso) comem vento.



## ODE

Nil majus generatur ipso,  
Nec viget quidquam simile aut secundum

HORAT. *Lib. 1. Od. 21.*

QUANDO rompe as esferas o Estro ardente,  
Que Apolo arroja ao Vate,  
Qual é o varão, que esconde os pensamentos,  
Que esse lume lhe acende?  
Lume, oh Febo me dás; na língua Clio  
Me verte o mel de Himeto.  
Dai-me a Lira: que eu vejo o grão Nun'alv'res  
(Vestida a adamantina  
Cota) que a fulgurante lança empunha  
E co' a voz enche os peitos  
De heróico ardimento; e vejo a Pátria  
Acenar a seus Filhos.  
Já os Lusos corações, nadando em ondas  
De intrépida coragem,  
Se arremessam à lide; embatem, rompem  
Os esquadrões cerrados  
Dos Hispanos: e a, que ia em retirada  
Vitória, à voz de Nuno,  
Volta o rosto à voz grande, e se envergonha  
Que inconstante o deixara.  
Já os Lusos são Leões. Mavorte impávido  
Deu brios mais que humanos,  
Que a cor mudam nas faces Espanholas.  
O Rei das bravas Feras  
Pisando as brenhas Mauras, se descobre  
Armados Cavaleiros,  
Sacode as jubas, vibra horror cruento,  
Que amedrenta, que espanta.  
Já foge o Caçador espavorido,  
Dá de arrancada, à espora;  
Despe as mãos de armas, por correr mais solto.  
Assim, assim fugia  
Das lançadas do Luso o Castelhana  
Encolhido, e medroso.  
Aljubarrota viu o Rei, o Exército  
Dar a Nun'alv'res costas.  
Lá borbota em Castália a fonte pura  
Em que vão <sup>[V]</sup> banhar os lábios  
Os Vates, que amam dar Canções à Lira  
Pregoeira de altos nomes.

## DITIRAMBO

..... Tu sapientium  
Curas, et arcanum jocoso  
Consilium retegis Liæo.

HORAT. *Lib. 3. Od. 21.*

À minha Márcia, Amigos, três saúdes,  
Por formosa, por meiga, e por amante.  
E a virar! Que o meu Mestre,  
Fran-maçã de chibança,  
Diz que três vezes três sejam virados  
A pino, rasos copos. Nós Poetas,  
Mais que ninguém, bebamos:  
Que é Baco Rei do Pindo.  
Dá Pégasos, Castálias, e dá Musas.  
Como os Louros, em cepas se tornaram!  
(Quais bastidores de Ópera,  
Ao silvo dum apito.)  
Do bicípite outeiro os picos ambos  
C'um aceno, os há Baco emparreirado;  
E deu a Horácio, a Píndaro  
Dous odres por assentos.  
Arredai-vos daqui, Vates aguados,  
Que os jorros de Hipocrene, e de Aganipe  
Veneno são flamígero  
Que abrasa, e que devora  
Derreados Sonetos, moles Décimas,  
Desenxabidas prosas consoanteiras.  
Venha Ésquilo, Alceu venha  
Que o ventre alumiam  
Com vinho Grego. Vem, meu Énio astuto  
Que antes que a cantar armas te abalances  
A roxa Copa empunhas,  
A roxa Copa empinas,  
À Scipiada mesa. Então a Rómulo  
Apoltronado vias empinando  
Boquirúbio e gaitero  
Chuchurriado néctar.  
Vates pobres e nus, bebei um trago:  
Vesti, por dentro, Baco. – Baco enroupa  
Os míseros com manto  
Mais tépido que Martas.  
Baco dá forças; Baco até dá Cornos.  
Que rechacem Orgulhos, e Insolências  
De Ricos arrogantes.  
C'um trago generoso,  
Cauto Ministro acerta, num Conselho,

C'os lumes da Razão e um Rei decreta  
    Profícuas Leis, põe ordem,  
    Nas Rendas, na Milícia.  
Sem vinho, vão as Leis em desbarato,  
    Cai em desmaio o Reino; Artes, Ciências,  
    Boqueando, resvalam,  
    No boqueirão do Olvido.  
Corramos, oh corramos peregrinos  
    De romage a adorar Diva Botelha,  
    De Rabelais faceto  
    Auspicioso Numen.  
Cornudo é Baco: vinde, oh bons Maridos,  
    Bebei largo; adegai Baco na pança.  
    Baco os rasgões remenda,  
    No surrado conjúgio.  
Bebam Bons, bebam Maus. Cordial é o Vinho,  
    Que alenta os Bens, quebranta a força aos Males  
    Misanthropos trasmuda  
    Em folgazões convivas.  
Vinde, oh Damas beber, vinde Meninas  
    Vossos olhos desfrecham mais pungentes  
    Farpões, se Amor os tinge  
    Na Copa ebrifestante.  
Acudi, acudi, Sábios e Loucos;  
    Vinde haurir, nesta fonte de Sapiência:  
    Axioma é cada trago,  
    Cada frasco um Liceu.  
O vinho Amigos dá; o Vinho aperta  
    Os laços da Amizade; as portas abre  
    Ao carcerado arcano.  
    E afouta amores tímidos.  
Aqui os quero eu ver, a meia rédea,  
    Abraçar-se co' a jarra undi-trememente  
    E às goelas emborcá-la,  
    Sem verter uma pinga.  
Como vai deslizando sonora  
    Na Cisterna do peito! – Assim discanta  
    Por entre seixos lisos,  
    Trepidando, o Regato,  
Encanado na várzea florejante.  
    Do roxo Evan as ondas me serpeiam  
    Nas veias jubilosas,  
    E aos pulos vão-se ao cérebro.  
Canto Márcia; cantemos todos Márcia;  
    Que Canções vêm à tona da bebida.  
    Dancemos, tripudiemos:  
    Ama os tripúdios Baco.

## O PERALVILHO

CERTO Casquilho, em Casa dum Banqueiro  
(E Banqueiro Judeu) entra atrevido  
Até onde ele janta. *P.* – Este Bilhete...  
*B.* - Não pago, enquanto como. *P.* - À mesa espero.  
Sem que o convidem, senta-se, e desunha-se  
A comer, c'uma fome de três dias.  
Finda mesa, o Banqueiro paga a conta,  
Menos quatro cruzados. *P.* Faltam quatro...  
*B.* – Tanto o Senhor comeu à minha mesa.  
Não rogado comeu: pague a despesa.

## ODE

*Æquoris nigri fremitum et trementes  
Verbere ripas. ....*

HORAT. *Lib. 3. Od. 27.*

ENQUANTO vai a Nau surcando as ondas,  
Inchado o bolso da forçada Vela,  
E as ondas vão, revoltas, resvalando,  
Com fugitivo arruído.  
Encostado à amurada o Passageiro  
Stá contemplando os movediços combros  
Da estrada undosa. « Assim nos corre a vida  
(Diz) sobre um mar de azares,  
Que se empola, em carneiros se acapela  
Roncando ao longe, e vem despedaçar-se  
Nas rochas, que co' açoute despiedado  
Retremem sacudidas.»  
Quem não correu balanços da Fortuna?  
Ora agitado do Euro das Desditas,  
No proceloso pego; ora adejando  
Na plumagem do Zéfiro.  
Eu, que ia, mar de leite, deslizando  
Na água mansa de vida amena e honrada,  
Naufraguei nos escolhos da Calúnia;  
Perdi os Bens, e a Pátria.  
Já da spumosa vaga o irado rolo  
Me poja em salva praia, bracejando  
Fugitivo a Neptuno, à Morte, enxugo  
Os húmidos vestidos.

Co' estudo, c'o favor das doudas Musas  
Granjeio um sábio, um generoso Amigo.  
Não entrei (não) no Templo da Riqueza:  
Mas despedi a Inópia.  
Eis num pegão de vento vem Marfisa,  
Turva-me a mente, o sofrimento apura,  
Almoeda-me os Bens, de mim diz males,  
Quais nunca ouviu Mafoma.  
Vem-lhe após Jullien, que estraga quanto  
Com lida, e com suor, juntei poupado.  
Foi segundo naufrágio. – E eu sem braços  
Com que, a nadar, me salve.

## ODE

### ENCOMIÁSTICA E PANEGÍRICA, EM LOUVOR E APLAUSO DO FURIOSISSIMAMENTE ESTUPENDÍSSIMO AUTOR DO SONETO SEGUINTE

Nil parvum, nil humili modo,  
Nil mortale loquar. ....

HORAT. *Lib. 3. Od. 25.*

Ego mira poemata pango.

*Id. de Art.*

ONDE estás, Lira? Onde é, que te escondeste?  
Pões-te a dormir, num caso tão egrégio,  
Que pede a voz de Apolo,

Que pede as Musas todas,  
Toda a corja de Píndaros, e Horácios  
Com Teorbas, com Liras, com Laúdes?  
Venha selado, e almofaçado o Pégaso,  
Abram-se aí Castálias e Hipocrenes:  
Saíam dos sacros ânditos  
De Delfos, de Amon Jove  
Orac'lisados sons, inspiradores,  
Que ouvidos bebam, corações se embriaguem.

Eis o Deus! Eis o Deus! Eis as Camenas  
E o Pégaso, que rincha. O soalho alaga  
Douto jorro. Apolo às Musas  
Barrega: – Golfai versos.  
Já pindariza Horácio como um Gôngora,  
E já Píndaro, a flux galimatiaza.

Eu canto. Eu canto. Dá-me esses solfejos,  
Rapaz. Não te remanches: dá-mos presto.  
*Ut, ré, mi – Ré, mi, fa. –*  
*Mi, fa, sol. – Fa, sol, lá.*  
Pois que tal? – Não condiz c'o assunto a solfa?  
Condiz, mais que condiz. E eu continuo.

*Fa, sol, la. – Sol, ré, mi. –* Subi de ponto!  
Arremesso meu Canto lá, que estruja  
As bóbedas Empíreas:  
Que os Numes as orelhas  
Esfreguem, para ouvir melhor meu Canto...  
Mas, que é do assunto? – O assunto saiu goro.

Tal foi meu subitâneo entusiasmo  
Que assaltando-me as fibras do miolo,  
Tresvaliado Vate  
Disparei nesse arrojo.

Tal desfecha requebros tonto Amante,  
Em noite de Luar, à bilha de água.

E tal parte Roldão desatinado,  
Co' a espada em punho, os olhos fuzilando  
Chamas de Ira e Ciúmes,  
A alinhar d'alto-abaixo,  
Em França, o bom Medoro, que, entre os braços  
Da bela Angélica (em Catai) dormia.

A UM PENHASCO, DE QUE BROTAVA COPIOSA FONTE  
FEZ CERTO AUTOR O SEGUINTE

SONETO

BELO Atlante de jaspes, que brilhando,  
Vertes cópia de pérolas, seguro,  
Essas lágrimas são de riso puro  
Do teu chorar te ris, do rir chorando.

Mas dilúvios de aljôfares manando,  
Sendo aos Bosques prazer, aos Pólos muro:  
Se choras, por ser brando, isso é ser duro;  
Se choras, por ser duro, isso é ser brando.

Quando áspero te fez a Natureza,  
A tua condição de ti murmura,  
Vendo brandos efeitos da aspereza.

Mas um raro portento, em ti, se apura;  
Pois mostras a brandura, na dureza,  
E escondes a dureza, na brandura.

~~~~~

Ouviu este Soneto Fr. Jerónimo Baía, lá nos recônditos poéticos Elísios aonde mora, e extasiado exclamou: – Viva sua mercê, o Senhor Soneteiro. Fez um soneto chapado! Assim os ataroucava eu no meu século dourado.

~~~~~

Fica-me, a mim Filinto Elísio, a desconsoladeza de não lhe entrar no âmago do conceito: porque o Autor fechou consigo a explicação. Tenho por fé, que há nele muito miolo de Poesia, e de Estro mais da marca; mas tão gírio foi quem o fez, que nem uma ponta lhe deixou de fora, pela qual se pudesse atinar c'ô strambelho.



## ODE

Não mais Musa, não mais; que a Lira tenho  
Destemperada, e a voz enrouquecida.

CAMÕES. *Cant. 10. est. 145.*

OH Esperança, oh sonho de acordados,  
Quanta escora da vida me não foste  
Em tempos desastrosos de penúria,  
Em tormentas dos Fados!

Abraçado contigo corri mares,  
Estranhas corri Terras, olhos fitos  
No albor duma Ventura, que engodava,  
Lá do extremo horizonte.

Deslumbrado desse astro fui volvendo  
Quinze lustros, Desgraças amolgando  
C'um teu sorriso, inválida Esperança.  
Pondo ânsia no vindouro.

Mas, hoje, que encetei cansado e pobre,  
Sexto-décimo lustro; e que a Experiência  
Rasgou inteiro o véu, que despintava  
As cores dos sucessos:

Vejo o que me encobrias; vejo os Males  
Como em si são; e vejo como as soltas  
Asas despregas; vás de mim fugindo  
Com desleal despego.

Vem-me uma voz de estranho som, que augusta  
Me revolve a lembrança, e me retrata  
Ínfidos Homens, pérfidas Mulheres  
Dum sexo e doutro a infâmia!  
Megera aquela foi, Erinis esta.  
Quis-me a Calúnia pôr no antro de Caco:  
Um todo invejas, outro insidioso  
Me empolgam bens, e fama.

E um Génio mau, na minha hiberna Quadra,  
Me emborcou, sobre a fronte, infernal taça,  
Que os dias me empestou, eivou-me as horas  
De Morfeu, de Polímnia.

Quem me acode com elmo, adarga e lança,  
Contra monstros de aleive e de perfídia.  
Contra Fúrias do Averno, que sacodem

Despedados flagelos?

Vem, Dia de meus anos. Vê, se te ornas  
Com flores de argentada Independência:  
Espanca-me do Quarto as desabridas,  
Ferrenhas amarguras.

## CONTO

«**O**LHO, ou nariz, que faz, ou não, na Cara?  
(Dizia, ceceiando Florisbela,)  
O Corpo é nada. O Amor prende só na alma.»  
Eis que, da Guerra, chega o ausente Amante.  
Parche o nariz lhe cobre. O nariz? Nego,  
Cobre o sítio, em que estive. – Eis se arremessa  
A seus braços o Amante. – Ela recua.  
« Como é possível (diz) que, tanto, a uma alma,  
Desfeie um nariz menos!»

## ODE

Est enim varius et multiplex usus amicitiae,  
multaeque causae suspicionum offensionumque  
dantur: quas tum evitare, tum elevare, tum ferre sapientis est.  
CICER. *De amicit.*

– **F**ILINTO não contempla a pena, os passos  
(Disseste) – que me custa. Oh ruim queixume!  
Apaga-te, nos ares, que te ouviram,  
    Na boca, em que coubeste.  
Uma alma nobre, nunca lança em rosto  
Penas, no bem, que faz ao grato Amigo;  
Com meiga mão embebe as da Amizade  
    Em mel haver ver bem feito.  
Filinto, na áurea quadra de seus dias,  
Consolou desvalidos; formoseava-lhe  
Com riso a pena, com carinho o custo  
    Dos dons, da lida e passos.  
O prazer que brotava da acção boa  
Ameigava a fadiga, e lhe tingia  
O semblante, co' as cores bem aceitas  
    Do afeito mais benévolo.

## SONETO

TODA oficioso Amor, toda ternura,  
Nise jurava a Albano, estremecida,  
Querer-lhe bem: ainda além da vida,  
Inda em sombras mortais da Sepultura.

Que de Albano um sorriso, uma doçura  
Ela a antepunha à jóia a mais garrida,  
À riqueza com ânsia apeteçada  
À glória triunfal da Formosura.

Falto Albano de Fé, no juramento;  
Para apurar, se é bom, se é valioso  
Põe finca-pé, num relevante invento.

Finge-se (por falido) desditoso:  
Vai dinheiro pedir-lhe. – Oh ruim momento!  
Resfriou-se esse Amor tão fervoroso.

## ODE

Telefus et Peleus, quum pauper et exul uterque  
Projicit ampullas, et sesquipedalia verba.

HORAT. *de Art.*

**D**ESEJA o Peregrino, que anos longos  
Viveu da Pátria ausente,  
Tornar a ver o tecto, onde à luz veio,  
E o Lar, que o aquecera;  
Ver vizinhos, com quem, na idade tenra,  
Teceu jogo, e amizade;  
O Vergel, que lhe deu sab'rosos frutos  
E a pampinosa Ceba,  
Que lhe ensombrava o sono meridiano.  
Ama, se voltou rico,  
Com dadivosa mão prender um e outro,  
Com quem brincara Infante;  
Contar aos Pais, a Amigos, a Parentes  
Da vida estranhos casos;  
As fadigas honradas, e os disvelos,  
Com que granjeou riqueza.  
Se voltou pobre, espera franco alívio  
Nos Afagos da Pátria,  
No ajudador Conselho, na Brandura  
Do Chão, que o viu nascido.  
Ai do mísero, que o Fado despiedoso  
Travou, pelos cabelos,  
Do ninho paternal o arrojou longe  
Entre Filautes duros!  
Bebida tem já a morte a tragos lentos,  
Antes que o talhe a fouce.

## CONTO

«**D**AR-ME-HÁS novas de ti, cada semana.»  
Dizia a Jorge o Pai, dando-lhe a bênção;  
E Jorge, com seu Pai correspondia,  
Sem falhar um Correio em dar-lhe novas.  
Vem um Vizinho, e diz-lhe, que era morto  
O tal Jorge. Seu Pai, que sério, e teso,  
Faz finca-pé no ajuste, e fé nas Cartas  
De seu Filho, a tal morte não dá crédito,  
Responde: «Se o meu Jorge fora morto  
Sem falência, nas Cartas, mo dissera.»

## EPIGRAMA LXXXVI

### DO LIVRO IV DE MARCIAL

**S**E ao prometer sem dar, dar chamas, Caio,  
Com dádivas te arraso, e te confundo.  
Toma o ouro, que os Galegos campos cerram;  
E o que na água revolve o rico Tejo:  
Quantas pérolas colhe o Indiano fulo  
Na alga Eritreia; quanto única a Fénix  
Guarda em seu ninho; quanto afadigada  
Recolhe Tiro no Agenório bronze,  
Dou-te tudo quanto há. Não mo rejeites:  
Que assim como nos dás, assim aceites.



## ODE

..... Gratior it dies,  
Et soles melius nitent.

HORAT. *Lib. 4. Od. 5.*

Jam nec prata rigent, nec fluvii strepunt  
Hyberna nive turgidi.

HORAT. *Lib. 4. Od. 12.*

QUE dias tão formosos vê perdidos,  
O caro Brito! Em vão a Primavera  
Nos Campos alardeia os seus matizes  
E ri, nos Céus, Apolo.  
Que vago Alcides, que Teseu intrépido  
Mo arranca de Páris? Mais solto um mata  
Minotauro biforme; ou rouba Alceste,  
Outro, mau grado a Dite.  
Mais fácil foi a Ubaldo, e ao Companheiro  
Retirar dos Jardins da Maga Armida,  
O Herói mancebo, em cujo brio escora  
De Solima o triunfo.  
Bramo indignado, saudoso anseio  
Da ausência do meu Brito! Em vão lhe brado;  
Em vão meus tristes versos dão reclamo  
No seu cerrado ouvido.  
Quem, mais que Brito, verteria Bálsamo  
Nas feridas, que abriu, sem piedade,  
No meu peito a Fortuna. Inda correrá  
O roxo sangue, em fio.  
Se, com maviosa dextra, não amima  
A Amizade os pesares, e as acerbas  
Desditas dos humanos, louca é a ânsia  
De conservar a vida. Se da volúvel  
Roda cais mesquinho,  
E, em teu despenho, quebrantado, pedes  
A mão, que te erga, o peito que te afague  
No vigor do Infortúnio:  
Toda a dextra se esconde; é dura, é férrea,  
Aos golpes indigentes, toda a porta,  
Se o Fado o olhou, com cenho, e foi ludíbrico  
Da desvairada sorte.  
Por prendas, por Virtudes, a Alma nobre  
Estude acearear firme Amizade;  
Que val mais, que rasgar preciosa mina,  
Que chatinar, , no Eoo.



## SONETO

### AO MÉDICO, QUE CUROU FILINTO ELÍSIO DUMA CÓLICA, NA TESTA

**A**LMA de Jaspe, que em Tindareu Pólo,  
Vibras conceitos de Apolíneo Lauro,  
Concede às forças do áspero Centauro,  
Sagitífera aljava do áureo Apolo.

Das priscas Parcas, no famoso colo,  
Depõe Origens o soberbo Tauro;  
Perto da linfa, em que se banha Aglauro,  
Os conceitos, e a Lira afouto enrolo.

Dos Paracelsos a Arte mui distinta,  
Lavra os azares de ávida escritura,  
Que luz em Sapiência, e que Artes pinta.

Logo Ramnúsia, Divindade escura  
Da cólica o labéu monta e requinta  
E cede ao teu poder, co' a fé mais pura.

## ODE

Iguarias suaves, e Divinas,  
A que não chega a antiga Egípcia fama.

CAMÕES. *Cant.* 10 est. 3.

VEM, meu Domingo gordo, aguça as pernas  
Acarreta a Versalhes, o meu caro,  
Meu bondadoso Brito; e se ousas tanto,  
Traze Selys, <sup>[VII]</sup> e Sousas.  
Venham mais (tudo é bom) Limas, Abrantes  
Correias, e outros Mandriões, que arredem  
De meu peito tristezas, e cuidados  
De agourados futuros.  
Em pompa triunfal, com eles, venham  
Os Ovos moles, Reis Conquistadores  
Enramados de Louro, de Hera, e Murta,  
Mais famosos, que César,  
Que Alexandre, e Sesostris, e inda quantos  
Flagelo hão sido do Orbe. E há quem lhe entoe,  
Na Lira versos? Que os tão mal empregue?  
No silêncio obscurando  
Ovos moles! Os versos campanudos  
Nasceram no Parnasso; e os fez Apolo  
Para honrar Ovos moles, manjar novo  
Que inventara Tália.  
Foram versos, que as Musas decoraram;  
E no Templo do Gosto Orfeu divino,  
C'o Compasso de Urânia, em duro bronze,  
Os entalhou eternos.  
Dera de Horácio o Doutrineiro Cátio,  
(Em mistérios de molhos) mil sestércios  
Por saber do segredo de Ovos moles,  
A dose, o ponto, a têmpera.  
Cátio, cujo padar adivinhava  
O Sexo, a Idade, a Pátria, a Peixes, e Aves;  
Que sabia, do Camarão mais ténue,  
Que Lua lhe era própria.  
Mais fez Apício. Foi-se ao dito bronze  
A Receita copiar. O tal Guloso;  
Porque ao Templo do Gosto, a Romaria  
Faça, e consiga o arcano;  
Empenhou os bigodes, pôs em venda  
A Sposa, a Filha, a Irmã, sofreu tormentas  
Sofreu Ladrões, na estrada; os olhos fitos  
No bronze da Receita,  
la aprestando as sôfregas goelas  
Para o sabor da loura golosina,

Da Divina iguaria. – Vinde; oh vinde  
    Brito, Sely e a augusta  
Conserveira, que assim suaviza as almas,  
    Que mais que Juno, Palas, Diana, Vénus,  
    E quantas Deusas lá no Olimpo luzem  
    Pomos merece de ouro.  
Ah! que se eu fora Páris; que se Júpiter  
    Mandara, por Mercúrio, em novo Ida  
    Co' as Deusas, apresentar-me a Conserveira,  
    Para ela o pomo fora.

## SONETO

MOTE

*Desejo não dar asas ao Desejo.*

GLOSA (com consoantes forçados)

**D**ESEJO larga vida afortunada

A Amigos bons, em bem prestar constantes;  
Desejo, às minhas Guapas, tais Amantes,  
Que lhe abonem leais a Fé jurada.

Desejo Trouxas d'ovos, na abastada,  
Contente mesa frutos redundantes,  
Música douta, versos retumbantes:  
Damas – sem quem nenhum banquete agrada.

Desejo ao Frio achar, no Lar, guarida;  
Morte, no Estio, ao roxo Persovejo...  
Oh Tempo, que me levas de vencida,

Desejo-te a andadura do Cangrejo;  
E, por volver, com mais sossego, a vida,  
Desejo não dar asas ao Desejo.

## ODE

Quisnam igitur sanus? Qui non Stultus.

HORAT. *Lib. 2. Satyr. 3.*

**N**OSSOS Netos quanto hão-de ser felizes!  
Que há-de esta Era parir ventura, a rodo,  
Mil papéis no-lo rezam.  
Transborda das medidas, a Esperança;  
E os Sabichões a fixam, para sempre,  
C'o Cravo dos alvitres.  
Um nos dá vida de milhentos anos,  
Se à Dieta vegetal tomamos vezo,  
Gulosos de alho, e alface.  
Outro nos vem provar com algarismos,  
Com requintadas químicas, que o Vinho  
Peçonha é refinada.  
Quem diremos que é sábio? O sábio, que hoje  
Desassombrado escreve devaneios?  
Se os cremos, larga vida  
Vivei, Porcos, e Bois, vivei Galinhas,  
Coelhinhos, vivei. Livrais da Morte  
Por nabos, e por couves.  
Vinhas? – adeus. Adeus Tokái precioso,  
*Lachryma Christi*, adeus. Ai malvasia  
Que saudades me deixas!  
Que dinheiro não forrareis, meus Netos,  
Com beber água, com fugir peçonhas  
Do malfazejo vinho!  
Com dez réis de Cenouras, dais banquete  
À crescida família; e os dobrões de ouro  
Nas gavetas se amuam.  
Depois virá (nem peço profetizo)  
Quem contra o desperdício dos vestidos;  
Nos pregue Adão, e os Cafres.  
Então dinheiro a montes! Tenho pena  
Que estou Velho, e que não me ajeitam modas,  
Com que não fui criado.

# EPITÁFIO

## DE FILINTO ELÍSIO

COMO todos, entrei, neste Universo  
Sem conhecer os Homens.  
Co' eles vivi, tratei. Não fui ditoso;  
Que a necessária Bússola,  
Com que inimigos mares se navegam,  
Nunca a tomei comigo.  
Cuidei, que a Boa fé, que o Termo ingénuo  
Me atalhassem naufrágios.  
Vate (e louvado) fui; mas sempre do óptimo  
Modelo Venusino,  
Tão distante, quanto, hoje, de mim distam  
Vates de anãs Nerinas.  
Nem da Academia fui; que não me acharam  
Os tais Sabichões digno  
Dessas honras, que tanto esperdiçaram,  
Em membros, que ora calo.  
Hoje que entro a avistar escolhos pérfidos,  
Cobertos de água mansa,  
Nesse Oceano da Corte, e seus subúrbios,  
Lhes dou o adeus eterno.  
Por três Homens, que vi dignos de estima,  
Vi mil malvados Judas  
Avarentos, Filautes, vis Sejanos,  
Cavernas de Calúnia! –  
Sem pesar, me despeço: e, se o previra,  
Rejeitara entrar no Orbe.



## ODE

Bachum .....  
Vidi docentem (credite poster!).

HORAT. *Lib. 2. Od. 19.*

**N**EM Vinho! nem dinbeiro, com que o compre!  
Que vida hás-de aturar, mísero Vate!  
Bebe água: e comporás aguados versos,  
Sensaborões, e chilres.  
Toma as Arrãs por Musas: Koáka, Koáka,  
Como elas, nesses pântanos da Holanda.  
Lá dão lições, lá têm mil aprendizes,  
Mil vates, mil Cantores.  
Assusto-me, estremeço, olhos em alvo  
Ponho, à tremenda voz, que vem dizer-me:  
– O vinho já deu fim. Já deita borra  
A pipa posta a pino. –  
Cuidar que um Carrascão atavernado  
Custa além de cem francos; que mirrada  
A maldita algibeira, e sem soalhas,  
Nenhum chorume deita;  
São pontadas, que o coração traspassam,  
Que à boca arrojam molhos de blasfémias  
Contra essa Inquisição, que me sequestra,  
Bens de paterna herança.  
Fúrias, mais Fúrias, que as que atribularam  
O Matricida Orestes, desengonçam-me  
O juízo... E c'um punhal... Tá tá! dos eixos  
Vai fora o meu arrojo.  
Oh Baco! Oh Deus benigno! Ao teu Devoto  
Acode, acode. Lembra-te desse Hino,  
Que, em tuas aras pus, por holocausto,  
De gratidão sincera,  
Quando o Bucelas, quando o Carcavelos  
(Mimos de Sousa: mimos de Araújo)  
Pela esconça garganta, deslizava,  
C'os olhos, no Céu, postos.  
Então me apareceste, e doutrinaste,  
A nascerça do vinho revelando-me.  
«Eu fui (dizias) quem de amor ardendo,  
Pela formosa Ifisa,  
No dia em que, às ocultas dos mais Numes,  
Só, com Vénus e Hímen, na voda, à mesa  
Lhes fiz mimo, c'um frasco, que eu furtara  
A Ganimedes, e Hebe,  
Frasco de Néctar! C'o sabor Divino  
Alheada Ifisa, vem-se a mim, me beija,

Rebeija, e tais meiguices faz, que é força  
Que eu lhe ensine a compô-lo.  
Derreado de abraços, solto o arcano:  
Quebro uma hástea do pampinoso Tirso,  
E na Terra a profundo. Eis logo folhas,  
Logo rácidos pendem.  
És Vate, e te é sabida a grande alçada  
Dum Deus, Filho de Jove, Deus no Olimpo;  
Na Terra, vencedor das Índias; no Orco,  
O que eu fiz, diga-o Horácio.  
Medrava a olhos vistos, e estendia-se  
C'o roxo-inchado bago a Cepa. Eis Vénus  
Se arregaçá, eis Hímen depõe o facho  
E eu, como eles me dispo.  
Mãos à vindima; todo o Cacho à dorna  
Baqueando vai; e nós, na gran tarefa,  
C'os pés nus, no lagar saltamos rindo,  
Pizamos, repizamos.  
Entre rasgados risos, sai, e espirra  
Petulante o licor. Sórdidos, turvos,  
Saímos do lagar, tremelicando,  
Cambaleando, a tontas.  
Ifisa não perdeu, de todo, o norte:  
Tornada em si, vindima, e piso, e mosto  
Aos Gregos ensinou, e alçou primeira,  
Mortais, a par dos Numes.»

## ODE

Tu tamen exilii morsus é pectore nostro  
Fomentis speras cedere posse tuis.

OVID. *Epist.* 3. à Pont.

**T**RABALHOU o mau Fado em miserar-me.  
Mandou-me desterrado, e perseguido,  
A estranho Clima, a língua esquiva, ignota,  
Desamparado e pobre.  
Vivi desconhecido, e sem o alívio  
De útil Conversação honesta ou meiga,  
Que o dissabor dos males adoçando,  
Faz quasi não senti-los.  
De desterro em desterro, pôs-me na Haia,  
Povo de Státuas, de enleado idioma.  
Saturna gente fala, qual de Crafres  
Confusa algaravia.  
Depois doenças, pleitos de Megera,  
Falida de Banqueiro; e a Fome entrando  
A passos largos, pela porta... Ai mísero!  
Que era de mim, sem Brito?

P.S. da Carta em que mandei o Idílio – Almoço. –

Meia noite era dada, quando um Trasgo,  
Nos olhos me assoprou *pós de Vigília*;  
E o sono afugentou-me. Estremunhado  
Torno a vela a acender, empunho a pena,  
Para dar vaga ao Dêlfico chorrilho,  
Que zunia no côncavo da bola.  
Eis me acho sem papel, em que gravunhe.  
Eis, na Cama a Perguiça me sopeia...  
Muito vale o bestunto! Atiro a dextra  
A um Livro, em que acertei com folha branca:  
Nela, a correr, despejo, em larga veia,  
Essa corja de aguados sem-sabores.

# ODE

Tu nihil insita dices faciesve Minerva.

HORAT. *de Art.*

CUIDAR, que eu tenho forja de Vulcano;  
Nem há mais que malhar rúbido férro;  
E eis uma grade, eis uma fechadura  
Em lhe correndo a lima!  
Aos Poetastros de Outeiros consintamos  
Parir a froxo aconsoantadas regras,  
Quais dava o Peidorreiro, às enfiadas  
Diapasões de estrondo.  
Eu sou um pau mandado. Quando Apolo  
Me envolve a mente no luzeiro Déléfco  
Rompem-me em borbotões versos altivos,  
Ou suaves Endeixas.  
Mas se ergue o freio ao Estro desbocado,  
Vazia a testa, secaram-se na língua  
As despenhadas vozes. Fico inerte  
Embaçado, e até stúpido.  
Nunca falhei a achar Apolo, e as Musas,  
A zingarem comigo, quando a Márcia  
Lhe intentava mandar sonoros versos,  
Que ao vivo retratassem  
A acesa chama, que no seio ardia  
E no verso envolver, que lhe a alma acenda,  
O fogo, que eu sentia. Se avexado  
Pelos rogos de Amigos  
Ode alguma emalhei desenxabida,  
Por minha a desneguei; desnego inda hoje  
Na roda a irei deitar dos enjeitados  
Envergonhado, e brusco.  
Falem-me em Tragos, que me vão levando,  
Já por bem, já por mal; que junto à banca,  
Me sopram arremedos não disformes  
Do Venusino Mestre.  
Então, me corre a pena, à desfilada.  
O Menino tem mil fecundos Vates,  
Que as vindouras proezas lhe descantem  
Em campanudos versos.

P.S. da Carta em qute ia esta Ode, e que era resposta à que o meu Amigo me mandou, encarecendo-me as amêndoas, que me viriam pelos versos, que eu fizesse ao Filho do Ambrósio, de que fala o Idílio.

Amêndoas, e Confeitos bem os amo;  
Mas quando inteira a rua dos Lombardos

Com bocetas, com teigas venha à porta,  
Em vão lá bateria: pôs-me tranca  
No Juízo, emperrado o Deus dos versos.

## ODE

### AO NOVO SISTEMA DE DILATAR A VIDA A 100, E A 200 ANOS, COMENDO LEGUMES, E RAÍZES

Quicumque terræ munere vescimur.

HORAT. *Lib. 2. Od. 14.*

..... Culti Vilhicus horti  
Unde epulum possis cetum dare Pythagoræis.

JUVENAL. *Satyr. 3.*

**NUNCA**, em tempo melhor veio a Dieta  
Que Pepinos, Cenouras, Nabos pauta  
Para alentar a novecentos anos,  
As curtas vidas de hoje.  
Vivas milhentos séculos *et ultra*,  
Prognóstico Doutor, que aforoaste  
Tão proficuo segredo; e, em ti, a prova  
À Eternidade mandas.  
Eu, que à bolsa vazei o fundo stítico,  
Sou rico já d'agora. Com seis francos,  
Que me mande o bizarro Amigo Brito,  
Passo meses, e meses.  
A adega me é inútil. Vendo pipas,  
Garrafas vendo. Um pote de água pura  
Me servirá de adega; e dou dous trincos,  
Para o *Champagne*, e *Beaune*.  
Que regabofe, aos caros meus Amigos  
Daqui, a nove dias, não aguarda  
No banquete, que, em meu festivo dia  
Lhes hei-de dar opíparo!  
Brilhem Nabos, Pepinos, e Cenouras,  
Com amplas jarras de água. As Rãs nos Cantem.  
(Lindas Musas!) O Deus das Hortas dance,  
Ao som dos alcatruzes.  
Que tem que ver Lieu, Sileno, Ménades?  
Que tem que ver o Deus das Comezanas,  
E Apolo e Musas, que seu Canto estraguem  
Com Gente de Dietas?

## ENUCLEAÇÃO ETIMOLÓGICA

Funiculus, funiculi, masculini generis.

Prosódia de BENTO PEREIRA

É tão certo *Funil* vir de *Funiculus*,  
Como é certo *Barbeiro* vir de *Barba*;  
E surdir, de *Caldeira*, *Caldeireiro*.  
O mesmo som da voz o está clamando.  
*Funiculus* que é Pai, *Funil* que é Filho.  
Os nossos bons Maiores, que atentavam,  
Com afinco no obrar da Natureza;  
(Não, como hoje os Peraltas, que só cuidam,  
Em modas, em namoro, em Galicismos.)  
Nossos Maiores, digo, que maduros  
Punham o tino em úteis qualidades,  
Vendo correr o azeite fio a fio,  
Por um vaso evasado pela cima,  
E estreito e agudo, pela longa ponta,  
Que dá corrente ao líquido; e ajuntando  
Esta ideia do fio da sangria,  
Co' a ideia do cordel, que pende a prumo;  
Prumo de azeite, prumo de Pedreiro  
Fio, e fio, *Funiculus* Latino,  
Que significa guita de três fios...  
Vós sabeis Lógica, e entendido tendes  
O que ideias complexas dizer querem.  
Que fazem eles? Minguam, por mais cómodo  
*Funiculus* de quatro, em duas sílabas,  
E *Funil* mui redondos nos legaram.

## VARIANTE

Quatro Homens, que uma briga presenciaram,  
A seu jeito cada um pinta o sucesso:  
Quanto à substância, a conta é sempre a mesma,  
Mas são diversos, dela os episódios.  
Tal co' a etimologia funileira  
Creio que aconteceu. Vá outro Conto.  
Um Tapuia aprendeu, pela Prosódia,  
Latim tal e quejando; Latim fulo,  
Latim de Missionário, mais activo  
No bem das almas, que em Virgílio, ou Cícero.  
Ora o Tapuia que era seu Criado,  
Entra na adega, e vê arregaçado  
O Padre estar vazando nas garrafas  
O vinho do tonel, por um embude.  
(*Embude* apelidavam os Vasconços  
O vaso, que a coar préstimo tinha  
Azeite, e mel, vinagre, e rosasólis  
Que côa, nas boticas beberagens,  
Com que o Demo regala os seus devotos.)  
Tornemos ao Tapuia. Vendo um dia  
O seu Padre vazar sumo da Cepa,  
Que, qual cordel a prumo, em fio, corre...  
Vai bailando à Prosódia e aberta a página  
Vê escrita a citação do meu epígrafe;  
Entra a gritar – *Funiculus, Funiculus* –  
O Padre, que era guapo, e que era amigo  
De frasear altíloquo, e tinha asca  
Ao malsoante, antigo nome *Embude*  
Ergueu olhos ao Céu, bateu na testa:  
« Dei có' ele!... E co' ele deu o meu Tapuia!  
Há se chamar *Funil*, a mais que eu possa.  
Derivado *Funil* da voz *Funiculus*.»  
Tão bom sucesso teve o Missionário  
Na tal derivação, que lha adoptaram  
Logo os Tapuias, logo os Portugueses.  
De boca em boca veio assim correndo  
Dar na mui douda Atenas de Coimbra;  
Que lhe passou Diploma de Burguesa,  
Correu Lisboa, e se casou connosco.  
Tomai-a, qual queirais de melhor grado;  
A origem do *Funil* é sempre a mesma.



## ODE

Quis desiderio sit pudor, aut modus  
Tam cari capitis? –

HORAT. *Lib. 1, Od. 24.*

QUEM me dera ir rasgando, a voo solto  
Diáfanas Campinas,  
C'o meu Brito, e mais outra Pessoinha,  
Que eu sei; mas que ora calo!  
Que contentes iríamos de rancho.  
Ver a curva Baía,  
No Pégaso montados, ver o Rio  
Que deste mês tem nome!  
Ver numa, o Borges, os Navarros, Caldas  
Noutro, abraçar a Olindo!<sup>[VIII]</sup>  
Que de afeitos, a borbotões, da boca,  
Do coração pulando,  
Não tinham de espraiar-se nos ouvidos,  
De quem caros conheço!  
Como sôfregos tinham de tragá-los  
Melhor que Malvasias!  
Mas ruim Filosofia estro-tolhente  
Rasgou os véus à Fábula;  
Desfez em pó, da Grécia os lindos sonhos,  
Secou as Hipocrenes,  
Cortou asas ao Pégaso, e pôs ermos  
Olimpos, e Parnassos.  
E fez mais. Destruiu altos poderes  
Das amparáveis Fadas.  
Já não pode, por elas protegida  
Menina maltratada,  
Por mil prodígios, vir, Cendrilhon nova,  
A cabo de seus gostos.  
Nigromantes, adeus: que Dom Quixote  
Estancou vossas artes.  
Mais recurso não resta, que ir morrendo  
De ausências saudosas:  
Esperar uma Carta, mandar outra,  
Que pouco, ou mal, exprime  
Os acesos desejos, que consomem  
Os peitos de ausentes.  
Mal, engoiados, hajam, os Filósofos,  
Que tão gratas Quimeras  
Nos tolfem, com perluxos argumentos,  
Com tiranas Verdades.

## ODE

### A UM AMIGO QUE PROMETE E FALTA

Non saxa nudis surdiora navitis,  
Neptunus alto tundit hyberna salo.

HORAT. *Canid. respons.*

POR três vezes faltar-me, como um negro,  
Quem se ufana de vir de gente branca,  
Me apura o sofrimento!  
Mudo, qual brônzea Státua, surdo aos votos  
Dum Amigo leal, nem vem, nem toma  
Aliviosa pluma;  
Que às *Cartas enfiadas* respondendo  
As ocorrências enucleie ambíguas  
Que o juízo emaranham!  
Esperei que o Natal nascer fizesse  
Nesta Casa a Alegria; e o Nascimento  
De Filinto, com festas,  
O, de quem salva o Mundo antecederesse  
Que um Amigo viesse dar-lhe salvas,  
Novo Pastor, ou Mago.  
Actos nulos! Promete Epifanias:  
Epifanias passam malogradas,  
Co' as semanas ilusas.  
Castel vem co' a Quitança embandeirada,  
Mal que abre Jano as portas do Ano novo.  
Mal responde engelhada  
A bolsa dum Poeta ao cru *citote*;  
E os dentes rangem às ameaças do Ócio,  
Por falta de tráfico.

## SONETO

### COM CONSOANTES FORÇADOS

VINHA apostada a malquistar comigo,  
A Discórdia olhi-torva, a minha Amante,  
Dá Ciúmes, com Filis, incessante  
A Márcia. Oh intento falsamente amigo!

Márcia não viu o ardil, tão inimigo  
Do nosso bem querer leal, constante:  
Demudou-se, esqueceu-lhe nesse instante  
Quanta angústia um Ciúme traz consigo.

Porque não fez como eu? Quando vem Zelos  
Tirar-me o sono, e, aramada a Carambola,  
Dar-me cabo da vida com disvelos;

Dou-lhe dous trincos. Fora Corriola!  
C'os meus quatro risinhos amarelos,  
Lhes desengonço aos Zelos a Charola.

# ODE

## AD SODALES

Plerunque gratæ divitibus vices  
Mundæque parvo sub lare pauperum  
Cænæ, sine aulæis et ostro  
Solicitam explicuere frontem.

HORAT. *Lib. 3. Od. 19.*

ENTRE embruscados desabridos Dias,  
Lá se ergue às vezes a dourada Aurora,  
E alumia, c'o Sol, o azul sereno  
Do pavelhão Celeste.  
Renasce, nos Mortais, fausta alegria;  
Os Campos menos-pardos dão aos olhos  
Esprazida verdura, que afugenta  
As carrancas do Inverno.  
Assim me espanca a vista dos Amigos  
Disconformes carrancas da Tristeza  
E a Fome, co' a Pobreza, por um pouco,  
Trás da porta se escondem.  
Raia no Quarto a Aurora dá Amizade;  
Se a Febo após si traz, que me alumia  
Dos Versos a esmaltada formosura,  
O Ingenho me enverdece;  
Outro sou. Desnublada de amarguras  
A Cúpula do peito, o azul radioso  
Da Alegria amigável toma posse  
Dos horizontes da alma.  
Pobre mesa, na pobre Casa, aguarda  
C'o pobre Dono, a Amigos, que não cevam  
Nos ricos móveis, nas douradas taças,  
Os olhos; e só buscam  
No seu Tugúrio humilde, o Vate ingénuo  
Mais ansiosos dum coração lavado,  
Que das pompas dos Trimalquiões modernos.  
Oh venturoso Dia!  
Conversemos, bebamos, divirtamo-nos  
Entre Risos, Saúdes, Chistes, Jocos.  
Festivo acolho o dia sempre fausto,  
Em que me honrais sinceros.

## CONTO

UM Normão, cujo Pai morreu na forca,  
Por Ladrão, já, por vezes três marcado,  
(Longe dali, da Aldeia não sabido)  
Mandou missa cantar, posto de luto;  
E quando o Cura asperges despartia,  
Lhe alçava, ao Cura, o Filho, o cotovelo.

NORMÃO

«Mais alto, Senhor Cura.» (CURA) – «E por que causa?» –

NORMÃO

«Porque morreu meu Pai, nos altos ares.»

## ODE

### À IL.<sup>MA</sup> E EX.<sup>MA</sup> CONDESSA DA EGA

Quem pode ver um coração tão triste.  
Quem uma vida, que há inveja à Morte!

FERREIRA

**N**O prazer engolfada uma alma nobre  
Pode, acaso, esquecer, que vive em mágoas  
O Honrado, ou o Inocente, que a Fortuna  
Acurvou com desditas.  
Mas, logo que a Ilusão (espessa nuvem)  
C'os raios da Razão, se vai rompendo  
Sobe do peito o Dó da humanidade,  
E da alma os olhos quebra.  
Sobem lembranças de promessas baldas,  
Acodem mãos, que, arrependidas, pedem  
Pelo descuido, graça; arvoram prontas  
Da Compaixão a insígnia.  
Filinto soube, que lembrada Alcipe  
Do antigo adorador dos seus talentos,  
Premiar quis o não cessante Culto,  
Com flor do seu Ingenho.  
Oh não permita o Céu, que entre os prazeres  
Sublimes, sem iguais, tão variados  
De contemplar, c'um Sábio, c'um grandioso  
Estimador das prendas,  
Que Apolo, e as Musas vertem, nos amantes  
Da bela Natureza, e das Virtudes,  
Se esqueça a Filha da mais nobre Vate  
Da promessa a Filinto.  
Filinto entre as angústias dum desterro  
Falto de bens, distante dos Amigos,  
Fita os olhos na Pátria, vê na ideia  
Presente a Safo Alcipe.  
E quanto a Alcipe não magoara, vê-lo!  
Com que amigável dextra, as tão pungentes  
Penas, não lhe adoçara! E o Estro extinto  
Lhe ressurgira meiga!

## DITIRAMBO

Fas pervicaces est mihi Thyadas,  
Vinique fontem, lactis et uberes  
Cantare rivos. ....

HORAT. *Lib. 2. Od. 19.*

**E**IS-ME no Ménalo. Nébrides, Ménades  
Capri-barbi-corni-pedes-felpudos  
Egipães descortino.  
De verdes Tirso abastado souto  
Ao stridente clangor das Charamelas,  
Mede a compasso a estrada.  
Co' as rudes mãos o adufe arripiando  
Estrugindo, a Coorte alvoroçada  
Afugentava em torno  
Os pavorosos hóspedes das messes,  
Que às lapas vão do esconso vale a voo  
E lá despir o susto.  
Nus os peitos, madeixas desgrenhadas  
Atiplão as Bassárides o cheio  
Da díssona assuada.  
Voz em grita – Evohé – que rompe as nuvens,  
Mil vezes repetido, rebramado,  
Não rematando Coplas.  
Os corníferos Faunos, e Silvanos  
Vêm, na fila, escanchados nos jumentos,  
C'um Velho mui caraça,  
Que, na panda garupa, duas Ninfas  
De azevieiros olhos, com mais mosto  
De emborrachar acabam.  
Num Carro engrinaldado de Hera, e pâmpanos,  
Que duas Onças tiram, vem sentado  
De Sémeles o Filho.  
A de Naxos aventureira Amante  
Lhe vem luzindo ao lado. Olhos languentes,  
Entrelaçados braços,  
Humedecidos párpados, suspiros  
Ardendo, em vez de vozes, denunciam  
Qual Deus na alma lhes lavra.  
Os pintados ferozes Agatirso  
(Comitiva de Evan) quando dão tino  
Desse painel de amores,  
Estranho afeito sentem star pulsando  
No coração, e dar trejeito à boca,  
Que vozeia – Evohé. –  
«Que formosa que ela é! Quanto ele é lindo!  
Evohé! Evohé!» Eis almagrados,

Com o sarro do vinho  
Sátiros fulos vêm fechando o couce  
Dessas Orgias c'os pés, co' as mãos ferindo  
Destampada batuta  
E afadigando os ecos das montanhas,  
C'os retinidos Silvos surdescentes,  
Das ríspidas avenas.  
Não fico. Vou com Márcia, nova Ariadna,  
Enfrascar-me também no mel das Cepas.  
– Evohé, Padre Baco! –  
Dá-me a mão; dá-me assento aos pés do trono,  
A mim, e a Márcia... Ah! não. Que temo ao vê-la,  
Que a Ariadna infido sejas.  
Cá me arrancho com o Aio. Sus, Amigo,  
Que, a roncós, nos resfolgas sustentidos,  
Lá vai, de golpe, um frasco.  
Bebe oh Márcia, aos bigodes espumantes  
De Sileno; que tens, se a taça empinas,  
Mais meiga a luz dos olhos.  
Outro frasco de mais não me faz pejo  
Antes me esperta o fogo das ideias;  
Dispara, a flux, os versos.  
Olha Baco, a me ouvir, que encolhe às Onças  
O... Maldito, que ao Canto o fio quebras,  
Visiteiro importuno!



## ODE GENIAL

Ergo quod viro, durisque laboribus obsto,  
Nec me sollicitæ tædia lucis habent,  
Gratia, Musa, tibi. ....

OVID.

QUISERA eu, hoje, opíparos manjares  
Ofertar a meus Hóspedes;  
E deslebrar penúrias, inimigas  
De Alegria, e Festejo.  
Mas não me é dado. Oh vem, Filosofia,  
Com dextra auxiliadora;  
Descarta-me de enojos, limpa-me a alma  
Das nódoas do Infortúnio.  
Quanto a alma é sã, o corpo não enferma.  
Contenta-mo com pouco.  
Val mais que Impérios a áurea Mediania.  
A Razão se escurece  
Co' a fome de Ambição, e da Avareza.  
Pouco fumo é bastante  
A marear dourados laqueares.  
Conquistas de ouro e Povos  
Desatinam juízo, a alma empobrecem.  
Eu já raspei a ideia  
O Mundo, e seu descoco; à Poesia  
Dei o meu Ócio inteiro.  
Hoje a Brito darei, darei ao Génio  
Todo o vão da Vontade.  
Bebo à tua saúde, oh Brito amigo;  
Bebe, a revezes, Brito.  
Nem sempre é bom cevar-se nos manjares,  
E assemelhar o Abutre.  
Um bêbado chorudo val, na boda,  
Quanto um Herói, na brecha.  
Acorçoar com Báquicos socates  
Um ronçeiro a que beba,  
Val animar um General cobarde,  
A que ganhe a Vitória.  
Bebe, e não cismes vãs diplomacias:  
No Vinho jaz a força  
Para Amor, para a Dança. O Homem parvo,  
Com água, e não com Vinho  
Lava as entranhas, deslavado morre.  
O Céu dá sorte dura  
A quem não se envinhou: nem o Cuidado  
Roaz, que o seio mina  
Se despega de nós, sem Vinho a cântaros.

Quando a alma avermelhamos  
Que se nos dá da Corte, ou das Batalhas?  
E quem não canta – Evohé –  
Aluno é de Penteu, e das Mineides.  
Bebo, outra vez, a Brito  
Bebe, a revezes, Brito; e não semelhes  
Ao carnes-pica Abutre.  
Val mais, com pele de Odre, ir ver Charonte  
Que arrotando carniça.  
Não stá em nossa mão o Dia crástino  
Dar por seguro. A vida  
Nos foge, entre esperanças des-sisudas  
De ter c'os Reis valia.  
O Homem, que na cerviz, sofreu o gume  
Da Libitina fouce  
Nunca mais bebe; mais não põe cuidado  
No atulhado Celeiro,  
Nem, na Adega, de vinhos atestada.  
Que ganância há nos sustos?  
Estende-me, Rapaz, no leito Rosas.  
Rosas me desagastam,  
Depois que estanco frascos, e botelhas.  
Chama aqui guapos Vates,  
Que bebam, cantem o meu caro Brito,  
E o meu Verdier; [ix] que eu, Velho  
Movo, na Lira, dedos decepados.  
Rapaz, deita mais vinho  
Vê, se inda achas do doce Carcavelos.  
Garrafa, nalgum canto,  
Quero toldar-me, ao nome de Araújo,  
E de Sely formosa.  
Lá vai a Anacreonte, e ao meu Horácio.  
Baco, manda mais frascos.  
Tece-me aqui parreiras. Venha à sombra  
Vénus, co' Amor, beberem  
Haja galhofa. As Graças des-cingidas  
Arregaçadas dancem;  
Dêem aos ares as neves animadas  
Das leves, dextras plantas.  
Ergue os óculos, Brito vê radiando  
O Sol, qual já luzira  
A Avós nossos: no Céu, nada perece;  
Enquanto, relé fraca  
Nós perecemos, como débil Rosa  
Que o Suão bafejara.  
Nós viver sempre Nós, da vida sonho,  
Viver Nestóreas Eras!  
Co' a arca de Dobrões cheia, Ai! triste Velho!  
Ídolo afumeado  
Ao rés do Lar, mal ouve, ou vê, mal masca  
Queixa-se, escarra, e ralha;  
De Baco nem de Vénus, sabor toma;  
E, em vez de guiar baile

Torpecidos joelhos tremelica.  
Se tanto os votos valem;  
Dá-me, oh Jove, que após mui cheios dias  
De Velhice inda verde,  
E honrada vida, a Morte repousado  
Ante Éaco me ponha  
Com raras, alvas cãs, rugosa fronte.  
Mágoa fora, ir, na berra  
Da idade juvenil, cortar a Stígia.  
Vida viver sem mancha,  
Com seu corte de Ingenho, é um Bem valioso,  
Se as esporas não sentes  
Da Avareza, e Ambição. Quando é que eu cuido  
Em conquistar Impérios?  
Uma pipa de Vinho, de resguardo,  
Algum Amigo, à mesa,  
Uma Lira, que eu toque avelhentado  
São meu cabal tesouro.

## CONTO

TEM relógios, tem pêndulas Fundano  
Em paredes, em mesas e algibeiras;  
Mas tão vários de molde, tão sem conto,  
Que loge não verás de Relogioeiro  
Tão bem sortida  
Tem pelas quatro, cinco, ou seis fachadas  
Das Casas, mil primores da Gnomónica.  
E o Sol, desde que nasce: até que morre,  
Pelas linhas lhe aponta, enfiando o olho  
Da chapeleta, as horas, meias horas,  
E os curtos quartos,  
Sem que lhe escape o mínimo minuto.  
Vê-lo-ás dar corda, todo o santo dia  
Ora avançar ponteiro, ora atrasá-lo.  
Por que andem justos,  
Uns c'os outros os pobres dos Relógios,  
De ponteiro em ponteiro anda e desanda:  
Tal lida, bem o vês, há-de atontá-lo.  
Outros, no andar, bem podem desbancá-lo,  
Mas ninguém melhor sabe às quantas anda.

## ODE

Vénus daria a sua Virgindade,  
Por de Ovos moles parva quantidade.

*Poema sueco, traduzido  
por ALEIXO PATUSCO, de Samardam.*

**B**ÊNÇÃO de Deus te caia, oh mão ditosa,  
Que sabes os gulosos Ovos moles  
Remexer, sazonar, para o dum Vate  
Almejante appetite.  
Serás Hebe, nos Céus (se podem votos  
Dum Aluno das Musas cabimento  
Com Jove ter). Farás, que enfatiados  
De Néctar, e de Ambrósia,  
Os Divos lá do Olimpo mais que sôfregos  
Lambam os venturosos pratos, lambam  
A colher que os mexeu, e a caçarola,  
Que de os cozer foi digna.  
Mas, pecador de mim! O ruim Brito  
Deu a todos, grandioso, porção larga  
Do mimo ao triste Vate dedicado;  
E a mim as rapaduras.

## EPIGRAMA

**C**ERTO Bargante: maganão chapado  
Viu passar, pela Praça, em longo fio  
Confraria de Moças mui formosas,  
E, no couce, uma Velha desdentada,  
Magra, engelhada, e calva, e rabugenta  
«Donde vem (exclamou) este Rosário  
De perlas, com caveira, por calvário?»

## ENIGMA

QUAL vês saltar Cabrito, apenas nado,  
Tregar montes, descer ao val profundo;  
Tal corro, corro, dêz que fui criado  
Mil e mil anos, sempre vagabundo.  
E quem me então criou, por seu mandado,  
Me obrigou a correr, sempre, no Mundo.

## ODE

Heu me! per urbem (nam pudet tanti mali)  
Fabula quanta fui! .....

HORAT. *Epod. XI.*

FELIZ, quem rumas de Calções possui!  
(Calções, digo, não rotos, nem surrados)  
O santo Job chagado, na esterqueira  
Calções não precisava.

Os Cafres, que nas praias Africanas  
Sem bragas, sem cuecas, nus demoram,  
Têm o Sol, que os aquece, e de seus raios  
Lhes talha veste esplêndida.

Mas eu... Não digo mais. – Passem dous dias;  
Não saio. – E se eu sair: na rua, a Gente  
Me corre às apupadas; e os Garotos  
Me enxovalham com lama.

Dous Calções, cujas Eras me não lembram,  
Sobrepondo fundilhos a fundilhos,  
Não sofrem ponto, sem rasgar-se o pano,  
Que lhes clamou conserto.

Quis, da minha Reguinga d'há seis anos  
(Velha, mas inda inteira) tirar calças.  
Eis que ela, à força de uso, é qual Camisa  
De que isca fez Vulcano.

Das Mulheres não falo; que olhos fitos  
Aguçam para a plaga dos fundilhos.  
Não lhe escapa remendo, nem rotura  
Que atentas não registrem.

Feliz, quem tem Calções! Vai campanudo  
Correr Secas, e Mecas: ante as Damas,  
Na luzida Tertúlia, ou no passeio  
Folgado se espernega. Apolo é nu: nus quer os seus Poetas.  
Sem mais Calções, que os que lhes deu Natura.  
E, se, mau grado seu, Calções, seus Filhos  
Trajam, lhos rasga irado.



# ODE

## AO MEU AMIGO BRITO

Nunc se inculcando Poétam, descartat se se hoc opere, in quo plura  
palavis, sunt vitia asneiræque, et scribi indigna papele.

ANTONII DUARTIS FERRONIS QUEIXUMINA

**T**OMARAM Babilónia os Vechabis?  
Chorarás inda, oh Meca, longos anos  
Profanado o jazigo do Profeta?  
Cativo o santo Poço?  
Entrará, no Brasil, a Cheia, que ora  
Dos repúblicos serros despenhada,  
Leva acção de alagar quanto Colombo,  
E Cabral descobriram?  
E a Casaquinha curta, posta em gémeas,  
E esses Chapéus, à Moda, abas de leque,  
Qual Cauda de Perum, quando ele arrasta  
Enrufado à Perua,  
A Asa; e que faz *gruglu*, avermelhando  
As ricas donas com que adorna a goela?  
Tu que espreitas as Novas, mal que escorrem  
Dos Odres do Futuro,  
Tu, que podes... Que importam tais notícias?  
Notícias que só dignas da Gazeta,  
Dariam gran tarefa ao Gazeteiro,  
E a mim nenhum cuidado?  
Desconsolado estendo essas rabiscas,  
No papel mandadeiro. O Horácio, a froxo,  
Mandaria, se auri-luzentes Chicos,  
Na bolsa chocalhassem.  
Quem Chapéu, quem sapatos rotos, velhos  
Calça, não compõe versos campanudos:  
E o Poema dos Mártires padece  
Da penúria do Vate.

## AFORISMO

UM sorriso, na boca duma Amada,  
Do Amante alenta o amor, a alma conforta,  
Um sorriso amarelo desconforta  
O Poeta, que em vanglória afouto nada.

## ODE

Urget diem nox, et dies noctem, neque est  
Levare tenta spiritu præcordia.

HORAT. *ad Canidiam*.

ONDE te foste, venturoso Dia,  
Em que, à mesa, Parnasso triunfante,  
(Mais doce, que o Foceu,) com Febo, e Musas,  
Blasonava na Haia?  
Brito o mandou compor. Em cima, a Fama  
Com dous versos de Horácio, tremulava  
Louvores de Filinto, (exuberantes!)  
Dados de amigo peito.  
Onde te foste, Dia igual ao de hoje  
Em que Pinto, Barroco, e os dous Domingos,  
Com versos, com sainetes engraçados  
Celebravam meus anos?  
Em que Márcia, em que Anfrisa: em que Delmira,  
Sem ciúmes, se olhavam, se abraçavam;  
Trincando Copos festivos, os olhos  
Punham, no Vate, lânguidos?  
E Dia, mais que todos, Soberano,  
Em que Apolo, em que as Musas me inspiraram  
Louvores à Amizade, à luz lavrados  
Da Gratidão sincera.  
Hoje, num dia triste, eu triste à mesa,  
Busco saudoso, com frustrada vista,  
Um Brito, uma Sely, um Araújo;  
E em vez de folgar, choro.  
Mal, de tão longe, tanto mar em meio,  
Me pode Araújo ouvir. Mas o meu Brito  
Não decorrer tão curta estrada, e dar-me  
Meigo abraço, em tal dia!...

## ODE

Quid dem? quid non dem? Renuis tu, quod jubet alter. Quod petis,  
id sane est invisum acidumque duobus.

HORAT. *Lib. 2. Epist. 2.*

**S**EVOS Juízes, Verdier, e Brito  
Contra os meus pobres versos  
Vão dar sentença austera. Coitadinlos!  
Alguns serão capados,  
Alanhados alguns. Ameaça a muitos  
O rúbido ferrete. Ai! joviais Notas! que cavadas rugas  
No rosto me alisasteis  
Que me arrancasteis de caduca fronte  
Mais cãs, que, escrevi, Notas!  
De marujas labéu vos porá Brito;  
Verdier, de chocarreiras.  
Vós ides ser proscritas, vós riscadas,  
E, como Rés de Lesa  
Seriedade, postas no patíbulo;  
Onde, Algoz, a Censura  
Co' alfange diplomático, vos corta,  
Sem piedade o pescoço:  
Foi-vos mal, que me achasteis sem dinheiro!  
Do prelo, à luz, viríeis:  
E, zombando dos Cortes, e Rabiscas,  
Vos sorririam ledos  
Os Sousas, e Araújo, (às ocultas  
Da severa Etiqueta.)  
Dos Barrocos, não falo, e Figueiredos,  
(Desempenados Túnicas!)  
Que às risadas haviam de acolher-vos,  
Se ouvir-vos alcançassem.

## MORALIDADE

**A** Virtude à nossa alma dá saúde;  
Como a Saúde ao Corpo dá Virtude.

## EPIGRAMA

TALO de Legação, com Scorcioneira,  
Magra Esposa casou com magro Esposo.  
Disse um, que viu a Voda: « Tal magreira  
(Quanto eu daqui conjecturar lhe posso)  
Que progénie há-de dar, senão um Osso  
Pitança dalgum Gozo?»

# ODE

## A HORÁCIO

Parvum parva decent.

HORAT. *Lib. 1. Epist. 7.*

**T**U, que ao teu Tradutor dás um Condado,  
E ser Ministro, num famoso Império,  
Como um Aluno teu, que adolescente,  
Varão, velho, te estuda...  
Como um Aluno, que apiedada Clío  
Te pôs diante, a ouvir-te o altivo Canto,  
Não te lembrou tégóra <sup>[x]</sup> alevantá-lo  
Dos brejos da Penúria? Soubeste com Augusto congraçar-te,  
Com Mecenas privar; Tibur, Sabinos  
Granjear, tonéis preciosos, ter decénios  
E Escravos a teu mando...  
Assaz os possuí já. Tanto não peço.  
Peço uma independente honrada renda  
De meus vendidos Bens, meu ócio Déléfco,  
Sem me ansiar Futuros.  
Sem pôr cansada a vista, na precária  
Vontade alheia, sem ouvir lamentos;  
« E que há-de ser de nós, se Brito, ou Borges  
Não vêm, em nosso amparo! »  
Ah! se eu Colónia ver, aqui, pudesse  
De Lusos Conterrâneos, com quem vida  
Portuguesa vivera, ah! como costas  
Dera à Francesa vida!  
Quando, deixar-te, oh Pátria, foi forçoso,  
Por não ser pasto de aleivosas chamas,  
Acesas pelo infame Santo Ofício,  
Aos sopros da Calúnia;  
Não levava nos olhos, outro alívio,  
Que ter por meigo abrigo, Lusa Dama,  
E por Patrícios ver-me, em vida, e morte  
Tratado em Luso idioma.

## EPIGRAMA

COMO, ouvindo o Sermão, um tosqueneja,  
Outro boceja  
Tal vi eu suceder, na Academia.  
Mas não sei se me engano; algum dormia  
Tão profundo,  
Que me fundo  
A dizer, que o Deus Momo, que faz peças,  
Soprou pós de Ópio, na estrada escrita  
Desses Sábios, que oravam às avessas  
Da Retórica enérgica, e erudita.



## ODE

..... Abes jam nimirum diu,  
Maturum reditam pollicitus.

**M**AL que os primeiros vi, raios do Dia,  
Polímnia me amimou, em seu regaço;  
E Clio, junto dela, Hinos de Apolo  
Com gosto, me cantava  
Oh! quão perdidos Hinos! Quão perdido  
O ensino, que bebi do douto Horácio!  
Para cantar, com câs, os meus desastres  
Lidei, nos sons da Lira?  
Assim, meu Canto e Ensino lastimava...  
Quando... Eis que Apolo me belisca a orelha:  
– Assaz choraste Desamparo e Perdas.  
Volve ao Futuro a vista.  
Inda do Pindo sou Sob'rano, e posso  
Inspirar-te altos Hinos, nunca ouvidos:  
Inda, a Musa, na Lira, ama entoar-te  
Poemas à Amizade.»  
«Apolo (eu clamo) como assim recordas  
Amizade! Esse nome arranca, e arroja  
Do seio, à boca, as vozes, embebidas  
De entranhável Saudade.  
Onde o caro Araújo me arredaste,  
Longe dos olhos meus, longe da Pátria?  
Por ele chora ansiada a nobre Elísia;  
Chora o grato Filinto.  
Não vês Brito, não vês Sely, co' a vista  
Cravada no Brasil? Com brado ansioso,  
Pedindo aos Céus, a face, em que descansam  
Votos de almas tão dignas?»  
– Para o teu (Febo disse) e bem da Elísia,  
Que sempre lhe aqueceu o ilustre peito,  
Distante jaz. – Encolherá a distância.  
A alma levou partida;  
Metade aqui deixou, num terno peito,  
À sombra da afeição dum liso Amigo.  
Não penes em cuidar-te deslembado:  
Digna porção te coube.

## CONTO

C'UMA bolsa, e com bom recheio de ouro,  
Acertou, numa Igreja, certo Stúrdio.  
Ei-lo, em bodega, com mais três Amigos,  
Dando, à pança, galhardo regabofe.  
Eis, nas ancas lhe vem da bolsa o Dono  
Que pela pista o achou, na comezana.DONO

« Minha é a bolsa» Sinais pedidos, dados.

STÚRDIO

« Só lhe falta, Senhor, um pintainho,  
Que a Chanfana gramou, e o Lava-goelas.»  
« Inteire o pinto.» (grita um Quadrilheiro).

STÚRDIO

« Não tenho pada.» (Quadrilheiro) « Preso. Na enxovia.»  
Já deitava o cordão; mas os Tunantes  
Sócios, no bródio, a salvo, o põem na rua.  
Corre, corre: dá tombo a uma prenhada;  
Esborracha o criança: encontra um Burro,  
Faz do Barro anteparo; e tanto o rabo  
Tira a si, que lho arranca. Vêm sobre ele  
Quadrilheiro, garotos, turba multa,  
E no couce esbofando o Dono. Acaso  
Escada de Pedreiro está na rua...  
Vai-se por ela acima... O Quadrilheiro  
Lha abana, pelos pés. Vem rebolando,  
Pelos ares o Stúrdio; cai de golpe  
No tal abanador, dá co' ele em terra:  
Por cima o Stúrdio, e o abanador de costas,  
E c'um braço quebrado. – Preso, à Audiência  
Vai ouvir o Juiz dar a Sentença.  
Ouvida a crela, ouvido o arrazoado.

JUIZ

– Guarde a bolsa, até que se inteire o cômputo.  
Guarde a mulher, té que lhe faça um Filho.  
Guarde o Burro, até que lhe cresça o rabo.  
O Quadrilheiro, à mesma escada suba  
Sobre ele caia; e o braço (a poder) quebre-lho.  
É pena de Talião. No caso a encaixo.

## ODE

Oh Rainha de Pafos e de Gnido,  
Desce aos formosos Lares de Martínia.

Imitação de HORÁCIO, na *Od. 30. do Liv. 1.*

**T**RAZE-ME, oh Moço louros, flores traze-me:  
Louros ao Vate, Flores a Martínia  
Laureada a Lira cuide às mãos tornar-se  
De Píndaro, ou do Horácio.  
Flores devidas são, devido culto  
À Ninfa, que nasceu na plaga Ibera,  
E veio aformosear ribas do Sena,  
C'um Astro de beldade.  
Mal ponho as mãos, nas cordas, sons divinos  
Sobem do bojo de alaúde Déléfico,  
Quais sons nunca lhe ouvi, quando cantava  
Albuquerque ou Castros.  
Mor encanto em mim sinto: os olhos nadam-me  
Em luz Celeste. Sou vidente. E os ares  
Se povoam de brancas, raras nuvens  
Orladas cor de Aurora...  
« Onde ias, Vénus, com tão solto voo?  
Vem ver, em linda Dama, o teu retrato;  
Ver, dos seus olhos, despedir mais doces  
Setas, que as de Cupido.  
Quando lhe ouças da voz os sons tão meigos,  
Cuidarás que és tu mesma, quando, amiga  
Dos Lusos, lhe acareavas do alto Jove,  
Fausto, benigno amparo.  
Ouviste o Pai superno. Ouve ora o Vate,  
Que te implora. A Martínia faustos dias  
Lhe orvalha longamente de Venturas  
Quais tas prodiga o Olimpo.»

## ODE

Né patisca rifiuto  
D'una povera man picciol tributo.

CHIABRERA

**A** cantar o immortal nome dos Lusos  
Me convidou a Lira  
Da modesta parede, em que pendia.  
Começo a temperá-la:  
Mas, incerto, no Herói, que entoe, nela,  
Suspenso titubava.  
Cantarei Gama, cantarei Afonso?  
Um medonho a Africanos,  
Outro, claro, no Eoo Mar, que trilha,  
Com Lusitanas proas?  
Mas já cantados foram, em som alto,  
Por mélicos Homeros.  
Elísia, aos dous Heróis, aos dous Cantores  
Deve o ser nomeada,  
Deve os Épicos Louros, que lhe cinge  
A Literata Europa.  
Tu, minha Lira, já cansada, e frouxa,  
Não emulas medir-te  
Com as guerreiras Tubas de dous Vates  
De tão perene fama.  
Em vez de Épico brado, entoo, humilde  
Louvores da Amizade.  
Se os doura a Gratidão, bem que singelos,  
Tem seu preço e valia.  
De Afonsos, Gamas cesse, em tanto o ruído:  
Soa-me, oh Lira, o Amigo,  
Modesto em proceder, útil à Pátria,  
Entre os bons escolhido,  
Para menear, com Arte, e com Ingenho,  
Interesses do Estado,  
Nesta Era melindrosa, o mui prudente  
Consumado Bezerra. [xii]

## IDÍLIO

### O ALMOÇO DAS DEUSAS MARÍTIMAS

NEPTUNO pôs-se à mesa co' as alvíssimas  
Galateia, Anfitrite, Dóris, Tétis,  
A quem quis banquetear, com lauto almoço  
De Perceves,  
Lagostins roxos, Camarões gulosos,  
Santolas, mexilhões, brancas Amêijoas:  
Em azuis conchas, conchas nacaradas,  
Mimosas Cadelinhas,  
Com molhos mui divinos convidavam  
As feminis vontades mais preluxas.  
Por descuido do Machacaz Mordomo,  
(Que meio Tubarão e meio Foca,  
Por capricho de Tétis fora eleito)  
Sós lá faltavam Ostras.  
E essas Ostras (c'os olhos visitando  
Os pratos Anfitrite, a mais dengosa  
Das marítimas Deusas)  
Achando-as menos, disse:

ANFITRITE

«Que mesquinho banquete dás Neptuno!  
Dar almoço sem Ostras!  
Com que se enfiem copos do *Champanha!*  
Triste almoço! o melhor marisco falha.»

NEPTUNO

« Corre, Palemo; num Delfim cavalga  
Esporadas lhe bate, a que alto pule:  
Vai-te a Cancale e arranca do Rochedo  
Três ou quatro milheiros de Ostras verdes;  
Que se farte, e arrebente essa Gosmenta,  
Que no almoço põe pecha.»  
Enquanto vai e vem o Mensageiro,  
Falou-se em baile em roupas de palheta,  
Em topetes postiços, e Aéreo-nautas  
Damas politicaram,  
Sobre Reinos, por Homens mal regidos:  
Que é feliz, mui feliz somente o Povo,  
Quando as Mulheres metem mão ao leme.  
Eis que chega Palemo arrepiado,  
Cara amarela, esgazeados olhos...

NEPTUNO

« Que tens, Rapaz? Viste alma do outro Mundo?  
Quis algum Leviatan tragar-te? Fala.»

PALEMO

« Peior! pior! »

ANFITRITE

« E as Ostras? »

PALEMO

« Nem cheirá-las.  
Vai lá tal trabuzana de bombardas,  
Que é cousa de espantar... »

NEPTUNO

« Proteu se chame;  
Que é prognóstico e diga o que nos cumpre  
Em tal caso fazer. »

DÓRIS

« Proteu é vate,  
Que adivinha o porvir: mas o presente  
Qualquer no-lo dirá. Proteu diz cousas,  
Que às Damas dão enjojo. Eu aborreço-o  
De morte; que traz mal penteada a barba,  
E quando fala, põe em alvo os olhos.  
Val mais Brunet c'um lindo Calemburgo,  
Que duzentos Proteus. Se esse basbaque  
De Palemo, que não pergunta à gente... »

NEPTUNO

« Tritão assopra o búzio; a Proteu chama,  
Deixa engrazar dichotes a palreira. »  
Incha o Tritão bochechas verdeneiras,  
Enrola o bafo na buzina crespa,  
Já se encrespam as ondas, vai troando  
Por furnas de cristal o grão rimbombo,  
Sobressalta as Baleias e Espadartes:  
Pulam do leito os assustados Numes,  
Vêm a Neptuno perguntar o caso.

TODOS OS NUMES ASSUSTADOS

« Que distúrbio nos dá! E a que nos chamas? »

NEPTUNO

« Quem sabe, que algazarra, hoje, amotina

Os mares de Cancale?»

UMA NEREIA

« Herói prestante  
Nasce hoje, e já c'o nome atroa o Mundo.»

NEPTUNO

« Já o sei. Filho é de Ambrósio, meu Compadre:  
Bebamos-lhe à saúde. Eu cá o espero,  
Com trezentos Baixéis, que dê um coque  
Numa certa Velhusca, blasonante  
Dos foros de Anfitrite.»

## SONETO

### COM CONSOANTES FORÇADOS, À MORTE DUM AVARENTO

DOS Serros do Brasil pejados de ouro,  
Vistes vir um foção de avara fama,  
Que as entranhas, a seco, estreitar ama  
Mais, que tocar no lúcido tesouro.

Antes há-de deixar a Turco ou Mouro  
(Mau grado seu) o que seu sangue chama:  
A quem lhe intime a esmola, a boca açama  
Com gritos, com razões dignas dum Touro.

Traja burel, traz pregos no sapato;  
E iria c'uma Imagem gloriosa,  
Pedinchar, com mais lábia, que um Donato.

Pôs-lhe fim ao fadário mão famosa,  
Que os dobrões lhe roubou: e o mentecapto  
Morreu, dos bens que teve, e que outrem goza.



# ODE

Labra prolui Caballina.

PERS. *Satyr.* 1.

UM Dia, que engolfado em mar revolto  
De míseros Cuidados,  
Tomei a Lira, por salvar-me c'ó ela  
Das pesarosas ondas,  
Senti Clio verter-me nos ouvidos  
Este Aónio segredo.  
Quando as Musas, c'ó laureado Febo,  
De Jove galardoadas  
Por meigas vozes, por Canções peritas,  
Que em seu louvor cantaram,  
Vieram tomar posse do Parnasso,  
Prémio do egrégio Canto;  
A bifrente montanha contemplando,  
Povoada de Loureiros;  
As verdejantes Veigas deleitosas  
Da opaca fresca Tempe;  
O desnublado Olimpo, assento sacro  
De imortais ledos Numes,  
Em face, matizado de Boninas;  
Grande enlevo às Piérides  
Tomou. Não se fartava ávida a vista  
Em se espalhar em roda,  
Por férteis plainos, alterosas Selvas.  
Cena pomposa, e grata!  
Eis Calíope volta entristecida,  
E ao Congresso enlevado:  
« Não reparais (lhes diz) que o melhor falta?  
Formoso é o donativo:  
Mas um mesquinho Arroio, uma só Fonte  
Não jorra, não serpeia  
Com saudoso ruído, debruçando-se  
Por quebras de penhascos...»  
« Seco Dom!» (diz Tália) Ouviu-a Júpiter.  
Despede pronto o Pégaso,  
Que a rocha fere; a Cabalina rompe.  
Em roda, eis travam Musas  
Dança de Gratidão, com planta airosa.  
Apolo a Lira de ouro  
Mergulha na Corrente, e o dom lhe influi  
De inspirar os Cantores.  
Homero lá bebeu, bebeu Virgílio,  
Bebeu o Camões Luso  
Dinis, Garção, Alfeno lá beberam.

Filinto, apenas, lábios  
Molhou, na sacra Linfa. Assaz! que o inspire  
A louvar, lhano, Amigos,  
Que, em dia de seus anos, vêm benévolos  
Dar-lhe uma hora de agrado.

## ODE

Crescei mágoas cresci, e cresci dores;  
Quebrai o vagaroso, e triste fio,  
Que alonga a cruel Parca, em seus labores.

FERREIRA. *Eleg. 5.*

**S**ERVINDO ao Rei, e à Pátria, sessenta anos,  
Deixou meu Pai, com que Filinto à larga,  
Vivesse independente, e ao Ócio e às Musas  
Cedesse mansos dias.  
Deixou mais abastado património  
Nos transumptos de Probidade, e de Honra,  
Com que, desde as mantilhas, lhe ensinava  
A ser útil à Pátria.  
Afável, dadivoso, e compassivo:  
« Sê, meu Filho, (dizia) nas virtudes,  
Mais que no nascimento; nem meu nome  
Tomes, sem meus exemplos.»  
C'os dons do Estudo, e as Musas, granjear pude  
Direitos à Amizade dos Honrados,  
E o meu nome soou sempre, sem mancha,  
Nos âmbitos da Elísia.  
Roubou-me a Inquisição os bens herdados,  
Vedou-me Pátria: volvem já seis lustros,  
Que me arrojou, em mísero desterro,  
Infamado, sem crime.  
Alguns Amigos me roubou a Morte:  
Mais deles, que dos bens deploro a perda,  
Sem que o Tempo me enxugue o amargo pranto.  
Roubou-me outros o Olvido.  
Com mãos de ferro a rígida Pobreza,  
Me apertou as entranhas; pôs em fuga  
Os dons, com que opulenta a Deusa de Antio  
Bate às portas dos néscios.  
Vivi pobre, vivi desconhecido;  
Agouro, que não falha; e sempre adeja  
Sobre as frentes votadas à Desdita,  
No registro dos Fados.  
Fui-me ao Templo de bronze, onde reside  
O Labor, ladeado de fadigas,  
Banhado de suor, de afã molesto,  
Achei conselho, e alívio.  
Assíduo cultivei, recolhi Cardos  
Mesquinho fruto, de obstinadas lidas:  
Que tive contra mim o braço alçado  
Da Fortuna inimiga.  
Louvaram-me, e subiram alto os gabos;

Mas gabos fumos são, que não sustentam;  
E o vestido, e a comida não se pagam  
Com pomposos louvores.  
Oh Lusos, que assim dais louvor estéril,  
Vossa alma enobrecei: voltai os olhos  
À Deusa, que nos peitos bem nascidos  
Põe maviosa estampa.  
Houve um brioso coração, que terno  
A vida me escorou, por alguns anos.  
Mas, com que mágoa, oh Céus, hoje lastimo  
Ausente alma tão nobre!  
Amei a Pátria, amei os Portugueses:  
Inda os amo. – Inda, quando ingratos sejam  
Comigo; como o foram (feio opróbrio!)  
Com o Camões Divino.

## CONTO

**S**AIU da Samardã certo Pedreiro  
Faminto de ouro, em busca da Fortuna,  
Embarca, vai-se ao Rio, deita às Minas  
E lida, e fossa, e sua, arranca à Terra  
O luzente metal, que o Vulgo adora.  
Vem rico à Samardã; vinhas, searas  
Casas, móveis, baixela compra fofo;  
Brocados veste, vai-se nos Domingos  
Espanejar à Igreja, acompanhado  
De lacaios esbeltos vem o Cura  
Saudá-lo có' a água benta; os mais graúdos,  
Do lugarejo a visitá-lo acorrem;  
Para ele os rapapés, as barretadas  
Se apostavam de longe, a qual mais prestes.  
Falaram-lhe os vizinhos, e a Gazeta  
Na célebre Paris, Cidade guapa,  
Onde todo o Estrangeiro nobre, ou rico,  
Vai fazer seu papel. Ei-lo azoado,  
Que deixa a Samardan, que se apresenta  
Na Capital Francesa; roda em coche  
Alardeia librés, passeia Louvres  
Versalhes, Trianões. Volta enfadado  
À sua Samardã. « Gabam tal gente  
De polida? Oh mal haja, quem tal disse!  
Corri Casas, Palácios, corri ruas  
Não vi um só, nem Grande, nem Plebeu,  
Que, ao passar, me corteje c'o chapéu.»

## OH PÁTRIA! OH PÁTRIA!

**A**UTOR Luso, que a conquistar o agrado  
Dos Leitores te cinges, eu quisera  
Te afigures essa Obra ir devoluta,  
De mão em mão, cair na austera banca  
Do perspicaz Censor, que o error mais leve  
Não tresvê, não desculpa: nas ervadas  
Garras do Zoilo, que erro acusa enorme  
O que é simples, que é claro, e sem malícia.

Quisera eu, que no urdir a nobre teia  
Da elegante Oração, o Orador cuide  
Que terá por ouvintes Platões, Cíceros,  
Que as provas lhe examinem rigorosos;  
Que as frases mesmas, na corrente fala  
Lhe afirmam, para ao justo lhe outorgarem  
Devido aplauso, ou competente afronta.

Quisera eu Vate, que estendendo o voo  
À bijuga montanha, a ideia crave  
Nas lições do Dirceu, do Venusino;  
Lições de exemplo, em Odes exaradas.  
Ante o Coro das Musas, ante Apolo  
Submisso escute os sons, embeba-os na alma,  
E os venha declamar pelo Orbe absorto:  
Dos estranhos inveja, honra dos Lusos,  
Desdenhe o vulgo, e Zoilos enraiveça.

## DESENGANO

**P**ERDIDO é o louvor, perdida a Crítica,  
Que os Amigos me dêem, Tarelos façam!  
Sou Velho; fico longe, não os ouço.  
E se os ouvira, pouco abalo deram.  
Inda menos, quando eu deixar a Vida;  
Ou ela a mim. Quem há que ouse ir dizer-mo,  
Ao sítio, em que eu jazer, depois de morto?  
Ruins, por Ódio? Amigos, por Conforto?

## MADRIGAL

**D**AQUI se ausentou Márcia. Adeus Prazeres!  
Que todos vos levou Márcia, consigo.  
Tristeza, e dor ficaram, sós comigo.  
Jardim, se à minha mágoa agradar queres,  
Nesta ausência de Márcia, nega abrigo  
A quanta Flor não sejam Malmequeres.



## ODE

À IL.<sup>MA</sup> E EX.<sup>MA</sup> SENHORA D.\*\*\*

DEDICANDO-LHE A VERSÃO PORTUGUESA  
DAS FABULAS DE LA FONTAINE

C'est de vous que mes vers attendent quelque prix.

LA FONTAINE

VEM, Lira minha, vem: acode aos votos  
De Gratidão devida.  
Bem sei quanto acanhada, quanto humilde  
Repugnas ao meu toque.  
Não ousas arriscar-te precursora  
Do Fabulista egrégio.  
Sei quão tímida as plantas lhe beijaste  
Pedindo o seu aceno  
Para dar um bosquejo de seus Quadros  
À nossa Infância Lusa:  
Quanto os teus sons, e a minha inábil dextra;  
Prudente consultaste.  
Mas vai grata of'recer tua humildade  
À generosa Dona.  
Levas por Companheiro, e por amparo,  
Quem teus defeitos cubra,  
C'o mesmo véu, com que adornou o Ingenho  
Do Moralista Frégio.

## CAPRICHOS

VÁ de fúria. Farei uma falada.  
E tu, faze outra, oh Márcia.  
Eu ponho-me a beber; e venço Baco.  
Tu vencerás Cupido  
C'ó donoso frechar dos lindos olhos.  
Se Baco Eôas Índias,  
E se Cupido conquistou o Mundo,  
Nós, conquistando os dous Conquistadores  
Temos de conseguir gabos maiores.

## ODE

### A MADAMA GUILLOT

Bruni gli ochi, e i capelli, e rilucenti  
Rose e gigli il bel volto, avorio il petto  
Le labbra de rubin, di perla i denti  
D'Angelo avea la voce, e l'intelletto.

**M**ENTIUI quem disse, que da Terra, o voo  
Erguera Astreia ao Céu, acompanhada  
Do Coro das Virtudes.  
Que Tiranos aborrecendo, e Hipócritas,  
Alteada, a meio voo, os sobre-vira,  
Com despeitoso cenho.  
Mas não se alçou inteira ao manso Olimpo:  
De seu peito deixou grados penhores,  
Em ânimos ingénuos;  
Que, às ocultas medrando, enverdecidos  
Garfos lançando vão de mil virtudes  
Como em Vergéis viçosos.  
Quereis abono? Olhai o ânimo franco  
Da cândida Guillot. Não é de ferro  
Toda Era, em que vivemos.  
A Compaixão maviosa, e Honra, o Brio  
Que Astreia, nela pôs, dão mil vislumbres  
Do mais dourado século.

## PASSEIO

### COM SEUS ARREMEDOS DE SONHO

UM dia, que aborrido, de mim mesmo,  
Me fui ao Campo, espairecer enojos,  
Sem pensar, onde os passos me levavam,  
Absorto numa ausência não prevista  
Daquela a quem jurei perene Culto;  
Fui rodeando as faldas dum Outeiro,  
Que, com trémula folha, Álamos vestem,  
Fresca Lapa, de musgo alcatifada  
Me convida a recosto meridiano.  
Entro, apenas, que um raio fugitivo  
De luz dourada que entre rochas cala,  
Me faz negaça a ir ver de donde rompe.  
Aplico a vista à fenda dos rochedos,  
Que o raio, entalam, de áurea formosura...  
Vejo um ameno prado vecejando,  
Que Natura bordou com mil matizes  
De purpúreas, azuis, brancas Boninas:  
No meio, um Templo circular, lavrado  
De Jaspes, de Alabastro; áurea a Cimalha,  
Capitéis de ouro, de Cristal a Cúpula,  
Turícremas Caçoulas que circundam;  
Pira, no centro, onde arde o Cedro, o Sândalo.  
    Já desce, e se desfralda a branca nuvem,  
Que o Templo, e o Prado todo abrange, e cobre.  
« Para quem se aparelha (entre mim disse)  
Tão festival solene Ceremónia?»  
Não acabava: Eis que ressoa, em Cântico;  
« Cibele hoje nasceu: Jove, e mais Numes  
A Mãe, vem saudar, das Divindades.»  
Inda os sons vão nadando, e vão morrendo  
Na circunfusa vaga, aérea-líquida,  
Que um trono avisto, em rubi vivo, aceso,  
Em que se assenta a Deusa torreada.  
Jove, e os mais Numes do stelante Pólo  
Passando, com devido acatamento,  
Ante a Deusa, de dons colmam-lhe o grémio.  
    De mãos dadas, delida a antiga injúria,  
Vénus, Juno, Minerva... Todo o Olimpo  
Vem dar guapo festejo ao Dia de anos.  
Só falta Amor: busquei-o em todo o âmbito.  
Nem junto à Mãe, o vi, nem junto a Psiquis.  
« Cibele nunca amou. Esse o motivo,  
Porque se retraiu o Amor da Festa.»  
Mercúrio, que me ouviu e que era junto  
Da fenda favorável dos rochedos:

« Não atinas: (me diz) vás muito errado.  
Cupido, há muito, que esqueceu os Numes,  
Dêsque ao Mundo desceu a linda Márcia.»

# ODE

Albo pariter, nigroque signanda lapillo.

HOLSTENIUS

QUATRO de Julho! Memorável Dia!  
Que hei-de notar com pedra branca, e negra.  
Branca, porque salvei a honrada vida,  
De Algozes tonsurados:  
Negra, porque perdi os bens, e Amigos,  
Perdi a Pátria, e os meigos passatempos,  
Que nascidos comigo, me deixaram  
Saudades perenes.  
Mas, não vês, Musa, as gentes, que se enojam  
De te ouvir sempre repetir Endechas  
Dos bens, da Pátria, dos leais Amigos,  
Das derretidas Damas?  
« Deixa-os falar. Do enjojo ri-te, e folga,  
Que é enjojo da ignorância; é vento, é nada.»  
Cada dia, mil cousas se repetem  
Por uso, ou moda, ou teima.  
Não teimam os badalos sempiternos  
A retinir no bronze? Não vem Febo,  
Cada Aurora, *ab initio* as alvoradas  
Ouvir das Avezinhas?  
Os Quarenta a quem deu Piron jocoso  
*De l'esprit comme quatre*, não falhavam,  
Por uso usado, ouvir do novo Membro  
Três pontos de elogio.  
O do Membro finado, o do Monarca,  
O do Instituidor da Academia  
Condição *sine qua* não era aceito,  
O Pretensor perito?  
E nos Tempos da minha Adolescência,  
Ouviu-se algum Sermão dos gabadinhos,  
Em que, por *fas* ou *nefas*, não viessem  
Três passos da Escritura?  
A Escada de Jacob coalhada de Anjos,  
Descendo, outros subindo; a de Nabuco  
Alegórica Státua; o olhudo Carro  
De Ezequiel Profeta?  
E, coitado do Pregador garraio  
Que os tais três pontos não trazia à feira,  
Na encharca do Sermão! Batiam nele,  
Como saraiva, as mofas.  
Dirão, que em minhas trovas zombeteio  
Digam. Que eu folgo que, comigo riam,  
Como eu rio, Leitores, quando leio  
O meu Ferrão jocoso.

Assaz de sérias Odes enfadonhas  
Tem cansado os Esp'ritos delicados  
C'o palanfrório Divinal das Musas,  
De Apolos, de Hipocrenes.

## EPIGRAMA

**U**M Orate como eu, que, por milheiros,  
Curtas, compridas linhas,  
Dos lábios consoanteiros,  
Desembestava, em vozes não mesquinhas,  
Seus poemas mostrava  
A quem, de prosa, em versos, desdenhava.  
Diz moquenco ao Tarelo:  
«Aposto eu, que fez prosa, sem sabê-lo?»



## ODE

Paupertas impulit audax  
Ut versus facerem.

HORAT.

**P**ORQUE acalente a Inópia trovas canto;  
Trovas, que não Poesia.  
Quem deu Estro a Poeta, que sem cobres,  
Passa metade do ano  
E a cobres esperar outra metade?  
Ontem, a calções baldo,  
Hoje a cuecas: traz de embrulho o Vate  
As nalgas, com janelas,  
Pela fralda, frangalho da camisa.  
Já foi prolixo o assunto  
D'enjoado aranzel, posto em regrinhas  
Estiradas e curtas.  
Para tirar sentença, que o fatinho  
E alfarrábios do Vate  
Salve das garras da ímproba Megera,  
Faltam aguados cobres.  
Cobres, que dão peçonha às iguarias,  
Na bolsa, dão manutenção.

## ODE

Fit Chærilus ille  
Quem bis terque; bonum, cum visu miror, et idem  
Indignor. ....

HORAT. *de Arte*, ver. 356.

..... Populo, qui stultus honores  
Sæpe dat indignis, et famæ servit ineptus;  
Qui stupet in titulis et imaginibus.

HORAT. *Lib. 1. Sermo 4.*

QUE lucro espero às literárias lidas,  
Ou que louvor fanado?  
Escrevo, e não mo compram: ganho Críticas,  
Quando a Arte mais esmero.  
Com desleixo as lê Brito, ou com enjoo  
Unha-me Stilo, ou frase.  
Mas, sobre vezo mau, não é sandice  
Empunhar inda a pena?  
Malditas Musas, mais maldito Apolo,  
Se aos meus versos, maldosas,  
A compra me negais, negais que agradem,  
Não me sede importunas.  
Já que a pouco prestais, calai-vos, Musas.  
Oh não venhais ociosas  
Zunir-me prosa, ou versos. Lustras quinze  
De enguiçada Poesia  
Vos malquistam comigo, ide vosso Estro  
Verter no Poetastro  
A quem destes ser nobre, rodar Coche,  
Arrotar Académias,  
Gravar brasões, por engoiadas trovas.  
Quando Filinto aguado  
Sob auspício de Clio, e de Calfope  
Inútil se afadiga  
Aflito geme, torce-se, e retorce-se  
Nos cepos da Penúria.

## PERSPECTIVA CÓMICA

**B**ONECA afigurai, curta e redonda  
Em meio Tribunal, ante Juízes  
De agaloadas gorras, fartos de óculos:  
Tal era a Ré, no disputal discrime!  
Cadentes plumas, no chapéu tremolam-lhe  
Retine-lhe, de Pega, aguda fala.  
Cícero de obra grossa o seu Letrado,  
Albardeiro de ríspida Eloquência,  
Borbotava, entre injúrias, perdigotos.  
Curtas capinhas, polvilhadas trunfas,  
Estreitos bacalhaus muito engomados  
Ornam Porteiro coxo, e teso Scriba:  
Mais tinteiros que Scribas, mesas pejam.  
Em torno hartos plebeus; Homens, Mulheres;  
Grão barulho! Porteiros, e Soldados  
Berravam, que se calem. Tal é a cena,  
Em que mui concho fez papel Filinto.  
Faltou-lhe um La Fontaine que a descreva;  
Um Molière, que ao Povo, a represente.

# ODE

## À MINHA VIDA EM FRANÇA

Contraque lucrum nil valere candidum,  
Pauperis ingenium  
Querebar. ....

HORAT. *Epod XI.*

**A**O Mundo vim. Melhor, não ter cá vindo.  
E que vim cá fazer? Papel de parvo.  
Logrado dum, e doutro; Homens, Mulheres  
Me cevaram de angústia.  
Faltou-me o mais cabal. – Sagaz Ingenho,  
(Que, com peitos singelos mal confronta.)  
Não lhe scrutei maranhas retrincadas;  
Julguei-os de meu pano.  
Paguei o mal-julgado. Ah! se eu, co' as notas  
Que deles guardo, que conservo delas,  
Tornasse aos meus três lustros! Quanto logro  
Dera em seco em meu peito!  
A pesar de Minerva, engrazei trovas,  
Que uns acham pecas, que outros acham duras,  
Latinas estes, antigualhas esses;  
Sem sabor, quasi todos.  
Ouvi Sermões, sem pinga de Eloquência.  
Médicos vi, que amaldiçoa Hipócrates,  
Comédias, em que os Sábios não sorriem,  
Indo rir às Tragédias.  
C'um génio pachorrento e descuidado  
Quem crera que demandas me arrastassem  
Por pó de Tribunais citado, e ouvido?  
Arrastam-me hoje, e alquebram-me.  
Nesse banzeiro mar de ânsia, e cuidados,  
De passadas sem fim, de termos bárbaros,  
Se me desbota a língua florescente  
De Camões, e a de Horácio.  
No lustro quasi toco sexto-décimo,  
Desterrado, indigente, desvalido.  
Que me valeu viver? Prendesse-me antes,  
No seu scondrijo, o Nada.

# A ASSEMBLEIA DOS POLÍTICOS

*Diálogo, entre um Farroupilhas e Filinto  
sentado num dos bancos da Ilha Real  
do Parque de Versalhes*

FARROUPILHAS

**B**ONS dias, meu Senhor. Sabe indicar-me  
O banco da Assembleia dos Políticos?

FILINTO

Não lho direi, meu Guapo. Só me lembro,  
Que hei visto não sei quantos Papa-moscas,  
Num banco mais acima, que a Polónia  
Assanhados teimavam ser uma Ilha,  
Nas fronteiras de Espanha. Outros ladravam,  
Que era, nas Costas da Ásia, Terra firme.  
Pena é, que Napoleão os não nomeia  
    Já Condes, já Barões;  
Que entre os do seu Conselho não semeia  
Tão machuchos, cabais Políticoões!

# ODE

## A ALCIPE <sup>[XIII]</sup>

..... Magnum hoc ego duo,  
Quod placui tibi.

HORAT. *Lib. 1. Sermon. 6.*

ERA noite: e Morfeu me tinha em braços.  
Des-lembrança profunda de fadigas,  
Do desconcerto do Orbe,  
Me coava nos plácidos sentidos;  
Mal-abertos os lábios, membros lânguidos,  
Da alma a paz, e o descuido eu respirava.  
Vem, manso e manso, no interior da mente  
Um frouxo albor da Aurora esclarecendo;  
Selvas, montanhas, fontes  
Surgem ao aio de ouro de Hiperiônio,  
Luzem, no prado aljôfares matutinos,  
Com trémulos, com rútilos reflexos.  
– Esta é Fócide (exclamo), o bipartido  
Monte descubro; escuto-lhe à Castália  
O rugir sonoro.  
Como os Louros balançam! Aves trilam  
Modulados concertos... Para a veia  
Do Permesse... À flor da água as Ninfas surdem.  
Sentados pelas penhas, Musas, Vates;  
Estes as Liras, elas os Laúdes  
Afinam jubilosos.  
Pégaso alvoroçado asas desprega,  
Crinas sacode, pede Cavaleiro,  
Relincha, fere o chão, borbota spuma.  
Qual Safo Lusa, ou Távora Corina,  
A despedir luzeiros, desce de altas  
Penedias do Pindo?  
Em seu regaço, as do matiz mais vivo  
Flores colheu, que sparge a dextra pródiga,  
Enfeite, e aromas dando à Terra, às Gentes.  
Apolo a mão lhe dá. Clio, Calíope  
Lhe vêm mil doces vozes sussurrando.  
Camões divino, ao lado,  
C'roa imortal, que as Musas hão tecido  
Para glória de Alcipe, às Nações mostra  
Ufano das lições, que à Aluna dera.

# ODE

Janeiro, de 1814

## A FILINTO

EM RESPOSTA

NUM mar de luz os astros se sumiam,  
Quando o sol transgredindo, do Oriente,  
Os limites da Noite,  
Expulsava do mundo a sombra, a sono;  
Facultava às ideias o agregar-se  
E submeter ao doce metro as vozes.  
Do Pindo os serros vi cobertos d'ouro,  
De Aganipe a torrente diamantina  
Nas selvas se espraiava:  
Quando um grupo de Génios Apolíneos,  
À voz do Deus, me toma sobre as asas,  
E da Fócide à Lísia me transporta.  
Quais Zéfiros vibrando as áureas penas  
Numa oblíqua ascensão às nuvens chegam,  
E de lá reconhecem,  
Pelos Murtas e louros florescentes,  
A Pátria de Camões, e de Filinto,  
E em recta direcção à Terra baixa  
O Lis, o Lena, as ondas alisando  
Vinhão co' Erge e Ponsul brincando nelas  
E todos em cortejo  
Por entre flores, conchas, arvoredos  
O seu tributo ao Tejo acarretavam  
Quando o Coro, melódico descia.  
Na gruta o Pai dos Rios reclinado,  
O ruído apercebe; ergue a cabeça.  
Das roupas azuladas  
Cobre as largas espáduas, onde escorrem  
Do diadema de Limos, frias gotas  
Qual geada, quais pérolas em fio.  
Golfinhos chafurdando ao lume d'água,  
Pulam, mergulham; píscea dança cerca  
O venerando Tejo;  
Em rebanhos as Tágides esbeltas  
Vêm ver que novo caso a praia alegre,  
Que bênção manda o Céu aos Lísios lares.  
Nisto o coro Apolíneo desferindo  
De Harpas celestes, consonâncias novas,  
Milagres d'Estro ousado,  
C'os versos de Filinto o Tejo brinda  
E dos Heróis a quasi extinta raça  
Neles ressalta com subido estrondo.  
Heróis! Que hoje do mundo sois o espanto

Avante... Vencereis a Lérnea fera:  
Filinto vos promete  
Nome eterno em seu Canto; e outra Deifobe  
Que os domínios da morte amenos faça,  
E de lá mesmo, vos revele à Fama...

ALCIPE,  
Reconhecida e inspirada  
pelos versos honrosos, que recebeu.



## CONTO

Du côté de la barbe est la toute puissance.

**C**ERTA Mulher, que tinha a barba tesa  
Ao Varunca, e Cabrão, numa disputa  
Sobres Couves, que disparou à mesa;  
Co' a barba ufano o Esposo, quis, na luta,  
Levá-la de vencida: ela daninha,  
Sítio mostrou, que basta barba tinha.

## ODE

..... frigidas  
Noctes, non sine multis  
Insomnis lacrymis agit.

HORAT. *Lib. 3. Od. 7.*

**C**UIDE em stender a Vida, a largos anos,  
Quem de Hígia a saúde, o ouro de Pluto,  
Por sorte conseguiu, em boa estreia,  
Ou por ditosa astúcia.  
Cinjam-lhe a mesa esplêndida Parasitos,  
Borbotando lisonjas, riam-lhe olhos  
De fagueiras Belezas, Vates cantem-lhe  
Mendigantes Iliadas.  
Tu Solidão! Tu, sócia da Indigência,  
Tu fugias de mim, nos tempos de ouro,  
Da juvenil donosa cópia alegre  
De Damas, e de Amigos.  
Hoje (triste de mim!) vens aferrar-te,  
Em meu dano, à cansada Quadra esquiva  
De meus dias, de inópia desbotados,  
Gastados de desterro.  
Quem ledos passatempo há-de vir dar-me  
No escuro sótão de indigente alfaia?  
Quem lástimas ouvir? Quem consolar-me  
Com franca voz amiga?  
Viria Mathevon, <sup>[XIV]</sup> com peito limpo  
De soberba dos móveis, ricos trajos.  
Tomou-o a Parca: afim de os dissabores  
Lhe ocultar, de Filinto.

## ODE

### AOS CLUBISTAS PORTUGUESES DE LONDRES

Et jam dente mimus mordeor invido.

HORAT. *Lib. 4. Od. 3.*

**E**inda há, no Mundo, quem dê preço e fama  
À língua de Camões, nesta Era esquiva;  
Em que só reina o intruso  
Malquisto Galicismo!  
Vénus, que sempre amou a Lusa fala  
Tão Prima das, que amou, vozes Latinas:  
Baco, que nos deu Luso  
Por tronco, e dom paterno,  
Levantaram pendões, chamaram tropa  
De sábios, indignados das injúrias  
À Pátria, à Língua feitas  
Por ensossos Poetastros.  
Na Londinense Terra, em Campo armados  
Se bastecem de culto metro Luso;  
Armas da forja vindas,  
Que ergueu Camões preclaro.  
Lá se alista Filinto, peão raso,  
Intrépido, porém, no agro discrime,  
Em pró da Língua, e Pátria,  
C'os fidos, sábios Lusos.

## EPITÁFIO

**A**QUI Filinto jaz. Foi pouca cousa.  
Versejou, versejou. – Hoje repousa.

## ODE

### À LEGIÃO PORTUGUESA

Hac arte Polux et vagus Hercules  
Inixus, arces atigit igneas.

HORAT. *Lib. 3. Od. 3.*

**Q**UE digna voz me dás, Clio divina,  
Com que cante louvores merecidos  
Da Portuguesa Legião? Novos Almeidas,  
Albuquerque, e Castros.  
Fale a Germânia, e os Francos, que vos viram,  
Nos Campos de Vagram: soe mais digna  
A voz desse valido do Deus Marte,  
Que vos dá gran valia.  
Com que gosto vos vi: com que saudade  
Vos hei-de ver partir! Ide felizes  
Reconquistar a Pátria. A Pátria mesta,  
Sujeita a ruins Tiranos,  
Vos estende de longe as mãos cativas,  
E aos modernos Viriatos clama: – Vinde,  
Nos abraços das Mães e das Esposas,  
Colher condignos louros.

## ODE

Cur ego, si nequeo ignoroque, poeta salutor?

HORAT.

..... Me quoque dicunt  
Vatem... sed non ego credulas illis;  
Nam, neque adhuc Varo videor, nec dicere Cinna  
Digna, sed argutos inter strepere anser olores.

VIRGIL. *Eclog. 9.*

**I**NDÁ hoje, todo alheio  
De mim, das minhas trovas, fico estranho  
Ao nome de Poeta,  
Que me impingem, por cá, e pela Elísia.  
Não sei quem me deu voga.  
Quão muito, e muito mais do que eu valiam  
Garção, Elpino, Alfeno!  
E tu Bocage, a quem negou-me o Fado  
Ouvir-te, quando as Musas  
Te emborcavam no peito as ondas todas  
Da facunda Castália!  
Consolo-me c'os cobres que renderam  
Tão aprosadas lidas.  
Porque, em mim não correste, Aónia veia?

# ODE

## AD SODALES

Principibus placuisse viris non minima laus est.

HORAT.

LOUVORES, com que ao Vate exalça, e ufana  
Ou já o Nobre, ou já o Príncipe, se como  
Os de Augusto, ou Mecenas, os não doura,  
Com generosas dádivas;  
Assemelham o Eólio alento stéril,  
Que, em pobre Vate assopra, e que lhe furta  
Toda a speranza de depor o manto  
Da aferrada miséria.  
E, oh como lhe aparece, ao vivo, o Quadro  
Desse (empregado em mal!) prolixo studo.  
Abatido o valor, quebrada é a Força,  
Dissaboreado o Ingenho!  
E que faz! – Põe à porta inúteis Musas;  
Quebra a Lira: – e, a sentir vigor nos braços,  
Cansa, e sua, curvado enterra a enxada,  
Mais útil do que o plectro.  
Já, porta em fora as punha, – Eis que mimosas,  
Com carinhos, com graça, as lindas Piérides  
Me aplacam o rancor; e diz-me Clio:  
«Ouve Apolíneo Canto.  
Quando oprimida com odioso jugo,  
Gemia a Ânglica América, deu Jove  
Orde'a Cilénio, de escolher previsto  
Campeão à Liberdade.  
Derrama os olhos o Celeste Núncio  
Pelo Orbe septrional, a acinte opresso;  
Vê Fabrícios, Catões, vê Cincinatos...  
Ao ver Washington, desce.  
Campeão te extremo, dentre Heróis, e Sábios,  
(Mercúrio diz) toma este auspicioso  
Bastão de General, Bastão prudente.  
Penhor te é da Vitória.»

# RETRATO INTELECTUAL

## DE FILINTO ELYSIO

TIRADO AO NATURAL, PELO AUTOR MESMO

**P**OETA (pois que tanto o assoalhais)  
Mediano sou: mas loura, em tudo mais.

## MADRIGAL

### À FILHA DO MEU CASEIRO

**A**O banquete, que a Vénus dera Flora  
Vertumno foi chamado;  
Foi-o Jove também; quanto a Cupido,  
Sabeis, que nunca Vénus  
A festa ou regozijo vai sem ele.  
À mesa assuntos vários  
(Como é de uso) volveram debatidos.  
Gabou-se a formosura  
Dum Astro de quinze anos, que afadiga  
As trombetas da Fama...  
Vénus corou de zelos: – mas Vertumno,  
Que amava, e protegia  
Anfrisa pomareira, aluna sua:  
« Cessem, oh Vénus, zelos;  
Retrato é teu, que a rogos meus, teu Filho  
Tirou, em fiel cópia.  
Qual Deusa se agastou c'o seu retrato,  
Se em tudo é semelhante?»



## NOTÍCIA

**E**MPRESTOU seis tostões um Carpinteiro  
Sobre um relógio, traste nunca usado  
Dele, de Pais, de Avós: que o houve primeiro  
A Mulher, com mãos noviças empolgado.  
A toda hora, às vizinhas apregoa:  
– São três horas: são quatro – É meio dia.

VIZINHA

- Meio dia ao Sol posto?

MULHER

– Ora essa é boa!  
No Sol, que simples que é, você confia?  
Pode o Sol desvairar, na Quinta sfera;  
Não o Relógio, que o meu Gil tempera.

# ODE

## AO IL.<sup>MO</sup> E EX.<sup>MO</sup> CONDE DA BARCA<sup>[xv]</sup>

Te Colchus ..... et ultimi  
Noscent Geloni.

HORAT. *Lib. 2. Od. 20.*

**N**O bulfício da vida,  
Presa a mente a mil Nadas,  
Quando nos colhe a noite do jazigo,  
Que importa haver maneado ceptro de ouro?  
Ou, com suor rasgado  
À Terra o duro seio?  
Tomes, na destra o pó do grão Sesostris,  
Que por servos contou curvos Monarcas  
Seu pó soberbo pesa  
Quanto o pó dum Escravo.  
Da balança do Eterno Omnipotente  
O ouro só das virtudes desce o braço.  
Vão-se ao ar, co' a leveza,  
As grandezas do Mundo.  
Da alma imortal acanhas o amplo talhe  
Se ao vício as rédeas dás. Vê como splende,  
Como o Virtuoso cresce,  
Como se encolhe o Vício!  
Tu, que ao Trácio Cantor hás modulado  
O dulcíssimo Canto, vem verter-me  
No obediente ouvido,  
Os sons, com que o prendaste.  
Vagando toque os términos do Mundo  
Do ilustre Conde o mérito preclaro.  
Brando clemente, e pio,  
De férvida amizade  
Desponta as feras lanças do Infortúnio,  
No broquel do socorro, com que ampara.  
Venha de iras armada  
Erinis, ele o assalto  
Destemido lhe abate. Índole nobre  
Olhos não baixa, tímida, a ameaços.  
Em borbotões o sangue  
Lhe reforça a coragem  
Ao Deus das iras lhe arrancara o raio,  
Pisara aos pés os cabedais a Pluto  
Invejas e lisonjas  
Sobre-olhando inconcusso,  
Rasgue rápido à Noite o escuro manto  
O açoute disferindo a Eoo, e Etonte  
Febo irado, que o leito

De Tétis deixa, a aceno Olímpio:  
Tal rompe o Conde os laços da Miséria  
Quando os raios benéficos devolve.  
Oh ventura sem par!  
Clio, a quem, no enlevo  
Dos dotes de Araújo, não dei tino,  
Meus sons tomou a si. Lá vai lavrá-los  
Em tábuas de Diamante.  
Vê-los-hão os Vindouros;  
E os tem de declamar o Scita, o Cafre,  
Que a zona adusta habita, o Pólo frio.

## SONETO

QUE vejo, oh Céus! qual vejo ir-se formando  
Um negro vulto horrendo! Uma figura  
De feia, de tristonha catadura  
Vêm pardas nuvens, para mim, trilhando!

Tão ladeada vem de aflito bando  
De spectros, e derrama a boca impura  
Tal hálito – que morte de amargura,  
Só de vê-la, me está no peito dando.

« Quem és enorme Monstro?» « Sou a Ausência,  
Dos prazeres de amor algoz tirana,  
Que branduras não sinto, nem clemência.

Ser-te-hei (qual sou com todos,) desumana:  
Nem me alegues lealdade, ou inocência.  
Vê como estrago o amor de Mariana.»

## ODE

..... Risum teneatis amici?

**A**O ver um Holandês lapuz, mazorro,  
Arrotar gravidade,  
Quem há, que não lhe colha dum relance,  
Da similhaça os visos?  
Que não veja estampada ali à finca,  
Dum Burro a sizudeza?  
Na tromba que não ri, no passo lento,  
Mostra um Catão asneiro.  
Se, contra a natureza, um destes trastes  
Despe a casmurra pele,  
E se engrila a campar por adamado,  
Para aí quero os risos,  
O desprezo, os baldões, as apupadas  
Ao Burro, desertor  
Da burrice de seus antepassados.  
E, oh que mal que se amanhã,  
C'os fatos, que ao Francês dão tanta graça!  
E no chambão desairam!  
Desprezível relé, <sup>[xvi]</sup> que nem merece  
Da Aurora o brando orvalho;  
Mais desprezível, quando toma os fumos  
De entalar-se entre Adónis!  
Como as Graças do Olimpo desceriam  
A colatrais caraças;  
Se lhe é forçoso descozer a côdea  
Dum céu cozido em névoas?  
Se tem de martelar cabeças córneas  
Fumegadas de arenques?  
Romper emplastos de batata ensossa?...  
Quais Graças! – Isso é graça!  
Graças vir a guedelhas casquilhorias!  
Virá, em vez de Graças,  
Um riso broma, um chiste desasado  
(Desistências de Momo)  
Dignos dum Holandês, bem assentados  
No encaixe dos focinhos.  
Vêm naturais as Graças elegantes;  
Dão desar as postiças.  
Para com garbo vir, pede o arremedo  
Agudeza, e desgarre;  
Dons, que nunca fizeram romaria  
Aos charcos desta Holanda.  
O que Jove gaitreiro outorga ao Mono,  
Trombudo o nega ao Burro.



## CONSULTA RÉGIA

CERTO Rei convocou no seu Palácio  
Teólogos em barda, e Canonistas.  
(Gente que lê chorudo cartapácio,  
Para dar glosas co' a razão malquistas.)  
O ponto da Consulta  
Profundo e melindroso  
É saber, donde a Deus mor bem resulta,  
*Do teatro, ou de touros? – «Scandaloso  
É ver pernas (gritava  
A turba teologal)  
Touros, touros, Senhor: nunca teatro,  
Onde o Demo, com vistas, a alma encrava:  
Para os Homens, no corro há menos mal.  
Por três que o touro estripa, ao muito quatro!»*

## ODE

À S.RA D. \*\*\*

Frágil reina a Beleza curto prazo,  
Se lhe nega a Virtude o seu arrimo.

*Anónimo.*

**N**A alma assentou seu trono, e reluz na alma  
Divina a Formosura,  
Que enfeites da arte, diamantes e ouro  
Enjeita desdenhosa:  
As Virtudes celestes, os talentos  
Lhe servem de atavios.  
Se a Minos, não a Páris, Jove sumo  
O arbítrio devolvera  
Nas três deusas que ansiosas pleiteavam  
Da formosura os foros;  
Palas, não Citereia houvera o pomo,  
Que a discórdia arrojara;  
Nem adúlteras cinzas consumiram  
As lidas dos dous Numes,  
Soberbos muros de Ilion celebrada.  
Despreza da Spartana  
Helena, oh! Márcia, os gabos da beldade  
Adúltera e ruinosa.  
Cabem são elogios só às Graças,  
À Virtude, aos Talentos.



## EPIGRAMA

Ex ungue leonem.

**P**ERGUNTEI hoje a um sécio Peralvilho,  
Porque unhas grandes traz, por guapa moda  
Tanta alta Dama, tanto audaz casquilho?  
« A nobreza (me diz) que a agencia toda  
Perdeu de atassalhar a pobre gente,  
De ao mérito e à virtude obstar, potente,  
Pode perder brasões placas, alcunhas,  
Mas guardou sempre de Leão as unhas.»

## ODE

..... Levius fit patientia  
Quidquid corrigere est nefas.

HORAT. *Lib. 1. Od. 24.*

**P**EDRA és de fino toque, oh Infortúnio:  
Em ti dá manifestos seus quilates  
A virtude, a Amizade não fingida,  
O Valor que não verga  
Ao pendor da Desgraça. – Homem mesquinho,  
Ao nascer, te fadou a Natureza;  
Pôs lembrete – *Infeliz* – Mandou-te ao Mundo  
Aparar seus revezes.  
O Cultor da Cordura e Probidade  
Nasce assumpto das artes do astucioso  
O Sábio paga foros à Calúnia:  
Ei-lo pobre, ei-lo a ferros.  
E, se escapou, previsto às impias garras  
Dum Tribunal iníquo, lá está a Fama  
Peitada pelos Maus, que assoalha as nódoas  
Que lhe lançou a Inveja.  
Como almas apoucadas cobram júbilo,  
Na desgraça do Ingenho, ou da Virtude!  
É pasto, com que cevam a faminta  
Mesquinhez do seu Nada.  
Eu, que alvo hei sido às cruas flechas  
Da Inveja, agigantada em gran Calúnia  
Dou Jogo às forças da alma, na Constância,  
Com que lhe aparo os golpes;  
E lhe rebato os ímpetos, no escudo  
Do quedo sofrimento, inalterável,  
Lá recuam, lá quebram, lá se esbroam,

Como ondas num rochedo.

# FOGUETE

.... nunquam ne reponam,  
Vexatus toties? .....

JUVEN. *Satyr. I.*

FELIZES foram Barros, Couto, e Sousa,  
Brito, Vieira, e Freire,  
Com quem malvados Críticos perluxos  
Se não fizeram timbre  
De espinicar, palavra por palavra,  
Os seus doutos discursos.  
Ah! pecante de mim! Que um Fado iníquo  
Tomou teiró co' as trovas  
Do mal estreado Elísio. É um regalo  
Ver como encaram óculos,  
Franzem testas, ajuntam sobrancelhas  
Porque não se lhe esquive  
Positivo, ou composto, antigo, ou novo  
Termo, que à fisga fuja.  
Se dão com *a la par*, Deus nos acuda!  
Vê-los fazer beicinho  
A *aventar*, que no Sousa é verbo culto;  
A *torvelino*, a *aprisco*,  
Que andam nos mais volvidos Dicionários,  
Não star eu lá! – Que tunda  
De socates gaiteiros lhe eu não dera.  
Calai-vos, delambidos:  
Para Críticos ser, convém que dantes  
Deis desquite à ignorância.

## ODE

Nullus in hac terra, recitem cui carmina, cujus  
Intellecturis auribus utar, adest.

OVID. *Trist. Lib. 3. Epist. 14.*

**D**EIXEI-TE, oh Pátria saudosa e ingrata  
Mas recolheu-me, em França amável Povo.  
Na Haia vi Rãs, vi Sapos, e Holandeses,  
Por meus grandes pecados.  
Não te queixes, Ovídio, em teu degredo,  
Que os teus versos não ouvem, não compreendem:  
Cá uns Getas, máis Getas que os de Tomes,  
Têm orelhas, mas de Asno.  
Quando bem se remanchem a escutarem  
O meu canto e inda o teu (prazer das Musas!)  
Os enormes colchões das cabeleiras  
O som lhe abafariam;  
E a seu miolo embaciado ao fumo  
Do pertinaz cachimbo, dar-lhes podem  
Só trovões, só relâmpagos, e infernos  
De Milton luz e abalo.  
Só trovas de seus vates de obra grossa,  
Tão relambórios, marrafões e broncos  
Que, nem Franceses, que agadanham tudo,  
Se dignam traduzi-los.  
Ai de mim! que afligido, e solitário,  
Arrojo a longas terras os suspiros;  
E não posso, trás eles ir voando,  
Ausente destes charcos.  
Para quando os feijões reservo, e as favas?  
Senão para os Adeus aos tais Casmurros?  
Pitágoras d'avesso, hei-de atulhar-me  
Delas, três dias antes:  
E voto a Apolo, em daqui saindo,  
(Dia de ouro!) arrumar-lhes tal estrondo,  
Tal incenso bufar-lhes, que se lembrem  
Da minha despedida.

## EPIGRAMA

**C**AIU no inferno um frade; e co' a cabeça  
Deu tal baque na porta, que acudiram  
Milheiros de Diabos. – Mui depressa  
A que vinha às profundas lhe inquiriram.  
« Quero entrar (lhes dizia o desgraçado)  
No calabouço, a que por culpas loucas,  
Sou por grave sentença condenado.  
Fiz...» e entra a descoser tão torpes vícios,  
Tão malditas acções, tantos flagícios,  
Que o Demo que lhe faz orelhas moucas,  
Lhe sacode o nariz, lhe mostra o rabo;  
E, sem gastar mais longo palanfrório,  
Curto lhe diz: – «Tu cá entrar?... Irrório!  
– Mais Diabo és tu, que o mesmo grão Diabo.»

## EPITÁFIO

**A**QUI Filinto jaz, triste e gaiteiro.  
Bem que Velho morreu, morreu primeiro  
Sessenta anos, que houvesse rematado  
Sessenta Obras, que tinha começado.

## ODE

### AO MEU CONSTÂNCIO [xvii]

Ludum insolentem ludere pertinax.

HORAT. *Od.* 19.

QUÃO rápida e volúvel a Fortuna,  
Às cegas, sem escolha,  
Vos levanta do pó, vos veste a púrpura  
Que despojou dos ombros  
Do Magnata de avoengos carcomidos!  
Como leva de rastos  
O Prudente Ministro, o Grão Guerreiro  
Que c'o tino, co' a espada,  
Hão acudido à Pátria! Oh Pátria Lusa,  
Onde estragaste os prémios  
Devidos a teus Filhos, tão prezados!  
No desterro em que vivem,  
Quanto os deslembras tu! Oh lança a destra  
À iníqua roda, e prende-a,  
C'um cravo de diamante; que, volvendo,  
Insolente não calque  
Virtudes tais, tais Méritos, e Ingenhos.  
Tens na mão esse cravo,  
Chama-os ao Chão nativo; ao grau os sobe  
Cabal a seus talentos.

# EPICÉDIO

## À MORTE DO EXÍMIO POETA MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

Si quis at est sensus defunctis, sit tibi gratum  
Postremum hoc mœsti funeris officium.  
Tu lugere vetas, quoniam tua fama superstes  
Orbi te illustrem conspicuumque refert.

J. GALLANDI

Saudade perenal geme, e avalia  
Tesouro, de que é cofre a sepultura.

BOCAGE. Tom. 3.

**D**Á-NOS susto o morrer, do Sol radioso  
Perder a amada luz, passar dum féretro  
À Stix e ondas do Olvido,  
Deixar Honras e Bens, deixar o Alcáçar  
De prazer sumo, o Posto que acareia  
Acatamento e mando,  
Que inveja induz nos Grandes... Descuidoso  
O alado Povo cai no mortal laço;  
Cai, cada dia, a Turba  
Que habita o Bosque, o Rio, em nada súbdita  
A cruas mágoas, aos tão mil soçobros  
Que nós sofremos; míseros!  
Nestas almas humanas acurvadas  
De infortúnios. – Desfrutam melhor vida! –  
Tirano de anos verdes  
Nos apunhala Amor. A sede avara  
Desse ouro insultuoso, nos subverte,  
Por lucros, a Virtude.  
Vai-se após Honras vãs, ensanguentado  
De abrolhos, o Ambicioso. Outro, que a taça  
Esgotara da Inveja,  
(Paixão infame!) as veias se empeçonha.  
Quem não sentiu, no seio, os crus verdugos  
Da Tristeza, ou Despeito?  
De Ódios? de Iras, ou de Rancor que ultraja?  
O terno dó do fraco, a quem oprimem,  
O coração nos fende.  
Na Terra, no Ar, no fraudulento Oceano,  
Não há Animal que igual tormento sinta,  
Qual dá Natura aos Homens.  
Da Essência Divinal o raio eterno,



Que nasce e anda connosco, os dias turvos  
 Da vida nos espinha,  
 Com paixões mil. Nem farto da alancear-nos  
 Vivos; na Morte, ensopa a lança inteira.  
 Mais agra, ali a Morte,  
 No spelho da lembrança, nos ameaça.  
 Labora o Juízo. – E a Morte é mais medonha  
 Pensada, que sentida.  
 Veste-a a Mente de espantos. – Mais afável  
 Foi co' as Feras, Natura, não lhes dando,  
 Na imprevidente ideia,  
 O ante-gosto da Dor, que os Homens bebem,  
 Trago a trago, na taça, que lhe emborca,  
 A cada instante, Erinis.  
 E a nossa vida é assim. – Mesquinhos Homens!  
 Nascemos para lanço de ruins Fados,  
 Enquanto a alma em nós mora.  
 Quando o Céu põe seus dons, suas virtudes  
 Num lindo peito, a Morte (essa invejosa)  
 No-la rouba, apressada.  
 O verde, o esmalte dum risonho prado,  
 A purpurina tez da fresca Rosa,  
 Assim os come Sírio.  
 Assim do ano se acanha a Juventude;  
 Quando gelado o Inverno, o aceso Estio,  
 Mais que enfadosos, duram.  
 Sim refloresce a airosa Primavera,  
 Se outrora se murchou. Mas não remoça  
 As cãs verdor da idade;  
 Que nos ferra a Velhice enferma e triste  
 (Tetra hóspeda da Morte) e às sombras oucas  
 Da campa nos despenha,  
 Vasos de enojo infindo. – Tu, Quintílio,  
 A quem as Musas favorecem, honram  
 Entre os que a Apolo seguem,  
 E as lições lhe ouvem no fendido monte,  
 Olha um *Bocage*, glória do áureo Tejo,  
 Nesta Era alto prodígio,  
 Brasão deste Orbe. – Ascosos vermes pasce  
 (Ultraje inevitável!) no jazigo.  
 Nada lhe aproveitaram  
 Raios de Febo, mimos das Piérides  
 Bem que, por lhe assistir, deixado houvessem  
 O vocal gémeo cume:  
 Quando ele, à Lusa Terra, todo o Coro  
 Harmónico atraiu, porque entoasse  
 Da Elísia o Ingenho, a Fama,  
 Proezas de seus Reis, de Amor proezas,  
 Como pôde esse Deus, que Infante o amara  
 Não o arrancar à Morte,  
 Deus, que as Canções lhe amou salvar Divinas.  
 Vir-te-á, Quintílio, assim, também; – o aplauso,  
 Que te esclarece no Orbe,

Cairá, contigo, no jazigo, mudo;  
 Grandezas, Honras não terão mais polpa,  
 Que a pobreza do vulgo.  
 Teus sacros versos, que silêncio e pejo  
 Plantam nas línguas, plantam nos semblantes  
 Dos Mestres do áureo plectro;  
 Que as dextas lhe entorpecem; que, de inveja  
 Lhes deslizam das mãos papel e pluma,  
 Perderam a toada,  
 Que lhes vinha do peito altivo, e forte,  
 Onde as Musas os sons lhes afinavam,  
 C'o Déléfco alaúde.  
 Tu, não menos verás estofas ondas,  
 Que todo o humano avista: ao Nauta avaro  
 Tens de pagar teu Óbolo,  
 A fim que à adversa margem te navegue.  
 Porquê aos eternífluos, vagos Rios,  
 Que o leite nunca mudam,  
 Não semelhamos nós? Nem aos balanços  
 Do Oceano coevo aos Céus? aos Céus sem termo?  
 Não cabe lastimarmo-nos,  
 Que em despeito de Eolo, e de Neptuno,  
 De Jove iroso, e dos fendentes raios,  
 Entone audaz a cima  
 Ponteagudo penhasco, e eterno jaza,  
 E se ufane seguro, altivo seixo!  
 Que às sevas mãos das Parcas,  
 Morram Ingenhos grandes, quais *Bocage!*  
 E o ferro não tremeo na mão de Cloto,  
 Quando cortou tal vida?  
 Lamentável Destino! – O Varão, que altos  
 De Ingenho assomos logra, no-lo furtam!  
 E deixam de Era em Era,  
 O Parvo blasonar co' a calva fronte!  
 Quem, desd'ora entoará, como compete,  
 Com sons Marciais, na Tuba,  
 Do Luso braço a glória, já que é extinta  
 A Musa, que a cantava altissonante?  
 Quem dirá seus Combates?  
 O destemido arrojo de Pacheco?  
 A intrepidez de Nuno? o forte Castro?  
 O rígrado Albuquerque?  
 Quem o ousará, Quintílio? A tua Musa  
 Lhe aceitaria a Tuba, se (fugindo  
 Todo o terreno assumpto)  
 Não tomasse por alvo o Céu, e os Hinos.  
 Quem nosso Homero, quem Virgílio nosso  
 Heróis cantará Lusos?  
 Senão Ermínia, que o seu nome espalha  
 Na amplidão do Orbe; como quando Febo  
 Sentado sobre o Pindo,  
 Toma a Lira nas mãos, modula os versos  
 Com que, a saudarem Jove, ensina as Musas.

A voz, que em cheio solta,  
 Vai desdobrando o som de longe em longe,  
 E estendendo-o – as folhas estremece,  
 Nas madeixas dos troncos.  
 Ermínia, Ermínia, as Musas te convidam,  
 Clio o seu alaúde te oferece,  
 E para ti o afina.  
 Junto de si te quer. Oh que ali podes  
 Cantar louvores dignos de *Bocage*,  
 Com voz igual à sua.  
 Onde estás Safo? Aonde estás, Corina?  
 Safo, e Corina, oh Ermínia, em ti concorrem:  
 Concorrem melhoradas.  
 Ermínia, Sucessora tu só restas  
 Da Lira de *Bocage*. Tu consola-nos  
 Da perda do grão Vate.  
 Clio não queira; oh não consinta Apolo,  
 Que (dado à fouce da ímpia Libitina  
*Bocage*) um Vate falte,  
 Que nos cante a Virtude! Oh venha Ermínia  
 Enternecer as penhas, prados, selvas,  
 Com saudosas Endeixas,  
 Em memória de *Elmano*, aos Lusos caro!

#### ERMÍNIA

«ELMANO; oh *vale!* A Abelha, em teu moimento  
 Sempre o seu mel componha!  
 Maná dos Céus, e Bálsamos da Arábia  
 Ali destilem; Louros enverdeçam,  
 Heras, nevados Lírios!  
 Basto Rosal, com mil botões o abrace!  
 Mangerona, Tomilho, e a Flor vermelha,  
 Que anuncia em queixumes  
 De Ajax a dor, num Ai tinto em seu seio!  
 Do Sado as Ninfas, Ninfas do áureo Tejo,  
 E as Índicas Nereias,  
 Com lágrimas a campa lhe humedeçam!  
 Cloto, com fria mão, cortou-te o fio  
 À vida – desbotado  
 Pelo Infortúnio, pelas manchas lívidas  
 Da doença importuna, precursora  
 Do angustioso gume.  
 Ouve, oh *Bocage*, as queixas lastimadas,  
 Que entre as graças, que Elísia manda ao Olimpo  
 Pelos dons, com que a exalça,  
 Mescla arrojados íntimos suspiros:  
*Ai falta-me um Bocage! um igual Canto.*  
 E a voz ali desmaia-lhe:  
 Que ao romper das entranhas magoadas  
 Lha entala a perda do Cantor sublime,  
 E a fronte inclina, e geme.»  
 Solta, oh Quintílio, o nó que te ata os Hinos

Na mélica garganla. O teu *Bocage*  
Desfruta a luz do Elísio.  
Feliz Elmano, *Salve*. As negras roupas  
Da amargura as rasgou a mesma fouce  
Que te ceifou a vida.  
Já arraiada de luz tua alma ilustre  
À sombra de frondíferos Loureiros  
Aspirando os aromas  
Dos Hespérides pomos, na alcatifa  
De esmeralda que, a fio, dá de rosto  
Ao bochorno, à geadá,  
Heróis te vêm saudar, Heróis, que o néctar  
Contigo bebem, festivais Convivas.  
Vêm-te saudar os Vates,  
O tão famoso Eumolpo, o Orfeu Divino,  
Lino, Anfião, Museu, e o que, aquecendo  
A Tuba, abrasou Tróia;  
Vem de Mântua o Cantor, e Horácio, e Píndaro;  
Com mil aplausos, ledos apregoam:  
*Não cede à Itália, à Grécia*  
*A Lusitana Musa. – Tecei c'roas*  
*De hera e louro a BOCAGE. – Nós, saudosos*  
Dizemos: «*Vale, ELMANO!*»

## ODE

Quid nos? quibus te vita sit superstite  
Jucunda; si contra gravis.

HORAT. *Epod.* 1.

COM mágoa ouvi, que partes, caro Borges. [XVIII]  
Deixas-me nestes ermos  
Saudoso, velho! E ameaçadora a Morte  
Brande (não de mim longe!)  
A luzidia fouce. Agra a Pobreza,  
De feia catadura,  
Co' as secas mãos me aperta o peito ansiado.  
Enquanto o alívio tinha  
De receber teus versos, tua prosa,  
De, em câmbio remeter-te  
As minhas, sossegava a seva frágua  
De atribuladas penas,  
Com que o Futuro me enegrece os dias.  
Mas tu, que ora te ausentas...  
Afasta-te de mim, acerba ideia!  
Vai, Borges: brandos Zéfiros  
Nas asas teu baixel contínuos tomem,  
E à Pátria te confiem.  
À Pátria, que contente os braços te abre,  
Para te estreitar neles.  
Verás o Pai, que te ama, e que respeitas;  
Os Irmãos, os Amigos,  
O tecto, o berço, onde, com raio puro  
A ti, recém-nascido  
Deu prima luz o sol.— Quanto se prezam  
Os Bosques, onde infantes  
Demos os tenros passos mal-seguros!  
Com que prazer não vemos,  
Depois de longos anos de apartados,  
Os que, na verde idade,  
Connosco eram no studo, eram no jogo!  
De tudo vás lograr-te:  
E eu, apesar da dor da ausência,  
Devoto aos Céus t'o imploro.

## RESPOSTA

*Paris, 17 d'Agosto de 1810.*

VEIO-ME co' a razão da Pátria,  
Aquela enobrecendo, este incitando  
O estudo; vereda encontrar busco  
Que ao fim de meus desejos me encaminhe.  
Nas plagas de Cabral, meu pátrio ninho,  
Tão louçã, quanto inculta a Natureza,  
Admiro absorto. Aqui longevos bosques  
Com verde espesso manto insultam, quebram  
De Febo os raios; co' as erguidas cimas  
Vão tupetar co' as nuvens; empinados,  
A curvas praias ornam, os pés dando  
Aos abraços das ondas; hospedosos,  
Férteis Coqueiros, que no fruto of'recem,  
Ao lasso navegante, o licor doce,  
A saborosa polpa, a taça, o prato,  
E nas fibras do tronco a forte amarra.  
Por entre lúteas flores, verdes ramas  
Do patente casulo, pende a felpa.  
Do níveo algodão; bem quais, d'Odino  
Nas plagas, os Carambanos alvejam.  
No matizado prado ergue a cr'oa  
O cheiroso ananaz, qual Rei dos frutos.  
A quente especiaria aqui se encontra,  
Os bálsamos, o aroma, e a casca amiga  
Da existência dos Homens. Mais brilhantes  
Mais vivas cores patenteia Flora,  
De mais gostosos, mais formosos frutos  
Pomona aqui se arreia: aqui de Ceres  
São pródigos os dons: mais longe encaro  
O gigante das águas, dominando  
Déspota sobre os mares. Nestes climas,  
Ao lado de tão sólidas riquezas,  
Porque as fontes desse ouro insultuoso,  
Desse empeço da indústria, esse qu'incita  
As sórdidas paixões, deslumbra o Estado,  
Natura pôs? Ansiosos dele os homens  
O curso aos rios mudam, desmoronam  
Os montes, e insultada a Madre terra  
Na face estéril sua injúria ostenta.  
O insulto, pertendi vingar de Ceres,  
Deixando a Pátria, por alheio clima.  
Luzes vim mendigar. – E quando o esp'rito  
Refocilar da lida pretendia;  
Deleitavam-no as Musas – Li teus versos,  
E Horácio, em Luso metro, ler cuidando,  
À mente, e ao coração juntos falaram.

Ah! quantas vezes lamentei teus fados!  
 Quantas, depois, aos meus graças hei dado,  
 Que não permitido eu visse o Vate Luso!  
 Poético stádio tu me abriste:  
 Sem o incentivo teu, sem teus conselhos  
 Como versejarei, de ti distante?  
 Teus versos estudar, louvar teu nome,  
 Em baixa escura prosa, é quanto alcanço.  
 Os perigos do oceano fraudulento  
 Vou de novo arrostar; vou ver o berço  
 De Franklin imortal: ficas Filinto,  
 E eu parto... Porque o mar divide as terras?  
 Porque os corpos ligar, fiel, não sabe  
 O, que almas liga, laço da Amizade?  
 Tal quer a Natureza, e tal nos dita  
 Na saudade; atracção que o peito arrasta  
 Para ao do Amigo, que está longe unir-se.  
 Se os Céus derem, que um dia, a cara Pátria  
 O mui querido Pai, e Amigos veja,  
 Connosco vivirás Filinto Amigo.  
 No certame Poético, teus versos  
 Nosso farol serão. O Luso idioma  
 Hemos de estudar neles, e contigo  
 Relendo-os vezes mil, conversaremos,  
 E quando juntos, no amical banquete,  
 Nos copos espumar festivo Baco,  
 O primeiro tinir será teu brinde.  
 Em tanto qual vai ser a sorte minha!  
 Alheias terras deixo, alheias busco.  
 Quando verei os *bosques, onde infante*  
*Dei os tenrinhos passos mal seguros,*  
 Quando... Filinto adeus, lembre-te às vezes  
 O mui saudoso, grato Amigo Borges.

~~~~~

Começava estes broncos, mas sentidos adeus quando o muito estimável mimo da Ode, que me enviou, lágrimas me arrancou: tanta ânsia tinha quando cheguei a França em querer vê-lo, quanto medo tenho agora de ir a Choisy; todavia antes de partir não hei-de lá ir uma só vez, hei-de ir várias – Tenho tempo, pois que a partida se alonga.

– Deixemos tristezas; – quando lá for levar-lhe-ei o meu Epicédio revestido de outras roupas; então dar-me-á o seu parecer. – Enquanto às regrinhas pelas quais encetei esta carta, não pensava escrevê-las quando peguei na pena; o coração as foi ditando, e se a mão não soube traçar o que ele sentia, a culpa não é dele, é dela – E que hei-de eu fazer? se ela não sabe escrever melhor! – Li a sua dissertação àcerca de Horácio, e deu-me sumo gosto. Muito desejo ver certa obra sua, que ao dizer do Senhor Brito, e Verdier, «é a melhor cousa, que lhe tem saído de pena» – Cá me deram outra notícia; e vem a ser, que certa Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> [xix] lhe ia levar, da parte da Ex.<sup>ma</sup> sua Mãe [xx] nova tradução da Poética de Horácio.

# ODE

## AD SODALES

..... eripe te moræ.

HORAT. *Lib. 3. Od. 29.*

ORA Febe nos móstre a face inteira,  
Raiando brancas luzes emprestadas;  
Ora apenas uma orla mal-luzente,  
Nos escasseie avara;  
Nenhum dos bons Amigos de Filinto  
Se lembra que ele vive na Tebaida:  
Um culpa o Inverno frio, as alvas neves,  
Outro os mui breves dias.  
Eis chega a Primavera, a louçania  
Das arraiadas flores, a esmeralda  
Dos férteis prados, com a amiga sombra  
Das árvores folhudas;  
Nenhum se arranca de Paris, do encanto  
Dos Concertos, das Óperas, dos Bailes:  
E Filinto aturado Anacoreta,  
Bebe porfiado enojo.  
Se inda hoje, em meu semblante vecejasse  
Da Mocidade a flor, se inda outra Nise,  
Ou branda Márcia me encantasse os ócios,  
Com donoso sorriso;  
Se, em Tebaida morassem Britos, Borges,  
Navarros, e Correias eruditos,  
Fora mais leve a mágoa, mais macia  
A dor da Saudade.  
Mas, de ferozes ventos alquebrado  
O baixel de Filinto, em vasto Oceano  
Da Calúnia, e Desterro empobrecido,  
Cede o lado à tormenta,  
Descose-se o costado, e toma em cheio  
As ondas da Amargura, em que se alaga;  
Vai quase a pique já seu baixel roto,  
Cansado o Sofrimento.  
Não fora assim, se as Parcas me fiaram,  
Lá, nas lôbregas Casas do Destino,  
Um longo estame de palreira vida,  
Igual ao da Vizinha  
Hécuba desdentada, que borbota  
Da sumida, bachareleira boca,  
Perene fluxo de conversa, e nunca  
A Solidão a enoja!





## FÁBULA

**M**UI contente um Paizinho  
Nas graças do Filhinho se mirava:  
Seu, ou não seu, não o diz a História ao certo;  
Mas (certo!) bem sabia  
Que a Sposa lho pariu; que o Padre Cura  
Por Pai o pôs no assento.  
Calem-se as línguas más. Enfio o Conto.  
Toma o Paizinho, sobre seus joelhos,  
O engraçado fedelho,  
Que lá pula, lá dança, e do Inês d'horta  
Nos hombros se empoleira;  
Lá grita: – *Ai, meu Paizinho,*  
*Que Anões que são os homens comparados*  
*Co' a minha alta statura!* –  
Um posto dai ao Néscio; ei-lo já crente,  
Que os outros são enguiços.

## ODE

*Non doctarum ederæ præmia frontium  
Diis miscent superis me.*

HORAT. *Lib. 1. Od. 1.*

**P**OIS que o Senhor Mandar põe seu capricho  
Em vir ver uma cara velha e feia,  
Com gosto espero, no ermo da Tebaida,  
Receber-lhe a visita.  
Não só, na dorna, recebeu Diógenes  
Do famoso Alexandre a glória splêndida;  
Mais mesquinho do que eu, a Dom Quixote  
Recheu Montesinos.  
Monsieur Mandar, a quem tão poucas Odes  
Tanto assarapantaram, que dissera,  
Se além de oito volumes já impressos  
De Odes tais e quejandas,  
Visse inda oito volumes manuscritos  
De burundanga igual, prestes e lestes  
*Mandare typis*, que somente aguardam  
Dinheiro, para o custo?  
Cá fiz as minhas contas; todos juntos  
Líricos Vates Gregos e Romanos  
Não fariam metade dos volumes  
Do tal Filinto Elísio.  
Sempre do que val pouco há grande cópia.  
É raro o Bom, raríssimo o Sublime.  
No corno cresce o Boi ruim: Urtigas  
Medram melhor que Rosas.  
Todo o caso que fez das minhas trovas  
De preconceito vem. Deu-lhe a Notícia  
Candeinhas a ver; julgou, por elas  
Ver sóis, no que eram trevas.  
Tal conceito não fez, nem fará nunca  
O Pai, que as engendrou: que inda hoje mesmo,  
Se a Pachorra lhe não cortara os ímpetos,  
As tornaria à forja.

## A PASSAGEM DE VÉNUUS

**M**ONSIEUR Mondor, amigo de Cassini,  
Convidou a jantar Damas, Fidalgos;  
E depois de jantar, irem de rancho,  
Pelo disco do Sol ver passar Vénus.  
Ei-los, à porta já do Observatório,  
Quando a gente de lá se despedia.  
« Monsieur Mondor, chegámos já mui tarde.»  
(Diziam pesarosos os do rancho)  
« Se Vénus já passou (muito redondo  
Respondia o Mondor) sou grande amigo  
De Monsieur de Cassini, e ficai certos,  
Que o favor nos fará, por amizade,  
Que Vénus, vinte vezes, se lho eu peço,  
Por tal gosto nos dar, passe, e repasse.»

### ODE

Gaude sorte tua.

HORAT. *Epod.* 14.

**Q**UE Lucifer levou para os seus quintos  
Infernos um Capucho assaz roliço;  
E com ele levou duas rodela  
De espreitador calibre?  
Castigou-o Pilatos, porventura,  
Porque as promessas não cumpriu, bargante?  
Foi bem feito. Esta vez Pôncio Pilatos  
Sentença deu mui justa.  
Vêde, que eu devaneio despeitoso!  
O tal Capucho, a flux, fragalhoteia,  
Por Quintas, por Campinas florejantes,  
Sem que o Vate lhe lembre.  
Entre jogos, e equívocos bicudos,  
Do falar atravessa o chão sentido;  
*Fait de l'esprit* avesso do bom senso,  
No cortejo das Damas.  
Tempo virá, que na cabeça calva,  
Algumas lisas cãs mal-semeadas  
O avisem (mas quão tarde!) do descuido,  
Com que tratou Filinto.

## DOENÇA DE D. CLÓRIS

D. CLÓRIS

**A**i Doutor; não vir ontem acudir-me!  
Apertou-me uma dor... Mas dor tão forte;  
Que o não pode ser mais a dor da morte.

MÉDICO

Dum apertado parto despedir-me  
Não pude, em toda a noite. Aqui me tem.  
Veamos onde é a dor. (D. Clóris) Ai, muito aflita  
Me vi; mas não me lembra agora bem.  
– Onde é que eu tive a dor? Responde, Rita.

# ODE

## AD SODALES

Oblivioso levia Massico  
Ciboria exple. ....

HORAT. *Lib. 2. Od. 7.*

EI-LOS, me chegam. Ei-los que celebram  
Este quatro de Julho; e que, à saúde  
Do Velho Vate, empinam dons de Baco  
Rubicundo, e festivo.  
Viva Baco, e Sileno; vivam Ménades  
Dance aqui Vénus, dancem lindas Graças:  
Co' alterno pé descrevam figurados  
Emblemas da Vitória.  
*Abiit, excessit, evasit, erupit*  
O Tribunal infame; cabisbaixo  
Morda, e trague o *Citote* inquisitório,  
Em que, iníquo, estribava,  
Ao retininte som de alçados copos,  
Cantem as Musas ledos Epinícios;  
E os Amigos, com cândidos aplausos,  
O Canto lhe acompanhem  
Em quanto engano a esquiva Malquerença,  
Calúnias de Megera, <sup>[xxi]</sup> e que as sepulto  
Numa taça de rúbido espumante  
Licor deslembutivo,  
E, nos braços dos bons Visitadores.  
Cobro consolações, aperto esforços,  
Para esganar enojos solitários,  
Em que a Tebaida abunda.

## ODE

Molis inertia cur tantam difuderit insis  
Oblivionem sensibus

HORAT. *Epod.* 14.

**E**SPEREI. – Esperei . – Já desespero  
Da visita dos Lusos madraceiros.  
Todo esse argel de Cartas, e Promessas  
Deu consigo em Pantana.  
Todo o poder das Fadas deu em droga.  
Cinco Vizinhas minhas, todas Fadas,  
(Com seus laivos de Bruxas) por mais rogos,  
Com que favor lhes peço;  
Não puderam dar inda um leve abalo  
A tão ronceiro, esquivo desmazelo.  
Fui ter com Vénus, fui-me ter com Jove,  
C'o versífico Febo  
Todos achei tão fracos, e esmalmados  
De acudir às chamadas dos Poetas,  
Que nem falar podiam: – c'um aceno,  
Embora me aviaram.  
Viva o Senhor Mandar! Isso é que é gente.  
Ontem correu Choisy, muito aguçado  
Sem me atinar co' a porta e sem falar-me,  
Tomou, mui guapo, o *tolle*.  
Ficai: madraceirai: não venhais nunca.  
Que se eu me agasto, mando lá Megera,  
Que vos há-de aguçar, mal que vos arme  
Demandas, e penhoras.

## ODE

Possent ut juvenes visere fervidi  
Multo non sine risu,  
Dilapsam in cineres facem.

HORAT. *Lib. 4. Od. 13.*

**A**O vir buscar o perguiçoso leito  
Do passeio da tarde esparecido,  
Refocilada a mente dos barrancos  
Mal-vencidos de Sílio ,  
Não me estremece o peito, com pavores  
De vir quebrar-me o sono atroz Esbirro;  
Mostrar-me a Palma, a Cruz, a Espada, insígnias  
Do infame Santo Ofício.  
Nem, se uma voz soltei mais livre, os sustos  
Me anseiam, que engolida pela orelha  
Um Frade, um Nobre stúpido e fradesco  
Em denúncia a vomite.  
Hoje, indo a roda volteando o Tempo,  
Me assinalou, de longe, o quarto lustro,  
Dês que deixei a Pátria, saudoso,  
E os braços dos Amigos.  
Assinalou-me erguida a mão furiosa  
Da Inquisição iníqua, e a boca aberta  
Da Calúnia; os grilhões, que vêm rugindo,  
Franca a masmorra escura.  
Mas, doutra parte, com risonho gesto,  
Me apontou, desparzindo, a Liberdade,  
Seus raios salutíferos, na França,  
Em claro meio-dia.  
Láctea via apinhando, vai correndo  
Até à Capital do Orbe Romano;  
Sentada no Tarpeio, lança os olhos  
À Sardenha, à Sicília.  
Como volvia, na Sob'rana ideia  
Os votos, as ofrendas, com que as aras  
Lhe cumulavam, nessa idade antiga,  
Valentes Lusitanos!  
E quão desmerecidas vê agora  
Travada a língua, as mãos maniatadas  
Dos que no peito a invocam, lhes têm prestes  
Perenes sacrifícios!  
« Oh Liberdade! Oh santa Liberdade!  
(Reclamam, com voz baixa, os desditosos)  
Vem restaurar teu Templo, erguer a chama,  
Que este ar apure, e aclare.  
Co' a poderosa mão arruina, arrasa  
O covil dos ferozes Polifemos,



Dos Busires de loba, que estragaram  
As carnes inocentes.  
Pise-lhe aos pés a ruína o Passageiro;  
E erguendo as mãos aos Céus, bendiga os Francos,  
Bendiga os Portugueses, que seguiram  
Tão heróico exemplo.  
E os vindouros estranhem, que a sofrêssemos,  
Erguida em mal dos Bons, essa fogueira;  
Cujas cinzas então o Austro, zombando,  
Sobre-as na cara, aos Frades.»

## ODE

O Donna, o don del cielo  
Qual cosa non hai tu del ciel più bella?

*Pastor fido atto 3.*

QUEM queres que eu celebre, ingénuo Brito,  
Na enrouquecida Lira?  
Da belíssima Anarda? Não concordam  
Formosura, e Velhice.  
Orço c'os sessenta anos; frouxa a dextra,  
Pela atesada corda me resvala;  
E a voz que forço a remontar do seio,  
Arqueja de açodada.  
Os Amores, os Cantos presumidos  
Que rodavam no bojo, e pelas cordas  
Da Lira de Venusa, há longo tempo  
De mim se despediram,  
Para ir pousar na estudiosa banca  
Do bizarro Araújo, e lá, consigo  
Levaram de presente as duas Pombas  
Da Cípria carruagem.  
Olha-o na luta, as forças ensaiando  
Entre versões perluxas do árduo Horácio.  
Hoje o traduz; e já amanhã o iguala.  
Quem sabe, se inda o vença?  
Ele é quem só pudera o teu assunto  
Desempenhar, com ampla glória, oh B....; [xxiii]  
Se desferisse o Canto delambido,  
Que às ocultas entoa:  
O Canto, com que enleva o brando ouvido  
Do Morgado M\* \* \*, do Doutor Sola,  
E o teu, que lhe concedes primazia,  
Sobre os teus Gerundíticos.

## ODE

..... Hinc apicem rapax  
Fortuna cum stridore acuto  
Sustulit. ....

HORAT. *Lib. 1. Od. 34.*

QUE diferente que vinhas, há trinta anos,  
Dia de regozijo, ladeado  
De Apolo e Musas, com lauréis, e rosas,  
C'roar ditoso Vate!  
Então Dorindo, <sup>[xiv]</sup> Alfeno, <sup>[xxv]</sup> e a linda Márcia, <sup>[xxvi]</sup>  
E a Amizade, c'o bando dos Amores,  
Co' a taça em punho, alçavam boa estreia  
À tua alegre vinda.  
Então coberta a mesa não pomposa,  
Mas abastada, e franca, oferecia  
Aos gratos olhos do feliz Filinto  
Os mimos amigáveis.  
Pirâmides de louras trouxas de ovos,  
Honravam o dessér, entre mil doces,  
Lidado empenho dos devotos dedos  
Da afeiçoada Freira.  
Brómio espumante no cristal dourado,  
Já louro, já vermelho trasbordava;  
E entrando co' a Alegria nas entranhas  
Gaifonava nos rostos.  
Quanto hoje eu dessemelho no agasalho  
C'um pedaço de boi, nu de ave, ou paio!  
C'um vinho, a que Sileno o nariz torce,  
Mesquinho te recebo.  
Delmira (e inda dou graças à Fortuna)  
É quem só me deseja anos felizes,  
E trincando, uma vez, copo com copo  
Me festeja este dia.  
Mudam-se os tempos, mudam-se os manjares.  
Sorve o Fado a despensa dos Poetas;  
E se Apolo lhes enche de Estro o espírito,  
Lhes vasa as algibeiras.

## SONETO

**D**E preconceitos maus desempoado  
Um Guapo Monsenhor Patriarcalense,  
Monsenhor, que os roquetes todos vence,  
No viver co' a Razão muito apontado;

Afável, e cortês, c'um desterrado,  
Dando à Amizade o dom, que lhe pertence,  
Obra bem, (e por gosto) e se convence  
Do que o ouro val, por dignas mãos bem-dado.

Musa, abre os olhos, tal milagre admira!  
Entoa um Hino excelso, e primoroso  
Na mais rica, e mais campanuda Lira.

Mas, se inda (por bom Fado generoso)  
Tens V....: – vai-lho dar; que só suspira  
Por V....; – só de V.... é guloso.

## SONETO

**P**ODE o meu Fado injusto, e desabrido  
Atribular-me o sp'rito com cuidados;  
A Inveja e o Ódio apunhalar-me irados,  
Sem me ouvir um só ai, um só gemido.

Pode um Tirano qual Leão ferido,  
Acometer-me com sanguíneos brados;  
Verei, sem me assustar, de ferro armados,  
A seva Morte, o algoz endurecido.

Pode a Terra aluir-se, e nas profundas  
Moradas da roaz Melancolia  
Mostrar-me Erines tortas, furibundas.

Pode mais... Mas se eu vejo a fradaria  
Aspada, com patronas injucundas,  
Fazer não pode, que eu não folgue, e ria.

# ODE

## HAGÆ COMITUM

O magnus posthac inimicis risus!

HORAT. *Lib. 2. Satyr. 2.*

**E**SSES livros tão pulcros, tão dourados,  
Que a matar gente ensinam,  
E a derribar muralhas, devolutos  
À queima! – Que amargura!  
Assim o quis o Fado; e assim quiseram  
Indisciplinos Galos,  
Que enfadaram Coburg, depois de terem  
Posto Brunswick de lado.  
Os Reis, e os Generais vão naufragando  
Nos escolhos, que bordam  
As praias da sagaz Filosofia:  
E os Talapões, e os Bonzos  
Já aprestam orações de agonizantes  
Aos caducos Pagodes.

# DIÁLOGO

## ENTRE O POETA, E O MOÇO

POETA

VAl ver, Rapaz, quem é, que à porta bate.

MOÇO

É um bode em pé, que traz uma sacola,  
E um pequenito, louro bonifrate;  
Para o sepulcro vem pedir esmola.

POETA

Conheço o logro desse grão birbante,  
Não caio na fradesca alicantina.  
Dize-lhe, que eu também, sendo estudante,  
Andei c'o sacco e entrei na gulosina.

## ODE

Non libet in tales animum contendere curas,  
Nec venit ad duros Musa vocata Getas.

OVID. DE PONTO. *Lib. 1. Epist. 5.*

**P**ORQUE consentes, Clio, que o teu Vate  
    Passe entre Getas amargosos dias,  
    Longe de ti, longe das fontes claras  
    Do laurífero Pindo?  
Em que desmereci, que assim me entregas  
    Às terras, que desama o louro Apolo;  
    De sapos fartas, fedorentos brejos,  
    Sem louros, sem searas?  
Dás ao Caldas, e alarve Castrioto  
    Os ares Ulisseus a mim negados:  
    Por maus versos má prosa dás-lhe a veia  
    Do Tejo auriluzente?  
E eu, co' estes gansos, que em grasnar porfiam,  
    Queres, que aprenda a fabricar cachimbos,  
    Batatas adubar, ferver cervejas;  
    C'os gansos, seja eu Ganso?  
Pois ouvir-lhes a fala!... *Vade retro.*  
    Antes ser mouco. – Os meus ouvidos puros,  
    Onde Horácio cantou, cantou Virgílio,  
    Sujos com *nighe-naghe!!!*  
Onde há Castálias! Onde há aqui Parnassos?  
    Terra sem fontes, terra sem montanhas,  
    Terra de solidão, sem trato amigo,  
    Cartuxa de avarentos!  
Serás contente. A voz já me enrouquece:  
    Já torpe a Lira não responde aos hinos  
    Que altíloqua sou, noutra era de ouro,  
    Pelos auritos montes.  
Irei buscar aos campos a Alegria?  
    Aos campos a saúde? Entre uns Jagodes  
    Faltos de danças, faltos de folguedo,  
    De Cômô e Baco odiados?  
Irei, por gran função, rilhar, num canto,  
    Correias de rançoso pergaminho,  
    Bem travadas de espinhas maresias  
    E molhá-las com birra.  
Acode, oh Clio; vem, sê compassiva  
    Co' Vate, que ao nascer, no teu regaço,  
    Recolheste risonha, e ao Venusino  
    Levaste, para Aluno.  
Desce agora, como hoje descendias,  
    Quando inspiraste a vencedora fuga,



E baldaste os flamívomos furores  
Da Inquisição infame.

# EPITÁFIO

DE J. J. ROUSSEAU

COM claro ingenho, com saber profundo  
Abriste à França, – e, quem me diz, se ao Mundo  
Das Leis, da Liberdade o sacro Templo,  
E às dignas Mães da Natureza o exemplo.

## TRADUCTION

Ton génie, ô Rousseau, ta science profonde  
Conduisit les Français au temple saint des lois;  
La Liberté, par toi fut annoncée au monde  
Et la maternité vit respecter ses droits.

AUGUSTIN ROUTIEZ

## EPITALÂMIO

Brûlez d'une flamme constante  
Époux, heureux époux, soyez toujours amants.

VERGIER

**HÍMEN**, oh Himeneu  
Desce, Himeneu, do Céu sagrado, desce  
    Coroado de rosas;  
Vem unir com Marília o lindo Aónio,  
    Um do outro escolha digna.  
Vem, que com rogos, com sonoro canto  
    Ansioso te intercedo...  
Mas eu, que sinto! Que prodígio santo  
    Me aligeira, me eleva  
Nas asas, que ornam sp'ritos abrasados!  
    Onde é! que me eu remonto!  
E quem me chama, nos luzentes ares?  
    És Hímen, Himeneu,  
Que a mão me dás, por que em teu Templo admire  
    Os quadros de alta História  
Onde apontas os prósperos sucessos  
    Dos Consortes felices,  
De que sinto a memória tão pejada,  
    Que a publicá-los corro...  
Eis que Himeneu me cerra c'um sinete  
    Os lábios insofridos;  
Porque ao profano Vulgo não proceda  
    Que, em despeito dos Fados  
O arcano revelado lhe antecipe.  
    Eis desce, e em puro lume  
Da ara nupcial acende ambos os fachos,  
    Que hão-de abrasar os peitos,  
Dos Esposos com que ardam à porfia  
    Em carícia incessante.  
Por todo o trilho, que nos ares fende  
    Me vem ditando meigo  
A nova, a transcendente melodia,  
    Com que suave entoe:  
« Sede sempre festivos, sempre amantes,  
    Em virtuoso laço,  
Esposos, que amo; e prósperos nos Filhos  
    De ingenho, e brio ornados  
Virtuosos Heróis, que a Pátria illustrem.»

## EPIGRAMA

QUIS um Príncipe entrar na régia Liga  
Do Bem público, e da Justiça amiga:  
Na Gazeta, uma Armada alardeou,  
Que arou mares de França – a viu – e entrou  
Com a guerreira proa  
No pacífico porto de Lisboa.

## ODE

..... Cum tua  
Velox merce veni.

HORAT. *Lib. 4. Od. 12.*

COMO virá inchando o nosso B \*\*\*.  
Que falou c'o Regente, face a face;  
Qual face a face viu Panurgo em Roma  
O Papa. Oh gosto! oh Dita!  
Que entufados trará os dous ouvidos  
Com palavrões que a francesismo travam?  
Mas lá 'stá o Caldas, que lhos dulcifique  
Com trovas casqui-moles.  
Que frades que lá viu! que sermões guapos  
Daquele argel de Cíceros machuchos,  
Por des-gravidação tão badalados  
No Campanário Hennerti!  
Depois de ouvir as filigranas vozes  
De Meninas, de angélicos Capados,  
Com mais tédio ouvirá cá dos Casmurros  
O arranhador grasnido.  
Virá sujo das gosmas fidalguescas,  
Se as não limpar com lenços da *Igualdade*,  
De que levou das Loges Parisinas  
Provida fatiota.  
Mas venha ele; e nos traga a Paz risonha,  
Com saudades, a Olindo o bem-dansante;  
E para mim, luzente coscorrinho  
Nas largas algibeiras.

# ODE

## TRADUZIDA DE HORÁCIO

*Lib. 1. Od. 12*

QUE Homem, que Herói, que Deus, oh Clio eleges  
Na Lira celebrar, na arguta flauta,  
Cujo nome re-cante Eco engraçada,  
Na umbrosa faldá do Hélicon?  
Ou nos cumes do Pindo, ou do Hemo frio?  
De donde, após Orfeu, se desprendiam  
As selvas, de rondam, quando cantava,  
E com arte materna  
Demorava as correntes despenhadas,  
E os ventos desenvoltos e co' as cordas  
Canoras, convidava brandamente  
Os auritos Carvalhos?  
Quais louvores, primeiro, que os usados  
Dar a Jove, direi? que o Mar, e as Terras  
O Orbe, e o trato dos Homens, e o dos Deuses  
Dispõe, variando os tempos?  
Tal, que nada é nascido maior que ele,  
Nada se alenta igual, nem lhe é segundo  
Só Palas ocupou logo, após Jove  
Imediatas honras.  
Nem, Baco, hei-de calar-te, afouto em lides;  
Nem tu, Virge' inimiga das bravias  
Feras; nem, Febo, tu, para temido  
Pelas certeiras flechas.  
Direi Alcides, e de Leda os Filhos?  
Bizarro Cavaleiro este realça,  
Aquele destro Atleta. – Apenas brilha  
Sua alva estrela aos Nautas,  
A água alv'rotada escorre dos rochedos,  
Quebram os ventos, fogem os negrumes;  
Dorme no pego a vaga ameaçadora,  
(Que assim o eles quiseram.)  
Traz quem, hesito se hei-de nomear Rómulo,  
Ou já Nume, e o manso Reino seu; ou Varas  
Soberbas de Tarquínio, ou já a morte  
Briosa do Uticense?  
Narrarei grato, com insigne Tuba,  
Scauros, Régulo, e a ti pródigo, oh Paulo,  
Da grande alma, quando a assoberba Aníbal,  
E a ti, Fabrício, e a Cúrio  
De empeçada melena (bons na guerra!)  
Com Camilos: do chão Pobreza austera  
Os ergueu, e os criou, nos competentes  
Lares, (avita herança!)  
Como Árvore de idade obscura, medra

A fama de Marcelo; a Estrela Júlia  
Entre todas reluz, qual splende a Lua  
Entre os fachos menores.  
Padre, e Conservador da stirpe humana,  
Satúrnia prole, os Fados te incumbiram  
Velar o Grande César. – Reina, e César  
Seja segundo Jove.  
Ele, ou leve em triunfo bem-ganhado,  
Os já domados Partos, iminentes  
Ao Lácio, ou Seres, e Indos, já vassalos  
Lá dos berços da Aurora;  
Contentar-se-á, se rege manso e justo  
O Orbe extenso, menor que tu, que o Olimpo  
Co' grave coche abalas, raios vibra  
Hostis a incastos bosques.

## DESCRIÇÃO

QUE sítio encantador! A Primavera  
Surge aqui, como a Aurora  
Do mais formoso dia. Aqui se logram  
Os bens, que ela consigo  
Vem trazendo, e inda os bens, que além promete.  
Os fulgores de Apolo  
Já grávidos vapores os não turvam;  
De Sírio as lanças rubras  
Não lhe espertam o ardor; e uma luz pura,  
Que se estende, e repousa  
Na mole flor, na verdejante folha,  
É a luz, com que no Olimpo  
Os Numes se aureolam. Quando ela abre  
A lice do Horizonte,  
E dá combate às trevas, e as derrota  
Nos ramos se alvoroça  
Das folhas o verdor recém-nascido.  
Com os Hinos das Aves,  
E c'ó som das sanfonas, que a Montanha  
Remete ao prado, em ecos,  
Ressoando estão as margens do Ribeiro:  
E quando o Sol resvala,  
E entre véus de ouro transparentes, foge,  
As Ninfas destas veigas  
Vêm, com tímido pé na miúda relva  
Tecer ligeira dança.  
Nem a fugida luz tarda a ser vista,  
E brilho igual trajando,  
Da usada ausência as saudades rompe;  
E faz, que até se olvide  
A estrelada mudez da fresca noite.  
Sol novo, em novo Mundo,  
Lhe aumenta, a cada lance, a formosura.  
Caminha a aperfeiçoar-se,  
A seu influxo, a face do Universo.  
Que toques não dão na alma  
Da Noite a mansidão, da Luz o brilho?  
Que cópia de deleites,  
Não devolvem tais quadros, nos sentidos?  
Como te vi, neste ano  
Deus dos Prazeres, Deus da Primavera  
Raiar toda a tua glória!  
Passear triunfante, nestes campos  
Destrançando da frente  
As flores, com que os prados esmaltavas!  
Se ao vale ias descendo  
Enverdejava, e ria a parda Terra.  
As Serras te saudavam  
(Quando as tu visitavas) com perfumes



Do Serpol, do Tomilho.  
Adejando nos ares, desparzias  
  Dos teus serenos olhos  
O Sossego; e os Amores acorriam  
  Ao teu mimoso aceno  
A disparar flamígeros virotes:  
  Ardia o monte, o vale.  
Eis tudo nasce, tudo se enformosa  
  E em aprazer se esmera.  
Tal, ao romper do Caos, estava o Mundo,  
  No prazo delicioso,  
Em que enlevado Adão, no seu domínio,  
  E, de existir contente,  
Na Dita que o cercava tinha fixas  
  Todas do sp'rito as posses;  
O coração aberto a mil desejos,  
  A alma pronta a cumpri-los.

## ODE

..... Si neque tibus  
Euterpe cohibet, nec Polyhymnia  
Lesboum refugit tendere barbiton.

HORAT. *Lib. 1. Od. 1.*

QUAL fora o meu prazer, se hoje sentados  
Comigo à mesa, alegre celebrassem  
Quatorze lustros, menos dous Invernos  
Do cândido Filinto  
As Damas e os Amigos, que me honraram  
Com sincero querer, com meigo afago,  
Co' a Amizade sem preço, em dias ledos,  
E em anos de infortúnios!  
Como em torno de nós adejariam  
Ora o sorriso brando; ora, entre os brindes,  
De Baco festival, o chiste airoso  
Que as frentes des-franzisse!  
Embora fora parca, e pobre a mesa,  
A Amizade engenhosa, divertida  
Adubaria os pratos, sabor dera  
De Faisão, ao Marreco.  
O vinho da taverna fora néctar,  
Ambrósia a sopa; tal, que a cobiçassem  
Lá no Olimpo, prová-la à nossa mesa  
Os enfatiados Numes.  
E quem sabe se ao ver o meu Marreco  
O Senhor Jove não recorda o Cisne,  
Que com fogoso apego deu a Leda  
Tanto amoroso beijo?  
E quem sabe, se os Numes, descobrindo,  
Pelo alçapão do Céu tal desfástio,  
Não quisesses tomar seu regabofe  
Na concorde alegria?  
Eles já com menor razão, desceram  
Às bodas de Peleu, e a vários bródios  
Que este nosso convite não valiam  
Na engraçada lisura.  
E que fora, se Píndaro e Horácio,  
Disfarçados em Matevon, e Alfeno  
Desatassem os rios da áurea fala,  
Em Délfica harmonia?  
Se nas Damas Euterpe, e mais Polímnia,  
Disferindo do Pindo as Cantilenas,  
Embebessem este ar no douto Canto  
Procriador de Vates?  
Oh, que então não tivera inveja a Jove,

Nem mais Divos do Olimpo, quando nele,  
Nua, e das salsas ondas orvalhada,  
A Vénus recolheram.  
Embora Hebe almo néctar lhes entorne,  
E Apolo lhes module, em Lira de ouro  
Dulcíssonas canções, e que os divirta,  
Com chocarrices Momo;  
Eu mais feliz que Jove, e os Numes fora.  
Os Numes: como os Reis, não têm amigos;  
E os que eu, por meus nomeio, são de prova,  
E em nada aos Numes cedem.

## EPIGRAMA

O Médico Purgão, ao seu doente  
Que de enjojo e descanso marasmava,  
Dieta, e mais dieta recomendava,  
Cama, e mais cama, e ser mui continente:  
Co' isso à fouce da Morte fugiria.  
Nisto um Amigo vem, que officioso,  
De Purgão zomba, e c'um bom vinho anoso,  
C'um naco de presunto, o desafia.  
Eis que se esperta o enfermo, come, e bebe  
Brinca, e salta, faz mimos, faz carícias  
À sua Dona da casa, que em delícias  
Paga os mimos ausentes, que recebe.  
Cansado se deitou. – Purgão à toa,  
« Mui bem (Ihe diz) minha receita é boa.»

## ODE

..... apricos necte flores,  
Pimplea dulcis.

HORAT. *Lib. 1. Od. 26.*

**A**RROSTE Cook, arrote La Peyrouse  
Os penhascos de gelo, os crus Selvagens,  
Um nas ondas naufrague, outro ache a morte  
Na buída azagaia  
Por ter nome no Mundo, e ser cantados  
Por algum Vate ocioso, de que dera  
Lá, num canto do Pólo, c'uma ervinha,  
Não-vista entre Botânicos:  
Decepe o Grão Sultão, co' alfanje frio  
Do Visir a cabeça basti-barba;  
Ou nos turvos enredos do Serralho  
Se lhe azoe o juízo;  
Pois que ingenho maior, mais perspicácia,  
Não dá com mão mais franca a Natureza  
Aos Sultões, que a um scravo; e talvez menos,  
E esconso, e mal-guiado:  
Que eu, c'roando em Paris, risonho a mesa  
Com honrados Amigos, Damas guapas,  
Zombo de aleives, zombo de Tiranos,  
Longe da sua alçada.  
Desce, oh Musa; festeja-me este dia,  
Dia salvado das cruentas garras  
Do vesgo Fanatismo; espalha as rosas  
Da alegre liberdade.  
Desça contigo Baco rubicundo,  
Que, exultando no seio dos Amigos,  
Me arroje os parabéns, cheios de riso,  
Entre empinados copos.  
Cante Delmira amores bem-logrados,  
E as três Irmãs (três Graças) co' ela entoem  
Os poderes do facho inevitável  
Do jucundo Cupido.

## ODE

AO IL.<sup>MO</sup> EX.<sup>MO</sup> SENHOR D. LOURENÇO DE LIMA

Tuque, testudo; resonare septem  
Callida nervis:  
(Nec loquax olim, neque grata, nunc et  
Divitum mensis et amica templis),  
Dic modos, *Lima* quibus *obsequentes*  
Applicet aures.

HORAT. *Lib. 3. Od. XI.*

SE atégora, invoquei Apolo, e Musas,  
Para Márcias cantar, cantar Delmiras,  
Hoje, que à mesa assiste o meu Bomtempo, [xxviii]  
Destro em sonoro piano:  
Hoje, que nova Clío Portuguesa  
Ameiga este ar Francês com voz suave,  
Só dessa Musa, só do tal Apolo  
Beber o influxo quero.  
Hoje, que, há cinco lustros, quasi estive  
Morador das masmorras do Rossio,  
E que (adeus graças!) bebo salvo, a gosto  
Das Damas, dos Amigos:  
Quero, com este copo, transbordante  
Saudar Dom Lourenço, cá de longe;  
E mandar-lhe o meu brinde envolvido  
Neste Délfico metro.  
Dom Lourenço reclamem, no Parnasso,  
Com ecos os Lauríferos cabeços;  
E a Fama, inchando o bojo à Tuba de ouro,  
Dê Lima aos Pólos ambos;  
Lima, de Reis progénie ilustre, e guapa,  
Que Alexandre não há, não há hi César  
Que o vença nem que ombreie (ao menos) co' ele  
No desfraldar promessas.  
Só peço à Mãe das Musas, a Mnemósine  
Lhe acuda co' a memória, de que é Deusa;  
E a Jove, que lhe acuda co' a vontade  
De mas cumprir bizarro.

## O ESCRÚPULO

CERTO Bispo almoçava: entra um fradinho  
Mui barbeado, muito amoladinho,  
Todo cheiros e fala adocicada.

BISPO

« Sente-se à mesa.» (FRADE) « C'uma Confessada  
Duas vezes já almocei.» (BISPO.) « E esta a terceira.»

FRADE

« Hoje, que da Paixão é Sexta-feira!!!»

## SONETO

### EM APLAUSO DA TRAGÉDIA ÓSMIA, PREMIADA PELA ACADEMIA DAS NECESSIDADES

**S**OBRE o nobre poial do Pelourinho,  
C'uma cana na mão o Doutrineiro,  
– *Quem diz o Credo?* Logo mui lampeiro  
Subia a espevitar-se um Rapazinho.

Persignava-se, e o *Credo* enfiadinho  
Se vinha a lume, em parto dianteiro,  
Tinha o Rapaz os vivos do terreiro,  
E a Verónica loura, de caminho.

Também tinha Verónica (sem Credo  
Saber de cor) mas só por cortesia,  
Rapaz louro. – Jesuítico segredo!

Como Jesuíta obrou a Academia,  
No stilo bom Juiz, bom Juiz, no enredo,  
Quando deu a Verónica a Ósmia.



# ODE

## DE HORÁCIO

*Lib. 1. Od. 13*

QUANDO de Telefo o rosado colo  
Louvas, oh Lídia, e os níveos braços louvas  
Ai! que as entranhas férvidas me empolam  
Com assanhadas iras.  
Nem juízo me para então, nem cores,  
Em seu fixo lugar; chove-me a furto  
Pranto nas faces, delatando o quanto  
Me gastam lentos fogos.  
Ardo, se os alvos membros, te magoaram  
Rixas, que imoderado causa o Vinho;  
Ardo, se o Moço, em fúria, nos teus lábios  
Ferrou lembrada nódoa.  
Se bem me crês, não tenhas por constante  
Quem tão bárbaro insulta os doces beijos,  
Que Vénus embebeu na quinta essência  
De seu subido néctar.  
Oh três vezes, e mais, afortunados  
Os que o laço não soltam, nem Cupido  
Por maus arrufos, antes da hora extrema,  
Despegado, os desune.

## A CERTA ACADEMIA REAL

**M**EMÓRIAS, e Memórias, – mais Memórias  
Sobre búzios, sobre Alga, sobre escórias,  
Se lêem com tédio, em certa Companhia  
De saber mui profundo.  
Anda azoado o Mundo  
Co' alto brado da dita Academia.  
Mas ao Mundo posso eu profetizar,  
Que desse espalhafato,  
Obra, que lamba o Gato  
Nenhum (por mais que sue) a pode dar.

## ODE

### AOS ANOS DE DELMIRA

À celui qui m'est fidèle  
Dit la sagesse éternelle  
J'assurerai mes secours:  
Je raffermirai sa voye;  
Et dans des torrents de joie,  
Je ferai couler ses jours.

**C**ONTENTE logre as horas descuidadas,  
Justo Varão, que ao mísero consola,  
Com escondida mão acode ao pobre,  
O enfraquecido ajuda.  
Entregue ao seu dever, os Céus contempla  
E ao seu Autor adora: vive isento  
De ambições; fita a vista na Inteiraça,  
Despede os maus cuidados.  
Para o descanso meu só este anseio  
Dele derivo a regra dos costumes.  
E porque nele os homens não se empregam?  
Todos foram felizes!  
Poucos bens, parco traje, sóbria mesa,  
Algo mais, com que possa dar socorro,  
A rogo vergonhoso;  
Bons Amigos, que dêem bom pasto ao sp'rito,  
Delmira, que a Velhice me disfarce,  
São os únicos bens, que ao Céu imploro  
Para morrer contente.  
Delmira, que (comigo dadivosos)  
Os Céus, por gran mercê, me concederam,  
E a quem peço lhe dêem perene fio  
De vida, e de ventura  
Se branda, se entranhada de amizade  
Continua em ser meiga ao seu Filinto,  
Filinto renderá aos Céus mil graças  
Dos dons, que ela lhes deva.

## EXCLAMAÇÃO

OH meus Autores, quanto sois ditosos!  
Cingis as frentes, com lauréis viçosos  
Gozais, em vossas lidas,  
Delícias desmedidas:  
Se sois bons, contentais as doutas gentes  
Se sois maus, de vós mesmos sois contentes.

## ODE

### AO SENHOR GASPARD BERTRAND PILAËR

Poscimus, siquid vacui sub umbra  
Lusimus tecum, quod et hunc in anum  
Virat et plures age dic *promissum*,  
Barbite, carmen:

HORAT. *Lib. 4. Od. 32.*

QUANDO nas margens do sereno Tejo,  
(Em dias mais ditosos)  
Tomava destemido a Lira de ouro,  
Que as Musas enramaram  
De vivaz Louro, e recendente Murta;  
Começava, nas águas,  
A remover-se um brando murmúrio  
Daqui, d'além se empola  
A borbulhante espuma; os Tritões verdes  
Fazendo largo cerco,  
Com as fitas orelhas me escutavam;  
Das cristalinas lapas,  
As Tágides formosas, para ouvir-me,  
Subiam à flor da água  
Sentadas em Delfins, aos ares dando  
Com garbo voluptuoso,  
Os alvos membros, e as madeixas soltas  
Em anéis, pelos ombros.  
Alfeno altissonante, e grão valido  
Do poderoso Febo,  
Pedindo vénia à contumaz Perguiça,  
Deixava o leito amigo,  
Seis passos dava, e vinha ouvir meu Canto.  
Do Loire o agudo Vate,  
Que estima ao Venusino, e o traz no peito;  
De Irlanda o ameno Cisne,  
Que Apolo inspira com trilingue orác'lo,  
No lado meu os via,  
Quando aplacada a fúria sonora,  
Tornava ao meu remanso.  
Que, antes... (de mim, por Febo, arrebatado  
Ao cume do alto Pindo,  
Pelas ínvias veredas despenhadas,  
Que Píndaro correrá)  
Deuses, e Heróis, ousado! Estrelas, mares  
E o Tenaro profundo

Com desenvoltas asas discorria.  
Quantas vezes, no voo  
Despedido, transpondo as Lusas raias?  
Novo Ícaro dei sustos  
A quem, co' a vista, a esteira me seguia,  
De dar meu nome ao pego,  
Quando rui do Olimpo Apolo inteiro,  
E me pesa no peito!  
Quando a Delfos, dum tiro, me abalanço,  
E Orfeu mais venturoso,  
A fatídica voz à Pítia roubo,  
Roubo a Erato o Canto,  
Bato às portas da Parca, e salvo Anfrisa!  
Camenas engenhosas  
Que outrora assim folgáveis de ensinar-me,  
As Canções Olímpicas,  
Com que, igual aos Varões, que o Mundo honraram,  
Os Castros, e os Albuquerque  
Cantei, com alta voz, que grande soa.  
Os mudos Nadadores,  
Não os vistes parar, descendo o Tejo?  
Parar no ar librada  
A tenra Pomba, o Rouxinol saudoso,  
Quando afinando a Lira  
Do amante Ancião de Teos, brandamente  
Discanto enternecido  
De Delmira a saudade, o amor de Márcia?  
Mas, que insofrível tédio  
É disferir o Canto em terra estranha!  
Longe daquelas Tágides  
Que à porfia os meus Hinos recolhiam!  
Longe dos bons Amigos,  
Que ânimo ao Vate, c'os aplausos, davam!  
Do Sena as cultas Ninfas  
Dos meus bárbaros sons tímidas fogem,  
E nas mais fundas grutas,  
Os ouvidos, co' as mãos molhadas cerram;  
Quais, na polida Atenas,  
Se estranhavam as Damas de escutarem  
O rouco som, grosseiro  
Do morador do Eurota endurecido.  
Hoje de novas cordas  
A Lira remontei, para cantar-te,  
Pilaër honrado, e amigo,  
E a bela Duplessis, teu puro incêndio.  
Invoco a branda Vénus,  
Chamo Cupido, e a tropa abrasadora;  
Com rogos, com incensos  
Cubro os altares, entorneço os Numes;  
Vejo descer risonhas  
As alígeras tropas de Cupido  
Em terços desparzidas,  
Brandindo as flechas, sacudindo os fachos,

Vir recontar-me a ponto  
Do dia as festas, o rumor da noite;  
Já de Himeneu as c'roas,  
Já do branco listão os castos laços...  
Ouvir narrar espero  
Aos travessos Amores, que assistiram  
Em torno de teu leito,  
Ora espreitando pela avara fisga  
Da mal-fechada seda,  
Os incendidos beijos, os mui frouxos  
Repúdios pudibundos,  
As carícias, o choro namorado,  
Os vivos desacordos,  
E mil mistérios às Vestais negados;  
Ora.... Eis o bando alegre  
Quando ia a entrar, olhou o sótão triste,  
Desasseiado, e estreito,  
Em que o Vate morava... riu-se, e foi-se.  
Então a mim tornado,  
Não vi Deuses, nem Ninfas, nem Amigos;  
Esmoreci; – calei-me.

## ODE

### A ÉLIA VOLTANDO DA GRÃ-BRETANHA

Hò visto al pianto mio  
Risponder per pietate i sassi e l'onde,  
E sospirar le fronde  
Hò visto al pianto mio.

TASSO, *nella Aminta*.

**J**ARDINS, prados viçosos,  
Inóspitos téqui, ermos infaustos,  
Adornai-vos de Lírios,  
De Jacintos azuis, Goivos dourados,  
Tomai de Chipre as cores, a fragrância;  
Troncos, vesti-vos de arraiadas folhas,  
Vós sois o meu transumpto;  
Desfolhaste-vos, quando ausente a visteis,  
E enverdeceis comigo;  
Comigo agora florejaiis garridos,  
Comigo as Aves cantam, que magoadas  
Queixas, não canto, pelas selvas, davam.  
Já cuido, que vos sinto,  
(Depois que Élia, co' olhar vos aviventa)  
Campos, soltar perfumes,  
Que dão inveja à recendente Arábia;  
Nem sei se Vénus quer trocar ciosa,  
Por vós as suas Amatunta, e Pafos.  
Este claro Ribeiro  
Depôs as turvas ondas, e às montanhas  
Pedi a limpa veia,  
Com que orla a relva, em que Élia se recosta.  
Lá detrás do horizonte se esconderam  
As borrascas, que o Céu enegreciam.  
Deponde o tardo manto,  
Tomai asas, erguei daqui o voo,  
Pesares feios: ide-vos  
Meu hospício deixai: não cabeis na alma;  
Outro albergue buscai, mal-agourado,  
De má sombra, dos Deuses aborrido.  
Vinde, fugidos Gostos,  
Que, depois de Élia ausente, andais a monte.  
Oh vinde, que Élia ansiosa,  
Des-caminhando a estrada de Neptuno;  
Tornou a Elísia, ao peito de Filinto,  
Cavar a mina dos fiéis amores.  
Tão ternos, tão piedosos



Meus Rogos, revoando ante os altares  
Da namorada Vénus,  
Pediram graça, que, descendo airoso  
Ao monte Idálio, consegui do Filho  
Saudosa flecha de mordaz ferida.  
Pesares, dai-vos pressa  
Que os olhos de Élia, mais benignos Astros;  
Que os dous Tindários lumes,  
Bonançosos aos Nautas descorados,  
Vêm volver, sobre mim, dias sem nuvens,  
Às Graças, aos Amores ofrecidos.

## ENIGMA

Esse decem nos finge: quibus si accesserit unus  
Tunc erimus tantum, lector amice, novem.

## VERSÃO

Nós sempre dez, Leitor amigo fomos  
Mas se nos juntas um, só nove somos.  
X IX.

## ORFEU

### DESPEDAÇÃO PELAS BACANTES

Enquanto a si trazia o Trácio Vate,  
Com metros tais, os ânimos das Feras,  
Os Bosques, e as sequazes Penedias;  
Eis as Cicónias Noivas, que cobriam  
Eivados peitos, com ferinas peles,  
De cima dum emposta a Orfeu avistam,  
Que o Canto ajusta co' as feridas cordas.  
Solta a madeixa aos ares, uma delas:  
– *Lá stá* (lhe diz) *quem nos despreza*. – E logo  
À, do Vate Febeu, canora face,  
O tirso arroja, que enleado em folhas,  
Resvala, sem ferir, magoa, e passa.  
Faz tiro, outra, c'um seixo, que, zunindo,  
Rompe os ares mas, lá, vencer-se deixa  
Da acorde voz, da harmoniosa Lira;  
E aos pés lhe cai, perdão quasi pedindo,  
Do frenético arrojo. Porém cresce  
A temerária guerra; reina Erinis  
Insana, e sem maneira. Bem que o Canto  
Pudera embrandecer todo o arremesso,  
Se a vozeria ingente, o inchado tubo  
Da Berecintia gaita, os atambores,  
As palmadas os uivos das Bacantes  
Não lhe estrugissem Lira, e Délio Canto.  
C'o sangue, então, do Vate não-ouvido,  
Os penedos, por fim, se avermelharam:  
Que Aves, Serpes sem conto, inda enlevadas  
Na música doçura, e o cerco espesso  
De Alimárias, brasão de Orfeio teatro,  
Já as Ménades dali, expulso o tinham.  
Eis volem contra Orfeu as mãos cruentas,  
E se embandam, quais Pássaros, que avistam  
Vagar, em dia aberto, Ave nocturna;  
Ou qual no corro amontoado em torno  
Preia é dos Cães pecedouro Cervo,  
Na areia matutina. Tais remetem  
Contra o Poeta; arrojam verdes tirsos,  
Para tão feio emprego não lavrados.  
Estas terrões lhe atiram, seixos outras,  
Ou de alto Choupo os escachados ramos:  
E por que a Fúrias tais não faltem armas,  
Acaso uns Bois, co' a rebaixada relha,  
Dali não longe a terra submetiam;  
Que as ferrenhas campinas os braçudos  
Lavradores, nas messes pondo a mira,

Com farto suor volviam. Mal descobrem  
O bando, fogem; do labor as armas  
Deixam. Pelo ermo Campo jazem sachos,  
Compridos enxadões, graves encinhos.  
Tudo elas roubam, té do jugo arrancam  
(Sem tino) as Vacas de minaces cornos.  
Já à sina voltam do penoso Vate,  
Que as mãos lhe estava erguendo, e que em tal lance  
(Quem nunca em vão falou) em vão falava.  
Sacrílegas o acabam; – que as não move  
A voz de Orfeu! – Partiu-se-lhe a alma, expulsa  
Aos ares, pela boca; oh Jove, pela  
Boca, que as penedias o escutavam;  
E das Feras calava nos sentidos.  
Prantearam-te, Orfeu, as Aves tristes  
As Feras da montanha, as duras Rochas,  
E os Bosques, que arrastaste após teus versos.  
Despindo as folhas, e escalvando o cume  
Te chora o Tronco; até os Rios (dizem)  
Que engrossaram com lágrimas sentidas  
As Dríadas, as Náíades trajaram  
Negros linhos, e as tranças desgrenharam.  
Desparzidos por terra os membros ficam:  
Só tu, Hebro, a Cabeça, a Lira acolhes;  
E a Lira, que resvala, ao fio da água,  
Não sei que tristes queixas (oh prodígio!)  
Vai toando; ou que flébil murmúrio  
Da língua exangue vem. – Com eco flébil  
As ribas lhe respondem. – Já deixando  
O pátrio Rio, e pelo mar boiantes,  
Surgem na praia de Metimna Lesbos.  
Ali, na estranha areia, exposta a face,  
Vem fera Serpe, afronta-a, os espalhados,  
Gotejantes cabelos lambe, e anela  
Atassalhar o himnífero semblante.  
Eis Febo sobrevém, que o Drago expulsa,  
Quando investia c’o ferrenho dente,  
E a goela voraz lhe gela em mármore.  
Desce ao Tartáreo, penetrando a Terra,  
A sombra Orfeia; e todos, que antes vira,  
Sítios recorda: a Euridice procura  
Pelas piedosas veigas, e encontrando-a,  
Com saudoso abraço a cinge e estreita.

# ODE

## A CUPIDO

Dolce requie de pianti e de' sospiri,  
Dolce union de cori, e de' voleri,  
Da cui Natura trahe gli ordini suoi,  
Dio de le meraviglie, e che non puoi?

MARINO, NEL ADONE. *Lib. 1, Stanz. 116.*

**I**NVICTO General da leve tropa  
Dos frecheiros Amores,  
Que em teu férvido terço me alistaste,  
Quando na face lisa  
Mal me apontava adolescente pelo;  
Que me ensinaste, duro,  
O esperto assalto, as frias sentinelas  
E saber na alta ameia,  
Manso, e sagaz adormentar o Pejo:  
Porque me não descobres  
Segredo de arrasar Capricho, e Enfados  
No peito de Delmira?  
Potente Amor, se fácil a meus votos,  
À petição anues,  
Num templo de cristal, de ouro, e de perlas,  
Quais traça, nos seus Cantos  
Alcáçares magníficos o Ariosto,  
Quais nunca os Reis possuíram,  
Pôr-te-ei, num diamante afigurado  
Mais bizarro, e glorioso  
Que Jove se assentou no Capitólio.  
Ali, de puro incenso  
De finezas, de rogos amorosos  
Terás perene cheiro,  
E tábua, ao lado, e na inscrição votiva  
– Filinto agradecido. –

## QUEIXAS A APOLO

DOS Vates Pai cruel, e Deus injusto,  
Que o luzente metal, c'os raios crias,  
Porque o negas escasso,  
À tua pobre prole?

Desamorado Pai, que a grão galope,  
Rodas a azul calçada, blasonando,  
E deixas os teus Vates  
A pé, pelos lameiros:

Antes que saias dos umbrais dourados,  
Te embriagas de Ambrósia, mui redondo;  
Enquanto às Almas tocam  
C'os dentes os teus filhos:

Vestes os Campos de bordados ricos,  
As Árvores de frutos recedentes,  
E os míseros Poetas  
Vestidos de farrapos?

No teu Palácio (diz Ovídio ) brilham  
Diamantes, Carbúnculos, *et cœtera*  
E nós pejamos tristes  
Quatro paredes nuas.

Sê Pai: trata com mais brandura e termo  
Teus filhos, os Poetas indigentes;  
E, por forrares gastos,  
Cuida nos bons somente.

# ODE

## A DELMIRA

Così nel variar di vostro ciglio  
Hor núbilo, or sereno avien ch'io miri  
Hor segno di salute, hor di periglio.

TORQUATO TASSO

**N**OS teus olhos, Delmira, noto os Astros,  
Que ao meu baixel, nas amorosas vagas,  
Prometem bons galernos,  
Ou trépido negrume.  
Neles vejo, se o pano desfraldando,  
Serenos surgirei na amena praia,  
Ou se colhê-las devo;  
Que as não rompa a borrasca.  
Assim, na proa, o pródigo Mareante,  
Na escura nuvem sanguinosa, observa  
Da borrasca iminente  
Os naufragosos sopros.  
Se vê porém, ao longe, o Sol dourado  
Claro subir, dos Camarins de Tétis,  
Manda soltar seguro  
As infunadas velas.

## JURAMENTO VALIOSO

**N**A verde folha dum rosal frondoso  
De te sempre adorar gravo a promessa.  
(Tais, outrora, de Apolo sonoro,  
No antro, a Sibila as falas arremessa. )  
    Mas ai! Lá leva o Vento  
A folha, e com a folha o juramento.



## ODE

DE J. B. ROUSSEAU [XXIX]

DESCE do bipartido monte, oh Ninfa,  
    Cujos filho amoroso  
Dobrou canoro o peito desabrido  
    Do tético Sumano.  
Vem, Deusa; sopra o estro, que me inflama;  
    Dá-me essa Lira tua,  
Ou dá-me a Lira do teu claro Grego,  
    A quem, na ignóbil prole  
Respeitou Alexandre despiedado,  
    Entre as cinzas de Tebas.  
Que Deus propício guia aos nossos Lares  
    A perdida Esperança?  
Quer, c'um filho de Tétis, ou de Alcmena  
    O Céu afortunar-nos?  
O Céu quer reparar enternecido  
    O golpe desastroso,  
Por quem vertemos (crede-o) tanto pranto.  
    Casta Lucina, acode;  
Que nunca mereceu o teu auxílio  
    Progénie mais ilustre.  
Dos bens, que se vos guardam, este, oh Povos,  
    É o avançado abono:  
Do anelado remanso é este Infante  
    O ditoso presságio.  
Vereis da Inveja, e da Discórdia os fachos  
    Apagados caírem  
C'os seus troféus, por terra, à luz nascente;  
    De seus benignos dias;  
E as Serpes das madeixas, como Alcides,  
    No berço afoga, e brinca.  
Assim clara reluz na escura noite  
    A rutilante Vénus,  
Penhor propício do lustroso dia,  
    Que lhe trilha as pisadas.  
Assim brilha na horrísona tormenta  
    O lume aos Nautas santo,  
Pelas vergas, dos mares açoutadas;  
    E alta paz anuncia,  
Que o líquido Sob'rano; estender manda  
    Nas movediças ondas.  
Que monstro tragador, sangui-sedento  
    Se apoderou deste Orbe?  
Que impia Fúria empeçonha os mansos ares,  
    Com seus lívidos fogos?  
Que Númen sopra, em toda a parte a guerra

E a despovoar o Mundo  
As mãos ensanguentadas nos instiga?  
Degredada do inferno,  
Dos Homens livra os fados duvidosos  
Hoje árbitra Megera?  
Detém-te, insana Fúria. O Céu se aplaca:  
Põe termo aos seus rigores.  
Mais que há muito as entranhas nos consumem  
Os factos do Ódio injusto.  
Desce, Oh Virgem sagrada, oh Paz amena;  
Desce da azul pousada;  
Teus templos olha erguidos: guia ao grémio  
Das túrbidas Cidades,  
Os que enojámos, c'os flagícios nossos,  
Benignos, mansos Numes.  
Mas, qual me sobe horror súbito à mente  
Celeste aura me anima,  
Com profética insânia um Deus me abraça,  
E me revolve o peito.  
Fugi, profano vulgo. – Apolo, Apolo,  
Me esclarece, me inspira.  
Eu vejo-o... Eu sinto-o... Sim. É ele, é ele.  
Cede a alma a tanto Númen!  
Mortais, vede-o patente: respeitai-o,  
Dai tento às minhas vozes.  
Os tempos, que ante-disse alma Sibila,  
À meta avizinados,  
Encetamos o plácido governo  
Do ancião Saturno, e Jano.  
Esta Era é a suspirada, em que restauram  
Seus altares Divinos  
Témis imparcial, e a branda Astreia.  
Co' ela vêm as virtudes  
Que aos Deuses já outrora convidaram  
A conviver connosco.  
Onde estou? Que portento estranho prende,  
E encanta os meus sentidos!  
Que amplo spectác'lo, sumptuoso, os olhos  
Me assombra; e me deslumbra!  
Lá brota um Orbe novo: lá nas fráguas  
Do Caos se depura  
Da antiga stirpe a maculosa massa.  
Larga série de Heróis  
Baixa do santo alcáçar, que as ruínas  
Vêm reparar do Mundo.  
Quebram a esquiva guerra os Elementos,  
Cobram o azul primevo  
Os Céus: sagrada flama a terra alimpa  
De toda a iníqua nódoa.  
Já mortífera planta se não tema;  
O Crocodilo infido  
Já não turva do Nilo as férteis águas;  
Retoução c'os Cordeiros

Os fêrvidos Leões, e pastam juntos,  
    Todo o rancor deposto.  
Que assim começam a fiar as Parcas  
    O século ditoso,  
Que anseia pôr remate aos votos justos  
    Do máximo Monarca.  
Dias mais brandos descem. Pois que os Deuses  
    Nossas maldades punem,  
Inflexíveis não são; e muitas vezes  
    Seus salubres castigos  
São, de seus altos dons, penhor seguro,  
    No rigor do flagelo.  
Folga o Céu de encobrir-nos seus decretos,  
    Com cerração escura.  
São os Reis, do Universo, os Soberanos,  
    Dos Reis o são os Numes.  
Nem lhe estorvam o braço providente  
    Valor, Viveza, ou Siso.  
Nada as Leis lhe transmuda, ou lhe interpreta:  
    Com vara eterna e justa  
Mede aos Mortais, no subjacente Mundo,  
    Os gostos, e os trabalhos.  
Mas, onde ergues o voo ambicioso?  
    Onde, insensata Musa?  
Dos Deuses ao Congresso afouta sobes  
    O livre pensamento?  
Refreia o ardor caduco , e mais não queiras  
    Com presumidas asas,  
Buscar, nos débeis ares, teu perigo;  
    E por trilhos ignotos,  
Novo Ícaro, das nuvens remontadas,  
    Teme o despenho, os mares.

## A NOVA AURORA

**E**STES Cantos, que as Aves, gorjeando,  
Espalham pelos ares;  
Estes sons, que o Ribeiro, singulares  
Concorda, sussurrando;  
As Árvores, que o Zéfiro meneia,  
Com seu suave alento;  
O Mar, que sobre a areia  
Desdobra a vaga, em brando movimento,  
Querem acaso saudar a Aurora?  
Eu, que outras madrugadas  
Vim passar, nestes prados, como agora,  
Nunca lhe ouvi tão ledas alvoradas.  
Mas, passos sinto...  
Os moles ramos  
Se encurvam reverentes;            Num labirinto  
Soltam contentes  
Canções os Rouxinóis; – monteses Gamos,  
Saltões Cabritos, rápidos pulando,  
A nova luz festivos celebrando,  
Mostrar-me querem... Olho – Era Delmira  
Nova Aurora, que a Terra adora, e admira.

## IMITAÇÃO

### DA VIII.<sup>a</sup> ODE DE HORÁCIO A BARINE, NO 2.º LIVRO

**S**E de teus esquecidos juramentos  
Te houvera o Céu punido,  
Desmedrando-te um tanto a formosura,  
Quando os Amantes burlas,  
Te amara unida a mim, meiga te eu crera  
Mas, oh quão bem te assenta  
Ser bandoleira e pérfida! Mal sais  
De ser à fé traidora,  
Que eis-te mais linda, que eis-te mais donosa!  
Corações a ti svoaçam!  
Mentes? mais fresca rosa te orna a boca;  
Mais meigos são teus olhos,  
Quando vens de tecer atroz perfídia.  
Quando por quantos Deuses  
Contém o Céu, por Manes da Mãe juras,  
(Malvado juramento!)  
Então ri Vénus, ri cruel o Filho,  
Que na sangrenta pedra,  
Afia a flecha ardente, que nos vibra;  
Folga, c'ó mal que fazes,  
Te ensina, em prémio, a que inda mais agrades.  
Sim: para a ti render-se  
Medra, e te incensos queima a Mocidade.  
Quanto, à tua porta, Amante  
Jura não mais te amar? Quanto ancião teme  
Que esse ar que te rodeia  
Não lhe eive o caro Filho! Quanta Noiva  
Não se lhe envisque o Esposo  
Na, que armaram teus olhos, de atractivos  
Cilada inevitável!

## MADRIGAL

DE flor em flor; na fresca Primavera  
Voa, liviano Mariposa, voa,  
Beija o seio da Rosa não-severa:  
Da ocasião tão boa  
Te aproveita, infiel. Amante amado  
Triunfa, e vai correndo  
Render culto à violeta, namorado,  
E dando, e recebendo  
Deleite variado,  
Doura astuto os anéis da curta vida.  
De avisos tais a minha foi tecida,  
Té que a Delmira dei da alma o Reinado.

## CONTO

VÁ de conto. Houve em África um Leopardo  
Que casou c'uma Zebra; desse ajojo  
Nasceu um tal mostrengo, tão estranho,  
Que espantou toda a gente. Correu nova  
Por toda a redondeza. Os Curiosos  
Deixando Pátria, Amigos, Conhecidos,  
Atravessaram mares turbulentos,  
Sofreram tempestades, calmarias,  
Correrão vales, montes; palmilharam  
Areias movediças, afrontaram  
Furiosos Leões, malhados Tigres;  
Viram da Fome a magra catadura,  
E da Sede o sequioso vulto estítico.  
Homens baços, ou negros perguntados  
Onde morava o Monstro, bem ouviam;  
Mas nada concebiam da pergunta.  
E o que eles respondiam mais frisava  
Com uivos de Mastins, de Lobisomes  
Com gritos de Raposas, que regougam,  
Que com humana voz. Passaram dias,  
Inda meses, na busca duvidosa.  
Por fim causados, tristes de amargura,  
Bem tostados do Sol, bem consumidos  
Acertaram c'ó aduar, onde pastava  
A estrambótica Besta; aqui foi ela.  
Mal que esse enxalmo os viu, deita às carreiras,  
Vai pela areia aos pulos desunhada.  
Seguem-na os meus Pataus, esbaforidos,  
Inda hoje, creio, que a vão seguindo;  
Que deles, nem da Besta, nos vêm novas.  
Quem se acha aí com baço de ir sabê-las?  
Eu não; que nunca fui Naturalista.

# ODE

## AO IL.<sup>MO</sup> SENHOR DOMINGOS PIRES MONTEIRO BANDEIRA

Cur pendet tacita fistula cum lyra!

HORAT. *Lib. 3. Od. 59.*

**A**GORA que já lassos de combates  
Os sanhudos Guerreiros  
Arrimam as espadas, e Neptuno  
Manda os Tritões bifformes  
C'os tortos búzios pregoar sossego,  
Por toda a azul Campina;  
Agora, que dos Céus descendo airosa,  
Em argentada nuvem,  
Do regaço dourado a Paz saudosa  
Nos solta os bens amigos;  
E co' a mimosa dextra aponta a Marte  
O Bósforo revoltó:  
Agora Clio te urge, oh nobre Vate,  
Que à Lira mal-deposta  
Voltes as mãos culpadamente ignavas.  
Não teve poder tanto  
A Amizade téqui, não a Promessa,  
Que à Preguiça as roubasse.  
E Filinto entoou, em vão, seis vezes  
O Canto Venusino;  
Em vão Cupido redobrou os tiros,  
No teu chagado peito,  
Que um só ai não tirou melodioso  
Da pertinace Lira.  
Quem te mudou, Dorindo? Tu, que aceito  
Outrora às altas sombras  
De bífido Parnasso, discantaras  
C'o Teano venusto  
Doces feridas da travessa flecha,  
Que o cego Amor abriira,  
E que, com mão macia, e caridosa  
Curou a branda Vénus:  
Tu, que aos Astros o voo disferindo,  
Transpondo triviais metas  
Com Píndaro parelhas emulavas,  
Nas Líricas fadigas,  
Calas-te inerte, sem temor de Apolo!  
Sem temeres das Musas



Nem do fiel Amigo descorçoado  
As graves, justas iras?

## ESTER

Oh meu supremo Rei, a ti me ofereço  
Trememente, e só. Meu Pai, na minha infância,  
Mil vezes me contou a santa aliança,  
Que connosco juraste, quando aprovou  
Ao Teu amor tirar dos Avós nossos  
Um Povo, aos olhos Teus, sujeito, e grato.  
Da boca Te desceu sacra promessa  
De eterna inumerável descendência.  
Tua Lei desprezou o ingrato Povo;  
Quebrou a fé (ai triste!) a amada Terra!  
Por estragar o culto noutros Numes  
Deu repúdio a seu Pai, a seu Esposo!  
Ei-la Escrava de estranho Soberano,  
E mais que escrava, aos fios dum cutelo.  
Já soberbos os nossos vencedores  
Mofam do nosso pranto; e suas armas  
Por posses de seus Numes crêem ditosas.  
Hoje querem, que um golpe só, destrua  
O Teu Nome, o Teu Povo, o Teu Santuário.  
Que após milagres tais estrague um pérfido  
Toda a crença, e o valor de teus oráculos:  
Roube ao Mundo o penhor mais dadivoso,  
O Cristo prometido, suspirado.  
E sofres, que esta gente seve, e impura  
Em sangue nosso, aquelas bocas cerrem  
Que, sós, neste Orbe, os teus favores cantam?  
Confunde os Deuses, que o não são, nem foram.

Eu, que estes infieis retêm, (Tu o sabes;  
Quanto lhe as torpes festas aborreço):  
Que adversa às libações, festins, banquetes,  
Profanações contemplo o culto idólatra.  
Eu, que aos pés, quando só, quando em retiro  
Piso esta fota, meu forçado adorno,  
Que relutante cinjo, nesses dias  
À solene soberba consagrados;  
Que a este ornato vão prefiro a cinza,  
E só folgo do pranto que derramo...  
Do Teu decreto o prazo me aguardava  
Para abraçar os úteis do Teu Povo.  
Esse prazo chegou. Pronta, obediente  
Expor-me vou, dum Rei ao sevo aspeito:  
Tu me mandas. Meus passos acompanha  
Ante o Leão fero, que te não conhece.  
Manda à sua ira, que se aplaque ao ver-me.  
Dá o dom de agradar às minhas falas;  
Os Céus, Austros, Tormentas Te obedecem;  
Furiosos caíam nos contrários nossos.



## SONETO

MOTE

*Morreu de água quem de água esconjurava.*

GLOSA

– **F**UJA de água, que lhe há-de dar a morte  
(Dizia a meu Avô um Adivinho)  
Ei-lo (de susto) que entra a beber vinho,  
Como um Tافل da Bacanal Coorte.

Contra a água concebeu ódio tão forte,  
Desta feita; que nunca o Avozinho,  
Perto de Rio, ou Charco fez caminho,  
Por fugir do trespasso a aguada sorte.

Tomou té medo à chuva: e em sua asneira,  
De ouvir um Aguadeiro desmaiava;  
Com ver um Chafariz tinha cenreira.

Tanto no mel da cepa se enfrascava,  
Que, hidrópico em misérrima canseira,  
Morreu de água, quem de água esconjurava.

## EPIGRAMA 74

### DO LIVRO 2 DE MARCIAL

**D**ONDE vem não se dar louvor aos vivos?  
Vem, que raro Leitor seu tempo estima.  
Sim, Régulo, tais são da Inveja os usos,  
Que antepõem sempre antigos a modernos.  
Que, de Catulo (ingratos!) os vis templos  
Louvam os Velhos, choram por Pompeio.  
Zombou de Homero a sua indouta idade.  
Poucas palmas venceste do teatro,  
Menandro, se cingiste honrada c'roa.  
Ao seu Nasão só conheceu Corina.  
Se a Morte, oh versos meus, vos põe em preço,  
Meus versos, não corrais, fama não quero.

# ODE

## AO SENHOR DESEMBARGADOR

ANTÓNIO DINIS DA CRUZ [xxx]

Multa Dircæum levat aura cygnum  
Tendís, Antoni, quoties in altos  
Nubium tractus. ....

HORAT. *Lib. 4. Od. 2.*

SÓ quando o desfrutá-la é já defeso,  
Entendemos em desfrutar a vida:  
Fogem os anos, sem que o umbral saudemos  
Dos intactos prazeres.  
Viva o Sofi em cárceres dourados  
Salteado de solícitos regalos,  
Bandos de Damas, servilmente alegres  
Contendam cativá-lo;  
Esquisitos sabores lhe trabalhem  
De Aves custosas doutos Cozinheiros;  
Na cativa Teorba os sons lhe apure  
A comprada Circássia;  
Esgote-se em donaires estudados  
Por diverti-lo o pago Chocarreiro  
Insípido se ri, se alegre o farto,  
E enfasiado preso.  
Foge o Prazer dos cortejados Tronos,  
Para as choças singelas dos Pastores;  
Onde cândidas almas, sem rebuço,  
Sem etiqueta o abraçam.  
Nem o nosso bom Sá viveu sab'roso  
Entre deleites são, limpos de enfado,  
Senão, quando voltou à Corte as costas,  
E às cansadas lisonjas.  
Feliz, quem compra, com trabalho brando,  
Com revezada fome, obter desejos,  
Que embota, e perde o Rico assoberbado  
De opíparos manjares.  
Se não rasga as entranhas perguiçosas  
Da Terra, inerte o luzidio arado,  
Crespa ferruge o rói, e prematuro  
Solto em folhas acaba.  
A Caça, a Esgrima, Elpino, e a lida equestre  
Sazonavam as toscas iguarias  
E as branduras do Amor, apetitosas  
Aos nossos bons Maiores.

Corpo robusto, e são: alma tranquila  
Eram dons, com que o Céu então prendara  
O desprezo dos Ócios mal-gastados,  
E a fuga da Inércia.

## LATINE VERTIT

JOSEPHVS GVILLIELMVS BILLING

ELPINE, vita tum cupimus frui  
Actos per annos, cum minime licet:  
Libatur haud ulli voluptas  
Sistere dum levis aura nescit.  
Degit Tetrarches carcere lucido  
Quem mille circum deliciæ volant;  
Necnon jacentem multa pellex  
Illecebris recreare certat.  
Illi parantur nectareæ dapes  
Gnaris ministris. Carmina dividit  
Captiva testudo, coempta  
Eliciente modos puella;  
Illius ergo sedulus artifex  
Mercede ductus, multimoda jocos  
Hinc arte fingit, vix feroci  
Et saturo placitos tyranno.  
Mutat, nec ægre regificas domus  
Dulcis voluptas simplicibus casis  
Cessara tranquille colonum  
Mentibus exiguo beatis.  
Miranda noster gaudia tum tulit  
Sincera, quando vocibus invidis  
Turbæ procacis sponte, necnon  
Terga dedit sapienter aulæ.  
Omnes per anos his bene vivitur  
Quibus saluber hand nimius labor  
Escas ministrat, nec paratis  
Eximie dapibus laborat.  
Ducantur arvis assidue nisi  
Sulci benignis ruricola bove  
Subit rubigo, vomer atque  
Interit exiliente lamna.  
Olim palestræ, campus et area  
Condire suetis Patribus integris  
Cibos inemptos, atque fidi  
Blanditias faciles amoris.  
Tranquilla mens, et vivida sanitas  
Ultrò secutæ desidiæ fugam;  
Tarda terebantur senecta,  
Assiduo vegeti labore.



## EPIGRAMA TRADUZIDO

OLHANDO, há pouco, o mármore, o moimento  
Do mui ruim Arverno; (assim me eu disse)  
« De que vale estragar tantos Cruzados?  
Nem Príncipes, nem Reis se acanhariam!»  
As lágrimas me caem quatro a quatro,  
Lavando-me em corrente ambas as faces.  
« Por quem choras? (me diz um viandante)  
Por esse algoz da Pátria, que hi jaz dentro?»  
« Não choro (lhe respondo) o sepultado,  
Choro a pedra, e malgasta sepultura.»

## AMOR E CIÚME

**P**OUCO sabe de Amor o que presume,  
Que não cabem Ciúme, e Amor numa alma:  
Tanto se não debatem pela palma,  
No coração, de que fizeram presa,  
Que Amor empresta as setas ao Ciúme,  
Ciúme sopra na alma a chama acesa.

## EPIGRAMA

UMAS cabeças vãs, uns Ociosos,  
Despidos de Virtude e de Talento,  
Põem grande estudo, grão divertimento  
Nuns naipes maus, nuns dados acintosos:  
Perdem, por passatempo,  
O irrevocável Tempo.  
Néscios! não vêem, não sentem consumida  
A saúde; queixosa a Honra, a Vida?  
Só depois de agastar-se um dia inteiro,  
Sentem o menos – sentem o dinheiro.

## ENIGMA

O mais nobre animal: o mais valente,  
Que Deus criou no Mundo,  
Treme de mim; e mal que a voz me sente,  
Concebe horror profundo.  
Os Reis não temo, as Leis não tenho em preço;  
No vasto meu Serralho,  
Fiel ao meu dever, forte, indefesso,  
Mais que o Grão Turco valho.

# A QUARESMA ENGROLADA

## CONTO

**P**ERTO da crespada costa da Bretanha,  
Entre os vaivéns das assanhadas ondas,  
Jaz uma Ilha mesquinha, apaulada,  
E nevosa, e dos Astros mal-querida,  
Habitada por gente desditosa,  
Selvática, e boçal, que deste Mundo  
Separada – só do Céu é conhecida.  
Raras lá dão um salto as novidades  
Do que passa por cá, neste Universo;  
Tarde, e sedições chegam as toadas  
Das guerreadas guerras, da paz feita,  
De Beltrão que casou, de Inês que é morta.  
O Cura desse estranho Povoado,  
Engolfado na santa mandriice,  
Em herdada ignorância, come, e bebe  
De Baptizados, Missas, e Resposos.  
Mui sábio, entre os graúdos da Paróquia,  
Se diz quantos são hoje, e em que ano somos.  
Cuidais, que eu encareço? « Quem crer pode  
(Me dizeis) que haja uma Ilha tão escusa!  
Que ignore de cada ano o mês, e o dia!  
Salvo, se é Robinson dessa Ilha o Dono.»  
Devagar, meu Censor ouve o meu Conto.  
O Cura da tal Ilha mencionada,  
Home' idoso, e Cristão de boa avença,  
Um certo ano (varreu-me da memória  
O ano cabal) se descuidou *in totum*  
De mandar vir Folhinhas, Repertórios,  
Quando era tempo; e temperar com eles  
Os Ofícios, e as Missas ao seu Povo.  
Grande falha! Mas mor rependimento!  
O vento era ponteiro, os mares verdes,  
Os revoltos negrumes escondiam  
De França a praia aos pávidos Pilotos:  
Só no afago da amena Primavera  
Pousavam do meu Cura as esperanças,  
Mas quem pode contar as amarguras  
Dum Pastor douto, que quer dar sustento  
Regrado, e bom às ávidas Ovelhas,  
E se vê sem forçoso Calendário?  
Não sabe onde o Jejum, a Festa encaixe,  
Nem que Santo, ou que Santa hoje apregoe:  
Dá-se a perros, revolve os alfarrábios,

Dá co' a Reza a través, e c'o Juízo.  
Não sucedeu assim ao nosso Cura;  
Que qual o Burro velho, na atafona,  
Pisa, e repisa o peguinhado cerco;  
Pela estrada do Santo Breviário  
Aviava Lições, Salmos, a esmo,  
Sem se meter em tortos Labirintos.  
Não sei, se com razão: – digo somente,  
Que era velho, e matreiro, mui amigo  
Do bom carão, da nítida saúde;  
E sabia, por alta experiência,  
Que tais consumições, tais embelecocos  
Desengonçam a vida, de seus eixos.  
Outro Cura mais moço afrontaria  
Agudo Norte, acapeladas ondas,  
Pela santa Folhinha; novo Mártir  
Do Ofício, e do Missal assazoadado.  
Não assim o meu Cura rubicundo,  
Que, em dia do Ano-bom, disse aos Fregueses:  
« Esta semana inteira se não passe  
Sem festejar os Reis.» Todo o busílis  
Estava no arrumar as Festas móveis,  
Aí quisera eu ver, que volta davam  
Às versas Sabichões de grande proa,  
Que em parolas são muito, em obras nada.  
O meu Cura, Senhores, não-bazófiu,  
Antes mui pé de Boi, todo se entrega  
Nas sábias mãos da larga Providência.  
Diz consigo: « Virá a Primavera,  
Que nos traz sempre a graciosa Páscoa,  
O Vento será mudo, o Mar de leite;  
Iremos tomar língua à terra firme,  
E Deus bençoará meus bons intentos.»  
O bom tino lhe admiram, lhe asseguram  
A sua Ama, e o Barbeiro novelista,  
Os dous mais doutos cascos da Ilha toda.  
Isto assentado assim, corre Janeiro;  
Fevereiro mais curto, mais se apressa;  
Toma-lhe o posto Março – e o Norte azedo  
Não dá quartel, e sempre o nosso Cura,  
C'os olhos fitos, na áurea Primavera,  
Que impedida não chega, nem aponta.  
Ele que errar não quer em pontos graves,  
E que em Cômputos, Ciclos, e Áureos Números  
Não quer co' a Madre Igreja travacontas;  
E mais, – que ouvira outrora a um Missionário,  
Que só, para arrumar da páscoa as Luas,  
Houve quebra-cabeças, muitos anos,  
De que alguém não saiu co' a pele forra.  
Outros dizem (as Crónicas variam)  
Que, nele, fora falta de memória.

Mas, no que ora direi, concorda a frouxo  
A Tradição, e Anais dessa Era, e tudo,  
Que não passava dia, sem que o Cura  
C'um bom Capão o stômago forrasse,  
No tempo mesmo, em que, por toda a Igreja,  
Ha mais dum mês, as suas leis austeras  
Estendia a Quaresma: – única a Ilha  
(Graças ao Cura, e ao santo desfastio)  
Se cevava de carne, *aliás* defesa.  
Não carne fina, opíparos manjares;  
Mas cada Ilhéu (Ilhéu já dos graúdos,  
Entre nobre, e vilão) ornava a mesa  
Com seu prato de ervilhas com toucinho:  
Seguindo o exemplo do Pastor honrado,  
Ceavam todos boamente, enquanto,  
Por eles jejuava todo o Mundo.  
Mas já Bóreas, os sopros recolhendo,  
Levantava dos mares o asp'ro ceptro.  
O Diabo, que vê, que é mais que tempo  
De doutrinar esta Ilha impenitente  
Desfecha a Primavera. – Que ele fora  
Quem, por lhes gatunar uma Quaresma,  
E tomar um pequeno regabofe,  
Soltara, sobre as águas, os negrumes.  
Ei-las já mansas; e o meu Cura em azo  
De ir ver como ia o Mundo cá por terra.  
Deita lastro à barriga, com três nacos  
De presunto, e três tragos de Borgonha.  
Reparai bem, Leitores piedosos,  
Que já a quinta semana de Quaresma  
Estendia a esgalgada longa perna.  
Almoçado, e forrado, e o bafo quente,  
Deita a corada mão ao seca-bofes,  
(Que nunca *seca-bofes* foi do Cura;  
Como no andar do Conto será claro)  
Põe-se a peitos com ele, enfia a reza,  
Com pausa, e atenção: que inda não consta  
Que a visita de enfermo, à caça, ao jogo,  
Às conversas, em casa dos vizinhos,  
Saísse nunca, sem o almoço, e a reza.  
Entra pois a rezar, descabeçando  
Salmos, Lições, c'os olhos apontados  
Nas Rúbricas comuns; mas mais nas pretas  
Que com próvida mão assinalara  
Pelas caudas dos Salmos bem-paridos:  
E a Rúbrica dizia: – *Aqui se bebe*. –  
E pontual à Rúbrica, bebia.  
Que ao lado Baco, num pichel pançudo,  
Lhe faz negaça c'o sabor vermelho.  
Finda a tarefa, diz adeus à Ama,  
Toma a via do cais, embarca, e voga.

Como atónito estaca, ouvindo à gente,  
Que nos confins Católicos a Páscoa,  
A dez dias dali, pronta caía!  
« Pois não me há-de lograr.» (isto dizendo,  
Calca o nédio castor, na roxa testa)  
« Bendito Deus! que tenho tempo ainda.  
Boa viagem fiz; minhas Ovelhas,  
À voz do Papa, fartarei de Páscoa.»  
Disse: e enfeirando em Óculos, Folhinhas,  
Açúcar, e Canela, para os Fartes,  
Para a Ilha, mui contentes re-navega.  
Dia de Ramos, na manhã seguinte,  
À estação, com grão fervor, e zelo;  
« Fregueses meus, (lhes diz) bem que estejamos  
Já na Semana Santa, e que hoje contem  
Já Domingo de Ramos, não se aflijam  
Os vossos corações, nem se amargurem.  
Neste Mundo, cada um tem seu sistema:  
O ponto está, em dar bom fim às cousas.  
Vós, nada perdereis, se me seguides;  
Que bem à ovelha vai, que ao Pastor segue.  
Se a Quaresma vai longe, a perda é pouca:  
Podemos, pela cauda, inda apanhá-la.  
Seja pois Terça-feira o Entrudo nosso;  
Quarta, as Cinzas; três dias mais, de peixe,  
E severo jejum serão Quaresma:  
E então, Domingo; unidos com a Igreja,  
Sem escrúpulo já, – e sem maranhas  
Do Demo malfazejo, cantaremos  
Com todos os Fiéis, as Aleluias.»



## ODE

AO EX.<sup>MO</sup> E R.<sup>MO</sup> SENHOR D. FR. INÁCIO DE S. CAETANO,  
ARCEBISPO DE TESSALÓNICA,  
CONFESSOR DA SERENÍSSIMA SENHORA D. MARIA I.<sup>a</sup>  
RAINHA DE PORTUGAL

Si quæret Pater urbium  
Subscrivi statuis, indomitam audeat  
Refrænare licentiam  
Clarus post-genitis.

HORAT. *Lib. 3. Od. 24.*

O que espera ter nome esclarecido,  
Que adorem os presentes,  
E os Vindouros escutem com respeito,  
Encrave, fito a fito  
A vista na belíssima Virtude.  
Nas mãos seguras tenha afouto a rédea  
Das Paixões desvairadas;  
E, quando o vento sopra da Lisonja,  
Nas infunadas velas  
Nunca falseie da Razão o rumo.  
Vibre, contra ele lanças a Calúnia,  
No broquel da Inocência,  
As apare sofrido, e des-sombrado.  
Não há farpão tão rijo,  
Que não quebre no muro da Constância.  
Se o Povo injusto os Úteis não avista  
Das Leis mais bem traçadas,  
Lá raia, nos dourados horizontes,  
A disvelada Aurora,  
C'os bens lucrosos, com que a Lei se arreia.  
Quando meneie o leme do Governo,  
Daqui, d'além, tormentas  
Despedindo, rajadas, e coriscos,  
A Nau assoberbada  
Geme, co' embate das cavadas ondas;  
Revestido de tres-dobrados brios  
Seu ânimo assaltado,  
Co' a voz, c'o braço intrépido acorçoe  
Os pávidos remeiros,  
E os Euros rugidores acobarde.  
Minerva, que ante mim, co' a fulgurante  
Égide angui-comada  
Me alumiava a mente, assim dizia,  
Celeste e sábia, a dextra

No ombro pousando dum Varão maduro.  
E eu, que do intenso assombro em mim tornava,  
Fitando no alto vulto  
Os olhos respeitosos, vi o intacto  
Moderador prudente  
Da alma da virtuosíssima Maria.

# EPITÁFIO

Fruges consumere natus.

HORAT. *Lib. Epist.*

**A**QUI jaz o Pai-pai ; a pedra dura  
Lhe cobre só as cinzas esfaimadas;  
Que a Sombra ronda as portas abastadas  
Ao cheiro de Feijões, e de ferçura.

## SONETO

MOTE

*Amor se quis vingar com tal crueza.*

GLOSA

**V**i nos olhos da minha doce Amada  
Trabalhar seus farpões Amor malino,  
Qual bate tortos raios o Divino  
Ferreiro, na caverna abraseada.

Tanta faísca salta martelada,  
Que, em roda o ar reluz; a ver me inclino  
(Por meu mal!) a bigorna, – eis repentino  
Sinto o fogo lavar-me na alma ousada.

Mortais, que um vão desejo duvidoso  
Convida a ver das Ninfas a beleza,  
Relevada no olhar vivo, e formoso;

Vede, em mim, como queima a chama acesa.  
Porque vi seus labores, curioso,  
*Amor se quis vingar com tal crueza.*

## ODE

– Deus hæc fortasse benigna  
Reducet in sedem vice.

HORAT. *Epod.* 13.

DESCIA por um Vale, que veveja  
Co' as roupas da risonha Primavera,  
A espairecer cuidados;  
Pardos troncos de abastecida rama  
Salpicam o matiz da verde relva,  
Raros, e solitários,  
Mas, co' a copa sombria, e generosa  
Convidam a espalhar ao verde Zéfiro  
Turbados pensamentos.  
Aqui dão viração, dão doce alívio  
À frágua, onde trabalham negras Mágoas  
Desesperados tiros.  
Pintados Passarinhos inocentes  
Músicos trilos, músicos gorjeios  
Redobrando à porfia;  
Ali, pelas quebradas borbulhosas,  
Entre vermelhas, gárrulas pedrinhas,  
E revolvida areia,  
O lânguido regato, saudoso  
Desliza as claras águas, retalhando  
Campinas de esmeralda.  
Ao longe, uma Montanha, a quem povoam  
Troncos de folha triunfal, as duras  
Empinadas espáduas:  
Na pedregosa fraga, uma espadana  
Rebenta estrepitosa, e cristalina,  
Que, ao longe alveja, e cai.  
Ao pé da fonte, com sonora Lira,  
Louro Mancebo, de prestante fronte  
Dava alma a leve dança:  
Nove Donzelas de ademan bizarro,  
Parecidas no rosto, e só diferentes  
Na cor do airoso traje,  
Com destro pé feriam, compassadas,  
O chão, e os leves saltos revezando,  
Davam luz à memória:  
Travando-se das mãos, entre si tinham  
Um Mancebo de Grécia, outro de Roma,  
E um, que das Gálias chega.  
Apenas me avizinho, quebra o baile;  
E eis logo uma das Ninfas, despreendida  
Da festival cadeia,

Ansiosa vem saber, que agra tristeza  
 Me enluta os olhos, me desbota as cores  
 Na emagrecida face.  
 Em tanto, uma trás outra, vêm chegando  
 As gentis Ninfas do desfeito coro,  
 E co' elas os Mancebos.  
 E após eles o louro Soberano  
 Da selvosa montanha bipartida,  
 E dos meus lábios pendem.  
 « Mas, que Ninfas sois vós? E qual respeito  
 Se deve a tal Congresso? E a quem governa  
 Este país estranho?»  
 « Estranho o chamas? Quanto demudado,  
 Quão dif'rente de ti vejo o meu Vate  
 Não conheces o Pindo?  
 Não conheces Apolo, e as tuas Musas?  
 A Píndaro? ao teu caro Mestre Horácio?  
 O teu Rousseau sublime?  
 E a mim, que te avivei no sp'rito o lume,  
 Que Apolo te infundira?»  
 (A graciosa Clio me dizia.)  
 « Tão quebrantado (lhe respondo) e turvo  
 Me trazem meus pesares, que não vejo  
 Mais, que Dor, e Penúria.  
 A funesta Desgraça, pela coma  
 Um dia me tomou, (quando inocente  
 Me dava por seguro)  
 E! abalando-me, irada, sobre a roda  
 Da volúvel Fortuna, dum encontro,  
 Me despenhou por terra.  
 Ajudada da Inveja, e da Calúnia  
 Foi manchar os ouvidos do Monarca,  
 Com pérfidos embustes:  
 Lançou iníqua as varredouras redes  
 Nos caros bens, tão justamente havidos,  
 Pelas Leis conservados  
 Na paternal herança, recolhida  
 Com tanto zelo e honra, no serviço  
 Da Pátria, e do Monarca.  
 E pôs-me fugitivo, e desterrado  
 Dos Penates, da Pátria, e dos Amigos,  
 (Criminoso, sem crime;  
 Se já é crime dar-se a austero estudo,  
 Entre longas fadigas disveladas,  
 Para adornar o Ingenho:  
 E dar profícua luz, qual tocha ingénua  
 A espalha, nos juízos ensombrados  
 Co' a treva da Ignorância.  
 Se já é crime dar-se, inteiro e pronto  
 Ao bem dos mais, sem resguardar o próprio,  
 Sem ver, sem buscar prémio;  
 Senão o que as Virtudes, e Honras guardam,  
 No sacro Templo da perene Fama,

A generosos feitos.  
Dez longos anos de miséria amarga  
    Não amolgam ainda os implacáveis  
    Ânimos inimigos  
Dos que me difamaram, me despiram,  
    E no meio do peito me cravaram  
    O punhal da Pobreza.  
Ah! se a bela, a piedosa Soberana,  
    Que rege o Luso Estado, enternecida  
    Volvesse os brandos olhos  
A um Vassalo, que correu sem mancha  
    Os caminhos da Honra mal-seguidos,  
    E os da árdua Virtude;  
O seu volver benéfico, e sagrado  
    A Vida, a Honra, os Bens, a Pátria, a Fama  
    Resgatara a Filinto.  
Falai, Amigos, súplices joelhos  
    Dobrai ante Rainha, em que reflecte  
    Da Divindade o raio;  
Em quem, sobre a dobrada formosura  
    Da alma Virtuosa, do prestante corpo,  
    Reverbera a Clemência.»

## EPIGRAMA

### A UMA VELHA, QUE PRESUMIA DE BONS OLHOS

QUE OS teus olhos, cada um foi uma estrela  
Cousa é, Clóri, sabida:  
Mas que hoje, em vez de brilho têm remela,  
Também ninguém duvida.



# VERSOS

## QUASE REPENTINOS

*A um Amigo que jantava comigo no dia dos meus  
anos, 23 de Dezembro de 1787.*

..... secunda  
Ratem occupare quid moramur alite?  
Sed juremus in hæc.....  
Nos malet Oceanus circumvagus: arva beata,  
Petamus arva, divites et insulas.

HORAT. *Epod.* 16.

**A**VELAR, [xxx] tu não és aqui ditoso.  
Esta Terra, estes ares são infestos,  
Do Deus Apolo mal acariciados.  
Eu triste, sem Amigos, sem saúde,  
Paredes nuas, escorrida a bolsa,  
Vejo em roda de mim turvos e negros  
Levantar-se os amargos Infortúnios,  
C'ó Sol, quando a nós se ergue, ou quando baixa.  
Delmira em solidão malogra os dias,  
Que Amor, para o Prazer tecidos tinha.  
Vamos, vamos; despede-te da Terra;  
Vamos dar vista aos mares espaçosos,  
Fartar-nos de riquezas ós alqueires:  
As perlas, os rubis, os diamantes  
Que o Sol, c'os raios cria no Oriente  
A ávida mão convidam do mesquinho,  
Que não aferrolhou, com secas chaves,  
Os cabedais ganhados, com baixeza  
Que do Órfão, se apiedou e da Viúva;  
Ou pouco cuidadoso do Futuro,  
Empunhando o Prazer, pelos cabelos,  
Vive hoje; que amanhã é longe, e incerto,  
Vamos, vamos, despede-te da Terra.  
O Navio te chama, a plancha é posta.  
Mas que vai? Tu recuas, e as orelhas  
Abanas descorado? O Mar te assusta,  
E os cachopos infames por naufrágios?  
Tens razão que eu não via, de insensato,  
Que o Mar é todo de água – água salgada.  
Não, que de te afogar concebias medo;  
Mas de afogar-te em água, e não em vinho.  
Quão feliz foi, quão cheio de bom tino  
Esse Príncipe Inglês famigerado,

Que, condenado à morte, por tiranos  
(Bebedores, ou de água, ou de cerveja:  
*Que nunca foi tirano um bom Chupista!*)  
Dando-lhe acção a que escolhesse a morte,  
Por escolha pediu, que o mergulhassem  
Num tonel de dourada Malvasia,  
Onde bebesse, alegre, e à tripa forra,  
Um pedaço de morte, em cada sorvo.  
Que ditoso afogado padecente!  
Que invejas não teriam dele, no Orco,  
Os que a morte nos mares engoliram,  
Quando em troco dos cabedais raros,  
Que nos berços do Sol lhes reluziam,  
Himpavam de água, sem nenhuma sede;  
E os peixes, que comemos, os comeram?

## CONSELHO PRESTADIO

**F**OGUE do Amor, das Ninfas graciosas,  
Que dão mordaz tristeza;  
Ou olha-as, com tão pura singeleza,  
Como olhas frescas Rosas.

## SONETO GLOSADO

LÁ vai Glosa, Menina; vai Soneto.

Deus me ajude: Deus digo, o Deus Apolo,  
Co' as Musas todas nove, ao ombro, ao colo;  
Que eu, sem Musas, em versos, me não meto.

Então, ... (como lhe digo) o meu afecto,  
Que me faz retumbar de Pólo a Pólo,  
Quando as finezas apurado enrolo...  
Que tal!... Dei fim já a um, e outro Quarteto.

Menina, tenha fé que largo pano  
Tenho nos dous Tercetos, para a empresa;  
E eu, nisto de glosar, sou Soberano.

Fique aqui entre nós: sua Beleza  
Nos versos do Macedo, ou nos de Albano,  
*Vence as Deusas do Ida, em gentileza.*

## HIPÓLITO

JÁ de Hipólito ouviste, e sua morte:

Crédulo o Pai lha deu, e a ruim Madrasta;  
E o peito vos magoa o seu desastre,  
Vede-o. Sou eu. – Certa é, bem que árdua, a prova.  
Fedra Pasífai urdiu, que em pátrio toro  
Mancha eu quis pôr: manchá-lo ela queria.  
E, inversa a culpa, mais me acusa, irada  
Dos repúdios, que aflita dos indícios.  
Meu, Pai (sem causa) lança-me de Atenas,  
E indignado, ao partir, me maldiçoa.

Guio, à Píteia Trezene, o fugaz carro,  
E as praias trilho já do mar Coríntio:  
Eis que o pego entumece, e o combro aquoso  
Se arqueia ingente, e qual montanha cresce;  
Muge horrendo, e pelo alto cume estoura.  
Das ondas, que se esbroam, surge fora  
Um cornífero Touro, que assomado,  
Do peito acima, pelos ares frouxos  
Das largas ventas, da rasgada boca,  
Parte do mar vomita. À comitiva  
O ânimo esmoreceu. Todo embebido  
No exílio, o esp'rito inteiro eu só conservo.  
Mal que o colo feroce, às ondas volvem  
Meus Cavalos, afitam as orelhas,  
Me despenham de encontro o coche, às rochas.

Co' as mãos, forcejo, em vão, reger os freios  
Deslembrados, que alvejam de alta espuma,  
E as frouxas rédeas tiro a mim derreado  
Para traz. – Nem dos Brutos a fereza  
Vencera em posses meus forçosos pulsos,  
Se uma roda, que em torno do eixo buído  
Gira açodada, abalroando um tronco,  
Não quebrara, e em pedaços não partira.

Sacudido do carro, e enleado o corpo  
Nos loros, viras, fumegando, e a rastos  
Ir as entranhas, e aficar-se os nervos  
Nos estrepes : – dos membros, parte, corre,  
Parte fica espinhada pela serra.  
Aqui stalam, com dor, quebrados ossos,  
Lá sai a alma cansada, sem que deixe  
Parecida, no corpo, uma só parte:  
Tudo era uma só chaga. – E podes, e ousas,  
Ninfa, a par deste estrago o teu opores?  
Também os Reinos vi, de luz privados;  
E fomentei de Flegeton na veia  
O espedaçado corpo; e, sem o válido  
Elixir da Apolínea prole, a vida

Não me voltara. A qual a mim tornada  
C'ó Peónio auxílio, e com potentes ervas,  
(Mau grado de Plutão). Porque da Inveja  
Alvo esse dom não fosse, aparecendo,  
Com nuvens Cíntia me cobriu espessas;  
Por mais me assegurar, e visto a salvo  
Poder ser, de anos tardos me acumula,  
E me apaga feições do antigo rosto.

Longo tempo hesitou, se por morada,  
Creta, ou a sua Delos me daria:  
Creta, e Delos prospôs, e aqui pousou-me;  
E junto me mandou mudar de nome;  
Que, de Cavalos possa erguer-me a ideia.  
« Serás (me disse) d'ora-em-diante Vírbio.  
De Hipólito, que foste.» Esta floresta,  
Desde então, como Deus de menor plana  
Ignoto habito, e da alta Deusa o númen  
Aqui me ampara atento a seus mandados.

## EPIGRAMA

### DE MARCIAL

O Barbeiro Entrapelo rapa em roda,  
Com tal fleima, a Lupércio a barba toda;  
Que, enquanto ele o escanho e o arrepela,  
Nasce outra barba, no lugar daquela.

## CARTA

### A ALFENO

TU stás na fresca Cintra, divertida;  
E nós, tristes, dos Deuses mal-aceitos,  
Lidamos neste tráfego da vida.  
Sempre, em Lisboa, às lutas com os Nortes,  
Rompendo pelas nuvens de poeira;  
Qual, entre as ondas do Scamandro, Aquiles  
Bracejava sem fôlego. Os Prazeres  
Já, há muito, Amigo Alfeno, que fugirão  
Da esquiva Corte, para os amplos prados.  
Natura em nada quis constrangimento.  
A Planta, que acanhada no craveiro  
Minguada cresce, em campo aberto exposta  
Engrossa, e se agiganta, a rama ufana  
Destouca pelos ares, copa, e ensombra.  
Todos os dias vês as tuas Vacas  
Como vêm das pastagens, gordas, nédias,  
Co' a testa erguida, as tetas retesadas,  
Brasão do Dono, gosto dos Bezerros:  
E as de Lisboa magras, espalmadas  
Caindo de lazeira, e de fraqueza  
Mal espremem dos engelhados ubres,  
Aguado leite de mesquinhas ervas.  
Quem vê carmim comprado, que reboca  
Da Coqueta o carão sedição, e relho,  
Bem o distingue do carmim nativo  
Da roliça Saloia, ao Sol curada.  
Não assiste entre becos, entre alfurjas,  
Nunca do louro Febo visitadas;  
Fartas de lama, esquivas de aura amena,  
A Saúde, amadora da largueza;  
Nos bosques, veigas, prados, que discorres,  
Buscou aprico templo, os dons derrama  
Pelos pobres, singelos Pastorinhos,  
Que ao Sol, ao frio, à Chuva o corpo oferecem  
Sem mais resguardo, que um pelico roto.  
Nós bem-comidos, nós bem enroupados  
No Josezinho de custosas peles,  
Mal ousamos sair às onze horas;  
Por fugir do Pleuriz, ou do Defluxo,  
Nunca vemos (de medo) o Sol que nasce.  
Quanto é grato, no abrasador Estio,  
Ir saudar, ao Campo, a parda Aurora,  
Que aljofra as flores de luzente orvalho!  
Os Palácios dos Reis não têm alfaias  
Tão vistosas, como é, na Primavera,  
Ver vestir-se de folhas recortadas,  
O viçoso arvoredado, e sobre o verde,



Lançar-lhe e Natureza a bordadura  
Das matizadas, recedentes flores.  
Só recolher o cheiro brando, e livre  
Dos perfumes, que os ares embalsemam,  
Faz odiadas as ruas asquerosas,  
Que a Ambição antepõe à mole felpa,  
Da campestre alcatifa recamada.  
Nós, c'os ouvidos aturdidos, surdos;  
Arranhados de gritos de Aguadeiros  
De pregões de choquentas Regateiras;  
E tu, ouvindo os Rouxinóis saudosos  
E os atiplados, flavi-bicos Melros!  
Que diferença, oh Torres! Não te culpo,  
Que enlevado em seus quebros namorados,  
No quadro da viçosa Natureza,  
Dos cansados Amigos te deslembres,  
E, em dous meses, não mandes uma Carta.

## SONETO DE ALFENO

### EM RESPOSTA À CARTA ANTECEDENTE

**D**OUTO Mestre da simples Natureza,  
Teus versos, que as Piérides ditaram,  
Da longa sonolência despertaram  
A minha Musa, da Preguiça presa.

Surgiu a Gratidão, em ira acesa,  
E a Amizade: a Preguiça afugentaram;  
Que uns nédios Monges logo agasalharam,  
Onde, *cheia de unção* boceja, e reza.

Tempero a Lira; e em metro peregrino,  
A cantar minha Musa se aparelha,  
No tom do almo Cisne Venusino.

Mas, nisto... Febo me belisca a orelha:  
« Como a Filinto (diz-me) em tom indigno  
Ousas cantar, com voz de Galha velha? »

## ODE

Non hæc jocosæ conveniunt Lyræ.  
Quo Musa, tendis?

HORAT. *Lib. 3. Od. 3.*

QUE enleuada anda agora, e turva, a fronte  
Dos que o leme meneiam do Governo!  
Que ventos travessões! Que mares verdes  
Lhe enjoam o Navio!  
Não lhes luz a Polar Estrela, no alto;  
Cegos ares o rumo lhe em-noitecem  
Estala o masto, a gávea se espedaça,  
As cintas se descosem.  
Mas tu, comigo, oh Musa, sem falência,  
Com tais frases, darias em Pantana;  
Se, a mim tornado, não descesse uns furos  
Desse estro aventureiro.  
Alinhava-me o assunto, que ora empreendo  
Com verso mais caseiro, e comezinho;  
Dize comigo, em não-troante Tuba  
Os meus sinceros votos.  
Se escapa a Rapariga de outo anos  
Dessa tão complicada macacoa,  
De cera uma Repub... ao meu rico  
Santo Amaro penduro:  
E c'um cento de verdes candeinhas,  
No seu altar, com luz miúda, acesas,  
Abono a gratidão, e inculco aos séculos,  
Nesta Ode, o grão milagre.

## FÁBULA

« **M**IMO de pouca dura  
Nos fez Jove, em nos dar a formosura,  
(Disseram despeitosas as Mulheres)  
Mal damos azo ao nosso poderio.  
Jove, és injusto, (clamam) que assim queres,  
Com tirano alvedrio...»  
« Não de mim (lhes responde) mas do Fado  
Vos tendes de queixar. Mas, cessem iras:  
Tal dom vos posso dar, que valha dada,  
Perene formosura.» – Ah! que se as viras  
Sair tão satisfeitas!...  
Deu-lhe a Vaidade. – As feias, as mal feitas,  
E inda as Velhas se deram por formosas  
Tão frescas tão coradas, como as Rosas.

## ODE

..... Precibus non linquar inultis,  
Teque piacula nula resolvent.

HORAT. *Lib. 1. Od. 28.*

**M**IRTILO, mau Mirtilo descuidado,  
Que a Filinto prometes dar-lhe cópia  
De Ti, de tuas Odes, e mais lidas  
Da Délfica Oficina:  
Porque tardas? Porque o meu triste Osório  
Não restauras na estante entre alfarrábios  
Do pobre Tradutor? Achas, mui leves  
As penas padecidas  
Nas mãos tacanhas do Ministro avaro  
Que o tinha como seu arrecadado?  
Achas leves os erros que o minaram  
Na Régia Tipografia? [xxxiii]  
Já dias, meses, e ano tem volvido,  
Depois que prometeste, e hás, como um Negro,  
Faltado ao cumprimento da promessa,  
Sem maldita vergonha.  
Muito em meu sofrimento hás confiado!  
Mas termo põe Ramnusia ao sofrimento  
E o peito, que atéqui foi mudo, e quedo,  
Qual Marpésio penhasco,  
Convertido em Vulcão, lançará chamas,  
Penedos abrasados, que, dum tiro  
Te arrombem as janelas, te dêem cabo  
De livros, e painéis.  
Não tomes susto. – As chamas, os penedos  
Serão só versos, versos dum Amigo,  
Que, inda enfadado, em Ti conhece um Sócio,  
E Irmão em Deus Apolo.

# ODE

## AO MEU BRITO

*Em coalhando alguns vinténs... irei passar  
Um dia com V.<sup>mce</sup> para conversarmos.*

*Carta do dito Senhor, de 11 de Maio de 1812.*

**D**E ver que o caro Brito se remancha,  
Por falta de *coalho*, o bom Filinto  
Desespera, dá pontapés, na banca,  
Raivoso a atira, a tombos,  
Os livros, e o Poema alveitarando  
De aleijões, arestins, e mataduras  
Aqui corta o que é são; ali o queima,  
Sem que atine co' as chagas.  
Oh Jove, oh Pai dos Deuses, e dos Homens,  
Que guloso de natas, e de leite,  
(Bem que impando de Néctar, e de Ambrósia)  
Chupavas nas tetinhas  
Da poderosa Juno, quando um Marte  
Da pança vomitava, ou coxí-pede:  
Manda *coalho* ao Brito com que enqueije  
D'alguns vinténs a nata.  
Tu, que pródigo foste, na Era argêntea,  
Em parir, pela testa a altiva Palas,  
Potente em guerra, em letras, e Oliveiras,  
(Macha-fêmea Beldade!)  
Ou, pela coxa, um Nictileu tirsígero,  
Fero Conquistador das moles Índias,  
A quem (mais que ao valor) graças devemos  
Por sumos de bacelo:  
Torna a parir, meu Jove um novo Numen,  
(Pela ventrecha:) um Deus de nova forja,  
Deus *Coalho*, dos pés, até o toutiço  
Deus, que o milagre faça  
De lhe *coalhar* em chicos, quantos versos,  
(Todos natas) compõem os derretidos  
Vates de Outeiro c'os Anões versinhos,  
Feitos a Anãs Nerinas.

## ODE

### AO SENHOR TIMÓTEO LECUSSAN VERDIER

..... Non ille pro caris amicis,  
Aut patriâ timidus perire.

HORAT. *Lib. 4. Od. 9.*

QUE infausta estrela, oh Sábios desditosos,  
Dardeja, sem cessar as desventuras  
Nos lidados disvelos,  
Com que aclarais o Mundo?  
Forjais apenas na Paládia fronte  
Um raio de Verdade e des-cosendo  
A crassa treva, brilha  
No subido hemisfério:  
Ao ver-lhe a Aurora, um vulgo de embusteiros  
Que vivem de ilusões acreditadas;  
Que tem, c'um véu espesso,  
Coberta a vista aos Povos;  
Que tem nas mãos da atada venda as pontas  
Cerram os nós da tímida cegueira  
A luz amaldiçoam  
De mui clara, e nociva;  
Conspiram contra o Sol, que nasce; e irosos  
Erguem contra o clarão manto de trevas;  
Clamam que é falso – clamam  
A Deus, aos Reis vinganças.  
« Morra esse ousado: algemas e masmorras  
Torturas, fogos presto se aparelhem.  
É precito quem fere  
A lucrosa Ignorância.»  
Incorrupto Verdier, o ceptro anui  
Aos votos execrandos, mal-cuidoso  
Dos bens que aos mais impede  
Do abismo, que a si funde.  
Mais, que aos clamores dum Faquir iníquo  
O Rei se deve ao Sábio, que o doutrina.  
Ao Céu cabe vingar-se  
Com armas não-humanas.  
Inda hoje soam, nos Alpinos vales,  
Miseros ecos; inda alvejam ossos  
Dos tristes, que (sem culpas)  
Cortou sagrado ferro.  
Deve o que tem as rédeas do ginete  
Cauto encurtá-las, que se não desboque;  
E não malogre, cego,  
Da Arte as lições tardias.  
Nem cansa os Deuses General previsto,

No vivo da peleja mas acode  
C'o prestante reforço  
E inda melhor, c'o exemplo.  
Quando dos sevos Aquilões sopradas  
Do Bósforo, a revolver-se, as ondas  
Começam, espumando,  
Os Céus se enlutam; – parte  
De lado o torto lume, que anuncia  
A próxima tormenta; os ares tremem  
C'o estalo, c'o stampido  
Da nuvem, que rebrama;  
Descorçoado acode à verga, aos bordos  
O marinheiro, se o Piloto incauto  
Deixando o leme, implora  
Ajoelhado os Numes.



## ODE

### NO DIA DE ANOS DA SENHORA D. F. G. X. DE SOUSA

..... il ciel pietoso  
Mostrarla volle alfin al mondo ornata  
Per mano dele Grazie.

PIGNOTTI OMBRA DI POPE

**H**OJE, que é o fausto dia,  
Em que airosa festeja anos Anfrisa,  
Vem, oh Lira ditosa  
Acompanhar-me a voz, em seus louvores.  
Tu foste sempre, oh Lira,  
Quem com suaves sons aliviaste  
Meus sentidos gravados  
Com secos, fastiosíssimos estudos:  
Mitigaste a saudade  
Do meu amor primeiro; e a aguda flecha  
De pungente amargara  
Embotaste co' a tua melodia.  
Tu já cantaste alegre  
As breves dádivas da branda Vénus,  
As mui doces lembranças  
Dos ledos dias, das mimosas noites.  
Canta de Anfrisa agora  
Seus anos em viçosa Primavera;  
E a meiga voz, que encanta  
Que c'o encanto pleiteia da beleza.  
Ela ao trono de Vénus  
Subiu infante; as Graças, com disvelo  
Lhe alcançaram dos Numes  
Prendas de Aspásia, e formosura de Helena.  
Que prazer não concebo,  
Quando inclinando a face à minha face,  
Lhe luz nos ternos olhos  
A, que no coração lhe lavra, amante chama!  
Ufano a sinto, e a admiro,  
Dentro em mim mesmo absorto considero  
Por que favor os Deuses  
Deram ao meu amor prémio tão alto.  
Oh não emprendas, Lira,  
Descrever o que na alma sinto; és frouxa:  
À divina Calíope  
Desempenhar o assunto custaria.



## ODE

Ibimus, o socii comitesque,  
..... nunc vino pelite curas.

HORAT. *Lib. 1. Od. 7.*

**NUNCA** eu cuidei, que piedoso o Tempo  
Desviasse de mim a afiada fouce,  
Tão longos anos; que a cerviz votada  
A sevos infortúnios  
À prolixa miséria, a infirmitades  
Colhidas em tedioso Desamparo,  
Escapasse ao seu gume, e que encetasse  
Eu os quatorze lustros.  
Quantos bebi venenos de amarguras  
Das mãos de meu Desterro calunioso!  
Vingados devem star os ruins Bonzos,  
E a stúpida sequela.  
Vingados se não crêem; – que me não viram  
Passear o Rossio, com carocha,  
Tisnar nas chamas, e chiar-me as carnes,  
C'o fundido da enxúndia.  
Vingados se não crêem; – antes enraivam  
Que amparado de mui fiéis Amigos,  
Hoje, em vez do Rossio, dou passeios  
Na França, que os assusta.  
Em Paris, – onde os raios se trabalham  
(Nas forjas da prudente Liberdade)  
Que hão-de abrasar masmorras, e carrascos  
Do infame Santo-Ofício.  
Tempo virá (e Deus me outorgue vê-lo)  
Em que os Clérigos tristes, despedidos  
Da infernal Cúria, corram apupados  
Dos Réus, que encarceravam.  
Arrasada essa Cúria, esses segredos,  
Lacerada a perfídia dos Cartórios,  
Queimados os cordéis, os Cavaletes,  
E os ustensis dos tratos,  
Veja o Povo enganado os rasgos vivos  
Da gabada clemência dos algozes,  
E a Doutrina de Cristo santa, e meiga  
Por Neros insultada.  
Veja o Povo a vorage', onde há três séculos,  
Se tem sumido o Ingenho; de quem tremem  
Aleivosos Tartufos – não lhes rasgue  
As embusteiros máscaras.  
Lá padeceu a pia formosura  
Que ao Pai, sem culpa, não traiu culpada.

Martírios mais studados lá sofreram,  
Que os Mártires mais mártires,  
Os que ousaram picar no vivo da alma  
Esses Perilos, quando descobriram  
Seus vícios, seus embustes, seu fingido  
Falsário stratagema  
Já não entonam ferros as cervizes,  
Nem tiranos se escoram tão soberbos  
Na santa Casa; nem com queima ameçam  
Quem lê, quem os conhece.  
Sim. – Que olham França, que olham cabisbaixos  
Os Bispos, os Abades, que esmagavam  
Co' as douradas berlindas, e c'os urcos,  
Os Sábios baldos de ouro:  
Olham zombadas Pastorais ensossas...  
Quanto às excomunhões... Nem fumo delas.  
Que a sã Filosofia, que enforcavam,  
Hoje os esbofeteia.  
Lá lhes irá fazer largas visitas  
Esta Luz, que daqui veloz caminha,  
C'os seus raios, rompendo, destemidos  
As barreiras do engano,  
Iremos, Mathevon, iremos ambos  
Dar parabéns, aos Tristes, que se alegram,  
Aos Bons, que por Messias esperavam  
Um Salvador das Gentes  
Iremos ver as terras saudosas,  
E os Amigos, que lá, com dor, deixámos;  
Que, com dó, lastimamos acurvados  
Com fanático jugo.  
Co' eles entoaremos gratos Hinos  
À grata renascida Liberdade,  
E com gosto veremos baixos, torvos  
Os Naires, os Faquires.

# ODE

## AO IL.<sup>MO</sup> SENHOR D. P. M. B. [XXXIV] A QUEM FORA DEDICADO O POEMA *VIRGINIDOS*

Quid referam unhasdas, queis singula verba notantur,  
Queisque cataneiant Lectores carmina quæque  
Indocti doctique simul!

ANT. DUARTIS FERRONIS QUEIXUMINA

**D**UAS vezes cantada,  
Já séria, já burlesca;  
Agora em traje estranho,  
Sai a nova Donzela aventureira.  
A Malandrins folões,  
Descomunais Gigantes,  
A maus Encantadores  
Vai, na jornada, exposta a Dolorida.  
Por descampados ermos,  
Por hórridas florestas,  
Sozinha, sem socorro,  
Verá sua honra, a cada passo, em transe.  
Oh Tu, de Orfãs amparo,  
Arrimo de Viúvas,  
Desfazedor de tortos  
Sê da coitada Dama Cavaleiro:  
Toma a nodosa lança,  
E o elmo de Mambrino;  
Seja o fiel Dam...  
Em novo *ruço*, novo Sancho Pança.  
Da viril Dulcineia  
Barbi-louro Quixote,  
No possante *Corujo*,  
Faze lembrar o antigo Rocinante  
E faze que confessem  
Os Andantes mais guapos  
Humilde vassalagem  
Ao virgo intacto da sem-par Donzela.

## ODE

Cervi, luporum præda rapacium,  
Sectamur ultro quos opimus  
Fallere et effugere est triumphus.

HORAT. *Lib. 4. Ode 4.*

QUE desastres que eu vi! Que desacertos  
Nos treze lustros da cansada vida!  
Os homens menos tino têm que os brutos,  
No que é de são proveito.  
Debalde a Experiência de mil anos  
Em bronze lhes escreve, em mármore duro  
Os erros dos Maiores: eles loucos  
Volvem do bronze a vista.  
Tintos de sangue fresco se avermelham  
Alcantis de precipite Riqueza;  
Os que cega a Ambição vergam sem medo  
Na quina do despenho.  
Inda de África um Juba, inda de Grécia  
Um Perseu, os grilhões nas mãos sopesam  
(Desonra de Sob'ranos!) inda raivam  
Das vaías do triunfo.  
Inda ontem tantos Reis ajoelhados  
Pedindo paz a insólitos Burgueses,  
Não são Lições que calem nos juízos  
De impróvidos Monarcas.  
Que Pirro, nem que Antíoco puderam  
Destroçar a República de Bruto?  
Um, com todo o saber da Arte guerreira,  
Outro c'o poder da Ásia!  
E sois mais sábios vós, mais poderosos?  
Vós Reis de pouca terra, e de pouca Arte!  
Que ousais lutar (vencidos tantas vezes)  
C'os repúblicos Francos?  
Nem sois vós quem lutais: luta arquejando  
Contra a Razão robusta o vão Orgulho  
Lutam fogueiras, cárceres, verdugos  
Contra forros Escravos.  
Quando estenda a República dous braços;  
Um que abarque Viena, outro Bengala,  
Onde ireis esconder-vos? Que Pitts <sup>[xxxv]</sup> astutos  
Vos salvarão os tronos?

# ODE

..... meæ, (si quid loquar audiendum)  
Vocis accedet bona pars: et o sol  
Pulcher, o laudande, canam.

HORAT. *Lib. 4. Od. 2.*

VEM, Dia fausto! Dia o mais formoso  
Que Apolo trouxe no vermelho carro,  
A alumiar os homens generosos,  
Nas despóticas sombras.

Vem, Dia alegre! Tu lhe abriste a senda,  
Que dentre as brenhas vis do cativo  
Guia aos campos ápricos, onde a brados  
Os chama a Liberdade.

Caiu por terra derrocada a Rocha,  
A Caverna de Caco mais sumida;  
A furna dos antropófagos Ciclopes  
Estalou nas entranhas.

Essa Sfinge sacerdotal, que enigmas  
Propunha aos Povos, acertou em França  
C'ó Édipo, que os soltou; que lhe deu morte,  
Pelos Bons desejada.

Onde corre em tropel tanta Nobreza  
Ajoujada de Títulos, de Cruzes?...  
Cansados ares troam com vinganças,  
Que arquejam de impotentes.

Tu feliz Dia, lhe cortaste o braço,  
Quando o dos Cidadãos desalgemaste;  
E a Bastilha, a teus olhos devassada,  
Lhe afracou os impulsos.

Eis-vos zombados, fugitivos, pobres!  
Zombada a raiva dos astutos Bonzos!  
As Honras o Interesse em vão clamados,  
Em grande afã perdidos.

Oh Dia de prodígios? Tu rompeste  
Do alicerce República o alto rego,  
Que o Dez de Agosto encheu; Fleurus, com glória  
Carregou de colunas.

Vem, fausto Dia! vê soberbo o Templo  
Tremular os pendões, que B\*\*\* \*\*  
Consagrou ao Valor. Vê dentro em trono  
Pousada, a Liberdade;

E em roda da cimalha, a Musa Clio  
Que, (como a um Nume) o insculpe, debruçando,  
Do carro da Vitória, alma Oliveira,  
Sobre humildes Monarcas.





## ODE

### AO SENHOR AGOSTINHO ROUTIEZ, QUE ME CRIMINAVA DE PREGUIÇOSO EM ESCREVER

Doctor argutæ fidicen Thaliæ,  
Phœve, qui Xantho lavis amne crines:  
*Lysiæ* defende decus Camenæ.  
Levis Agyeu.

HORAT. *Lib. 4. Od. 6.*

**A**QUI d'El-Rei! A mim, a mim é que ousam  
Arguir de perguiça! E quem me argui?  
Um mandrião Romano, que em dous anos,  
Nem me assinou seu nome.  
Acudi, Musas: vem, Apolo acode  
Pelo crédito, e brio de Filinto,  
Assim manchados com labéu injusto  
Pelo Réu mais culpado.  
Trazei por meus autênticos abonos  
Quatro cantos de Sílio traduzidos,  
E a Cópia de Camões limpa das nódoas  
Dos ignorantes prelos.  
Trazei (bem que encolhidos de vergonha)  
Arremedos de Horácio morte-cores:  
Não de ânimo escassez, mas sim de ingenho,  
Lhe acobardou os rasgos.  
Inda podereis, graciosas Musas,  
Dar-lhe mais volumoso testemunho,  
Se aos metros lhe encostásseis certas prosas  
De entretida amizade.  
Clio trará, por certo, Obra mais digna;  
A Tradução de Osório, que ilustrara  
O séc'lo de Manuel, e os nobres feitos  
Dos fortes Portugueses.  
Fora alta injúria, se por meu desforro,  
Vos peço, que mostreis a papelada  
De charro-diplomático hieroglífico;  
Enfastiosas lidas!  
Que assaz desairam vossas mãos divinas  
Farragens de torcidos embelecocos;  
Nem entre Deusas de Artes, de Ciências,  
Uma há para maranhas.

## ODE

### AOS ANOS DA SENHORA D. MARIA ANTOINETA DITTMER [xxxvi]

Puissiez-vous, Papa, Maman, Enfants,  
Pousser votre carrière au-delà de vingt lustres.

M<sup>lle</sup> POULAIN *de Nogent*.

VEM, minha Clio, vem; que inda que velho  
Alguma vez, com teu formoso rosto,  
Me amenizas, e c'o teu sopro à mente  
Dás auras do Parnasso.  
Ah! que não deu Apolo aos homens todos  
Ter comércio co' as Musas; – dignou poucos  
Do dom Sob'rano de exprimir às gentes  
Os segredos dos Numes.  
Juno, em colóquio c'o supremo Jove,  
Lhe dizia: « A Antoinetta qual destinas  
Grato mimo, no dia de seus anos?»  
Eis Júpiter, lançando  
A vista divinal ao Livro escuro  
Dos Fados, descifrou assim as notas  
« Do Futuro: Antoineta é venturosa  
C'os filhos, c'o marido,  
C'os irmãos; – e será (se ela o deseja)  
Mais ditosa, quando ouça, quando cumpra  
De seu honrado Pai os sãos conselhos,  
Com tanto amor ditados.»

## ODE

AO IL.<sup>MO</sup> E EX.<sup>MO</sup> SENHOR  
D. JOSÉ MARIA DE SOUSA E PORTUGAL, <sup>[xxxvii]</sup> EMBAIXADOR  
DO PRÍNCIPE REGENTE  
À CORTE DE FRANÇA

Cose tai, che il gran numer degli sciochi  
Sopra qualunque pregio ammira e loda.

L'ABBATTE CASTI. *Cant. 2º degli animali parlanti.*

**C**ORREIOS – mais Correios – vêm sem cabo  
Dar lida, e escrita ao meu José Maria  
Apoquentar-lhe a magra paciência,  
Com fósmeas diplomáticas.  
Triste Ofício! desconsoladas honras!  
Se as não aliviassem as mesadas,  
Co' as valem-tudo lúcidas carinhas,  
Que o Brasil desentranha!  
Triste Ofício! (bem disse) e oh quem mo dera!  
Que ainda que indouto em Máximas de Estado,  
Escreveria tanto, ou mais que uns certos,  
Por metade do custo.  
Oh mal hajam Correios, que lhe tirão  
O templo da visita prometida,  
Com que anseio abismar de Embaixadores  
A relé <sup>[xxxviii]</sup> do meu bairro.

## ODE

### AO MEU AMIGO ANTÓNIO MATHEVON DE CURNIEU

Quelques-uns prirent le cochon  
De ce bon saint Antoine,  
Et lui metant un capuchon  
Ils en firent un moine;  
Il n'en coûta que la façon, etc., etc.

**M**EU rico santo Antão, no vosso dia,  
Dia de gala, e beija-mão no Empírio,  
Dai-me com que brindar um bom Amigo,  
Amigo de trinta anos  
Hoje, que a vossos frades dais banquete,  
Mandai um Anjo, que me traga um prato  
De Celeste manjar, um papo de Anjo,  
Ou bolo da Esperança.  
Se vos achais de jeito a fazer mimos,  
Regalai-me c'um paio, ou c'um presunto  
Do vosso Companheiro, defumado  
Nas cheminés celestes.  
Outros Vates invoquem Febo, e Musas,  
Com Pindáricos voos se remontem,  
Que eu venho a pé pedir-vos graça, e meto  
Por pedreira o Porquinho.  
Se mo dais, vou-me logo rebolindo  
Jantar com Mathevon, e dar-lhe um naco,  
Que o regale, regale a Filha, e o Neto  
Com cousinha do Céu.

## ODE

### AO SENHOR FRANCISCO XAVIER DA FONSECA

..... Liberior si  
Dixero quid, si forte jocosius, hoc mihi juris  
Cum venia dabis.

HORAT. *Lib. 1. Satyr. 4.*

ENQUANTO gozas da áurea Mocidade,  
E o Tempo empregas, com proveito e gosto  
Em lidas Matemáticas, e Químicas,  
Morífero Fonseca;  
Enquanto apuras Portuguesas falas,  
Bebidas nos bons Clássicos, e zombas,  
Dos néscios Lusos, que Francês empurram  
Pelas portas da Elísia:  
Filinto, já quebrado de seus brios,  
Apenas ri de compaixão, quando ouve,  
Ou vê em tais escritos, ou tais falas,  
Laivos de francesismo.  
Néscios! e muito néscios! Que cuidando  
Que alardeiam ciência doutra língua,  
Mostram pobre nudez da língua própria,  
Que cobrem com farrapos.  
Pois outros (cá se sabe) que gaguejam  
Francês, nas Lisbonenses Assembleias!...  
Inda mais néscios! – Que Francês só o sabe  
Quem bem o estuda em França.  
Nem quem mal soletrou Francês c’um birba  
Cabeleiro, que usurpou capelo  
De Doutor, em *Francês*... E assim na Elísia  
Alguns se doutoraram!

## EPODO VII DE HORÁCIO

ONDE ides de tropel? onde, malvados?  
A que é tanto preparo  
De acicalados ferros, para as dextras?  
Achais escasso o sangue  
Latino desparzido pelos campos  
Por pegos de Neptuno?  
Oh! que não é, por que os Romãos abrasem  
Os bastiões soberbos  
De Cartago a rival; nem porque desçam  
Os Britanos intactos  
Pela sagrada via maniatados.  
Mas sim, porque esta Roma  
Às suas próprias mãos, enfim, pereça;  
Como os Partos o anelam.  
Nem Lobos, nem Leões tal nunca usaram,  
Senão com casta estranha.  
Impele-vos talvez insânia cega,  
Ou força mais possante,  
Ou culpas? Respondei. – Mas emudecem;  
A pálida brancura  
Lhe enfia o rosto, e assombra a alma aterrada.  
Sim; que os Fados acerbos  
E a morte, que o Irmão a Remo dera  
Atribulam agora  
Os Romanos; e assim como o seu sangue  
Inocente correrá,  
Corre agora o dos Netos, pela terra  
Em maldição daquele.

## ODE

..... Nec civis erat, qui libera posset  
Verba animi proferre, et vitam impendere vero.

JUVENAL. *Satyr. 4. Vers. 90.*

QUATRO lustros com duas Primaveras  
Vi já cair na escura eternidade,  
Dês-que os Lares deixei, na amada Pátria,  
E da Amizade o seio.  
Ficai, frades; ficai, Conselho iníquo,  
Onde é Réu, onde às chamas é lançado  
O Sábio, que incorreu no enorme crime  
De lesa-fradaria.  
Tão saudoso da Pátria sou, quão ledo,  
De não ver balandraus, não ver cercílios;  
Nem sórdido Capucho, que me empurre  
A manga, que lha beije.  
Nem me venha, com insolência humilde  
Pedir, para o sepulcro, ingrata esmola,  
Que em direitura vá parar à noite  
Em mãos duma michela.  
D'há longos anos, te puseram jugo,  
Portugal fero, na cerviz indócil,  
Duns os sofismas, e ora os brasões doutros,  
Já Bonzos, e já Naires.  
Porque não sacudis, valentes Lusos,  
Dos usurpados postos eminentes,  
Ignaros, Soberbões baldos de mérito  
Que vos vêem com desprezo.  
São vossas as Virtudes, os Talentos,  
A quem sós cabe a glória, o prémio, o mando.  
Que eles vão co' a vanglória, e pergaminhos  
Viver lá c'os Tarquínios.  
Ponde os olhos na França. Quão briosa  
Derribou os altares orgulhosos,  
Espantalhos erguidos por matreiros,  
Para logro de néscios.  
A si, que não aos ídolos, os Bonzos  
Buscaram cultos: mira em si puseram,  
Alcançar, nos Pagodes bem-rendados,  
Senhorios, Poderes.  
Que feliz fora a Pátria! (e eu com ela)  
Se, varrido esse lixo de ruins Naires,  
E purgada essa escória dos Pagodes  
Fosse sadia, e nédia.

## ODE

Ab homine homini quotidianum periculum....  
Homini perdere homilem libet.

SENEC. *Epist.* 103.

QUE não acabam desastrosos dias!  
Afastando das Leis da Natureza,  
Os que ela, com amor, e com brandura  
Criara em seu regaço!  
Vimos o homem clamar: – *São meus os Campos,*  
*Que a meu Irmão tomei, co' a espada em punho,* –  
E rejeitar das abastadas portas  
Os famintos sobrinhos;  
E, em despeito do Nume onnipotente,  
Que o Céu de astros vestiu, o chão de flores,  
Ante pedras, metais ajoelhar-se...  
(Desmesurada insânia!)  
« Decepar c'ó Sacerdotal cutelo  
Tenras gargantas podes? – A um Deus brando  
Que a sacrifícios tais dando de rosto,  
Foge, agastado, de ira?»  
Eu vi homens devotos, de alto sangue:  
Vi esses, que assoalhavam *caridade*,  
Juntar a lenha para a atroz fogueira  
Do invejado Filinto.  
Vi lançar a seus bens do Fisco a rede;  
E em vingança de haver-lhes escapado,  
Com névoas de calúnias empanar-lhe  
O crédito lustroso.  
Oh cego, interesseiro Fanatismo!  
Quando verei teus fachos apagados,  
E a dextra da Verdade lançar no Orco  
O teu punhal sanguento?  
Vem, vem, Solar Verdade: – às róseas portas  
Te esperam Filosóficos Disvelos;  
Já para o trono te prepara a estrada  
Apurada Leitura.  
Os Reis (a pesar seu) lições mais rectas  
Têm de beber da fonte, que hoje mana  
De erguida rocha, onde se assenta em França  
Briosa a Liberdade.  
Cerra, oh Musa, no peito impaciente  
Intrépidos bulhões de árduas Verdades;  
Que inda não é maduro para ouvi-las  
O negligente Povo.



## ODE

### AO NASCIMENTO DO DELFIM DE FRANÇA

Ultima Cumæi venit jam carminis ætas.  
Magnus ab integro sæclorum nascitur ordo,  
Jam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna;  
Jam nova progenies cœlo demittitur alto.

VIRGIL. *Eclog.*

QUAL brando Orvalho, na manhã serena,  
Vem consolar a Terra sequiosa;  
E abrilhantando as folhas com aljôfar,  
Desempoeira os prados;  
Ou qual, de árvore bela, belo pomo  
Dá prazer ao faminto Caminhante,  
E a mão tentando, que a colhê-lo sobe;  
Cortês se lhe debruça;  
Assim, Delfim, à França alvoroçada  
Desceste; de alma nuvem grato Orvalho,  
E da hástea de altos Lírios flor mui bela,  
Brotaste apetecido.  
Nasces entre Canhões, e Luminárias,  
Do teu lastre, e do teu estrondo emblemas.  
Vinho a rodo, Chouriços, Putas soltas,  
Não é sem grão mistério.  
Já pelas ruas cresce o fervedouro  
Das bestas de dous pés, (Povo malvado)  
Que ao tinir dos escudos desparzido  
Desfecha em algazarra.  
Já rebentão as vias de Versalhes,  
C'os lisonjeiros coches; gordos Urcos  
Tiram grandes fidalgos, donairíssimas  
Damas de alto calibre.  
Pobres *fiacres* arrastam mais ronceiros  
(Apesar de incessantes chicotadas)  
Mesquinhos frades, clérigos tumbeiros,  
E a pé pobres versistas.  
Ouvirás co' as insólitas orelhas  
Académico-floridos discursos  
Latinos cumprimentos da Sorbona,  
Marchetados de frases.  
Tens muito que aturar. Os grandes nomes  
De César, d'Alexandre, e Carlos Magno  
Te hão-de embutir. Dá graças a Deus sumo,  
Que mamás, ou que dormes.  
Vermelho irá pregar-te um Arcebispo

A defesa da combalida Igreja:  
Não percas uma sílaba (te clama)  
Da interesseira fala:  
Nem, faltando ao respeito vingativo  
De impertigados Bonzos... Ah não ouses  
Chorar feio, peidar desentoadado,  
Nem borrar nos cueiros.

## HINO

### COM PRETENSÕES DE SEQUÊNCIA

**D**IA alegre e folgazão!  
Que a Rainha, um Rapagão  
Nos deitou de trambolhão.  
Do ventre, como outro Jonas,  
Saiu, fazendo gaifonas  
Às mesuradas Matronas.  
Mas de Jonas foi o avesso;  
Que saiu detrás do sesso,  
Por onde entrara travesso.  
Sinos, tiros, Luminárias,  
Foguetes de formas várias,  
Foram festas necessárias.  
Soltas, por mor festa, as Putas  
Deram dança em suas grutas  
De mil cadilhos hirsutas.  
E foi mais novo o festejo,  
Por que deram neste ensejo,  
Todas, de graça, o badejo.  
Chovem chouriços nas Praças,  
Saltam mochachins, caraças,  
Que o ventre enchem de vinhaças.  
Às mãos-cheias o dinheiro  
Sai do Régio mealheiro, Para o povo piolheiro.  
Fervem couces, fervem murros  
Das patas dos humanos burros,  
Entre alaridos, e zurros.  
Tudo concorre a Palácio;  
Vai Galeno, e vai Cujácio,  
Co' a lisonja em Cartapácio.  
Vão longos, e curtos Nobres,  
Vão sábios, ricos, e pobres  
Vão em sege os que têm cobres.  
Por seu pé, que de carne é  
Vai toda a baixa ralé,  
A quem Deus não fez mercê.  
Vão correndo mui gaiteras  
Refesteladas peixeiras  
Bem providas de algibeiras.  
Com doutas Latinidades  
Falam Universidades  
Das conquistas das Cidades.  
De Alexandres, e Romanos,  
Que foram, há muitos anos,  
Quinta essência dos humanos,

Que ensinaram toda a gente  
D'Oriente, ao Ocidente,  
A falar Latim corrente.  
O Arcebispo da Matriz,  
De estola e sobrepeliz  
Da Igreja altas cousas diz.  
Diz, que importa correcção,  
Nesta herética opinião,  
Se queremos salvação.  
Delfim, salva essas perrucas [xxxix]  
Que afagam as sábias nucas,  
Do fanatismo baiúcas.  
Para glória das Nações,  
Bebe as doutas instruções  
Dos chapados Sabichões,  
Guarda as lições na memória,  
E terás aqui vitória,  
E no fim eterna glória.

Prostrados os humildes Portugueses diante da Augustíssima Desgravidão suplicam mui venerabundos a mercê de beijar as devotas Relíquias dela, com aquele respeito, e obediência, de que tem os Suplicantes dado tão abonadas demonstrações, em todas as festividades de mui panegiricada Gravidão.

## CÂNTICO

DE ALVÍSSARAS, E JUNTAMENTE DE PARABÉNS

AO SENHOR FÉLIX ANTÓNIO GERIGOTO,

PRESUMIDO REI DE ALBÂNIA, ACADÉMICO DAS NECESSIDADES,  
E GAZETEIRO AFRANCESADO, E MISTIFÓRIO DA CORTE DE...,  
ETC., ETC., ETC.

**A** língua da Gazeta, que não cessa  
De badalar na Europa, há sete meses.  
– *Gravidação, Gravidação augusta*, –  
Des-badalará prestes:  
Porque ao des-gravidar-se a Sereníssima  
(Para bem dos Vassalos venturosos)  
A Secundina Augusta empapa a língua  
Do Augusto Gazeteiro.

## ODE

Non ego hoc ferrem calidus juvena.

HORAT. *Lib. 3. Od. 14.*

**N**UNCA tal viram Gregos, nem Romanos,  
Nem Moisés, vedor-mor, corni-luzente;  
Nem tal o viu, na feiticeira Cólchos  
Jason, taful de Esposas.  
Quatro meses! – Quais tardas Tartarugas,  
Gastar na ronçeiríssima jornada  
Da Holanda até Paris, dous arrastados  
Baús dum pobre Vate!!!  
Onde estás, Padre Apolo? Onde estais, Musas?  
Onde as Horas, e rápidos Etontes,  
Que não tomais no carro auri-flamante  
A mélica fardagem?  
Como nos pode armar teu filho Homero  
Tripeças, que – redondas, que – sisudas  
lam pelo seu pé, pôr-se de fila,  
No sítio assinalado?  
E tu, Febo, que lhe ditaste a Ilíada;  
Que és Deus; – que tens poder de andar à roda,  
Ou de fazer andar; me não pões rodas  
Nos meus Baús, – e que andem?  
Foste dos Vates Pai; hoje és Padrasto,  
A quem não lembram filhos; como agora  
Não lembra ao B \*\*\* o argel de.....  
Põe tranca à língua, oh Musa.

# ODE

## AD SODALES

..... Cras foliis nemus  
Multis et alga littus inutili  
Demissa tempestas ab Euro  
Sternet; aquæ nisi fallit augur  
Annosa cornix.

HORAT. *Lib. 3. Od. 17.*

JÁ os frios vêm e as neves não nos falham:  
Curtos os Dias, Noites estiradas  
Fecham campo ao Passeio, e as portas abrem  
A aborridos Enojos.  
Com mão de chumbo a ruim Melancolia  
Vem tomar posse do arredo peito,  
Que se deu folga na áurea Primavera,  
No frutífero Outono.  
Lá jazem pelos Bairros fortunados  
Da gaudiosa Paris, as Assembleias,  
Teatros, onde os Jocos, onde os Risos  
Dançam co' a linda Vénus.  
Lá, sem senti-lo, passa breve o Inverno  
E aponta a Primavera, quando apenas  
As belas Damas, os Mancebos guapos  
Sair do Outono cuidam.  
Quando eu cá, na Tebaida, me consumo  
De saudades de retardões Amigos;  
Que, divertidos, cuidam de relance  
No triste Anacoreta.  
Um, que vir prometeu, come a promessa;  
Outro, que há-de mandar Penas, Poema  
Dos Mártires, e Solfas prometidas,  
No cadoz as desleixa.  
Porque não concedeu Júpiter sumo  
Pés e pernas à Música, ao Poema?  
Ou às Penas não deu poderes, e arte  
De empenar as Consócias?  
E virem muito azadas, pelos ares  
Voando até Choisy, Poema e solfas  
E os Aldeões pasmar, embasbacar-se  
Nos Passarões estranhos?

# CASO TRÁGICO

## MUI VERDADEIRO

Quid quisque vitet, numquam homini satis  
Cautum est in horas.

HORAT. *Lib. 2. Od. 13.*

**B**EM diz Horácio, que homem nunca sabe  
O Bem, ou mal, que tem de acontecer-lhe,  
Qual o Fado o escreveu em brônzeas folhas.  
Dias ditosos há, e aziagos dias,  
Que as negras Parcas, em seus negros fusos,  
Retorceram. Tal foi a noite infausta  
De sábado, quatorze deste Outubro.  
Quis do Domingo saudar a Aurora  
Com Camisa lavada, e brancas cuecas  
Que esse asseio é devido: – é uso usado  
Entre gente, como eu de pouco fato!  
Invisto co' a gaveta, que o tesouro,  
Aferrolha da minha roupa branca.  
Vou-me às Camisas (lote de mais polpa)  
Camisas seis, não mais, *reliquias Danaum*, etc.  
Das doze, que embainhou a Costureira,  
*Hagæ Comitum* Haia dos Casmarros.  
Meto mão à primeira... Oh Deus me acuda!  
Vejo um rasgão, que d'alto abaixo a alanha,  
Já desdobro a segunda... Vejo, em roda  
Da cintura, apinhados buraquinhos,  
Quais os vês na furada escumadeira,  
Ou no crivo de laco misterioso,  
Ou qual d'olhos um cento Argos abria  
Em roda do toutiço, disvelados  
Em vigia da Vaca, Ino formosa.  
Pois a terceira... Ai Manas, que frangalho!  
Toda penduricalhos tremulantes,  
E os colarinhos rotos, dava-me ares  
Duma velha Bandeira esfarrapada,  
Que as guerras viu de Flandres, ou de Tróia.  
Na quarta não falemos. Era um trapo,  
Que pudera servir a algum Barbeiro  
A alimpar as babujes das navalhas,  
Ou queimada dar isca à Cozinheira.  
A quinta era mais sã, só tinha a pecha  
De ter na dianteira a fralda rota,  
Mas (salvo tal lugar) c'uma bocarra,  
Que a perna toda inteira, pela fenda,  
Mui folgada, e sem custo passaria,



Sem a abrir mais. Se eu fora moço, e guapo  
Nunca eu Camisa tal, às carnes dera  
Em tempo de Delmira, ou da alva Nise...  
Que vergonha não fora, e que ludíbrio  
Ir com tal avental fazer-lhe festa!  
Hoje estou velho, e só descubro aos muros,  
Às esquinas o pífio cortinado,  
Com que o talão-balão, com pejo envolvo.

*O tempora! O mores!*

Quem diria a Filinto, quem diria  
Que alguma hora mesquinhos, negros Fados  
Agourentar-lhe houvessem poucas varas,  
Não digo já de Holandas, nem Cambraias,  
Mas de algum linho, que não coce a pele!  
Enfim vesti a sexta, em que só via  
Quatro, ou cinco remendos, e três frestas.

## ODE

..... Inquinavit ære tempus aureum:  
Ære, dehinc ferro duravit sæcula: .....

HORAT. *Epod.* 16.

**P**ARA unidos se amarem, socorrerem,  
Com muros, nas Cidades, se cingiram  
Os Homens, téli sparsos pelas brenhas,  
Como os Leões, e os Tigres.  
Quais Leões, quais Tigres, hoje, se espedaçam  
Com Invejas, com Roubos, com Calúnias.  
De que nos servem Leis? E qual tiramos,  
Dessa união, proveito?  
Ide a Paris, a Londres, ide aos Campos:  
Burgueses, e Aldeãos não têm mais regra,  
Que a Cobiça das Honras, Sede de ouro,  
E a pertinaz Filáucia.  
Homem probó, Matrona de Sabina,  
Inocente Donzela, ingénuo Jovem,  
Co' a prevista lanterna de Diógenes  
(Por caso) os depararas.  
Os tempos de Saturno, Eras de Astreia  
Sorveu a férrea Idade; e golfou spessos  
Enxames de Maldades duradouras  
A nós, mortais mesquinhos.

## ODE

Oh! ego, ne possim tales sentire dolores,  
Quam malem in gelidis montibus esse lapis.

TIBULLI. *Lib. 2. Eleg. 4.*

QUAL sai em borbotões, da verde encosta  
A murmurosa Fonte, me rebentam  
Gritos contra os cruéis formosos olhos  
De Lindana insensível.  
Meu coração que amante chama queima,  
Vou sepultar nos Hiperbóreos gelos;  
Té que, no peito afugentado esfriem,  
As rubentes lembranças;  
Improbo Jove, que me não convertes  
O corpo, num rochedo agreste, hirsuto!  
Torna-me os pés, ao menos, em mordazes  
Raízes retorcidas;  
Porque não corram vis, e despejados  
A rondar os umbrais desprezadores,  
Onde ouvi o soberbo desengano  
De amor tão malogrado.  
Tomai ligeiras asas vagabundas,  
Meus tristes pensamentos amorosos;  
Ide espalhar pela estranhada gente  
Vossos ternos queixumes.  
Enquanto uma flor pálida aqui nasce  
Da cor do meu pesar: – que em hásteas sinto  
Brotar-me o corpo, e em folhas estender-se-me  
Pela magoada várzea,  
Junto a meu tronco saudoso e grato  
Virão depor seu pranto Amantes tristes;  
E de insofridas lágrimas regado  
Darei maviosa sombra.  
Vénus, de mim, sentidos ramilhetes  
Virá compor, para juncar a campa  
Do alvo Adónis, nos dias revolidos  
Do seu trespasso acerbo.

## MADRIGAL

**A**MOR, vendo vazio  
Todo o coldre, contar vinha açodado  
À Mãe, quanta proeza  
Nos míseros mortais obrara ímpio.  
A Márcia, inconsiderado  
Abraça: – que iludiu-o tal beleza!  
Que a creu Vénus. « Filinto - diz-lhe (rindo) -  
Não és só, quem com ela, oh Amor, se engana  
Já Palas, já dos Numes a Sob'rana,  
Ilusas; como tu, foram fugindo,  
Lembradas do Ida, em túrbido ciúme,  
Dos olhos faiscando irado lume.»

## ODE

Nunquam ita quisquam bene subducta  
Ratione ad vitam fuit.

TERENT. *Adelph.*

QUANTO é certo, que entramos no Universo,  
C'uma venda nos olhos apertada!  
Nos olhos d'alma, onde luzir não podem  
Da áurea Razão os raios.

Ali devera Jove piedoso  
Mostrar o seu poder, sua bondade,  
Rasgando o véu, que atou a Natureza;  
E, com Celeste lume,  
Aclarando a região do Entendimento,  
Benigno descoser as turvas trevas,  
Com que nos cinge o vil Engano, a Astúcia,  
A Hipocrisia, o Erro.

Se inda mais poderoso, e compassivo  
Desse aos mortais auroras do Futuro,  
Fora um presente a Vida; que, hoje, é trago  
De amargor rejeitoso.

O homem, que assim dotado por Deus sumo,  
De vista perspicaz, que ao longe alcance  
Um Congresso de hipócritas Busíris,  
Em santos negros trajos,  
Que aceitam, com devoto ouvido, aleives  
Contra o triste Inocente descuidado;  
Preparam-lhe, com santa dextra os pratos  
No rangedor equúleo;

Estendem, pelas pontas, rede escura  
Varredoura dos bens do atormentado,  
Clemenciando o rosto, e na alma iníqua  
Saboreando o crime;

Com quanto ardor não abrangera a fuga?  
E, posto em salvo, com seus bens, co' a vida,  
Sustos forrara a si, forrara a morte,  
E aos ruins mais um flagício.

Salvei a Vida: – não a salvei toda;  
Que os bens, com que eu havia alimentá-la,  
O vingativo tonsurado monstro  
Todos sorveu dum trago.

E eu fraqueio à Tristeza, que me acurva,  
Aos alongados anos desvalidos,  
À carência de mimos, que apiadem  
Meus dias derradeiros.

## NARCISSO DOUTRA LAIA

Novo Narcisso sou, que me amo e adoro;  
Que (na água não) no vinho me namoro.  
Quando, ante mim, na taça vem ondeando,  
Vem rubicundo Baco trasbordando:  
Meu rosto ali contemplo avermelhado  
E logo de meu rosto enamorado  
O rúbido retrato, em que me vejo,  
Engulo-o, a poder de ansioso beijo.

## ODE

..... Vin' tu  
Curtis Judæis oppedere?

HORAT. *Satyr.* 9.

QUÃO cheios de razão iam em Roma  
Os Mancebinhos (galhofeira gente!)  
Traquejar na pocilga das Esnogas,  
Aos Judeus cerceados!  
Com quanta mais razão traquejariam  
Estes Lusos Hebreus, que, na Haia, arrotam  
Em livros, em razões, seu nobre orgulho,  
E antiga fidalguia!  
Nem que nos fora escura a torpe lepra,  
Que os enxotou do Nilo; os cativeiros;  
Os escárnios, e infâmias... escornados  
Até do humano Tito!  
Com braga aos pés, expulsos de Solima,  
Vieram pôr Solar demon-mitrados,  
Quais, no Campo da Iã, quais, no Rossio,  
E os forais, na Chamusca.  
Vestiam-lhes, por cota, o Sambenito,  
Por elmos lhe encaixavam as Carochas,  
Que ora gravar-lhes cabe, nos escudos,  
Por única nobreza.  
Que as alcunhas de Teles, Castros, Pintos,  
Com que as Judias fezes enfeitaram,  
Foram postiços dons; com que a Lisonja  
Armou às Reais graças.

~~~~~

Vous ne trouverez en eux (dit Voltaire en parlant des Juifs *tom. 7, chap. 1*) qu'un peuple ignorant et barbare, qui joint depuis longtemps la plus indigne avarice à la plus détestable superstition, et à la plus horrible haine pour tous les peuples qui les tolèrent et les enrichissent.

## ODE

Quod si me lyricis vatibus inseres,  
Sublimi feriam sitlera vertice.

HORAT. *Lib. 1. Od. 1.*

QUANDO as Musas, no Conclave Divino,  
Falam de Homero, falam de Virgílio,  
Feáces, Antífates,  
Cumeia, infeliz Dido  
Recordam satisfeitas.  
Vêm logo Adamastor, e vêm os claros  
Trabalhos de arrojados Lusitanos,  
Que abrirão novo trilho  
Aos mortais cobiçosos  
De ver o roxo Oriente.  
Como se alegram, como ali festejam  
Ter emborcado em vaso tão precioso  
Seus Déléficos influxos;  
E ver fulgentes raios  
Da sublime Poesia,  
Que despedira ufana a mente nobre  
Do Luso Aluno, para eternas honras  
Das Musas, que o criaram,  
Para adorno da Pátria,  
Para traslado vivo  
A Coridons, a Elpinos, e aos Alfenos?  
Lá, junto de Camões, junto de Horácio  
Pousa o splêndido trono,  
O Louro, e as heras pendem,  
Para assento, e coroas.  
Que direi de Filinto? Oh quão contente  
Seria, após de tão caudais Poetas,  
Se os votos dos Amigos,  
Na Lista o põem dos Líricos,  
Em dia dos seus anos!



## ENIGMA

**D**EVO a um bruto animal as coberturas;  
E as línguas, com que falo, ao bosque as devo,  
Co' as paredes de em torno: as ligaduras  
    Às ervas desse prado.  
À Terra o metal lúcido, esse enlevo  
Com que homens (como é de uso) me enganaram,  
O devo, não pedido, nem pensado.  
    Co' ele assim me enfeitaram  
Para brilhar ao Sol. Esta sonora  
Voz, com que eu abalo entranhas duras  
    Os ares m'a emprestaram.  
C'o ruído, que alcancei do Ingenho, e da Arte,  
Vali Conquistas conseguir egrégias.  
Dum dos quatro Elementos boa parte  
No ventre volvo; cobrem-me armas régias.  
Brilho: mas porque falso brilha esse ouro,  
A ter eu fel, de raiva dera estouro.

## ODE

..... Recepto  
Dulce mihi furere est amico.

HORAT. *Lib. 2. Od. 7.*

**E**U, com Marqueses, Cavalheiros guapos,  
Nos ermos da Tebaida!!! Acudi, Musas,  
Trazei convosco fofas, e fandangos,  
E algum Londun moderno.  
Venha o sobrado a baixo, com folia;  
Assustem-se os Vizinhos co' arruído:  
Ou venham espreitar as tais Donzelas  
Em desfeita galhofa,  
Alarguem-se as paredes do quartinho,  
Que a tanto hóspede é estreito: surja um Templo,  
Qual já de Baucis se mudou a choca,  
Que honrou Jove e Mercúrio.  
E o meu Verdier, prudente e bom amigo,  
Que as facécias da minha leda Musa  
Sem piedade condena, receoso  
Do sonhado futuro.  
Que não farei! Já posto no desplante,  
Dançar quero. – Oh proterva maravilha!  
Danço: – não tem remédio! – Danças altas  
Chatés, quartas, e outavas.  
Segurem-me: que a dançatriz mania:  
Me leva pelos ares, e co' a ardência  
Dou cós testos, no tecto do casebre,  
E arrombo à bola os tampos.

## VATICÍNIO HORACIANO

### MAIS COMPLETAMENTE VERIFICADO, QUE AS TROVAS DO BANDARRA

Et omnis copia narium.

HORAT. *Lib. 2. Od. 15.*

CADA vez, lendo Horácio, me confirmo  
Mais e mais, que era Vate, era Adivinho:  
E vós sereis, Leitores meus, concordes  
Na minha opinião bem apurada,  
Se com olhos atentos, pronto sp'rito  
Os seus Poemas Sibílinos lerdes.  
Já vistes, como além dum milhar de anos  
Previu, de Roma, que haveria em França  
Enramadas Guinguetas balhadeiras,  
Quando, inspirado pela voz de Baco,  
Proferiu o infalível vaticínio,  
Que o Vinho, e sua sede brotariam  
Pontuda cabroada. Ouvi o Vate,  
Incrédulos Leitores, como rompe:  
– *Et addis cornua pauperi* – Hoje, lendo  
Os danos que fariam às lavouras  
Os sumptuosos vastos Edifícios,  
Os Lagos mais extensos que o Lucrino,  
Os Bosques, e Alamedas infrutuosas,  
Dana a nociva moda do Tabaco,  
Que tinha de inventar, (para mor perda!)  
João Nicot. – Não foi previsto o Vate,  
Quando viu alastrados, no futuro,  
Campos, e Campos, co' essa ervinha santa?  
Estanques, sobre estanques, nas Cidades?  
Nas Vilas? nas Aldeias? Viu reinando,  
Com ceptro de fumífera Carota  
Um Estanque Real, nos mais estanques?  
E os chorudos Rendeiros do Contrato,  
Bazofiando feros, nas Berlindas?  
Nas Quintas? nos Banquetes? Dando perro  
Aos tristes pedinchões Febeios Vates?  
Bem o previu Horácio, quando soube,  
Que se havia vender, por alto preço,  
A santa ervinha, atulho dos narizes,  
E que o Tabaco, em todo esse Orbe, aceito,  
Tomava a praça d' – *Omnis copia narium.*–

## ODE

Quo, Musa, tendis! Desine, pervicax,  
Refferre sermones Deorum.

HORAT. *Lib. 3. Od. 3.*

QUE queres, Lira? Cessa as aldavadas  
Que na mente me dás, porque te atenda.  
Queres ir às Madamas? ir a Brito  
Descantar-lhe as Janeiras?  
Vai: não to nego. Assaz és descocada;  
Assaz já te atreveste, em mãos de Horácio,  
Quando o arcano, de Jove, iras de Juno  
Soaste, em livres cordas.  
Lira és do Venusino, mas meu plectro,  
Mas minhas mãos não pulsa tão valente:  
Que enjeitou Febo reforçar Alunos,  
Que lutem com tal Mestre.  
Ousarei, arrojado, abrir o Templo  
Do enublado Futuro? scrutar folhas  
Vedadas aos Mortais? bruxulear nelas  
Desejadas venturas,  
Para o meu Brito, Amigo bondadoso;  
Cujo peito é sacrário de Virtudes,  
Cuja alma nobre só respira à larga,  
Quando no Bem se exerce?  
Ousarei decifrar lóbregas notas?  
Nelas desentranhar os Vaticínios,  
Que o Fado ali reserva; o insigne prémio  
Das acções d'Araújo?  
Os tempos vêm chegando – (alegres tempos!)  
Que, nas asas ligeiras, faustos Zéfiro  
Trarão novas do Herói, que apertam na alma  
Sely, Brito, e Filinto.  
Então, Lira prezada, então retine  
Com desenvoltos sons. Das tuas cordas  
Áurea Alegria rompa: e escute a América  
Acentos da Amizade.  
Já assim... Já de Jason, dos Argonautas,  
Para acolher-lhe as venturosas novas,  
Os peitos saudosos alargavam  
As Trácias Mães, e Esposas:  
E, enrolados, nas nuvens dos aromas,  
Aos dadivosos Numes remeteram  
Esperançados votos, acredores  
De dons mais relevantes.

## ODE

Dissolve frigus, ligna super foco  
Large reponens.

HORAT. *Lib. 1. Od. 9.*

**D**ESCE, Musa, à tribuna de Pilatos  
Aquece-me esta ideia resfriada  
Pelo gelo dos anos.  
Aquece-me estes dedos, engelhados  
C'o sopro do Aquilão, que entra mui frio  
Pelas figas do sótão.  
Pede a teu Pai Apolo, alguns dos raios,  
Que ele desperdiça, no Verão tostado;  
E nos mesquinha agora.  
Ou se inda nesse Pindo, ou no Parnasso  
Há gravato de lenha, ou inda há Louros  
Despidos, des-ramados,  
Para c'roas de mil cansados Vates;  
Oh manda-me, sequer, duas carradas  
Com que afugente o Inverno.  
Sou Vate (culpa tua!) pobre Vate,  
Sempre – *pobre* – do *Vate* foi o ajoujo,  
Em era antiga, e nova.  
Manda lenha: ou, dos ouros, que tão fartos  
Nos dás para cabelos de formosas,  
Um saquitel me envia;  
E venha logo; e antes que o regelo,  
Que já me prende as mãos, não chegue ao peito,  
Em que reside Márcia.

## ODE

AO IL.<sup>MO</sup> E EX.<sup>MO</sup> SENHOR COMENDADOR  
H. J. BRAAMCAMP

O Diva, quæ regis Antium  
.....  
InjuriOSO ne pede prouas  
Stantem columnam.

HORAT. *Lib. 1. Od. 9.*

**A**VISTA o crime a inficionada Mente,  
Dá rebate à Vontade, que liviana  
Impele a dextra obediente e néscia,  
Que executa a maldade.  
Mas lá, no seio da alma assiste o duro  
Verdugo de flagícios, que não cessa,  
C'ò despiedado açoute, de magoar-te  
Com vergões dolorosos,  
Desgraçado Mortal! Olha o repouso,  
A inocente candura do homem justo,  
Que as mãos nega à maldade, como zomba  
Dos golpes, dos verdugos.  
Aplicado à Razão o ingénuo ouvido,  
Bebe puras lições, só teme faltas  
No excesso dos deveres bem-cumpridos,  
Ou curteza de posses.  
Feliz, e mui-feliz quem gosto, e posses  
Alcançou do magnânimo Destino!  
Quem, como tu, Braamcamp, imita em obras  
Os Heróis da Virtude!  
Oh não se abale, ou caia a generosa  
Coluna, que lá pôs para modelo,  
Junto às aras do Proceder honrado,  
Benigno justo Númen.

## CONTO

### COM SEUS LAIVOS DE HISTÓRIA

Si peau d'âne m'était conté,  
J'y prendrais un plaisir extrême.

LA FONTAINE. *Fabul.* 145.

UM dia, que o Deus Júpiter,  
Se achando com pachorra,  
Dos ciúmes de Juno deslindado,  
De altercações de Numes, e de enredos  
No Olímpico serralho,  
Mexericos *et cæetera*  
De Divindades fêmeas, – Vontadinha  
Lhe vem de dar devassadora olhada  
Às cousas cá do Mundo.

JÚPITER

« Abre, oh Mercúrio, um alçapão celeste  
Desses, que outrora fiz rasgar, com fito  
De alargar montes, e afogar humanos,  
Por certos pecadões de mais da marca.  
Tira do estojo o meu longo Canóculo,  
Que mil-milhentas léguas traz ao perto.  
Estou velho; licores e femeação  
Me têm gastado a vista:  
Nem sempre, como tu, e Apolo, e Baco  
Somos todos rapazes.»

MERCÚRIO

« Que reboição, oh Pai, vai lá por baixo!»

JÚPITER

« Sempre foste atrevido!  
Rapaz mal-ensinado:  
Quem te deu confiança  
De olhar pelo meu óculo, primeiro  
Que teu Pai? Outra tal não te aconteça.  
O reboição é grande. Examinemos.»

MERCÚRIO

« Aposto, que aí anda o teu Ambrósio;  
Que alguma fez das suas!

Exército, que vai desbandado;  
Ou festa Imperial de Casamento.»

JÚPITER

« Muito esperto és, Rapaz. Adivinhaste.»



## SAUDADES DUM AMIGO QUE A MORTE ME ROUBOU

O Tejo nos olhou outrora absortos  
Naquele alto pensar que o mundo ignora  
Vagos os passos, vagos os discursos  
Dar cabo às horas, encurtando os dias;  
Ou mansos debatendo agudos pontos:  
Na florífera relva reclinados.  
Dura lei, que não podes ser quebrada!  
Tu vens do Eterno: e quantos hoje vivem,  
Quer venham de Pais Reis, de pais pastores,  
Co' a mesma mão a Parca os lança à cova.  
Os que em terra mais firme se arraigavam,  
Como hóspedes dum dia se partiram.  
Ricas librés, soberbas armerias,  
Doirada chave no bordado bolso  
Não retém o credor do lago estígio:  
Findo o prazo imos nus, aos ermos reinos,  
E os Fados nos arrancam dos amigos,  
Oh duríssima dor das duras dores!

## SONETO

MOTE

*Ânsias, Dores, Lamentos, e Suspiros*

GLOSA

**D**ORES, Suspiros e Lamentos,  
Suspiros e Lamentos, Ânsias, Dores  
Ânsias, Suspiros, e Lamentos, Dores,  
Ânsias Dores, Suspiros e Lamentos.

Suspiros, Ânsias, Dores, e Lamentos,  
Lamentos, e Suspiros, Ânsias, Dores,  
Ânsias, Lamentos, e Suspiros, Dores,  
Dores, Suspiros, Ânsias, e Lamentos.

Lamentos, e Suspiros, Dores Ânsias,  
Dores, Ânsias, Lamentos, e Suspiros  
Suspiros, Dores, e Lamentos, Ânsias.

Ânsias, Lamentos, Dores, e Suspiros,  
Dores, Lamentos, e Suspiros, Ânsias,  
Ânsias, Dores, Lamentos, e Suspiros.

## ODE

*Lysia, domusque subit, desideriumque locorum  
Quidquid et amissa restat in urbe mei*

OVID. *Trist. Lib. 3. Eleg. 2.*

QUE tristeza aqui lavra na Tebaida!  
Um dia de Comadres sem filhozes!  
Dias de Entrudo, conchos, e Saturnos,  
Sem pós, sem raboleva!  
Quem me diz, que a Nação dos tais Franceses  
Amiga é de galhofa, e de brinquedo,  
Mente, com quantos dentes tem na boca,  
Sem maldita a vergonha.  
Viva o meu Portugal. Viva a Laranja,  
Que derriba o chapéu; viva a Siringa  
Que ensopa o passageiro; viva a bola  
De barro, pespegada  
Na Saresma do Ginja, ou carapuça  
Da farfante Saloia cavaleira;  
Viva a folha, rascando pela esquina,  
Que assusta a Velha Zorra!  
Que esplêndido, na mesa, não blasona  
O encostelado Lombo, e o Arroz-doce,  
E as Morcelas Monjais acompanhadas  
Co' as louras trouxas de Ovos!  
Oh feliz Portugal! Que saudades  
Me não dás, nestes ermos da Tebaida!  
Lusas Meninas, Peralvilhos Lusos,  
Todos luzente talco,  
Como brilham, com visos multi-cores!  
Como se dão as mãos, c'os pés se tocam!  
E que abraços, que beijos se não furtam  
Nessa indulgente quadra!  
E eu vivo só e os dias passam, passam,  
Sem comércio de Amigos aprazíveis,  
Sem conchego de Portuguesas Damas,  
Mimo, e primor da Europa!  
Vertei, olhos, vertei cansado pranto,  
Longe de Portugal, que tanto prezo.  
Daí Fúrias do Tártaro medonho,  
Os infames Obreiros  
Da calúnia, os ruins Inquisidores,  
E o parvo Rei, que deu de vós denúncia;  
Que vos pôs em demérito desterro,  
Inda há mais de seis lustros.

## ODE

Qual tra le spume d'un tranquillo mare  
Venere apparve allor quando ella naque,  
Tal la mia Donna maestosa pare.

FRANCESCO REDI.

**V**IU-TE Proteu descer do Olímpio grémio  
De Jove, quando o Mundo aditar vinhas;  
Da substância dos Céus formando um véu,  
Que te envolvia, oh Márcia.  
Da Primavera então era o reinado:  
Todos os seus aromas, do ar colhidos,  
Pela loura madeixa te esparzia,  
Em ondas debruçada.  
Com desfiado Lírio, do alvo corpo  
Teceu-te a lisa tez, bordou-te as faces  
Co' a fina cor, com que matiza a Rosa,  
Quando abre do casulo.  
De lá te vem o tão nevado seio,  
Vem o rubi dos lábios; mas o brilho  
Dos amorosos olhos, deu-to em dote,  
Roubando à Mãe, Cupido.

## EPITÁFIO

FAMOSOS Mausoléus, que o fausto erguera  
Mais ao Sculptor dão fama,  
Do que inculcam saudade, e dor sincera.  
Sem arte, o que bem ama  
Chora o perdido Amigo.  
Saudosos prantos meus irão contigo,  
E têm de, em rasa Campa, acompanhar-te:  
Que tenho, enquanto eu viva, de chorar-te.

## ODE

### AO SENHOR T. VERDIER

Venhais embora, embora venhais,  
E as barbas do Demo no c.. as tenhais.

*As Vinhas de Pêra Manca*, Poema épico anónimo, inédito,  
composto por BALTAZAR FILÍSTRIA DE CUEIROS.

**J**Á de todo estancada a Paciência,  
Três meses há, que espero uma visita  
Do meu Verdier, Aristarco severo  
Da minha alegre Musa.  
Por mais que pela estrada, as manhãs todas,  
Estenda os longos olhos, nunca avisto  
A alugatriz, que aos ermos da Tebaida  
Tem de trazer-te, Amigo.  
Tens faltado à promessa, como um negro  
Tu branco, tu de coração lavado.  
Vem logo e já: ou teme a hedionda Fúria,  
Que as falhas da Amizade,  
C'o sevo açoute de enroscadas serpes  
Castiga no Orco. Teme, oh teme as penas,  
Que dás, a quem terá de sempre amar-te,  
Descuidado, ou ronceiro.

# EPITÁFIO

## QUE PODE SERVIR A MUITA GENTE

**A**QUI Fulano jaz. Foi pouca cousa.  
Cansado de mandriar, aqui repousa.

# ODE

## AD SODALES

Non enim posthac alia calebo  
fœmina. ....

HORAT. *Lib. 4. Od. 11.*

**S**ALVE oh Musa, que em margens do áureo Tejo  
Cantaste já comigo  
A terna Márcia, a nítida Delmira,  
Quanto ditosos fomos!  
Nesses dourados anos, em que cheia  
Do espírito de Apolo,  
Vertias em meu ânimo as enchentes  
De altíssima Poesia;  
E em que eu, contigo os gabos granjeava  
De eruditos Amigos!  
Vinham-me ornar a mesa, em dia de anos,  
Os Dorindos, e Alfenos.  
Vinha Márcia ladeada dos Amores  
Como quando da spuma  
Saiu Vénus, os vecejantes prados,  
C'o sorriso alegrando.  
Márcia, que eu tanto amei! Cumpri o voto,  
Que fiz de única amar-te.  
Já quis Febo inspirar, em linda Dama  
Amizade a Filinto;  
Já quis que em outro dia, igual ao d'hoje,  
Sely o convidasse,  
E com almo sorriso de bondade  
O festejasse incólume;  
Longe das iras, longe das calúnias  
De tonsurados Bonzos.  
Por que me veda o meu Destino infesto  
De Sely, de Araújo  
Ter presente na mesa a graça, o brio  
E o donairoso chiste?  
Suprirá Brito suprirão Amigos  
Uma Sely, ou Márcia?



# ODE

..... Indocilis pauperiem pati.

HORAT. *Lib. 1. Od. 1.*

ONDE estás, caro Açúcar?  
Desamorado Açúcar, que assim foges?  
De mim, que te amei sempre?  
Sempre te apeteci!... Por ti suspiro!  
Das mágoas, que as entranhas  
Me traspassam, Cruel! tem piedade,  
Café, nem Chocolate,  
Nem vermelhos Morangãos, (culpa tua!)  
Vêm consolar, há tempos  
Já sem conto, o padar do teu Devoto!  
Deixas tão fino Amante,  
Que ou venhas puro, ou disfarçado, envolto  
Em licor, em conservas  
Sempre, no peito seu, te deu gasalho?  
Que temperou a Lira  
Para cantar a amiga Origem tua?  
Que, em lojas de Tendeiros  
Só de te ver, se alegre como o Mago,  
Quando detrás da Serra,  
Vê o Sol apontar, e alegre o adora!  
No assomo de abraçar-te  
Beijar-te, e te pousar, no âmago da alma,  
Como a mão vai ansiosa  
À bolsa?... E se retira amargurada!  
Então ressalta, e brama  
Despeito da pobreza, que tão fêrvidas  
Vontadinhas malogra.  
Mal-hajam frades, figadais calúnias!  
Oh volve a mim, Benigno;  
Como, quando, nos dias prosperados,  
Do Paternal remanso,  
Em Caras, Fechos das grandiosas  
Gulosa fartadela;  
Quando, à porfia, em Festas, Dias de anos  
As Freiras, os Amigos,  
Com Bandejas, de Doces cumuladas,  
Recheavam, vistosas,  
Armários, e gavetas; com negaças  
As mãos me convidavam.  
Oh volve a mim, oh volve, caro Açúcar!

## ODE

Ceux-ci s'occupent sérieusement d'une ville à bâtir, toute peuplée de Sages, qui soumis aux lois de Platon, couleront doucement leurs jours en amis et en frères.

*Triomphe de la Religion, livre 4.*

**M**UITO há, que ouvi dizer, que da Ignorância  
Vem todo o mal ao Mando. As Bibliotecas  
Gemem, com mil-milheiros volumaços  
Que essas doutrinas rezam.  
« Se, de Sábios composta uma República  
Nos quadris existisse do Universo,  
Criadores de Utopias (no-lo chimpam)  
Foram as Leis inúteis.»  
E eu vi numerosíssimo Congresso  
De Sábios, como tais, do Povo estremes,  
Parar em fuma dos mais vis malvados,  
Dos mais facinorosos.  
Sei uma Terra, onde os bons Livros chovem,  
E se alaga em Moral; e em que os Colégios  
(Quasi, a par, co' a quantia de Indivíduos)  
De sãs lições rebentam:  
E eu nunca li, nem vi gente tão péssima,  
Tão dada a furtos, mortes e calúnias,  
Tão invejosa, e falsa, e com tal vezo  
A tudo quanto é vício.  
Oh feliz Tempo, que correste outrora,  
Quando Abraão, nem Noé, não tinham livros;  
Bem nos Colégios se aprendiam artes  
De dourar a Malícia!

## ODE

Tu potes tigres comitesque Sylvas  
Ducere et rivos celeres morari.

HORAT. *Lib. 3. Od. 11.*

**P**UDESTES, oh Lira, em mãos dum Grego Vate  
Levantar iras, num quieto peito;  
Ameigá-las soubeste, a teu arbítrio,  
Oh Lira poderosa.

Pudeste em mãos de Horácio, obter amigos,  
Em Mecenas, e Augusto; acarear Lídias,  
Vencer pragas, feitiços de Canídia,  
Sobre o mofar-te dela.

Ah! se puderas, na feliz lembrança  
De que escapei à garra inquisitória,  
E salvo de iras, de vinganças, dar-me  
A beber ares livres; ...

Se puderas, oh Lira, abrir-me francas,  
As estradas do Haver! com mão Liberta,  
Colher os bens herdados, inocentes  
De assacadas calúnias

Praça aos Versos abrir, dar-lhes consumo  
(Versos, que tu cantaste) e haver o preço  
De lidas não triviais, sob o modelo  
Do Venusino Mestre!...

Oh como, então, cantara eu com deleite,  
Dia tão festival! C'roara a mesa  
Com Amigos leais, ao som dos Copos  
Rasos de alegre Baco.

Não sou Anacreonte: que, a eu sê-lo,  
No viço, no vigor de alma gaiteira,  
As Musas, frescas Damas, jogo franco  
Em Filinto achariam.

Mas a Febre, com dedos macilentos,  
Me alquebrou os desejos, e os poderes.  
A Brito as mando, mando-as a Constâncio  
Heróis de desempenho.

Por Doente, por Mísero, hoje a Festa  
Se fará, com dous Ovos, sobre a sopa  
C'uma alcachofra ripa a dente,  
Sem postres, sem doçuras.

Ficar tenho, com boca de Lacaio:  
A quem os Amos sobremesa negam;  
E a Festa, em que houve, outrora, súcreo Pégaso  
Lastimará penúrias.

# POESIAS LÍRICAS DE RAMLER

I.<sup>a</sup>

## A EL-REI DE PRÚSSIA

FEDERICO, a quem Deus a tão p'rigosa  
Sorte outorgou de Regedor dos Povos;  
Tu, que, oh portento! tão cabal a cumpres,  
Mortal, com tanta glória.  
Vê, nos Fastos da Fama, já apagados  
Mil e mil dias teus, outrora inscritos.  
Quantos, hoje, padrões ufano te ergues,  
Tem de assim derrocar-se.  
Têm de ruínas ser os que consagras  
Templos a Apolo, a Palas, ao ferido  
Marte; e os Anais do Mundo tem, (por certo)  
Quando já, nos moimentos,  
Jazer dos Reis soberbos o ciúme,  
De te aclamar Conquistador, e Magno.  
Mas, das Virtudes tuas qual, ai triste!  
Glória te cabe digna!  
Já na Europa deu brado, e na Ásia antiga  
Tanto Rei, que, em Sapiência, não te iguala.  
E qual vive, na história, esse Alexandre,  
Que admiro, e que não amo!  
Que um Píndaro não teve, cujo canto  
Entrasse pelos seios dos Vindouros,  
Tais feitos entoando, que nem mármores  
De Fídias, nem as cores  
De Apeles, no Universo memoraram.  
Mas atenta, como inda Octávio Augusto  
Ondeia na trombeta Mantuana:  
Sua Íncлита memória  
Nas folhas, jaz lavrada, da áurea lista  
Dos Deuses, se aos Fiscais salva deslumbra.  
Sempre amada, dará aos Pais dos Povos  
Norma... Oh ditoso o Vate  
De Lisonja insuspeito, que nas cordas  
Da Lira ingénua teus louvores puros  
Melhor, que os desse Augusto, ou de Alexandre  
Ferir, com mão ousada.  
Ditoso! se o seu grito estende aos Pólos

Pejado de teu nome, ou já Guerreiro,  
Legislador, Filósofo, ou já queira  
Celebrar-te nobilíssimo,  
Mais Pai, que Rei; leal, e bom Amigo,  
E nas Artes das Musas Mestre. Oh Numes,  
Se eu esse Vate fora, autor de invejas!  
Herói, se tu me inspiras,  
(Bem que eu mui ténue sou) se com sonoro  
Acento, qual a Tuba de Calíope,  
Me socorres, trás mim longe vos deixo,  
De Henrique, e Luís, Cantores.

## II.<sup>a</sup>

### A APOLO

ÀS tuas cenas, Febo, há Federico  
Lavrado um Templo, e o consagrou contente  
E em torno acompanhou-o com colunas,  
Em magníficas bases.  
Lá dançará Terpsicore: ora armada,  
Ora envolta em pacíficos adornos,  
De Erato à Lira entoará Melpómene  
Lastimosos sucessos.  
Dá à branda Vénus, dá a Cupido terno  
No Templo teu lagar, onde ele folgue  
Ligeiro, ante Ericina, e nu, que espreite  
Alvo às traidoras armas.  
Também o dá às Graças descingidas,  
À Persuasão o dá labi-melíflua,  
Nem o negais ao rancho luminoso  
Dos Olímpicos Numes.  
Acode, Ingenho vivo, acudi Jocos,  
Risos brincões, Desdém donoso, grata  
Desenvoltura, embaidor Gracejo,  
Alma social dos Povos.

### III.<sup>a</sup>

#### AMINTAS, E CLOÉ

SOU eu... Não fujas Cloé; não magoes  
Teus nus, mimosos pés, nesses espinhos.  
Oh não fujas de Amintas,  
De Amintas comedido. Volve, volve.  
Eis o teu cinto, e a c'roa vem tomá-la,  
Vem; banha-te, a prazer, não te inquieto.  
Olha: neste Salgueiro (vou-me, e afasto-me)  
Penduro os, que colhi, caros despojos.  
Oh! não fujas! não caias!  
Que eu Sátiro não sou capricornípede  
Selvático das brenhas, nem Ciclope  
De broncas mãos, de endurecido peito.  
Colhi-te enfim, oh fugitiva Ninfa,  
Que, em teu ligeiro, e esbelto porte, és Corça.  
De ti mais não me afastes.  
Toma a coroa, o cinto, vai-te ao Templo;  
E à esquiua Deusa, a quem dás culto, os voto,  
Em seu altar dos Povos desprezado.

## IV.<sup>a</sup>

### AO NASCIMENTO DO PRÍNCIPE FEDERICO GUILHERME EM 1744

EMBORCA esse almo sumo (cujas cepas  
O Reno deu, nutriram Costas de África)  
Que à minha alma asas dá, e que ma embebe  
Toda em Estro divino.  
Ouvís? ouvís? Um Rei, prole de Breno,  
Nos nasce, e a nossos Netos. Trinta fauces  
De flamívomo bronze ao ar o dizem!  
Oh! como me regala  
O ronco do trovão! que me rimbomba  
Na abóbada do peito! Parras, Murtas  
Cinjam das nossas Ninfas hoje as frentes.  
Não se consinta pausa  
Nas Deusas, nos Cantares, no Folgado,  
Té que os venha atalhar esse Astro da Alva.  
Como esperto o Lieu a alma me rouba!  
Perdão, perdão, oh Númen  
Das Ménades raivosas! Já submisso  
Canto quanto me inspira temerária  
A tua embriaguez. Celebro a Dita  
De agros, de guerras forros;  
De donosos vergéis as frutas canto,  
E, na Vindima, e Ceifa a amante Virgem.  
Cantarei os baixéis, oh Chipre, e Atenas,  
Que os ventos pelos portos,  
Vos impelem. Das Artes os prodígios,  
E dos mais longes Climas os tesouros  
Descarregam, depõem. Direi a nova  
Castália, em que hoje bebem  
Franceses, e Britanos; vastas cenas,  
A que, em bandos, corre hoje a Europa inteira.  
Quando venha a Velhice ornar-me a frente,  
Com cães da cor de Cisne,  
Débil, e que eu não possa pleitear Louros,  
Tanto farei co' a voz, farei co' aplauso,  
Que alente ao prémio os Filhos da Era de ouro.  
Ditoso, e mui ditoso,  
Se eleito for, e que eu com mão profusa  
Aos nobres Vates émulos, as Urnas,  
As Trípodas preciosas distribua;  
A uns, que na branda avena,  
Na Lira melodiosa modularam;  
Ou sons altivos, na Meónia Tuba,



Revolveram; ou quais o da Sicília  
Pastor, e o Ancião Teio  
Imitaram nas flautas. Qual estranho  
Abalo em mim não fora dar a c'roa  
Ao Vate mais estreito de meu seio!...  
E se o prazer sobejo,  
Nesse instante me não cortasse o estame  
Que a alma me prende, neste antigo encerro!  
E se eu, por testemunha de meu êxtasi  
Tivesse a Federico!...

## SAUDADES DO INVERNO

**D**EBATEM-SE, nos ares, as Tormentas  
Que o Céu, com nuvens toldam;  
Trovoando, as Torrentes se atropelam  
Pelas trementes várzeas;  
Despem-se os Bosques, Euros disbaratam  
As hospedeiras folhas,  
Por Vales, e por serros desgarradas.  
Seca vara o Bacelo...  
E, ora porque lastimo esse sarmento?  
Bebamos-lhe o spumoso  
Alegre sumo, Amigos. Fuja o Outono  
Co' a sua Cornucópia;  
Que já no-la vazou. Chame-se o Inverno;  
De Pinheiros c'roado,  
Com diamantino manto adarga os Rios;  
Do Sol afronta os dardos;  
Com carambanos seus enfeita os ramos...  
Crês, que as Selvas floream!  
Desdobra neves, com que o chão tapiça;  
E o Poeta arrobado  
Alcatifa de Lírios a imagina.  
Na embalçosa Gôndola  
A Amante já não treme; ora desliza  
Desassustada, e alegre  
No voador trenel: não sem malícia,  
No arminho da Formosa  
Que ri, que o afasta, e que afastando-o, o sofre,  
O Amante as mãos aquece.  
Já os Jovens, no alto Rio, se não banham;  
Mas c'os patins ferrados,  
Pela côdea fluviátil resvalam.  
Disseras, que Vulcano,  
Da alma Vénus Esposo, depôs, nela, .  
O veloz relâmpago.  
Inverno, acende as iras, dá-te pressa;  
Impele um glacial Leste,  
Que da Boémia nos traga as nossas hostes;  
E arrepiado, e transido  
O caro Kleist, que há-de achar-me firme  
Na Amizade; e lhe guardo  
Amores, e Saudades de Licóris,  
Com vinho de outenta anos.

## VI.<sup>a</sup>

### A LÁLAGE

**E** esse rosto brilhar sem que lhe venha,  
Do Amor, o brilho, oh Lálage! E o teu seio  
Ondear, sem que emboscado algum desejo  
Nas veias, lhe dê abalo!  
Se eu, que o move, disser, terno suspiro?...  
E hei-de eu, sem prémio, e em frágua sempre acesa  
Mal que o Vésper aponta, ao som da Lira  
Soltar tristes Endechas?  
Pôr em tua ara, na alva matutina,  
Magoados versos ir, qual sombra tua,  
Ao Teatro, contigo, ao Baile, entre esse  
Tropel de desvairadas  
Máscaras, entre flores odoríferas,  
E abobadados Bosques, que com trilos,  
Dulcíssonos gorgeios formosentam  
Pintadas Avezinhas?  
Castiga a Mãe do Amor Ninfas soberbas,  
Que do amante queixume fazem gala.  
C'um sobrecenho seu, Rosa te abrolham  
Invejosos espinhos.  
De Dafne teme o fado. De mui casta  
Fugiu do Jovem Febo.... Ei-la ora tronco  
Ei-la raízes, ramos, com que c'roa  
Febo os doutos Alunos.

## VII.<sup>a</sup>

### A VULCANO, CONSAGRANDO-LHE UMA CHAMINÉ

A ti, filho de Jano, estes marmóreos  
Lares consagro, a ti, Rei das de Lemnos  
Forjas. Com essas chamas  
Devoradoras, recolher fizeste  
Meio crestado, e evaporado em fumo,  
O Xanto no seu álveo.  
Daqui, co' a sua gelada Comitiva;  
Afugenta-nos o Áquilo e eu por prêmio,  
Cada manhã te voto  
Graciosa folha, escrita por Elvira,  
Do torvo Balbo Sposa; que a não manche  
Injusta, e má Suspeita.  
Consorte cioso da alma Vénus, queima  
À Mãe das Graças o holocausto insigne,  
Ou quando eu matutino  
Sorvo, ante o teu altar, licor da Arábia;  
E qual, se eu fora um Deus, me ondeia, em rola  
Da frente, ambrósia nuvem;  
Ou quando, à tarde, saboreio as fauces  
C'os dos Tudescos vinhos Rei nectáreo,  
Que resguardar jurara  
Ulfo ricaço, para o dia de ouro,  
Que os Numes lhe outorgassem um menino,  
Que rindo, e balbuciando,  
Acudisse a encontrá-lo. Anos já trinta  
Gastos co' a cara Sposa; ei-lo na Campa,  
Sem conseguir tal filho,  
Sem desse vinho desrolhar um vaso,  
A que eu, mais que ele, ora contente,  
Dou Carta d'alforria.

## VIII.<sup>a</sup>

### CANTO LUTUOSO

CHORAI, chorai, oh Filhos da Alegria;  
Chora, amável Loucura, chorai Jocos;  
Chorai, oh da Harmonia quantas Filhas,  
E vós da Primavera  
Irmãs, oh Avezinhas, e vós, Zéfiros,  
De Nais, a Codorniz chorai que é morta!  
Ela folgava tanto de agachar-se  
No ouco da mão da Dama,  
Quando esta co' a outra mão lhe anadeava  
A mosqueada pluma; co' argentino  
Retintim dava sódo a porçolana  
De purpurino esmalte.  
Cantava Nais? Tocava? Atenta e queda  
Plaudia a Codorniz c'um meigo gesto:  
Deixada a Lira, ou Canto, sobre a Lira  
Logo ia dar gorjeios  
À mimosa Solfista, e ao vácuo bojo  
Se põe de escuta ao som do tampo, e cordas  
Com pensativa orelha. Quando a Dona  
Via embebida, e tática  
Em alto devaneio, a folgaz Ave,  
Enfiava o voo à testa bamboleante  
Do Ídolo Lama; e lá empoleirada  
Se embalançava nela.  
Ai! que Ave não há aí, que se lhe iguale:  
Nem inda, co' a olhi-cauda, essa de Juno,  
E menos a de Palas, por mui sábia,  
E sobejo sisuda.  
Formosa a nossa foi, e foi sabida.  
Nais palestrar folgava, e divertir-se  
Co' a linda Codorniz que a compreendia, e  
Respondia donosa.  
C'um aceno de Nais, a Ave gorjeava  
À chamada acudia; eis ia, eis vinha;  
Saltava esperta дума em outra espalda,  
Debruçando-se aos beijos.  
Nos mesmos lábios da dilecta Dona  
Debicava o sustento. Qual nessa Ave  
Pousava humano sp'rito! Oh fala, dize,  
Donosa Validinha,  
Antes que a seda funeral te envolva,  
E para sempre a campa nos te ausente;  
Foste outrora, por caso, já no mundo  
Bom Tocador de flauta?  
Ou guapo Trovador? – Já não diz nada;

Que a Morte lhe afogou a voz mimosa,  
E lhe roubou o encantador meneio  
Da cabeça. – A mui feia  
Morte, que em forma de escarnado Abutre  
Vaga à noite, a nenhuma Ave perdoa,  
Ou corpulenta, ou ténue. Mas teu bico,  
Teu bico tão prezado  
Não tem de perecer; que a linda Dama  
Em perlas, e ouro, em preciosas pedras  
Embalsamado o põe, para entre mágoas  
O olhar, e entre suspiros:  
E em lágrimas banhada, vê-lo a miúdo,  
E chegá-lo a seus lábios meigamente.  
O teu cadáver frio aqui repousa  
Neste rosal florido.  
Teu jazigo erigi; orlei-o em roda  
Com Lírios dos convales, e amaranto;  
E tua alma jucunda (afirmo, e juro)  
Qual rútila centelha  
Subiu ao Olimpo. Deixa-a que repouse  
No ombro teu, oh Ceres, que a aula etérea  
Tens por morada, e espigas, e papoulas  
Nas mãos, no cesto guardas.

## IX.<sup>a</sup>

### ACHELOO, BACO, E VERTUMNO

ACHELOO

**F**ERI, eu filho do Oceano, a rocha,  
Na espadana jorraram minhas águas  
Pelo Vale. A Arcanania,  
Que súbito rasguei co' a seta, undosa,  
Com flores me brindou, com suaves frutas.

BACO

Filho eu de Jove, das crestadas Sarças,  
Doces cachos refrigeros brotando,  
Com seu nectáreo sumo,  
Aos Pastores da Trácia dei contento,  
Com que Deus Benfeitor me proclamaram.

ACHELOO

Piscosas povoações argenti-scâneas  
Nutro em meu seio, e alastro o fundo em nácar  
De esmaltadas Conchinhas,  
Com meu licor benigno a sede apago  
Às Feras, Gado, e a Bois ruminadores.

BACO

Da Vinha largi-parra o fruto esmago;  
C'o licor novo os homens refocilo;  
C'o ele humedeço os Numes,  
Nas Festas dos mortais. Bebam os Brutos  
Nas nascentes de míseros ribeiros.

ACHELOO

Quem conserva o Universo? Em minhas ondas  
Verto saúde e vida em peito humano.  
Bebei, bebei, Pastores  
Cristal dos Rios; vivei mais que os Príncipes,  
Que com seus tragos mata o Deu do vinho.

BACO

Tu o Mundo conservar! Conserva-o Baco;  
Que dentre os homens o Pesar desterra.

Do meu micante Néctar  
Bebei, oh Reis, ditosos quanto os Numes,  
Sede vós, como os Reis o sede, Escravos.

ACHELOO

Mostra-me o lindo corpo a pudibunda  
Virge', ante mim despida, e em minha linfa  
Transparente, se banha:  
E espreito, entre caniços agachado,  
Das Ninfas a beleza, e travessuras.

BACO

Quando eu à Virgem tímida persuado  
Que goste o meu licor, dum brinco, em outro,  
Lhe amacio o Recato;  
Em modo, que do Amante perde os medos,  
Que o cinto, manso e manso, lhe deslace.

ACHELOO

Teu possante licor anaça, Amigo  
Co' a minha linfa. (Oh guapa sociedade!)  
Quando espraia a vida  
Teu licor, durará, com minhas águas,  
Mais inóxia, e mais larga essa alegria.

BACO

Emborca Hóspede meu emborca oh caro  
(Tu tiritas de frio!) na Urna tua,  
Deste meu Odre as chammas:  
E aprenda o Mundo a prolongar astuto  
Mocidade, Saúde, e Sono brando.

VERTUMNO

Consenti-me no rancho, nobres Émulos.  
Olhai, como vos ri a Cornucópia  
Colmada de áureos pomos!  
Seu acídulo suco uni aos vossos  
Licores, dai acesso ao alvi-doce  
Cristal, que das melífluas espremeram  
Canas, do Hidaspe as Ninfas, vertei-lhe inda  
O afogueado espírito,  
Que dessas canas sai, e que eu, cerrado  
Nesta Urna de Ónix trago prevenido.  
Nas taças o embebais. – Sabei, que outrora,  
Quando a Pomona esquiva, (eu grave Dama, )  
Gabei esta ambrósia,  
Ela a saboreou, e facilmente  
Se deixou requestar, e foi rendida.



X.<sup>a</sup>

CALÍOPE A UMA ROMÃ,  
QUE AMADURECEU EM BERLIM

« TU, de verde c'roadada? E aqui te encontro  
Com teu aberto purpurino seio  
Do Sol Boreal aos raios!  
Oh fruta mui valida  
De Pomona e mui cara a Prosérpina,  
Que com tanto prazer, no Averno Reino,  
Teus bagos roxos sôfrega comera.  
Do Olimpo ela não fez, do Néctar caso.  
Que revoltas neste Orbe!  
Foge o Mar, forros deixa  
À relha do Colono, Campos: Penhas  
Se sumem pelo chão, que noutro sítio  
Vomita serras. Traja-se de flores  
Teu arneiro, oh Berlim. Pomona pode  
Dos pomos mais suaves  
A sua Cornucópia  
Encher nos teus vergéis. Flora, a seu agrado,  
Estremar mil grinaldas multicores;  
E a loura Ceres passear à sombra  
De gigantes espigas. Estrangeiras  
Selvas te traz Silvano,  
De longes territórios,  
E os tenros topes destros lhes decota,  
E, ante as ufanas portas, de florestas  
Te enleia Labirinto; abertas portas  
A quantos Vates vêm. Vejo esses Filhos  
Do Ingenho, a voo rápido  
Por Terras, e por Mares  
Buscar-te; ora o cinzel, ora o Compasso  
Na experta dextra adrede meneando,  
As rochas desentranham, e as transmudam  
Em Palácios Ausónios, que ornem Státuas;  
Pouco há frio-bronco o Seixo  
Respira, e quasi fala.  
Lá, sobre ruínas, te erguem templo, oh Palas:  
Vertem Sábios doutrina, e a bebem Povos.  
Fala às Esferas, Homem: dá-lhe o número;  
Mostra aos Ventos o alcance impetuoso;  
Do Sol desfia os raios,  
Pesa a Lua: e a remota  
Aponta origem do Ouro os fuzis narra  
Da Cadeia dos Entes, desde a Terra,  
Té que prenda no Sólido de Deus Sumo.»

Assim cantou Calíope enlevada,  
Quando aos profanos olhos  
Da soberba Cidade  
De seu Valido, talha ignota os ares,  
De Apolo ao Templo endereçando o voo.  
Já lá, co' a flauta, e Lira prontas a aguardavam  
Com disfarce, as Irmãs, cobrindo os rostos.  
Cinge a frente Melpómene  
Com Cipreste, e as mais Musas  
De variegado traje, em solta dança  
De atilado saber, dão ala às Artes.

## XI.<sup>a</sup>

### O ARREPENDIMENTO

E pude eu falsear as lições suas  
Aluno, em verdes anos, de Calíope!  
Entregando-me a Ti, severa Crítica!  
Agora arrependido  
Volvo a Ti, sempre amável Deia. Um tiro  
De Censura ofendeu o meu Amigo,  
Caro Selim. Dulcifiquei em balde  
O desastrado arrojo!  
Inda a chaga, no peito, se lhe assanha.  
Desde hoje, oh grata Musa, para sempre  
Me sagro a Ti. – Quando eu, por Ti, Poeta  
Cantei jucundas Selvas,  
Cantei Amor, e Baco; o meu Amigo  
Me amava. E é gran ventura ser amado!  
Não te hei Sacrificar, oh Amizade,  
À glória de que as Gentes  
Me admirem, me assinalem, apontando-me;  
Nem que me atroe o Teatro com aplausos;  
Nem que, para saudar-me, à uma se ergam,  
Como a Virgílio outrora.  
A ter c'os Reis entrada te prefiro,  
E, dos Validos me sentar às mesas,  
Opíparas, mas sempre sitiadas  
De vis adutores.

## XII.<sup>a</sup>

### À CIDADE DE BERLIM

LASTIMOSA Berlim! a Divindade  
Do teu Rio eu a vi, (me assombra ainda!)  
Ir, c'os seus alvos Cisnes,  
Passeando entre os Abetos  
Do teu sagrado Bosque.  
Dá à minha débil voz; que eu diga, oh Naia,  
Quanto entoado veio a meus ouvidos;  
Quanto cantou divina  
A tua boca aos Faunos,  
Cantou às Hamadrias.  
« Salve, Cidade augusta, e glória minha  
As Alemãs Cidades se te inclinem;  
Presenceiem, humilhem-se  
Ante o meu nobre orgulho  
Vólga, Ister, Ródão, Báltico.  
Bem que inimigos meus, sem conto, iguaem  
De ambas as minhas praias grãos de areia,  
Que há que temer? Não olhas,  
Do meu Amigo ao lado,  
Um Tutelar? um Nume?  
Não vês Jove guerrear, com seus coriscos?  
Pôr-lhe em fuga os contrários? Stender Marte  
Densa nuvem, nos olhos  
Do Adversário, que lida  
Em pôr o Herói por terra?  
E eu não o vi, travando do Estandarte  
Transmudá-lo nessa Égida terrífica  
De Palas? Os odiosos  
Inimigos pararem,  
Como em terra arraigados?  
Logo, qual messe, que o pedrisco acama,  
Derribados pela hoste vitoriosa,  
Não vi, como alastravam,  
C'os de-sangrados corpos,  
Mais de trezentas jeiras?  
Meio Orbe se arremessa a um só Homem  
Perjúrios, e traições contra ele urdindo,  
Chamas, nocturnas trevas,  
Com todo o horror do Averno  
Maquine em seu destroço;  
Triunfos lavra ao meu Herói Prussiano;  
Seu magnífico Filho os Céus amparam.  
Vê-lo-ás, Povo querido,  
C'roado vir de Louros.  
Lá vem. Que eu já o avisto.

Radioso vem; qual chega Apolo a Delos,  
Depois, que com mil setas homicidas,  
Arrancou vitorioso  
A Píton, monstro horrendo,  
O alento denegrado,  
Presto, aos Vindouros, dai seu vulto, em bronze;  
Presto um Templo lhe consagrai, nas abas  
Do meu Rio, que anseia  
Os degraus tapeçar-lhe  
Com sempre-frescas flores.»

## XIII.<sup>a</sup>

### A BERNARDO RODE

TU, que com pincel destro, à vida volves  
Lavado em sangue, um César,  
Que, co' a purpúrea toga o rosto encobre  
Ao punhal de seu Filho,  
Por lhe não exprobrar, com meigo aspecto,  
O parricídio, o infando:  
Tu, que o Filho animaste de Filipe,  
Olhando mavioso  
De Dario o cadáver; e afiguras  
O Antístete Troiano,  
Nos nós gemendo, com que o estreitam Serpes  
Horrendas... Que a Melpómene  
Pintas; oh deixa, Rode, um curto prazo  
A multicolor palheta;  
Deixa os valentes quadros, que o casto ânimo  
De Cipião o Magno...  
Que a Coriolano, e o p'riço, se obedece...  
E essa admiranda série  
De Heróis Brandeburgenses, desde o Aquiles  
Alberto, que a Bandeira  
Inimiga tomou, até ao Grande  
Guillherme, que o exército  
Qual furioso tufão, levou de arrojo,  
Por neves, e por gelos  
Do Contrário as espaldas acoçando...  
Deixa esses quadros; conta-me  
Qual Nume te embebeu no vivo lume,  
Que em tuas obras lavra?  
E qual te deu o manso sofrimento,  
Com que a vaidade, o orgulho  
Desse enxame fiscal, tão temerário  
Vês, sem que a Inveja punas,  
Co' a sátira dum Quadro? nem o Ultrage,  
C'um cenho de desprezo?  
Só dos Apeles, só dos Miguel Ângelos  
O ingenho em tal desmentes.  
C'os olhos fitos no radioso Templo  
Das Artes, perdes tino  
Da alcantilada senda, que trilhaste?  
E ouves modesto, e calas-te  
Às lições, que quer dar-te ufano o Rico,  
E o que por postos campa?  
E esses Mancebos vão, que perpassaram,  
(Da Presunção no colo)  
Tal, ou qual Galeria das famosas?

Calas-te, vendo Geómetras,  
Consultos, ou Guerreiros, incapazes  
De prezar o grandioso,  
O enérgico, a nobreza, a formosura  
Dos assuntos, que extremas,  
Lhes preferem pinturas de Ruínas,  
De Bois, remoendo o pasto,  
Açafates de cachos, de boninas  
Objectos, que deparas  
Na mais trivial, ignóbil Natureza?  
És tu o Artífice único  
Que sopeando, os ímpetos, te digas,  
« Não desprezes quem mimo  
Na Pintura, co' as prendas, que não logras  
Dos Céus foi mais ornado,  
Ou com virtudes pródidas à Pátria?»  
És tu o Artífice único  
Que nas Obras dos Émulos coevos,  
Só contempla a beleza,  
E aos mais deixa o perluxo dos defeitos?  
Tanto amigo és dos homens  
Que ao fraco, alardear valor, consintas?  
E que ao mal-dextro Obreiro  
Sofras, que empunhe o ceptro da Arte ilustre?  
Que, sem pesar, enjeites  
A escassa glória, que, sem custo, alcançam  
Entre os Ingenhos botos?  
Pela Arte mesma, e não pela alta fama,  
Teu coração sublime,  
Tem a tua Arte em preço? Como o Sábio,  
Por ela, ama a Virtude?  
O que à Lira preside Grawn famoso  
O dulcíssimo Canto,  
Que ouviu no Olimpo, e cujos sons espraia  
Pelas ribas do Suevo  
Como tu fez: nunca do toscos Marsias  
Zombou dos sons agrestes;  
Nem conceito, ou des-músicos ouvidos  
Fiscalizou dos Midas.  
Em teu louvor, e seu, grave a Verdade  
Lavrou em letras de ouro:  
« Grandes ambos, nas Artes sublimadas,  
Maiores na modéstia.»  
Quem, no sagrado Coro dos Poetas,  
Para Com-sócio vosso,  
Irá buscar meu Canto encomiástico,  
Senão meu Kleist amado!  
Provado Amigo, campesino Vate,  
Modesto... (Ouvi atentos  
Tenros Tirões das Musas, ou de Marte)  
De dous lauréis cingido,  
De Poeta, e de Herói. Se eu nesta língua  
E de Teut, e de Mano,

Tão sujeita a mudanças, colher inda  
Duradouro diadema,  
Kleist me aceite a c'roa da Modéstia!  
Das c'roas a mais rara.



## ODE XIV.<sup>a</sup>

### AOS INIMIGOS D'EL-REI DE PRÚSSIA

**A**TÉ quando Megera enfurecida  
Tem de incitar o facho? Reis deste Orbe,  
Porfiados assaltais a um Rei invicto,  
Por lhe aumentar a glória?  
Com ver, que luta contra tantos p'rigos  
Que alcança tantos louros; que executa,  
Aventurando a vida, acções tão nobres,  
Dum Semideus condignas...  
Domados tantos monstros, com tal brio,  
Não vos dobram à Paz? Nunca a vingança  
D'algum Deus abrasou tenaz o seio  
Com denegrída tocha.  
Logo que Alcides sufocou nos braços  
Nemeu Leão, da pele armando coura;  
E a espada vingadora, qual relâmpago  
Despiu, miudando gólpes...  
Na Hidra, que o cansava, e os pululantes  
Colos lhe decotou, mau grado aos ímpetos  
Do monstro, que se torce, e se destorce,  
Por lhe morder as plantas;  
Que de arrancá-las dos paus, e brenhas  
Teve azo (que às mãos de Hércules é jogo  
Destruí-las) as Stimpálides... que a briga  
Evitavam – e dos rostos  
Medonhos gritos dando, e com as garras  
De bronze arreganhadas... e os Cavalos  
De Trácia tomou vivos, logo expô-los  
Aos animais vorazes...  
Soprando eles das ventas labaredas  
Queimavam messes, Choças cometiam,  
Para nas fauces engolir famintas  
Desventurados homens...  
Então, nos Deuses, se abafou a cólera;  
Juno enfreado as iras, diz primeira:  
« Filho de Jove, acudidor dos Povos,  
Mais Deus, que os grandes Deuses,  
Logra o, que eu te impedia, alto remanso,  
Eu, que inimigas chamas te inflamava,  
Te enganei, com meu ódio, e pus malquisto  
Contra ti, todo o Olimpo:  
Logra holocaustos, que não-de consagrar-te  
Mais do que a nós, os Povos do Universo,  
Do suave néctar a primeira taça  
Das minhas mãos a aceita.»

## ODE XV.<sup>a</sup>

### À PAZ

OH Paz, amável Paz, onde fugiste?  
Aos Céus? à Pátria tua?  
Cansada de injustiças, para sempre  
Deixas, saudosa, a Terra?  
Buscaste acaso inóspita pousada  
N'alguma plaga Oceânica,  
Crespa de inacessíveis penedias,  
Onde não lançou ferro  
Nunca ávido Chatim, nem pôs pegada  
Facinorosa planta;  
Nem de Conquistador foi conhecida?  
Pousar foste nos páramos,  
Que aos homens vedam couto; onde o Selvagem  
Desassustado bebe  
Da Palma o suco, a fruta come; e dá-se  
Por morador do Empírio?  
Lá onde assistes (oh!) deixa aplacar-te;  
Volve aos sítios, que outrora  
Tanto aditavas; onde lá dos montes  
Coalhados de rebanhos,  
Das pampíneas parreiras, de enlouradas  
Pirâmides de Ceres,  
Tinham a nós os Cantos de alegria.  
Olha os Casais, que as Vilas,  
Por grandes semelhavam, que em beleza  
C'os jardins pleiteavam;  
Mal jazem derrocados, hoje ruínas  
Cá, e lá, como cepos  
De ardida Selva; ou nos desertos muros  
Desleixadas ervinhas.  
Não travam danças, na vindima as Moças;  
E até no altar de Ceres  
As Ceifeiras depõem, com pranto, as c'roas  
Das banhadas espigas.  
Tala a Guerra (oh miséria!) prados, vinhas;  
Co' a fruta, a Árvore estraga:  
Com gume igual degola a mansa Ovelha,  
Que com leite nos brinda,  
C'o Cordeirinho; arrastra os Canhões brônzeos,  
C'os Cavalos do arado  
Co' as nossas mesmas fources, ceifa o Povo;  
Rouba ao Pai de família  
A vida; e logo o Genro lhe arrebatá,  
E após lhe alista o Filho...

Dobra-te, oh Paz, que vês tantos desastres  
Salva os minguados restos  
Do teu Povo; com sete grilhões de aço  
Prende aos umbrais do Tártaro  
O Monstro destruidor; que lá sem termo  
Se morda, escume, e raive.

## ODE XVI.<sup>a</sup>

### CANTO DA NINFA PERSANTE

O Meu Herói venceu! Alegres lágrimas,  
Não afogueis meus Cantos jubilosos.  
Ondas do Rio meu, contai aos mares,  
Que o Drago jaz vencido.  
Aqui, onde, com medas arenosas  
Orla o Báltico as praias, com que ampara  
A Colberg, que eu tanto amo, estava alegre  
Sentada discantando  
Aos atentos Tritões, um Hino, em honra  
Do meu Perseu, e fama: « O vitorioso  
Braço do meu Herói, ao feroz monstro,  
Que o Rifeu cobertado  
De neves, vomitara em minhas margens,  
Prostrou no chão; dos Céus desamparada,  
Eu presa fora sua.» Assim cantava,  
Quando vi dos mais fundos  
Azulados abismos remessar-se  
Um Dragão, que cinquenta fauces abre  
Flamívoras... Eu fraca, eu tremebunda  
Na praia me esvaecia.  
Eis Perseu desce, na pousada Olímpia,  
Brande a fulgente lâmina, e três vezes  
Nove dias, a Morte, nos equóreos  
Mares represa válido.  
Que torrentes de chamas não dispara  
Contra ele essa Hidra! Enfim meus tristes Cantos  
Tendo acesso nos Céus, de lá granizo  
Vibraram de armas, onde  
Meu Perseu pelejava; sobre as asas  
De Mercúrio levado, armada a frente  
Com Plutónio morriam, na dextra a lança  
Da terrível Minerva,  
No mar profundo precipita o monstro.  
Sem fim meus lábios cantaram seus brios.  
Cantarei meu Herói, enquanto cinjam  
Os braços deste porto  
Inchadas velas, com que os ventos folguem:  
E quando Ele saudar venha estas ribas  
Juncar-lhe-hei de conchinhas o caminho:  
Minha Urna âmbar, e escassos,  
Emborca apenas, órfã de ouro, os grumos,  
Tu, Vate, que há já tempos, modulaste  
Canções, ante os umbrais dessa Cidade  
Materna, se inda o ninho  
Em que vieste à luz tens por assumpto

Do teu amor, o meu valido canta,  
E o meu Libertador, nesse alaúde,  
Que com modernas cordas  
Estreaste bizarro; e a cujos toques  
Cantas perene os Numes, cantas brigas,  
Que sobre o Pélion, e Ossa porfiados  
Os Titãs sustiveram.

## ODE XVII.<sup>a</sup>

### ACERCA DUMA PEÇA DE ARTILHARIA, QUE DUMA DISTÂNCIA DESMESURADA, ATIROU UMA BALA, NA CIDADE DE BERLIM

**M**ONSTRO infernal, que as cavernosas fauces,  
Como os do Etna vulcões, abres horrendo,  
E flamígero vibras  
Abrasados trovões, com que destruas  
Os das Musas Amigos não-culpados.  
Quem, para estrago da florente prole,  
Te gerou inventivo, a espada aguda  
No seio à Mãe cravara;  
E contente ensopara o punhal frio,  
No, da formosa Filha inóxio sangue.  
Vi-me às abas do Stix, vi perto o Cérbero,  
De empeçonhada spuma, ouvi a roda  
De Ixion ranger no giro.  
De Danau já avistava a iníqua stirpe  
(Stirpe cruel!) e os desfundados vasos,  
Que objecto às sombras são de mofa; e entrava  
No Elísio, junto a Minos: o Avô magno  
Deste mais-magno Neto  
Já eu via. De Breno os Descendentes,  
Lhe enchendo a marcial  
Tenda, aplausos, Cânticos  
Lhe ouvia. Celebravam festa heróica  
À gloria de outro Herói, que seis Sob'ranos,  
E Sátrapas sem conto  
Combate. Eu já cantava o último lauro...  
Quando, entra um Mundo hostil, que o cinge, e ameaça.  
Que troveja... Ele a planta, a passo cheio  
Movia entre mil frentes desangradas,  
Que esfriou Libitina.  
Já me invejava Alceu o Canto ufano:  
César se avizinava para ouvir-me.  
Com Antonino sábio vem Juliano,  
Que ambos Césares ama.... Mas de Maia,  
Co' a pia vara, o Filho,  
A bala desviou, que vinha ansiosa  
De despenhar-me a fronte, no Orco escuro;  
E tolher-me, que intrépido, na Lira  
Mova as cordas, quando, entre ondas de aromas  
O meu Herói caminhe  
No Carro triunfal, levando a rojo,  
Da Guerra o torvo Monstro manietado.  
Quando, sobre trofeus, alçando o trono,  
O cortejem as Artes, e no Templo

De Polímnia admirarmos  
Vitórias suas, em luzidas cenas,  
Em heróicas Danças, guapos Jogos;  
E quando Osiris novo a maior auge  
Suba os triunfos seus, vertendo a frouxo  
O Corno da abundância  
Rico de frutos, rico de ouro, e prendas;  
As terras, que o bençoam, visitando.

## ODE XVIII.<sup>a</sup>

### AO GENERAL DAUN, DEPOIS DE BATALHA DE TORGAU QUE EL-REI DE PRÚSSIA LHE GANHOU

CESSA de ser, após três anos, Fábio,  
Ditoso tardador. Desses teus serros  
Qual foi o Fado? Já, para o inimigo  
Não se alcantila a rocha?  
Lembre-te o lasso Vencedor, que à noite,  
De sobressalto colhes, lembre o como  
Uma mó de soldados, num Oceano  
De tropas vai a pique.  
Como aliadas Nações, com manha, ao talho  
Se mandão; como poupa as suas hostes  
O Cabo, que olha de alto, e longe, e a salvo  
Como lavra a peleja.  
Eis-te vencido! E quem nossos Vizires,  
Nossos Baxás altivos vingar traça,  
Dum Rei, que quer reinar, e o pode,  
Afouto, por si mesmo.  
E quem os Generais, de glória anelos,  
E do despojo vingar dum Príncipe,  
Tão fora do uso, que as batalhas ganha  
Ele, em pessoa própria?  
Quem é que há-de vingar os nossos Sábios,  
Nossos Ingenhos de dicção diserta  
Dum soberano, que das Artes todas  
O Magistério ocupa?  
Mísero Antiste, que com vãos prodígios,  
Leigaços nos divertes! Mal-benzida  
A espada foi, que no elmo de Minerva  
Se quebrou em pedaços.



## ODE XIX.<sup>a</sup>

### AOS REIS

IR-SE-Á este Orbe ao fim? Algum dilúvio  
De bárbaros soldados nos despenha  
Nos pegos da Ignorância?  
Derrocar-se-ão Padrões, aluir-se-ão Templos,  
Para nomeadas ser nobres ruínas?  
D'após destroços tais esperaremos  
Era vindoura, que Artes nos invente?  
Que das cinzas, das campas  
Netos lhes dêem nascença? Oh não! Que ameaça  
Estrago tal destruí-las para sempre.  
Da Ciência é a luz c'os Sábios morta,  
Desdoutrinados Filhos, mas fardados,  
Roubam salteiam. Mísero  
Lavrador tem de ser, quem não se alista  
No bando de homicidas. Vós, mais sevos,  
Que o assolador Vesúvio igniflamante,  
Mais sevos que os trovões, no cavo seio  
A terra revolvendo,  
Satélites da fome, dos Contágios  
Que a Morte, sobre os ombros de Neptuno,  
Em rápidos baixéis, desde Lisboa,  
Levais aos gelos do Obi, nas falanges  
Armadas para excídio  
De humanos como vós... Oh vis algozes  
Do Orbe vindouro, algozes do Orbe hodierno;  
Que dos bravos Germãos, com mãos Germanas  
As entranhas rasgais, por dar enfado  
Ao melhor dos Heróis;  
Ao, dos filhos de Breno, Rei prudente,  
Dizei-me agora: – Quando a Paz seu freio,  
Puser a vossas fúrias homicidas,  
Rendendo a cada Rei os seus Castelos,  
Com as Comarcas suas  
Taladas, despovoadas, abrasadas...  
Oh quanto, oh Reis, se ainda a vil Lisonja  
Na vossa alma, por meio dos Prazeres,  
Da Política falsa, não deu cabo  
Do Pesar virtuoso  
Das mortes, que a milhões destes (ímpios!)  
E, neles, aos por vir – fartos de estragos  
Dai ordens às Legiões, que o Campo deixem  
De morticínio. Como as forças vossas,  
(Então, sem crime hardidos)  
Não empenhais, no abrir novas derrotas  
No Pacífico mar! em descobrires

Algum Povo inda ignoto, industriá-lo,  
E servir-lhe de Pai! como o primeiro  
Inca aos Peruanos broncos,  
(Dando ao País natal nova existência)  
Lindou terras, fez choças, vestiu gentes,  
Mulheres sorteou, deu honra ao Pejo,  
Deu culto a Deus: do Sol chamado  
Filho foi; Sol do Povo,  
Por benéfico, e como o Sol luzindo  
Irá, por um sem número de idades.

## ODE XX.<sup>a</sup>

### AO MEU MÉDICO

**P**ERMITE, oh Esculápio, oh caro Amigo,  
Que eu do cárcere solte  
Vinhos, que os tão famosos espremeram  
Prelos de Hocheim; e inda outro,  
Cujos cachos, em meu natal colhidos,  
Se embeberam dos raios  
Do sol, lá do Tarzal sobre os cabeços.  
Quero afrontar a Febre,  
Que fria, como a Morte, vem coando  
Pelas veias. Releva  
Que eu escute as sublimes melodias  
Dos Hinos seculares.  
Federico, que dá mate às falanges  
De Europa, quanto às Cáfilas  
Asianas, quanto às raivas das Euménides,  
Fere hoje o meio dia  
Da idade sua; e Cantos compor quero,  
(No arrobado da alegria)  
Que exponham quantas ele obrou proezas.  
Dos seus famigerados  
Contendores, quem só possa arrostar-lo  
Única remanece  
Teresa: Tanaquil desceu já vítima  
Do inexorável Orco;  
Cleópatra, que ao Pólo estende o Império,  
Vai habitar na campa.

## ODE XXI.<sup>a</sup>

### O POETA

**A**QUELE, a quem a Mãe, entre os dulcíssimos  
Gorjeios dos Irmãos da Primavera  
Concebeu fortunosa;  
Que, em sonhos inspirados  
Pelos Deuses, cuidou à luz do dia  
Dar um Cisne... Esse mui ditoso Filho  
Nunca pendurará, na ara cruenta  
De Marte, triunfados estandartes  
Nem chaves de Cidades  
À escala submetidas,  
Nem esporões de armígeras triremes.  
Nenhum baixel irá por seu mandado,  
Desfraldar velas em redor do Pólo  
Chatinando fabris industres merces;  
Nem, dos que o Sol escalda,  
Outeiros, louro sumo  
Por brutos trocará da Ursa gelada,  
Por metais arrancados das entranhas  
Mais profundas da Terra. Desde a infância  
Ledo os dons cantará da Natureza,  
No enramado alaúde,  
E, entre faustos assombros,  
Quando viril decoro lhe orne as faces,  
Ouvirá que o saúdam por Poeta.  
A mais jovem das Graças... No seu grémio,  
Qual bom Custódio, o acolherá o Pejo:  
D'ante os seus olhos Palas  
Descoserá as nuvens  
Do vil, deslumbrador, pérfido Engano,  
Aplicada a estremar-lhe a sã Verdade.  
Pelas florestas só, meditativo,  
Honrando o Criador na Criatura,  
Perdido o susto à Morte,  
Verás como tranquilo  
Sabe esperá-la – assim como a visita  
Dum hóspede estrangeiro, é esperada.

## ODE XXII.<sup>a</sup>

### AO JURISCONSULTO KRAUSE

**N**EM Orác'los de Témis nem querelas,  
Ruidando em redor da ara,  
Nem, que vague, em seu Templo, o Povo em chusma,  
Tolher-te não conseguem,  
Caro Krause, que soltes da áurea Lira  
Dulcíssima harmonia.  
Os triunfos de Henrique os outros cantem,  
Triunfos açodados  
Desse hórrido Leão, que ermos da Líbia  
Estremece, dormindo...  
E quando Onça o desperte ameaçadora,  
C'um firme pulo rápido,  
Se arroja, ferra a garra no inimigo  
Quadril, e já lhe embebe  
Toda a cabeça na garganta armada  
De carnicheiros dentes.  
Contigo cantarei meigos triunfos  
De Laura, e a Dita insigne  
De abraçar-se por Dafne; por ti, Dafne,  
Por teus tão lindos olhos  
Hei-de eu também cantar-te,  
Boca, em que as Graças pousam, e estás clamando,  
Com teu suave alento,  
Os beijos; c'os seus chistes donairosos  
(Que sem que alguém molestem)  
Os ouvidos encantam. Meus tributos,  
Alabastrino seio,  
Benigno aceita: palpitar te vejo,  
Entre o cendal avaro,  
Que, por cima, lhe lança casto o Pejo;  
Que inda assim faz negaça.

## ODE XXIII.<sup>a</sup>

### A DÉLIA

TÃO leve em desfechar do aço homicida,  
Formosa Délia, o Cão, quanto és tu dextra  
Em desposar co' a teorba,  
Da Ausónia os sons, – a ausência do teu Atamas  
Te aflige... Ele, nas margens do áureo Tejo,  
Ou, c'os feros guerreiros desse Clima,  
Se enfileire, ou pratique Ninfas, Damas  
Ciganas quanto ardentes,  
Nesses sociais debates mais p'rigosos,  
Que os do sanguento Marte, em ti só cuida.  
Co' a Amazónia gualteira, e as tremulantes  
Plumas sombreando a fronte, porque afastes  
De ti saturno enojo,  
Cinges luzente alfanje, e as rédeas tomas  
Do generoso Tártaro ginete.  
Voltas, co' a preza do Veado, ou Corça;  
E Nearco, em seguir-te, assíduo, e prestes,  
Te dispôs grão refresco,  
Nas sombras dobradiças de seus Plátanos,  
Ou nas sedas listadas da áurea Tenda.  
Oh dum leal Esposo Dama, oh teme  
O opaco das florestas, teme o fogo  
Das Paixões, que acareiam  
Liberdades da Caça, e a mesa opípara  
Com quanto a Terra, e o Mar nos saboreiam.  
Resguarda-te do humor traidor das Cepas,  
Que em sangue de Cupido se embeberam.  
A roxa cor roubando  
Aos olhos da Perdiz, traições, rebates  
Traz, e afugenta os Guardas da Pureza,  
E a severa Razão, Pejo acanhado;  
E a Altivez (que a assomá-la pouco basta),  
E a prevista Prudência  
De agudo olhar, que espreita no futuro.  
Vénus, a quem, c'um Hino tão donoso,  
Encantou seu valido Anacreonte,  
Lhe deu, por mimo, uma Pombinha sua,  
Das que o Carro lhe voam.  
Cupido, por suprir o tiro manco,  
Dentre Árvores voando, duma em outra,  
Avista nova Pomba, entre frondosos  
Ulmeiros, que abraçava amante Vinha;  
O nu bracinho estende  
Para a apanhar, se arranha, e enxuga  
Com parra o sangue, e ao grémio da Mãe torna.

Passaram Eras, transplantou-se a Cepa  
Ditosa, que bebeu tal sangue, a arneiros,  
    Donde lhe espreme os cachos,  
Para rica, estrangeira gente, ledos  
Vindimador, cantando. Admira, oh Délia,  
O prodígio, que causa uma só gota  
Do sangue de Cupido. O alvi-spumoso  
    Líquido âmbar micante  
Leveza inspira folgazã, malícias,  
Travessuras, e ardor de curto prazo.

## ODE XXIV.<sup>a</sup>

### À CONCÓRDIA

TU, que harmónica regras os que rodam,  
Sobre nós, vagos astros,  
Nos sítios, onde desces, sob as plantas,  
Vês surgir-te, oh Concórdia,  
Cidades, Povos, vês singelas Ninfas  
Hinos trançando, e danças.  
Com vista ameaçadora, e surda a rogos  
Brande na dextra Némesis  
Cutelo, e varas, com que vingue o sangue,  
Se mão injusta o verte;  
Vingue manchadas núpcias, furtos. Ela  
Nunca de ti se afasta.  
Vê, Concórdia, estes Povos miserandos,  
Que a ti as mãos, os olhos  
Levantam; vê Cidades destruídas,  
Queimadas as Aldeias,  
Ricas messes calcadas por Cavalos...  
Vê minguadas as proles  
Para o futuro, e nuas dessas Artes,  
Que ao lado teu conduzes.  
Ouve implorar-te a Gente ouve os clamores:  
« Concórdia, aplaca as rixas  
Dos Reis, que as terras míseras devastam.»  
Esse Herói, da Germânia  
Tutelar, que três vezes cometera  
A Paz, antes que o braço  
Alongasse, e as tenções estragadoras  
Dos adversários Príncipes,  
Com tiros sete de trovões... Por cabo,  
Unindo, com teus laços,  
A Suécia, e Rússia, às abas do mar Báltico,  
Te alça glorioso Templo.  
E queira a de Áustria Heroína limitar-se  
Em seus domínios férteis,  
Jubiloso outro Templo há-de sagrar-te,  
Sobre os Sudetes serros.



## ODE XXV.<sup>a</sup>

AO REI DE PRÚSSIA, QUANDO, DEPOIS DA PAZ,  
VOLTOU A BERLIM EM 1763,  
NO DIA 3 DE MARÇO

O Herói, por cuja vida estremecias,  
Quando nas brigas, em que o empenha o Fado,  
Brônzeo trovão, dos topes  
De altas serras, ao lado seu, feria  
Sócio de seu valor, bravo Guerreiro;  
Quando via apinhar-se mais contrários,  
(Em seu dano!) que não creram vindouros;  
Quando, abastado o peito  
De destemido brio, se arrojava,  
Só, mas igual à Europa inteira;  
Oh Berlim, o teu Rei, por quem te ufanas  
Das Germanas Cidades a Princesa,  
Que em teu pró acareia  
As Artes, ergue Paços roça-nuvens,  
Floreja os Campos, quais jardins de rosas;  
Pai, que te alimentou, na agra penúria  
(Oh desastrosa quadra!) Eis que a ti volve,  
Depois de haver atado,  
Às portas do Orco, a rábida Discórdia,  
Com triplicados nós de brônzeos laços.  
Augusta Sposa, arroja-te a seu seio,  
Prantos gozosos verte; oh deixa Amélia,  
As aras, que cingias,  
E holocaustos, que imploram, que a ti, salvo  
Torne; o brioso peito abraça, e dize-lhe...  
(Se inda vozes franquear o gozo extremo)  
Sposas de dous Irmãos, o manso rosto  
Lhe beijai, proclamando:  
« Voltas ditoso, oh do teu Povo amparo.»  
Dizei: « Ditoso voltas.» Dizeis tudo.  
Com frondosa ramagem sempre-verde,  
Com florestas de louro juncai, Ninfas  
A estrada, que este trilha;  
Quanta flor Primavera, e sol desatam,  
Na Terra, e pelos troncos verteí prestes.  
Quando o Carro triunfal rompa o concurso  
Dos Povos radiantes de alegria,  
Aos ares vós, Senhoras,  
Dai o que a Arábia gera, grato incenso  
Que perfuma os turícremos altares.  
Bradai, oh Jovens: « Quanto nós felizes!  
Que quadra a nossa Aurora, com os dias  
Do melhor dos Monarcas.»

E vós, Anciãos de encanecida fronte,  
Dizei: « Felices nós, que o termo vimos  
De proezas dignas de imortais coroas.  
Ébrios de gosto nos dá golpe a Morte:  
    Após de nós, de herança  
    Ficará Federico a nossos Netos  
    Ditosos de o possuir. – lo, triunfo!  
lo, triunfo, em doce alento a Lira  
    Romperá, entre júbilos sublimes.  
    lo, triunfo, exclamo;  
    Que ao grande Semideus cantei um Hino;  
    Hino, que ele aplaudiu! lo, triunfo.»

## ODE XXVI.<sup>a</sup>

### A GALLINETTA

DE imortal Mãe degenerada Filha,  
Mais gente hás conquistado, que a Irmã tua  
Ibera, que te vence no alto porte,  
E senhoril meneio.  
Tu mais convidas, que a cigana Hespérída,  
Cujo canto dá mate ao das Sereias,  
Mana eloquente (qual suadela) em falas,  
O mel suave do Hibla.  
Por cima do ombro hoje olhas a *Teutónica*  
Divina, e c'ó esse teu palrar leviano,  
Namoradas Canções, joviais sainetes,  
Lhe roubas os Amantes.  
Volta ao Matrona rio, volta ao Povo  
Micante, como o vinho de seus montes  
Baste, oh Ninfa loureira, que embelezes  
Os nossos – Corre-terras:  
Os de estranhos Monarcas Enviados,  
E, em Tertúlias, o entono dos Fidalgos:  
Dos sábios Druidas, dos sublimes Bardos  
O ingenho oh não pervertas.

## ODE XXVII.<sup>a</sup>

### AO HIMENEU

FILHO de Baco e Vénus, que és nascido  
Na embriaguez mais grata  
Dos Amores, Hímen, Tu sentas Sólio  
No tálamo das núpcias.  
« Das gerações, oh Pai perpétuo (clama,  
E clamando suspira  
Des-socegado o Ancião) toma em teu grémio  
As que eu guardar não valho,  
As casaduras já, minhas três Filhas.»  
Para ti se atavia,  
A Donzela, quando hinos matutinos  
Te canta; em ti só spera  
Cordato Moço, de amor vil nauseado;  
Orações te endereça  
Enlutada a Viúva de anos verdes,  
E a que no peito lavra  
Chama voraz, te manifesta o Viúvo.  
A ti Reis mandam votos,  
Que venhas repovoar taladas terras.  
Se, nesta Era malvada,  
Inda és propício a festas, a holocaustos,  
Honra, presente, a Casa  
Do meu caro Leucon, que os joelhos dobra  
Perante os teus altares.  
Vem, traze, em cada mão um anel rico  
Mirti-enramada a fronte,  
Cingido o braço, co' esse listão de ouro  
Que à Sposa o joelho aperte.  
E quando o Amor, e o Vinho aos Convidados  
Solte em votos a língua,  
Força é se humane a Noiva, e do mais destro  
Seja o listão troféu.  
Enquanto o roubo os Moços se aquinhoam,  
Modesta a Sposa, e trémula,  
Se lhe escapa dos olhos, e empós dela  
Corre o férvido Noivo.

## ODE XXVIII.<sup>a</sup>

### À MINHA MUSA

ACASO é Jove o mais supremo Nume,  
Que, c'um mover da omnipotente fronte  
Todo o Olimpo estremece?  
Ou Palas, que do cérebro lhe rompe,  
Deusa indefesa, que c'um grosso freixo  
De acicalado ferro guarnecido  
Que ela brande, qual féxile venablo,  
Despenhou, lá do etéreo  
Encélado, e Tifon na imortal égide,  
Aparando um granizo de penhascos?  
Acaso és o Rei primeiro? ou grande Henrique  
Ou magnânimo Guelfo a quem teu Canto,  
Por Patareu Apolo  
Inspirado, quer splandecer de glória?  
Fernando, e Henrique, doutrinados ambos  
Na sapiência dos Reis, aviventados  
Nas virtudes guerreiras, cabais julgo  
Dos mais sublimes Hinos:  
Cedo ao Brunswic Herói alçarás nome;  
Hoje os teus sons reboem gloriosos,  
De Federico o Irmão, que as infunadas  
Velas, Baixel airoso, ao sopro estende  
De favoráveis Áquilos.  
Como ele, oh Musa, solta os teus poderes,  
Dize: « Quando o Sob'rano Federico,  
(A quem adora o Spréa, o Préguel, o Óden)  
Quando o Armínio desta Era, acometido  
De inumeráveis Povos,  
Pelo Erro, e Inveja, e Ódio congregados,  
Não podia, presente em todo o sítio,  
Rebater sempre, com trovões flamívomos,  
Tanto adversário: apareceu de súbito  
(Qual brilhante meteoro,  
Que Tindáridas, e Órion, co' a luz clara,  
Nos Céus eclipsa) o Génio desse Príncipe,  
A quem, no ócio da Paz, alimentaram  
Estudos Marciais. Outrora Jovem,  
(Delícias das Libétridas!)  
Dormia no antro Aónio; hoje essas Divas  
Lhe emborcam brios, na alma. Opõe o peito  
Inconcusso aos Germanos conjurados,  
E das nossas Províncias os põe longe.  
Tal, montanhoso, esse Istmo  
De Corinto separa o Egeu, e Iónio  
Mares; e é laço que ata ambos os Povos!»

Eis se arroja ao conflito! Eis que triunfa  
Do atónito adversário, e c'roa as doze  
Lidas do Alcides Prússio.  
Do Génio Tutelar da alma Germânia  
Ouviste o brado, as forças? Canta, oh Musa,  
O Vencedor, rompendo com seus terços  
Pela Terra inimiga, e ouvindo as bênçãos,  
Que a Ele, e a seus Guerreiros  
Dava, em júbilo, o Povo, a quem lhe vinha  
Despir do colo o jugo, e ânsia do peito.  
Canta, como inscrutável, nos desígnios  
Entrava nas astúcias dos Contrários,  
E os atalhava.... Oh, cessa  
Canta só, que o aclama Federico  
General, sem desar, na Paz, na Guerra.

## ODE XXIX.<sup>a</sup>

### VATICÍNIO DE GLAUCO, QUANDO A ARMADA FRANCESA DESAFERROU DE BREST PARA A AMÉRICA

QUANDO o Piloto, na soberba Armada,  
Deixou da Gália as ribas espumosas,  
Glauco, das fundas grutas,  
Do Mar, a verde fronte  
Surgiu, e disse irado:  
« Cedo tem de tragar o Orco, a milhares  
De ante tempo arrancadas a seus corpo  
Tristes almas. No abismo,  
Sereis pasto de Focas,  
E nas praias, de Abutres.  
Tem de exprobrar-se os Numes, que te amparam  
Tuas anciãs venturas: hoje riem  
Da impotente arrogância;  
Para as Albiónias praias,  
O voo já despregam.  
Afim que árbitro Jove a Paz devolva  
Por quantos Povos banha o Mar, e ostente  
Que é terror do Oceano  
Coalhado de destroços,  
E as Ilhas todas rege.  
Tu, duma em outra Zona fugitivo,  
Teus nadantes Palácios, Ilhas, Portos  
Têm de deixar, e os Mares,  
Com roxo pejo, e as Ricas  
Terras da Columbana.  
Dos feros Francos prole efeminada,  
Na Helvécia neve, assoldadei ansiosas  
Robusta Mocidade.  
Nos Carros fulminantes  
Vinde, Heróis, que indefensos  
Impérios devastais. Abalançai-vos.  
C'os vossos Esquadrões, vossas Falanges,  
Às Terras, que habitaram  
Vossos Avós; rompei-me  
Esse travam do Reno.  
Vinde ver-vos, de Palas c'o Valido,  
A quem de herança vem guerrear guerras:  
Que o taxem de fraqueza  
As vossas quantiosas  
Coortes. Olha os Bárbaros  
Sem conto dar-lhe assalto. Não fraqueia:  
Se julgas auspicioso o ensejo, e férvido  
Te arrojas a acurvá-lo,

Vela no Herói um Nume,  
 Que os Contrários quebranta.  
 Foge o soçobro; e tu leviano foges  
 Entre baldões. O sítio, em que cinquenta  
 Guerreiros, de sete únicos,  
 Medrosos vão fugindo  
 Imprime infame nódoa  
 No teu Povo; é indelével a lembrança,  
 E ao novo germe de hostes mais briosas  
 Que te maldiga influi.  
 Traga a Campo nova Helena  
 Toda a milícia tua;  
 Nas altivas ameias alquebrada,  
 Na frente alarde fúlgidos Magnates,  
 Ébrios de mil prazeres  
 Nas artesoadas Salas  
 Dos Paços de Lutécia;  
 O Herói, que para adorno, e enlevo do Orbe  
 Deu Jove, que igual tira da mesma Urna  
 Cajado, ou ceptro, aos ímpetos  
 Vossos porá quebranto.  
 Já dessas Terras, onde  
 Pereceram, outrora, as insolentes  
 Romanas Legiões, têm de expulsar-vos.  
 Quais ferem meus ouvidos  
 Extáticos, os Hinos  
 De ganhadas vitórias!  
 Assim de Alcmena o Filho destroncava  
 Com dextra irada o Corno de Acheloo,  
 Que em vão mil formas veste,  
 Por fartar-se à refrega:  
 E se inculca invencível,  
 Quando é nervudo Touro. O divo Ulisses  
 Assim, c'ò tição destro, quanto ardido  
 Cega o gigante Ciclope,  
 Que lhe recresce em forças.  
 Assim o Herói, que Palas  
 Que Federico armou, Fernando Guelfo  
 Dos subterfúgios teus, Púnicas artes,  
 Teus batalhões, oh Galo,  
 Amedronta enojado,  
 E os rompe, e os desbarata.  
 Assim sagaz, profundo, inexaurível  
 Com vergonhoso véu vos tapa a fama:  
 De apinhadas Coortes,  
 De ameias fulminívolas  
 Ladeados, sois ardidos.  
 Quando entranhado de Divino lume  
 Se demonstra este Herói, à testa posto  
 De alguns Britões, unidos  
 Aos restos da estancada  
 Germânia, logo as Gentes  
 De Krefel, Ronceval mont'alteroso,



E os do Campo, que rasga o Esse, pasmam  
De o ver. Vós, dais-lhe costas.  
Wittikind o Saxónio,  
E a magnânima sombra  
Do Rei Cherusco tão fatal a Roma,  
Pousando as orlas dos broquéis fulgentes  
Nas Terras, (que seus braços  
Outrora defenderão)  
Vossa derrota olhando  
Seus olhos derramaram, pelos Campos  
De vosso spólio, e estragos alastrados.  
Em vão, com a fugida  
Mais rápida que o voo  
Dos Grous, desatinados  
A salvar-se das cruas garras da Águia,  
Cuidais em vos fartardes a inimigo:  
Em vão pondes, na fuga,  
Os Rios, as Montanhas  
Entre vós e o Triunfante.  
Outro Fernando, prole desses Divos  
No porte, e garbo igual ao Filho invicto  
Da alva Tétis, avança,  
Num Corcel, que é relâmpago:  
Já vos alcança, e colhe.  
C'ó ferro assolador, que a dextra empunha,  
Voltarás não-ferido. Não te encurtam  
Das Parcas os decretos  
O estame de teus dias;  
Mas, antes, no Futuro,  
Bem remoto, hás-de herdar ser Deus da Guerra,  
Nas Terras, que Ocker banha manso, e puro,  
Quando a teu Pai sucedas.  
Da guerra novos raios,  
Já teus Irmãos te seguem  
Caros às Musas, quais Cipiões já o foram.  
Tal sempre foi teu fado, oh prole heróica;  
Curvar o Arco Pitónio,  
E com igual destreza  
Dar sons na Aónia Lira.  
E ora, quanto, no imenso, o tachonado  
Tecto supera ao sol, a quem circunda,  
Tanto ao splendor realça  
De tantas mil virtudes  
O benéfico da alma.  
Assim o Guelfo, por labéu Borbónico,  
Cantará teus trofeus grata a Germânia.  
Em Hinos tão canoros,  
Como os que Arion soltava  
Quando aos Delfins a ouvi-lo  
Da profundez do pego a si trazia.  
Mas, no rosto, te alcanço roxas cores  
De consternado pejo,  
Se as novas te anuncio

De insperada Ventura,  
Qual nunca, em sonho, viras. Em remate,  
De tão nobres facções, o franco Génio  
De Albion te entrega os portos,  
Os velívagos mares,  
E as primitivas honras.»

## ODE XXX.<sup>a</sup>

### TRIUNFAL

TINGE, oh Camilo de vergonha as faces  
De entrar pomposo em Roma  
(Que o teu valor salvou) em quatro Etontes  
Mais que os Febeus nevados.  
Tu, César, que subsiste ao Capitólio  
No triunfante Carro,  
Entre argênteas imagens, entre ebúrneas,  
Das rendidas Cidades,  
Das ganhadas Vitórias, e inda (ai triste!)  
Entre Águias, entre spólios  
De teus Irmãos destruídos. Federico  
Que alta prole é de Breno  
De inúmeras Nações assalteado,  
De Huns, de Corcéis Ilíricos,  
De Daces, à Rainha avassalados,  
Que os férteis Campos rege  
De Vindóbona, as Bóias serranias  
Co' as Regiões de Austrásia  
E a Hespéria, em jardins deliciosa.  
Potente Soberana,  
Por quem votos ao Céu sobem, dos Povos  
Em septem-língua prece,  
Sob Eugénio, invencíveis, suas hostes  
Às Nações se ajuntaram  
Da Lagoa Meótis, Cáspios mares;  
Do Golfão da Finlândia  
Aos bárbaros Samóedes, e Ostíacos,  
E aos Tártaros, que bebem  
As águas do Sangar, e são submissos,  
À soberana insigne  
Que o vasto Império seu tão longe estende,  
Que os Confins dele ignora:  
E aos Soldados também do Rei ilustre  
Que eleito é pelos Sarmatas;  
E que os Saxónios seus, leal milícia,  
Duma escarpada penha  
Ao abrigo acampou. Infinda cópia  
De Germânicos Príncipes  
Esse arraial forniu. E os que descendem,  
Suenões, de altos Guerreiros,  
Com que um Herói mancebo pôs espanto  
A ambas Europa, e Ásia,  
Dos gelos Hiperbóreos acorreram.  
Os Galos, a quem banham  
Dous mares, e tremulam estandartes,

Num hemisfério, e noutro,  
Quais saltantes enxames de Locustas  
Dessa Terra abalaram,  
Tendo ante os olhos fluorescentes Campos,  
Depois que atrás deixaram  
Devorados contornos, de ermo aspecto.  
Põe já cabo, oh Tália,  
A contar Esquadrões, Terços e Armadas.  
Narra só Federico  
Por Príncipes sem conto acometido  
Ciosos, e enganados.  
Ele coarctado a cometer-lhes guerra,  
Lhe entra pelos domínios:  
Volvidos anos sete sanguinosos,  
Qual, no sair possante,  
E com mais glória, nega-se ao Triunfo.  
Dos Arcos se desvia  
Magníficos; Corcéis ajaezados  
No Carro da Vitória  
Rejeita de guiar resplandecente.  
Mais amplo trofeu julga  
Contemplar-se, em si mesmo, como um Nume.  
Como eu triunfo a pleno,  
Cantando tal Monarca! Oh Musa ufana,  
Que nunca, a peso de ouro,  
Como a Cea, ou Tebana o Canto entoas,  
Não cesses de afamá-lo.  
Se a teu Hino triunfal não cede o ouvido,  
Pouco a teus sons usado;  
E, se aos Cisnes do Sena mais se inclina,  
Celebra sempre o Génio  
Tutelar da progénie do grão Breno,  
Que émulos não receia.

## ODE XXXI.<sup>a</sup>

### A BUDDENBROCK, TENENTE GENERAL DOS EXÉRCITOS D'EL-REI DE PRÚSSIA, ENVIANDO-LHE ALGUMAS ODES HERÓICAS

Tu, que amas na Poesia, amas na História,  
O Esp'rito Marcial que em nó difícil  
A lisura Germã, co' a Itália  
Sagacidade esposas:  
Não me inculques de Sparta, Atenas, Roma  
Os Heróis, que tanto amas. Oh não queiras  
Que eu na cena Alemã os afigure:  
Um Vate não se encarga  
De assunto estranho da Arte, que cultiva;  
Nem Atleta, de forças quebrantado  
De Corneille ambiciou Diadema Trágico,  
Nem de Voltaire o timbre.  
Quando Le Brun ao fio das Vitórias  
De Alexandre, nas Terras de Dario  
Quis dar vida, em seus Quadros, quis do ufano  
Luís vislumbrar Conquistas:  
Não empregou o Artífice o seu braço  
Em adestrar nas armas os Mancebos,  
Nem corcel generoso no manejo;  
Bem que Artes sejam úteis,  
Aos Guerreiros. Mil outras mãos as tratem.  
Se o seu Astro, noutra Arte não-pintura  
O criara, nunca Ele, em triunfo o dera;  
Entrando em Babilónia,  
Amigo do teu Rei os ténues Cânticos  
Da Vitória, em louvor de Federico  
E seus fortes Irmãos aceita; e alcança-me  
Que Grato a ofrenda acolha.  
Fruto são dessas horas subsicivas  
Que, no curso do meu outavo Lustro  
Me deixou, como vagas da fadiga,  
Meu solícito emprego.

## ODE XXXII.<sup>a</sup>

### AOS HINOS HERÓICOS, A QUEM DÁ A DESPEDIDA

HERÓIS de Federico, à Prussia caros,  
Schwerin, Bevern, Vinterfeld, e Henrique,  
Guelfos, Seidlitz não são de Hinos sublimes  
Os únicos Credores.  
Vós, também, dos Impérios, mansos Guardas,  
Tendes jus aos mais nobres Cantos nossos;  
Animosos Juízes, que o Culpado  
Condenais poderoso;  
Que ao débil Inocente dais amparo...  
Vós, também, cujo Ingenho descortina  
Novas Artes, bens úteis às presentes  
Gerações, e às futuras.  
Vós, que dos Cidadãos velais a Dita,  
A Saúde, os Costumes. Áureas flechas  
Abundam no carcaz do Vate, que houve  
Sagrado a vida inteira  
Desde a Infância à Irmã da douta Urânia;  
Que se negou, por Ela, às sociais Honras.  
Fito na C'roa, que lhe hão dar vindouros,  
Costas volta à Fortuna.  
Se antes que as cães lhe alvejem, Deus benéfico  
Lhe outorga um antro Aónio, um chão escuso  
Que florestas circundem, que ribeiros  
Reguem, com puras Linfas,  
Com Hinos novos há-de aos Pólos ambos  
Voar; e com dulcissonos concertos,  
Despertar movimentos agradáveis  
No conceito do Sábio.  
Não se fará notar do insano Vulgo;  
Mas de sua harmonia vigorosa  
Se tem de embriagar o Inglês Poeta.  
Seu canto há-de ir soando  
Pela aura Ausónia, após os sons de Flaco;  
E o Galo, que o Prazer discanta, ao Eco  
Ouvirá repetir seu verso brando,  
Não sem roaz inveja.

## ODE XXXIII.<sup>a</sup>

### AOS ANOS DE UM AMIGO

**A**DIVINHAI, oh Ninfas destas várzeas  
E vós Zagais do monte, a quem eu teço  
Esta c'roa de tarda Rosa, e Murtas  
A quem os roxos cachos  
Colhi da vide temporã tão belos,  
E a quem tão divelado os odoríferos  
Melões reservo, nas folhudas camas;  
A quem guardo as Figueiras  
Com melíficos frutos acurvadas,  
E exótico Ananás régio-c'roado,  
Senão ao caro Lícidas. Seus anos  
Lhe celebramos hoje.  
Aqui, onde à Esponjeira à Tília unida  
Dão acolheita, e sombra, abobadando-se,  
C'roado, e a sua Dóris presto chegam.  
Heis vós, visto essa Ninfa?  
Brilham-lhe, Astros da tarde os lindos olhos;  
Quais pretas plumas de Águia, a coma lustra-lhe;  
Tomam, na boca, assento a Rosa, os Jocos;  
Qual Lira a voz lhe soa.  
Quis anexar a Natureza, um dia,  
Às feições do mais belo corpo, os dotes  
De alma nobre, prevista, e bondadosa,  
E plasmar um Mancebo,  
Brasão das Terras, que de Breno a prole  
Habita..., E eis diz, com voz reflexa:  
« Não dei, cinco anos há, eu vida a um Filho  
Que é todo o meu disvelo?  
Sê Ninfa tu, que eu plasmo, e os anos volvam,  
Então, c'o meu valido, em laço amante,  
Unida, sua Glória, e Dita sejas.»  
É Dóris essa Ninfa.

## ODE XXXIV.<sup>a</sup>

### DIÁLOGO ENTRE PTOLOMEU EVERGETES E BERENICE

imitado da Ode de Horácio  
*Lib. 3, Ode 9. Donec gratus eram, etc.*

PTOLOMEU

OH mais bela que a Aurora, oh Berenice  
Que para mim nasceste, e sobre modo  
Te ocultaste a meus olhos. Vi-te, e amei-te.  
No peito, dize, que hás sentido ao vê-me?

BERENICE

Do lume desse olhar o ardor sentindo,  
Meus olhos baixei pronta; não ousava  
Neles me confiar: senti sobejo  
Que em delícias de Amor se embriagavam,

PTOLOMEU

Nada mais desejar constitui, na alma.  
Ansiara em vão das Deusas a mais Linda  
Conquistar-me a vontade, ainda em ponto  
De o dom me oferecer de imortal vida.

BERENICE

Nada, no Mundo vi, antes de ver-te,  
Que a alma me conquistasse: em vão um Nume  
Te expulsaria dela; inda que o Império  
De Terra, e Mar me of'reça, e a mão de Esposo.

PTOLOMEU

Numa Filha em quem dês a imagem tua,  
A malícia no olhar, e os lábios lindos  
Em que pôs trono a Persuasão, segunda  
Vida, nela terás, cultos de Vénus.

BERENICE

Se a ti se assemelhar teu Primogénito,  
Cingindo a mim o Infante, idolatrado,  
(Quando pensões Reais de mim te arranquem,)  
Com prazer cuidarei, que ao Pai abraço.



PTOLOMEU

Se Ísis aos votos meus aspira, e um Filho  
(Teu retrato) me dá, nos seus altares  
Por ofrenda porei esta áurea Taça,  
Penhor da união nossa indissolúvel.

BERENICE

Se outro Tu-mesmo os Deuses me outorgarem,  
Esta madeixa minha lhes consagro,  
Que um ano há sido já sobre três lustros,  
Da minha frente o mais airoso adorno.

PTOLOMEU

Se talha o ferro Coma tão formosa,  
Jove a assente na Sfera, Astro splendente;  
O Pólo espaço vago lhe abre, em que ela,  
Brilhe, Constelação de acesos raios.

BERENICE

Oh! Remonte-se aos Céus a Taça tua,  
Nos Convites do Olimpo, trasbordando  
De precioso Néctar, todo aromas  
Os Numes, com delícias, embriague.

PTOLOMEU

Se o Céu, (muito após mim) a si te sobe  
Onde a Coma te aguarde, toda luzes;  
E lá te adore o Norte ajoelhado...  
Mas quem te há-de adorar, como eu te adoro!

BERENICE

Oh! Se na azul pousada ambos o Néctar  
Bebermos na áurea Taça... Oh! quão ditosos!  
Não creio, Amante amado, ouse parelhas  
Algum Néctar c'o Vinho do Hímen nosso.

## ODE XXXV.<sup>a</sup>

### À MORTE DE CARLOS HENRIQUE DE PRÚSSIA, SOBRINHO D'EL-REI

OH! Tu, emanção do Ente Divino,  
Que envolto em nosso pó percedouro,  
Do Orbe sublúneo activo rastreavas  
Requintes da Verdade; mais que cedo,  
Espírito imortal, roubado ao Mundo;  
Se inda não penetraste o etéreo Pólo,  
E, arrobado, não vês as maravilhas  
De tantos Sóis, escuta a voz dum Vate  
A quem sorriste outrora, em vida, grato,  
E Henrique muito amado era teu nome.  
Se desd'ora, no Céu, Tutelar Anjo  
Da Pátria que saudosa tanto te ama,  
Desvia, nas pelejas sanguinosas  
Trovões, que contra os Cabos das falanges  
Disparam morte. Junto aos Reis mancebos,  
Que nos tem de reger, vem destecer-lhes  
Áureas tramas, com que a enredá-los venham  
Subtis Agentes de vizinhos Príncipes.  
De seus olhos desterra, ao longe, as nuvens,  
Por que avistem o Sábio, que os ensina  
A contrair alianças com prudência,  
E em conservá-las saibam ser constantes:  
O Sábio, que abre o arcano, com que aumentem  
Real tesouro, e os Povos se enriqueçam;  
Com que medre a abundância nas Cidades  
Crescidas, e adornadas; a Justiça,  
Segurez, Liberdade em seus Contornos,  
Por admiradas Gentes visitandos.  
Tu, vero Orác'lo, dize-lhes, que nunca  
Do bom jugo das Leis, dos bons Costumes  
Se dispartam, nem tanto orgulho abranjam  
Que, postos, em balança, os seus prazeres,  
Com os danos do Estado, os sobrepelem.  
O Jovem Semideus, claro lhes mostra,  
Que ser Príncipe honrado é de mais preço,  
Que ser Conquistador; que tomem timbre  
De estribar, na da Pátria, a glória sua;  
E, seu ronceiro Povo esporeando  
O exaltem, que o primeiro seja do Orbe.  
Enxuga, desde já rios de Lágrimas  
Desse Irmão, que te amava carinhoso,  
Aplaca a dor da Irmã, que – Onde és Henrique? -  
Clama, e reclama; ameiga a gran ferida,  
Que a tua Morte, igual ao raio rápido

Abriu, no peito a El-Rei; volve ao sossego  
A Rainha, que chora, entre soluços;  
Por lenitivo, lágrimas concede  
À Mãe, que nos dá sustos, cada instante,  
De desmaio em desmaio, indo morrendo.

## ODE XXXVI.<sup>a</sup>

### AO AMOR

**A**MOR, que, muita vez, deixas os Numes  
Por singelos Zagais, e mais te aprazes  
Num tálamo de flores  
Ou à sombra de cúpula folhuda  
Do que em luzidos Paços; ou n'áureas taças  
Beber sculpidas de arte,  
Ou na sala dançar de intexto Cédro,  
No matiz do orgulhoso tércio-pelo  
Macio recostar-te:  
A um Príncipe, que ramo dos bons Guelfos,  
Que os usos não motejam da áurea Idade;  
Que inda, no humano seio,  
Sem dobrez, dão de rosto, ao fausto, às púrpuras;  
Afáveis, como o Amor; escuta os votos  
Do Herói caro a Tália,  
E a quem ela prodiga a flor das Artes;  
Que lhe diz: – Sê humano nas batalhas,  
Cordato nos triunfos.  
Ouve o teu Federico, que em três línguas  
Te canta Hinos tão meigos, quais tégora  
Te cantou nenhum Príncipepe.  
Hecatombe te of'rece e triunfante  
Duma Princesa, vem prender-se  
Em teus grilhões de Rosas.  
Princesa, tão gentil, que em tenros anos  
Em siso, em atractivos de Virtude,  
Das Graças é a mais jovem.  
Ela pimpolhos tem de dar felizes  
À ilustre stirpe. Oh desce, Amor afável,  
Ao som de suaves flautas,  
De cordas argentinas, que acompanham  
Das Ninfas do Óder gratas Cantilenas,  
De dulcíssimo metro.  
Oh! vem gostar, Amor, das sacras núpcias  
O régio vinho, vem de seus aromas,  
Com a aura deleitar-te.

## ODE XXXVII.<sup>a</sup>

### AO IMPERADOR JOSEPH II.<sup>o</sup> VISITANDO EL-REI DE PRÚSSIA

**M**EU Canto de louvor, oh da Germânia  
Imperador Augusto,  
Dos triunfos teus celebra o mor realce.  
Tu manifestas hoje  
Quanto és sup'rior a ciúmes de sob'ranos,  
Emprendendo a visita  
Do Monarca sublime dos Borússios.  
No mesmo Chão, que outrora,  
Co' a vencedora espada, despartira  
Da tua avita herança  
Dás ao Previsto Herói fida homenagem  
Qual a teu Pai bem deras;  
E a do seu coração, foi a Conquista  
Primeira, que consegues,  
Buscando o Amigo, que se a Ti semelha.  
Tu que o Guerreiro Génio  
Lhe anseias igualar, no Zénite sumo,  
E amparas teus Domínios;  
Ampara-os, sem que mais co' ele hajas guerra.  
Tal o juraste, e santo  
Teu juramento foi, broquel dos Povos.  
Brilha com mor luzeiro  
Preclara a tua acção a imortais olhos  
Que de Ilion a tomada;  
Que Alexandre triunfar em Babilónia,  
De Gengis Kan conquistas.  
Vai, segue o egrégio trilho, entre os, de glória,  
Maiores teus c'roados.  
Igual, na Arte da Guerra, co' eles brilha;  
Na Arte da Paz, mor que eles,  
Splende e semelha esse Astro, luz do Mundo,  
Que entre milhões de Estrelas,  
Na Sfera azul, convida a si os olhos  
Do Orbe contente, e grato,  
Quando o calor benéfico derrama,  
Em radiante luzeiro.

## ODE XXXVIII.<sup>a</sup>

### A VÊNUS URANIA

DEUSA do amor, um Templo hoje te sagra  
Agaton, de Cineias sábio o Filho:  
Desce, oh Celeste Vénus,  
Vem dele tomar posse,  
Co' a Alegria a teu lado, co' a Inocência,  
De braços dados co' a Meiguice amável:  
Também desça a Verdade,  
Que nunca a enganos pende;  
Lealdade incorrupta te acompanhe.  
Nunca mais puras mãos, nas tuas aras,  
Incenso te of'receram,  
Que as de Agaton, e Arsínoe;  
Do Amante seu é igual Ela em virtudes,  
No Ingenho, e Dotes corporais, e da alma.  
Dous mortais nunca ergueram  
Tão digna ara ao teu Nume.  
De a ver (samente) a Deusa, que o teu nome  
Usurpa, e todo o seu nocivo séquito  
Se tomaram de espanto.  
A Impudência, que nunca  
Faces cora, o Remorso angui-rodente,  
A Falsidade, em mascarar-se astuta  
O olhi-agudo Ciúme,  
E a que toma, na dextra,  
Desperanca, o punhal, a taça Trágica  
De Melpómene e o bando pernicioso,  
Que, às vezes, desampara  
De Hespéria odoros mirtos,  
De Lutécia as vaidades, verdes selvas  
De Laranjeiras da abrasada Ibéria...  
Vagueando, na Germânia  
Corrompe um feliz Povo,  
(Que se ufana de haver modestas Filhas,  
Moços de são costumes do áureo século)  
Não têm de entrar ousados,  
Neste sagrado Templo.  
Desd'ora terá, nele, entrada franca  
O Justo Proceder, profunda Ciência,  
Co' a discreta Amizade,  
Que hão-de habitar connosco.  
Far-lhe-ão visita, as Musas, a intervalos,  
E ao justo prazo descerá Lucina,  
Que, pia, perpetue  
Prole de teus validos.

Aceita essa ara, Olímpia Primogénita;  
Fica entre nós, em quanto Federico  
Nos Anais Magno viva,  
E o Sol o Orbe alumie.

*Fim das Odes de M. RAMLER*

## ODE

Sylvestres homines sacer interpresque Deorum  
Cædibus et victu fædo deterruit Orpleus:  
Dictus ob hoc lenire tigres, radidosque leones;  
Dictus et Anfion Thebanæ conditor arcis  
Saxa movere sono testuelinis.

HORAT. *De Arte*.

**A**NTES que, à terra os olhos criadores,  
Houvesse o Home' apontado,  
Vasto horror era esse Orbe, ermo, maninho,  
Calvos, fragosos serros,  
Sobranceiros penhascos, despegados,  
Emaranhadas brenhas,  
Corrompidos paúis, lascados troncos:  
No imenso espanto, e lato,  
Única a Morte muda vagueava  
Sobre estragos das Eras.  
Oh Tu, que tanto assustas, quanto avistas;  
Tu, que o vivente pasto,  
Aos hóspedes cruéis do mato, arrancas,  
Em que envoltório espesso  
Te envileces, e mais que Ursos voraces,  
Te deformas, e escondes  
Tua índole sublime, e te convertes,  
De Benfeitor do Mundo,  
No mais duro, no mais facinoroso  
De todos seus Tiranos:  
Se deu reforço, activo o Movimento,  
À revel massa informe,  
Devolve-se, e ressalta o lume, que olhos  
Dum Deus posto hão na máquina.  
Eis o Homem sobressai: Deus o esperta,  
E o coração franqueia-lhe.  
Lateja o peito, raia ufana a frente;  
Benevolência nela  
Seus encantos debuxa; amansam lágrimas  
Dos olhos a fereza.  
Vês o Poussin: com rasgos morte-cores  
Já bosquejou no Quadro  
O meditado assunto. Mal atentas  
Vislumbres da alta ideia.  
Com viva cor alenta, a instante, a instante  
Feições esmorecidas.  
Sopra-lhe o Ingenho ardido alma nos rostos...  
Eis se movem, eis falam  
As Figuras; eis pasma o Poussin, no êxtase  
Do grão prodígio da Arte.



Priscos Robres Rifeus, vós presenciasteis  
Portento afortunoso,  
Quando, à Orfeia voz, deixou o Trace  
Vossas sombrias cúpulas.  
Oh divina Eloquência, a teus acentos  
Patentes, o Home', as minas  
Viu, das Artes, do Honesto, e da Abastança.  
Tudo, a luz tua, abarca;  
E mal que, em si, te sente, ao Orbe inteiro  
Qual Jove, o abala, c rege.  
Eis teu sob'rano, oh Natureza! Terra,  
Ar, Fogo obedecei-lhe!  
Obedece-lhe oh Mar! Brotai Renovos!  
Despejai fuscas Trevas!  
Deu ordem o Home', e ao seu sob'rano brado,  
No profundo jazigo,  
Natura encanecida estremeceu!  
Eis se ergue! Eis já triunfa  
Pujante, e activa a flama se lhe entranha  
Pela amplidão do seio.  
Geme a Floresta aos golpes, e recua:  
Tropa, na encosta, a Vide,  
Espira-se a Verdura, a Água serpeia:  
Caniço espinha os pântanos:  
Curvam roscas, nas lôbregas cavernas  
Os vis repteis ascosos  
Vão, de susto, acolher-se acelerados:  
Ursos, Leões se arredam.  
Pavor os vai guiando, e indo, retorcem  
A despeitosa vista.  
Tais, pelas brenhas do Hemo, os Viandantes  
Tomados de horror frígido,  
A emaranhada treva atravessavam,  
Entre Ciprestes fúnebres.  
Desenvoltos do opaco Labirinto  
Saudão infiadados, trémulos  
Da fresca Tempe as Torres alterosas.  
Tal, quando cessa o p'rigo,  
Saúdo, e beijo a praia, onde a Tormenta  
Me arrojoa quebrantado.  
Oh renovada, oh cara Terra! Salve,  
Oh esmeraldino esmalte!  
Oh novo Éden, conquista dos Colonos,  
E de esmerada Indústria!  
Salve, oh vivo Luzeiro! Salve, oh Colmo  
Broslado de Boninas,  
Queda Choça, crystal líquido e puro,  
Bosque de frescas sombras,  
Onde o terno Deleite está sorrindo,  
Num tálamo de Rosas.  
Ao cultivo, e disvelo unindo o Homem  
Encantador enlevo,  
Com meiga voz cantava a Natureza,

Que as suas mãos ornavam.  
Olhai, como enxertou ditoso garfo  
Que embebe o suco amante,  
E se incha co' ouro dos lustrosos frutos:  
E, as que, mesclara, flores  
De matiz novo, e de ufanía estranha  
A Primavera enfeitam.  
Em cor, em rasgos a Palavra assente,  
No Arquivo das Lembranças,  
Faz a Fala imortal, manda o Conceito  
A Eras do Futuro.  
Fuja o Ternpo: – Há hi mão que o alcança, e o prende,  
E lhe compassa o cômputo.  
Dum tubo armada, e de cristais peritos,  
No chão, compreende a vista  
Superfície num átomo; e Céus novos  
No puro Céu rastreia.  
Por entre oucos rochedos vão rugindo  
As entaladas ondas;  
E rebramam dous Mares, que se abraçam,  
Num Canal, que os vizinha.  
Cai o Diamante em pó, Vitória ardente  
Dum facho de mil lumes;  
E se solta em vapor do Ouro o nexo.  
O Homem dispôs: já o Raio  
Desce raivando à barra, que o conquista,  
E à Terra, que o consume.  
Oh voraz Ânasia de saber! – Eis o Homem,  
Que é Nume em seus assomos.  
Senhor dos Elementos, tudo cede  
A seus esforços férvidos.  
Transpõe, co' as pandas asas do Comércio,  
Desmesurados Mares,  
Regrando, pelos Cés, a undosa via.  
Rompe à Terra as entranhas,  
E dos metais o arcano, à Natureza  
No Obrador, lh'o arrebatá.  
O Ingenho, espedaçando-lhe as barreiras,  
À masmorra importuna,  
Corre, voa, e qual Astro esse Orbe inteiro  
Toma por horizonte.  
Abrasado na luz de amplas ideias,  
Além dos Céus se arroja,  
E lá se embebe em Divinais assuntos.  
No imenso voo abrange,  
Pela prisca experiência, o que é passado  
E o por vir, com projectos.

# DA ENEIDA

## LIVRO IX.º

Enquanto essas acções além se obravam  
Dos Céus, Juno Satúrnia, Iris enviava  
A Turno audaz, que então era sentado  
No sacro Vale, e Bosque de Pilumno.  
Co' a rósea boca, assim lhe diz Taumância:  
– O que a nenhum desejo houvera Númen  
Que o ousasse outorgar, te traz, oh Turno,  
Consigo, o Dia, que após de hoje volva.  
Deixando a Armada, e o Arraial, e os sócios,  
Foi de Evandro buscar a Corte, Eneias.  
Mais: nas cidades últimas de Corito  
Calou; alistou lá bisonhos Lidos.  
Que hesitas? Tempo é já de aprontar Carros,  
E Cavalos: rompe toda a demora;  
Rebata esse arraial no enleado ensejo.  
Disse: e eis que aos Céus regrado voo arranca.  
Grande arco, em nuvens, corta, na fugida.  
Conhece-a o Moço, e as mãos à sfera erguendo,  
Com tais falas, na fuga, a vai seguindo.  
« Iris, dos Céus adorno, quem te às Terras,  
Dos Céus, trazida em nuvens, me apresenta?  
Donde tal claridade nos vem súbita  
E ir-se à Noite, dos Céus, c'os sparsos Astros?  
Vou-me c'o fausto auspício.» Disse: e ao Rio  
Corre, e do fundo pego a linfa toma;  
Muito ora aos Céus, com votos os cumula.  
Já o Campo aberto vai trilhando o Exército,  
Rico em Corcéis, em Cotas de ouro rico:  
Messapo aos da Vanguarda rege; e os Moços  
Tirteios os postremos; Turno o centro.  
Quando esse General sopesa as armas  
Dos ombros para cima, alteia, na hoste.  
Qual o Ganges caudal, entre os pacatos  
Rios a frente entona, e manso corre;  
Ou Nilo de águas férteis, desbordado,  
Recolhe a veia, e no álveo se confina.  
Rolos de negro pó já avista o Teucro  
E, pelo Campo erguer-se a treva súbita.  
Da Torre em frente, clama aos mais Caico:  
– Que Globo, oh Cidadãos, volve ares negros?  
Travai das férreas armas; presto, aos muros  
Subi. Eis o inimigo. Sus! A brados  
Tomam posto, nas portas, os Troianos,  
Nas ameias se apinham. Tal lho ordena  
Ótimo em armas, quando parte, Eneias:

Que Exército não ponham em Campanha;  
 Que, nos muros se encerrem, se assegurem.  
 Bem que a Cólera os pique, os pique o Brio  
 A travar-se, na lide, as ordens cumprem:  
 Põem-lhe de encontro as portas ao inimigo;  
 Nas cavas Torres vão sperá-lo armados.  
 Turno, que às tardas hostes ante-voa,  
 Ladeado de sós vinte de Cavalos,  
 (Mas de escolha) dá súbito ante os muros.  
 Monta um Trácio Corcel alvi-mosqueado,  
 Roxo cocar tremula no elmo de ouro:  
 « Qual primeiro de vós fere o inimigo?  
 Logo, nos ares torce um dardo, e arroja-o;  
 Enceta a guerra! e vai campeando hardido.  
 Voz em grito o acolheu a turma horrísona  
 Que freme, e estranha aos Teucros des-briosos  
 Que ao Campo lhes não vêm de encontro, armados;  
 Que em muros se encurralem. Turno eivado  
 Aqui, além, os muros inquirindo  
 Montado, busca entrada por desvaires.  
 Qual Lobo, que em cilada do apinhado  
 Redil, sofrendo ventos, e chuveiros,  
 Alta noite, às portelas, freme: os Anhos  
 Entre o abrigo das Mães, balam seguros.  
 Enraiva áspero e ruim contra os distantes  
 Cansa-o a fome c'o jejum, medrada,  
 Longo, e os colmilhos sanguinosos, secos.  
 Não diversa se ateia em Turno a Ira  
 Nem lhe arde a Dor, nos duros ossos, quando  
 Olha o Tróico arraial. Qual traça invente  
 De entrar no muro, e despejar no plaino  
 Os Troianos, do encerro sacudidos.  
 Co' a Armada, que os civis muros lhe encobrem,  
 Que a cercam vales sete, e fluviais ondas  
 Investe, e clama aos sócios pronto incêndio,  
 Facho de ateado Pinho empolga férvido:  
 Põem peito à obra ovantes; que presente  
 Turno insta aos Moços. Travam negros fachos,  
 Que, fumeando, o de pez luzeiro levam,  
 E, aos ares vai Vulcano, entre as fagulhas.  
 Que Deus, oh Musas, crus incêndios tolhe  
 Aos Teucros, e das Naus o lume arreda?  
 No construir a Armada, Eneias, no Ida,  
 Com que alto Mar sulcar se aparelhava,  
 Rumor corre, que a Jove a Mãe dos Divos  
 Disse assim: – « Filho outorga à minha súplica,  
 (Tu, que vens de domar o Olimpo) quanto  
 Tua querida Mãe te pede. Tive,  
 No alto pico, Pinhais, troncos de Cerne  
 Do negro pez ambrosos, que Eras longas  
 Amei; lá me traziam sacrifícios.  
 Contento os dei ao Dárdano Mancebo  
 Que, deles, para a Armada carecia.

Hoje um susto me anseia, e me disvela.  
Despede-me esse susto, e dá a meus rogos  
Que obtenha eu Mãe, que nada, neles possa  
Pegam de Vento, ou que os alquebre viagem.  
Valha-lhe o ter em serros meus nascido.»  
Respondeu-lhe o que volve os Astros do Orbe.  
« Que me pedes, oh Mãe, quais Fados clamas?  
Ter foros de imortais Baixéis, que obraram  
Humanas mãos! Correr incertos p'rigos,  
Com segurança, Eneias! Que Deus teve  
Poder tanto? Dar-lhe-ei, que finda a Viagem,  
Lançado o ferro, nos Ausónios portos,  
Quanta Nau haja às ondas evadido,  
Deposto, na Laurente Veiga, o Cabo  
Dardânio, despir-lhe-ei a mortal forma,  
E Deusas as farei do pego imenso,  
Quais a Nereia Doto, ou Galateia  
Cortam c'ó peito, as vagas espumantes.»  
Disse: e acenou. – Co' aceno o Céu tremeu!  
Jurando pelo Rio, e por torrentes,  
E do Irmão stígio ribas de atros bátratros.

## EPICÉDIO

E quanto foges mais tua glória, e a escondes,  
Mais aos olhos se mostra e inda à tua fama  
Com mais verdade, da que diz respondes.

FERREIRA

**T**U que as Esferas moves, que as criaste,  
Do mundo Eterno Artífice; os humanos  
    Só para a dor fizeste?  
Do bem mais do que assomos, não veremos?  
Foi-nos em sorte dado o mal? em sorte  
    O pranto só nos coube?  
Onde habitas oh Paz! Prazer aonde!  
Se ao homem te apresentas, vem contigo  
    O ante-gosto da dor.  
Fel amigo, tu a quem contadas  
As mágoas se minoram; e os prazeres  
    Duplicam-se mil vezes;  
Consorte casta em cujos braços moram  
O puro amor, a paz, filho obediente,  
    Em que plagas habitam?  
Devastadora peste, hórrida guerra,  
Ódios, traições, ingratidões, invejas  
    Que Povos não afeiam!  
Entre os homens,ilhado, geme, chora  
O homem bom, em quanto os maus se engolfam  
    Nos dotes da fortuna,  
Mil mortes cada dia a Parca entorna  
Na taça da existência, e ao justo a entrega,  
    Que trago a trago a esgota...  
Alma Eterna dos Mundos, Deus Eterno!  
Será Vício a Virtude? Para o crime  
    Na terra os dons lançaste?  
Não, não, mais puros bens aos bons aguardam,  
E tormentos aos maus; Deus justiceiro,  
    Pune, compensa um dia.  
Fraudulento Sofista, que inventaste  
Um nada eterno, encara-me num mísero:  
    Que lhe dás tu? responde.  
Eia: com o teu sistema o vício atíça,  
Do bem goza arremedos, goza enquanto  
    Não te arrebatam o Olvido.  
De que valeis da terra vãos fantasmas?  
A morte assoma, cais; co' a morte o Justo  
    Da glória a palma empunha.  
Vós da miséria vítimas mesquinhas,  
Órfãs ficais no mundo, quando o Justo,

Já desampara o mundo.  
Qual Íris, da bonança precursora  
Ao nauta alegre, ao mísero ele afaga  
    Co' a mão, co' a face amiga.  
O Céu, aos desgraçados (bem que avaro)  
Manda benigna mão: mas invejosa  
    Logo lha rouba a morte:  
Qual, no ar recende e em breve a Cecém cândida  
Languesce ao Sol, e o murcho colo inclina,  
    Deixa saudoso o prado:  
Ou qual a luz, que as trevas dissipando,  
Do Sol imita os raios; se se extingue,  
    Torna mais negra a noite.  
D'alma pura invejoso o Céu parece;  
Qual relâmpago brilha, e vai juntar-se  
    Da luz na etérea fonte.  
Do Eterno emanção, cumpre que volva  
Ao Eterno, e que deixe a prisão térrea,  
    Dela indigna morada.  
Entes celestes, da bondade imagem,  
Também sofreis, também derramais pranto,  
    Enquanto honrais a terra?  
Para exemplo dos bons, e dar em rosto  
Aos maus, dos céus baixastes: dissabores  
    De vós fugir deviam  
Que também choras H...? As dores  
Teu coração magoam? santuário  
    De divinal bondade?  
Viste os Augustos Pais, de Lísia ornato,  
O mimo d'Himeneu, do Esposo a efígie  
    Ao túmulo baixarem.  
Viste... Bárbara Cloto, e não tremeste?  
Monstro! de em tal pensar o esp'rito frouxo  
    Sinto, e o ânimo cai.  
Como! a honra dos Lusos, das Ciências,  
Dos Sábios o honrador; teu digno Esposo,  
    A Parca não respeita?...  
Tu, que do mundo as Luzes ajuntando,  
Em Lísia as derramaste; lá do Empírio  
    Os Lusos esclarece.  
A grande obra termina que fundaste,  
Oh ínclito A..., espanca, aterra,  
    O monstro da ignorância.  
Com a saudosa Esposa, Lísia em luto,  
Pedem-te aos Céus; por ti choram no Mundo,  
    O Pobre, o Sábio, o Justo.  
À deplorável Mãe, Filhas queridas,  
Secai devido pranto; confortai-a  
    Religião sagrada.  
Sofre da vida o cargo do heroísmo  
Exemplo dá, de ti como se vive,  
    Teus filhinhos aprendam.  
Um nome ilustre acções ilustres pede,

Peso é que exige Hercúleos ombros, peso  
 Que ao fraco oprime, e acurva.  
 Qual o Sol, brilha em límpido horizonte,  
 Qual ele imita as trevas, dá luz baça  
 Em dia anuviado.  
 Dos teus o nome, em ti, respeita o mundo,  
 Se condigno o sustentas; e te acusa  
 Se dele desmereces.  
 Digno és de Pais heróis, quando em ti juntas  
 As brilhantes acções, que os distinguiram,  
 Qual neles, em ti luzem.  
 Dos teus mui digna filha, Esposa digna  
 No templo da memória a glória aumentam  
 Tuas puras virtudes.  
 Grandes da terra nela os olhos ponde,  
 Nela o modelo tendes da grandeza,  
 Imitai-a, ou correi-vos.  
 Vêde-a estimando títulos, riquezas,  
 Só porque meios são de ao desgraçado,  
 Prestar consolo e amparo.  
 Se no Grande a virtude é mais luzente,  
 O vício mais se afeia; o mundo inteiro  
 Suas acções contempla.  
 Quando aos Céus não devessem mais que o vulgo,  
 Mais devem à nação; pois seus costumes  
 Os seus alteram, mudam.  
 É belo o grau que ocupas; se o preenches;  
 Quantos podes poupar males aos homens  
 H... tos diga.  
 Da divina virtude mostra o encanto;  
 Faz, que por si mesma seja honrada,  
 Amada, como a amaste.  
 O bem, mais do que ao outro, a nós fazemos:  
 Faze o bem, e verás, que paga encontras  
 No gosto satisfeito!  
 Ao ver dos Tigres, dos Leões as garras,  
 O homem foge; e se ao monstro investe,  
 É para derribá-lo.  
 De pungentes remorsos erriçado  
 Hediondo, hórrido o crime, há quem te encare,  
 Quem te siga, e não trema?  
 Combate o crime, o criminoso chora,  
 E se tu podes, da razão com o archote,  
 Do vício espanca as trevas.  
 Sirva o conselho, se não basta o exemplo;  
 Mas o que vejo! Lusitânia! as hidras  
 Da discórdia em teu seio!  
 Triste H... novos ais derramas!...  
 Iníquo, quais serão os teus tormentos,  
 Se o justo os sofre tanto?  
 Eis a pátria nadando em fogo, em sangue:  
 A si, dos seus, do mar o imenso espaço  
 A desune, a separa.



A dor tão forte, resistir, não pode;  
O espírito fraqueia, o véu da morte,  
    Já perto se desdobra.  
Ergue a foice fatal, e a mão vacila;  
Descarregar o golpe não se atreve;  
    Encará-la não ousa.  
Três vezes tenta, vezes três, recua,  
Ah! do Destino cruel, irrevogáveis  
    São os duros decretos.  
Já de seu rosto as lindas rosas murcham;  
Nos roxos lábios o sorriso esfria;  
    Os membros já fraqueiam.  
« Queridos filhos (diz) não vos deslumbrem  
Nunca da terra os bens; cresçam convosco  
    As cândidas virtudes.  
Lembre-vos vossa Mãe, a Deus...» « Esposo  
Espera; já minha alma vai co' a tua  
    Para sempre juntar-se.  
Vós, de meus gostos, vós dos meus pesares  
Companheiras fiéis, Irmãs amigas,  
    Adeus, adeus – que eu morro.  
E tu, que o meu suspiro derradeiro  
Devas recolher, tu que meus olhos  
    À luz cerrar devias,  
Onde estás! onde estás? que fado adverso,  
Céus! quem mo rouba? quem de mim tão longe,  
    Amigo irmão te esconde?  
E hei-de acabar sem ver-te?... Deus piedoso.»  
Já co' a névoa da morte os olhos baços,  
    Manda aos Céus resignada.  
Vai do celeste corpo, alma celeste,  
Os vínculos rompendo brandamente  
    Qual os raios de Febo,  
Pouco a pouco o horizonte desdoirando,  
A abóbada celeste à lua cede,  
    Em tarde amena e clara.  
Morte! morte! ai! o golpe descarrega:  
Sobe o espírito aos Céus, aos Céus já chega,  
    Sua primeira pátria.  
Vinde, vinde quebrar sobre o meu peito  
Sentidos ais, lamentos pesarosos:  
    Vinde, clama o infeliz.  
Grandezas honras, títulos, embora  
Acabásseis, no féretro devíeis  
    Tarde, ou cedo sumir-vos.  
Beleza alma dos olhos, e do peito,  
Por dura lei do Fado, também pagas  
    Teu óbolo a Caronte.  
É triste, que dum golpe, juntos caiam  
Régio sangue, grandezas, e que murches  
    Beleza, em flor cortada.  
Injusta Parca, embora não respeites  
Transitório esplendor: – mas pára! pára!

A virtude respeita!  
Deixa a Mãe do infeliz; ah! se lha roubas,  
Na terra o que lhe resta? da miséria  
Que mão pode arrancá-lo?  
Quem há-de as próprias roupas despojando,  
Vestir ao nu; quem há-de ao orfãozinho  
Dar carícias de Mãe?  
Da Viuvez as lágrimas quem sabe,  
Lágrimas dando, serenar? quem há-de  
Meiga os ais abafar-lhe?  
E vós, que o peso da moléstia, e de anos  
Tolhido os membros tem, quebrado as forças  
Restos d'humana forma,  
Esse anjo caridoso, que a existência  
Vos vinha aligeirar, nessa pousada,  
Não tereis mais de vê-lo.  
Santa Religião! quem teus altares  
Com tão ferventes preces, puros votos  
Há-de devota honrar?  
Quem... mas de balde aos Céus preces erguemos;  
Fim teve o pranto seu, começou o nosso.  
Morte! invejosa morte!  
O nosso amparo, o nosso bem não roubes  
Dá-nos a nossa Mãe, dá-nos, ou corta  
Co' a sua as vidas nossas.  
Mesquinha Lísia, eterno luto veste,  
Órfã te deixa a sorte. Eco saudosa  
Do infeliz os queixumes,  
Desdobra pelos côncavos rochedos:  
Com eles gema o ar, os mares gemam,  
E a natureza inteira.  
Vós, que co' as suas filhas, a beleza,  
Oh Tágides confunde; eia, no pranto  
Nas mágoas confundi-vos.  
Ressoa oh lira lúgubres endechas  
Mas não: celestes hinos entoemos:  
A virtude não morre.  
Somente dons caducos, termo encontram;  
Porção do Eterno, a Mente benfeitora,  
É qual o todo, eterna.  
De louvor escudado há-de o teu nome  
Passar de idade a idade, enquanto a terra  
Pisarem desgraçados.  
A Inveja, os maus, o peito dilacerem,  
Ouvindo o teu louvor, o Justo exulte,  
E a Humanidade se honre.

Por DOMINGOS BORGES BARBOSA

## ODE

### À FELIZ ACLAMAÇÃO DO NOSSO MONARCA D. JOÃO VI

Vis consili expers mole ruit sua:  
Vim temperatam Di quoque provehant  
In majus: .....

HORAT. *Lib. 3. Od. 4.*

**T**EM Deus os corações dos Reis, na dextra;  
Deus lhos alenta, com Divino sopra;  
Dos olhos dá luzeiros,  
Que, em boas leis, resplendem.  
Se de fortes Leões vêm Leões fortes,  
De altivas Águias vêm Águias altivas,  
Dum Manuel que virá?  
Virá dum João segundo?  
Um novo João, transumpto generoso;  
Pio, como os Avós, como eles justo,  
Que de aditar vassalos  
De molde ao novo Mundo.  
Lá nos Elísios, onde o Cabral pousa,  
(Hardido Nauta!) em parabéns se entranha,  
Que o chão, vira, primeiro,  
Onde hás cingido a c'roa.  
C'os Sousas, c'os Vieiras, Bobadelas  
Discerne teus talentos, e virtudes.  
Quão ditosos, se obteram  
De viver sob teu ceptro!  
Vêm romper, nos Brasis, novas Castálias  
De jorro perenal, onde estro bebam  
Novos Camões, que cantem  
Teu mérito, e teu nome.

## ODE

### AO VISO REI D. JOÃO DE CASTRO

..... famaque et Imperi  
Porrecta majestas ad ortum  
Solis ab Hesperio cubili.

HORAT. *Lib. 4. Od. 15.*

**D**O Templo da Memória, onde os sentara  
Sinalada Virtude,  
Olhava o grande Afonso, e João primeiro  
O destemido Castro,  
Quando, abraçado o escudo adamantino,  
Co' a refulgente lança,  
Fulminava Hidalcão, Dabul, Cambaia.  
Com tais troféus se ufana  
A forte Elísia e inda hoje, co' eles toam  
Os Vales de Hipocrene.  
Febo me pulsa a mente, a que eu os cante.  
Quem me da uma Lira?  
Eu, destas cordas de ouro, afouto Vate  
Desfrecho Hinos de Gloria:  
Inspirado do Céu, cobarde eu fora  
Se às vozes ócio dera.  
Qual, no árido sertão da Líbia inóspita,  
O Tigre se arremessa  
De cólera spumando, tal o Castro,  
Pelouros desprezando,  
Desprezando terçados, setas, lanças,  
Abola, talha, rompe.  
Treme de susto pálido o Janízaro,  
Ao vibrar Castro o raio  
Da cortadora espada, ou Castro os olhos  
Fuzilando, lhe volva.  
Onde, oh Clio, me levas rebatado?  
Sobre um aéreo Monte,  
Alcantis de empinada penedia,  
Colunas mil de Jaspes,  
De alabastro, rotundo Templo cingem;  
Piso floreados solhos  
Lá stás Viriato, e Nuno, e o grão Pacheco,  
Que a Roma, a Espanha, a Asianos,  
Centelham lumes das ardentes lanças  
Que descoram, que assustam.  
Novo portento, oh Clio! Quem arranca  
Dos quícios, férreas portas,

Desmornada a ameia, aluída a Torre,  
E arrasados os muros,  
A passo cheio guia a arraias Rumes  
Trabalhados Guerreiros?  
Lá remetem, com brios renovados,  
Milhares de inimigos.  
Ouço tinir nos elmos os montantes,  
Ouço os gritos piedosos  
Dos que morrem ; avisto a poeira erguida  
Por cobardes, que fogem.  
« Vês Diu, vês as hostes de Cambaia,  
(Me diz a douta Clio)  
Vês Castro a quem cingiu renome eterno.  
Ei-las, sobre essas cúpulas,  
As Ruelas dos Castros, luminosas  
Em astros convertidas,  
Que sejam a seus ínclitos Vindouros  
Norte de Honra, e Virtudes.  
Vê-lhe os pendões, com grão valor ganhados  
Tremulando homenagens  
Do Rume valeroso, e Turco fero,  
Na vitoriosa Diu.»  
Ah! que de pejo às faces me não correm  
As mal-assentes cores,  
Se curto citariso, curto canto:  
Que louvor não é curto  
Saber com Arte dextra, sem naufrágio,  
Breve surgir, no porto.  
Oh Castro, alta progénie de Mavorte  
Com menos fortes asas,  
Que as, com que sobes da Memória ao Templo,  
Se ensoberbece essa Águia,  
Que do Ida arrebatou ao sólio Olímpio  
O louro Ganimedes.

# ODE

## AO SENHOR ANTÓNIO JOAQUIM DE PINA E LACERDA

Ciascuno da se sol fora bastante  
A guardarsi dell'altro, e non saria  
Frode alcuna nel mondo, o pur bugia.

RICCIARDETTO. *Canto 18.*

QUANTO era de anelar que em qualquer Homem  
(Não sei se mais, nas Damas)  
Dentro do coração, pulse um relógio  
De apurada certeza  
Que esse, no mostrador do rosto, aponte,  
Por horas, por minutos,  
O ingénuo, o falso, e o da Verdade, e Engano  
Estudado dissimulo!  
Que ditosos que fôramos! Que alegres!  
Eu vira, no Tirano  
A despótica fúria malfazeja;  
No Valido os receios;  
No Ministro as entranhas refalsadas;  
No Bonzo a hipocrisia;  
E na Dama carinho interesseiro.  
Inúteis as Leis foram,  
Inútil o Juiz; Castigo inútil.  
Que antes que farte ou mate,  
Noto fora o Ladrão, noto o Homicida;  
E os Crimes atalhados.  
Que feliz fora a vida, a querer dar-nos  
Deus, tais relógios, no Orbe!

## O PEDAGOGO E O DISCÍPULO

PEDAGOGO

SÃO nove horas: e está, na cama, ainda?  
Que vergonha! A Lição, preces, e estudo  
Já seu mano...

DISCÍPULO

E a manhã?

PEDAGOGO

É mais que vinda;  
É alto sol. Na vila, e aldeias tudo  
Trabalha a flux.

DISCÍPULO

Oh, feche-me a janela,  
Que indigno sou me veja o Sol por ela.

# A VÊNUS FÍSICA

## PRÓLOGO

À VÊNUS FÍSICA, ou à Natureza Criadora, isto é, à força efectiva, e Virtude produtora, que Deus infundiu na Natureza quando a criou, é que eu dedico a presente Ode.

Esta é aquela Vénus decantada, desde a mais remota antiguidade, pelos primeiros Poetas étnicos, Filósofos, e Legisladores; e que eles propuseram às Nações que instituíam para a sua adoração, ensinando-lhes o culto digno da majestade da Deusa, e colocando o seu símbolo visível no Planeta o mais belo e luzente, a nossos olhos, a quem deram a mesma denominação: designando nisto não só a formosura da Natureza, mas significando também (porque este Astro é o que mais assíduo acompanha o Sol, e com ele mostra ter, digamo-lo assim, uma constante amizade) significando, digo, os vivíficos influxos, que o nosso Globo, deste Pai das luzes continuamente recebe: dando-lhe, além daquele, os nomes de *Lucifero*, quando o precede nascente, e de *Véspero* quando o segue poente.

Tal é a Vénus que serve de assunto a meus versos: esta é a que eu canto; e não aquela dissoluta, tão famosa pelos seus furtivos adultérios, que sacerdotes venais, e corruptos séculos depois deificaram, já para lisonjear a sensualidade dos ricos e poderosos, já para escusar a prostituição das cortesãs, de quem extorquiam copiosas oferendas, votos, e sacrifícios; e traficando infamemente com danças desenvoltas, meneios lascivos, e outras abominações detestáveis nos penetrais dos seus mesmos Templos.

Para fazer mais agradável o Poemeto, além das alegorias que nos transmitiram os Mitologistas, tais como os desposórios da Deusa com Neptuno, e com o Sol, imaginei também a da amorosa descida de Jove ao seu regaço para a procriação do Amor; e finalmente exornei-o com todos os atavios poéticos, de que é capaz o meu pobre sujeito. O que tudo ofereço à Censura da Santa Madre Igreja Católica Romana, a quem como filho, posto que indigno, há muito sujeitei todas as minhas rimas.



# A VÊNUS FÍSICA

## ODE

### ESTROFE I

SUAVE Mãe de Amor, Ciprina bela,  
Nos Céus, do almo Sol a Precursora:  
Sempre ridente Estrela  
Surgindo a par da dedi-rósea Aurora:  
Do Universo alegria  
Mensagem lucífera do Dia.

### ANTIESTROFE I

A noite então pelas etéreas vias  
Fere as ancas c'ó látego estalante  
Das remendadas pias:  
De Trevas batalhão marcha adiante  
Batendo as asas graves,  
Lúbricos Sonhos, e piantes aves,

### EPODO I

Nos penugentos seios das boninas,  
Das pudibundas rosas, e açucenas;  
Nas cavernas musgosas,  
E nas selvas frondosas  
Vão despertando as auras matutinas;  
E sacudindo as orvalhadas penas,  
A saudar-te aos ares se abalançam.  
Os dourados insectos leves dançam;  
Na água saltam os mudos nadadores;  
Nos trémulos raminhos  
Soam coros de alígeros cantores.  
Ressonam frutas, pulam cordeirinhos.

### ESTROFE II

Suave Mãe de Amor, Vénus prestante,  
Alma Anfitrite, Tétis soberana  
No reino undi-sonante:  
De cujo augusto rosto a vida mana,  
Mana a doce alegria  
Da escamosa cerúlea Companhia.

### ANTIESTROFE II

Mal baixando do céu às ermas vagas  
Esposa de Neptuno Tridentífero,  
A barba intonsa afagas;  
Estremece de gozo o ponto undífero:  
Mas logo jaz imoto,  
E sobr'ele adormece o bravo Noto.

#### EPODO II

Faz-se silêncio... Eis rui em largo torno  
Do fecundo tesouro da Natura  
O Ser, o Movimento,  
E o vital Sentimento.  
Brotam o roxo coral galhudo, e em torno  
Entre mil conchas brota a perla pura,  
Pompa do mar, de Dóris a lisonja.  
Com os dúbios Zoófitos a esponja  
Surge nas rochas: nadam os testáceos:  
Já fervem a milhares  
Os peixes, e enormíssimos cetáceos;  
Negros Tritões, Nereidas verde-mares.

#### ESTROFE III

Suave Mãe de Amor, Dione dina,  
Filha de Céu, e de Anfitrite amara,  
A quem Jove destina  
Para do almo Sol consorte cara;  
Que Vesta te nomeia,  
Madre Telus, Cibele, e os homens Reia.

#### ANTIESTROFE III

Da salsa fofa espuma enfim surgiste  
Não grata aos olhos, tosca, e sem ornato:  
Mas apenas sentiste  
Do áureo Esposo o dulcíssimo contacto,  
E o terníssimo affecto,  
Perdes a esqualidez, e o rude aspecto.

#### EPODO III

Felpuda, esmeraldina imensa veste  
Sobre os membros te lança o Nume amante,  
Recamada de flores  
De matizadas cores.  
De frutices viçosos te reveste,  
E copado arvoredado sussurrante.  
Mas em cinzas tornara num momento  
Pelo amoroso ardor teu ornamento,  
Se do Reino materno não te envia  
Os leves nevoeiros,

As brandas virações da tarde fria,  
E os sonoros vivíficos chuveiros.

ESTROFE IV

Daqui revêem os penhascosos montes  
Fervendo as claras linfas lisonjeiras  
    Dos arroios das fontes;  
Volúveis rios, e as caudais ribeiras,  
    De lagos derivados,  
De intermináveis pegos soterrados.

ANTIESTROFE IV

Vida animada, Vida sensitiva  
Para ti a áurea Lira se tempera.  
    No teu regaço, oh Diva  
Baixou Délio co' a nova Primavera;  
    Os raios suaviza,  
E o teu virgíneo seio fecundiza.

EPODO IV

Mas antes, Madre próspera, preparas  
O pábulo vital à Prole infinda,  
    Abre os teus tesouros...  
    Brotam de bagos louros  
Ondeantes, ubérrimas searas;  
As pomíferas plantas, selva linda.  
Eis confuso rumor se escuta... Eis todo  
Dos pântanos avulta o verde lodo...  
Céus! Voa cá e lá pintado bando  
    De aves a milhares,  
Que os suaves gorjeios requebrando,  
Povoam os pasmados ermos ares.

ESTROFE V

Recresce mais e mais o surdo estrondo...  
Trémulos os arbustos vejo... abalam  
    As moutas em redondo.  
Eis lanudos rebanhos fervem, balam;  
    E dos ervosos seixos  
Pendem os fatos de barbados queixos.

ANTIESTROFE V

Ouçõ a terra mugir... lá incha, e atira  
O pulador ginete, que rinchando  
    Das ventas fumo espira,  
Sobre o pescoço as crinas agitando.  
    Já fora da floresta  
Assoma do veado a arbórea testa.

#### EPODO V

Co' as feras alimárias o chão treme  
Várias de gesto, várias de figura...  
    Oh louros armentios,  
    Dons os mais prestadios  
(Por quem jamais a vil Penúria teme)  
Que outorgasse aos mortais rica a Natura,  
Vós versos demandais? deles sois dinos:  
Tragam-me os instrumentos campesinos...  
Mas que monte cerdoso se revolve  
    De exótico semblante;  
E a versátil e longa tromba volve?  
Já te diviso; és tu, sábio elefante.

#### ESTROFE VI

Puseste o selo enfim, oh Mãe potente,  
À pasmosa animal fecundidade,  
    Co' a Obra excelente,  
O Homem; e de graça, e majestade  
    O gesto lhe adornaste,  
E para teu ministro o destinaste.

#### ANTIESTROFE VI

Com largo pêlo o corpo lhe defendes  
Dás-lhe veloz o pé, a mão flexível;  
    Razão na alma lhe acendes,  
Engenho criador, e perfectível,  
    Com que ele, de hora em hora,  
Perde a rudeza, e a condição melhora.

#### EPODO VI

Olhou-se, e comprazeu-se a Deusa bela  
Na sua prole, e... Céus! que dor intensa,  
    Que pesar repentino  
    Lhe tinge o vulto dino?...  
Sim... Sim já Febo o arcano me revela:  
Vê, que insulados da Família imensa  
Se esquivam mutuamente ambos os sexos  
Aos ardentes prolíficos amplexos:  
Nem voz sentimental, ternos suspiros  
    Do imo peito lançam;  
E já da Morte os insanáveis tiros  
Aqui, e ali as vítimas alcançam.

#### ESTROFE VII

Ah! teme, que de Mãe o nome caro

Lhe apague a mão de Láchesis certaíra:  
E contra o transe amaro,  
Nem raio de esperança lisonjeira  
No Futuro lhe aponta.  
Ah! quem valer-lhe pode nesta afronta?

ANTIESTROFE VII

Ora sus! lá do Olimpo fulgurante  
Sobre os ombros do Euro os ares fende  
O Padre alti-tonante:  
Ao teu grémio, sagrada Mãe descende;  
E em silêncio profundo  
Caliginosa noite abata o mundo.

EPODO VII

Alvíssaras! alvíssaras! Comigo  
Toda a alma vivente exulte agora!  
Desfez-se a horrenda treva:  
Ao Céu Jove se eleva:  
Sorri-se ao Universo o Fado amigo.  
Do teu claustro materno surge fora,  
Vénus, o arci-potente, o faretrado,  
Porta-fogo, brincam Infante alado.  
Atrás dele esvoaçam mil Amores  
Dentre as flores brotando;  
Já embebendo no arco os passadores,  
Já no do Nume os fachos inflamando.

ESTROFE VIII

Desferem os farpões, e as teias lançam:  
Bem que vendados os travessos Numes,  
O alvo sempre alcançam.  
Alívio com terníssimos queixumes  
Um sexo ao outro implora  
À crua chaga, ao fogo que o devora.

ANTIESTROFE VIII

De amor bala o rebanho: amante pula  
O alão, da fêmea em derredor latindo:  
O pombo meigo arrulha:  
Mavioso canta o pintasilgo lindo:  
Fagueiro o Leão ruge;  
E o feroz touro namorado muge.

EPODO VIII

Eis o Homem junto da gentil Selvagem,  
No bosque espesso, na gramínea gruta,

Do seu interno fogo  
Exora o desafogo.  
Amor lá corre mais veloz que aragem;  
E ledo espectador da amante luta  
As tenras faces de pudor lhes tinge,  
E em torno o cesto maternal lhes cinge.  
Daqui o Estado Social deriva:  
Daqui forte e segura  
Afrontaste da Morte a fúria esquiva,  
Suave Mãe Amor, alma Natura.

# À FELIZ ACLAMAÇÃO

DA FIDELÍSSIMA  
RAINHA DE PORTUGAL,  
A SERENÍSSIMA SENHORA  
D. MARIA I.<sup>a</sup>

*No dia 3 de Maio do ano de 1777*

PROTEU

**J**UNTO da Elísia jaz uma ampla gruta  
Que o Padre Tejo carcomeu lambendo,  
No seio de polida, negra rocha:  
Sobre broncas colunas se sustenta,  
Recamadas de mil pintadas conchas;  
E do musgoso tecto argêntas linfas  
Ressumbram, goteando pelas fendas.  
Aqui, onde sestear Proteu costuma,  
Rodeado das Focas sonolentas,  
Entram num dia ameno, quando Febo  
Pelo estrelado Cinto re-girando,  
O etéreo Velocino visitava,  
Chorosas, macilentas, desgrenhadas  
A cândida Lajeia, a loura Ágida,  
A ligeira Mirtila, a linda Undélia,  
Licoris, Nesse, e a boqui-rubra Olminda,  
Todas Ninfas de fontes e ribeiros,  
Que c'os seus cabedais o Tejo engrossam.  
Levam por sócios Pampinalbo, e Elónio  
Ambos mancebos, ambos vigorosos,  
Que ouve dum Fauno a airosa Limosina.  
    Punge-lhes n'alma férvido desejo  
De o fatídico Velho consultarem  
Sobre a fortuna, que insta à triste Lísia,  
Pelo extinto Monarca consternada;  
Se mais benignos fados lhe decretam,  
Risonhos dias, de alva pedra dignos.  
    Já Pirois e Eoo o solar coche  
Ao mais alto do Céu rodado tinham:  
Quando assomar ao longe vê Elónio  
O escamoso rebanho sobre os mares,  
Do vidente Proteu pastoreado.  
« Escondamo-nos» disse. Logo todos  
Se acolhem aos recantos e escondrijos,  
Que assombram a caverna sinuosa.  
Não acabavam. Eis que abica à praia  
O bando nadador, parte festivo

Abalançando-se à região não sua,  
Com todo o húmido corpo fora da água,  
Rompe (ao cair) do mar a cressa face  
Co' espumante marulho, que ergue em torno;  
Parte, sorvendo as céulas correntes,  
Pelas redondas ventas as repuxam,  
Deixando apenas entrever o Vate,  
Pelos, que formão no ar, cruzados Íris.  
Segue-as o Deus, de murmurantes ondas  
Cercado o gázeo carro, por quem tiram  
Os auri-verdes, bípedes cavalos.

Já descido do carro demandara  
O marinho Pastor a amena gruta,  
Quando sentado em laje alta e musgosa,  
Apenas conta as rebanhadas Focas,  
Inclina à dextra a face, e os olhos cerra.

Nisto, seguidos das medrosas Ninfas,  
Manso e manso os mancebos se encaminham  
Para o dormite Númen. De improviso  
Com válidas prisões o cingem todo:  
Mas ele, assim que estremeando acorda,  
Não deslembado das antigas artes,  
Na áspera pele ouriça hirsutas cerdas,  
E feroz javali olhi-fogoso,  
A fumegante tromba arreganhando,  
Mostra o talhante, adunco navalhado.  
Ora alongando o corpo verde-negro,  
Drago escamoso de sanguínea crista,  
Vibra entre silvos a trisulca língua,  
E o colo entumecido; e o peito imundo  
Sobre as pungentes asas no ar librando  
Fixa no chão o ventre maculoso,  
E em imensos anéis a cauda enrosca.  
Ora, mudado em águas transparentes,  
Subtilmente serpeia, e sagaz tenta  
Dentre os braços dos Faunos deslizar-se:  
Mas eles mais e mais os nós apertam,  
Nem no disvelo afrouxam, temerosos  
De o verem converter em Leão bravo  
De torva caladura, e crespas jubas;  
Que abrindo a vasta sanguinosa boca  
Com a garra afiada raspa a areia,  
E com a cola açouta as fulvas ancas:  
Ou tornado em errática fogueira  
Que estrepitando horridamente em roda,  
Com pontiagudas línguas lambe os ares.

Das suas ilusões enfim cansado  
Cobrou a forma humana entre os clamores  
Do feminino bando espavorido,  
O ardiloso Proteu, e irado fala:  
« Que vos conduz com estas Ninfas tristes  
Ao meu albergue, impávidos mancebos;»



Calou-se: e logo a insofrida Undélia:  
« Tu como nós o sabes, Vate ilustre,  
Nem jamais enganar-te alguém presume.  
Ah! cessa de zombar das nossas mágoas,  
E as entranhas dos Fados perscrutando,  
Vê, se alguma esperança ao longe raia.»

Dizendo assim, co' as Ninfas companheiras  
Fronteira ao Nume se sentou na areia.  
Ele em tanto, sereno um pouco o vulto,  
Consigo murmurou não sei qual carmen;  
E de improviso para o Céu alçando  
Os verde-mares olhos furiosos,  
Co' gesto afogueado, a língua solta  
Nos seguintes oráculos ditosos:

« Enxuga, oh Lísia, as lágrimas piedosas,  
Serena o aflito rosto; e sacudindo  
Da augusta frente essas funéreas cinzas,  
Compõe leda, e engrinalda os teus cabelos  
Co' amaranto imortal, e frescas rosas.  
O Céu compadecido de teus males,  
Pelo Rei, que descansa em Paz eterna,  
Sua angélica Filha eleva ao trono,  
Tesouro inexaurível de virtudes.

Oh Portugueses bem-aventurados!  
A morte esconde a foice inexorável,  
Com que fera segou Reais despojos.  
Eis corre envergonhada da façanha,  
E bramindo ao covil se acolhe infame,  
Baixando os vultos olhos para a terra.

Olhai junto a Maria a austera Virgem  
De roçagante veste escarlatina,  
E de vendados olhos: inflexível  
As balanças iguais sustêm na esquerda,  
Onde os delitos, e as virtudes pesa.  
Co' a dextra empunha a espada fulminante,  
Cujo cego esplendor sofrer não podem  
Do embrutecido Vício os piscos olhos:  
Com ela fere o sanguinoso Crime,  
Mal a sagrada Lei lhe pede o golpe.  
Salve, áurea Astreia, vem, oh suspirada  
Salutar primogénita de Jove;  
Corta com esse ferro as capciosas  
Inextricáveis redes, com que a Fraude  
Se atreve a usurpar teu nome augusto,  
Os Lusos enleando, para serem  
Fácil presa da pérfida Violência.

Rompe, honrado Colono, alegre o seio  
Da mãe comum com o fecundo arado;  
Do fruto gozarás de teus suores.  
Tu Cidadão activo, industrioso,  
Exerce em paz a criadora mente,  
Em inventos subtis úteis à Pátria;

Os teus disvelos hás-de ver c'roados  
Com devido louvor, devido prémio.  
Não mais receies que a mirrada Inveja,  
Ou que a Stígia Calúnia sanguinosa  
Dentre os braços da Esposa te arrebate,  
Para enterrar-te em lúgubre masmorra,  
Donde foge de horror a luz do dia.  
Não mais, a teu pesar, d'África adusta  
Verás o mal-são clima em que respira  
O pestilente ar, que exala a Morte,  
Cercada de ambulantes esqueletos.

Eia, ditosos Lusos, lançai d'alma  
Esses temores vão; vossa Reinante  
Suas delícias faz, seu fixo norte  
Do Bem público e público Sossego,  
Dêsqe rege do Estado o árduo leme.  
Tanto vos jura aquela Ninfa linda,  
Que à dextra vejo da severa Astreia,  
Chamada dos mortais áurea Clemência,  
E dos Deuses gentil Humanidade.  
C'ó mesmo gesto acolhe o Rico, o Pobre:  
Já do vasto regaço sinuoso,  
Em que tomadas tem as áureas roupas,  
Mil e mil bens tirando, que derrama  
Com mão profusa sobre as tristes gentes:  
Já adoçando o ânimo indignado  
Da óptima Justiça; e inda às vezes  
No ar lhe prende a dextra assustadora.

Mas que Matrona de risonho vulto  
C'roadada de oliveira baixa à terra,  
Co' a fecunda Amalteia em rósea nuvem;  
Ah! como foge, mal ao longe a avista,  
A Discórdia feroz angui-comada,  
Precursora de Marte truculento!  
Ei-lo em pé se ergue, eis todo debruçado  
Co' torcido-estalante açoute insta  
Sobre as fogosas remendadas pias,  
Que a carroça belígera arrebatam,  
Fumando pelos húmidos pescoços.  
Já, já transpõe as raias Lusitanas,  
Entre as pálidas nuvens polvorosas,  
Que em torno as rodas férvidas levantam.  
Mas que vejo! Eis o esquálido Gradivo  
Súbito pára os lassos corredores,  
E para traz volvendo os torvos olhos,  
Que se arrasam de lágrimas raivosas,  
Contempla (ingrata vista!) as ricas messes  
De assolações, de mortes, de ruínas  
Prematuras cair por terra mortas.  
Mas deixemo-lo em vão raivar bramindo,  
Olhemos fito a fito a Paz divina.  
Oh Ninfas, acatai a Deusa augusta.

Maria, carinhosa Mãe dos Lusos  
A faz descer da morada Empíria.  
Onde quer que ela volva o almo gesto  
Os viçosos vergéis se desentranham  
Em esmaltados pomos saborosos:  
Entre os colmos das grávidas espigas  
Os brincões, surdos Zéfiros ciciam.  
Vede os outeiros verdejar ao longe  
Co' as cepas acurvadas de áureos cachos.  
Já nos ervosos prados ruminando  
Fervem rebanhos, pulam armentios,  
Enquanto à sombra das anosas selvas,  
Que novas pompas pelo ar destoucam,  
Ou acolhidos às sagradas grutas,  
Onde borbulham fontes cristalinas,  
Sentados sobre a relva os Pegureiros  
Co' as singelas serranas modulando  
Ao som da avena em versos alternados,  
Sobem aos Céus com cândidos louvores  
O amado nome da feliz Maria,  
Que as rédeas toma do governo Luso.  
Silêncio!... Eu ouço na festiva aldeia,  
Em roda dos turícremos altares,  
De devotos festões, de intactas flores,  
E de pias verbenas adornados,  
Dos curvados Anciões a voz tremente,  
E a dos tenros meninos, grata aos Numes,  
Com votos, com ardentes rogativas  
Exorar o Motor dos Céus e terra  
Mil bens, mil bênçãos para o trono Luso.»  
Calou-se aqui Proteu: soltam-no os Faunos;  
Sai da caverna, e esconde-se dum salto  
No prateado seio de Anfitrite:  
Remoinha sobre ele o falso argento,  
E em borbotões de espuma em torno ferve.  
Partem todos dali alvoroçados,  
E nos brancos salgueiros, que se espelham  
Nas suas mansas águas, logo as Ninfas  
Os fatídicos versos entalharam.

ALFENO CÍNTIO

# EPÍSTOLA DE ALFENO

## A FILINTO

ENQUANTO na alta Elísia, meu Filinto,  
Com devido louvor, sobre as estrelas  
Alças as lindas Musas Lusitanas,  
Que, com mãos invejosas, a Ignorância  
De indecora poeira enxovalhara;  
Enquanto tentando as áureas cordas  
Da Venusina Lira altissonante,  
Cantas as graças, cantas a beleza  
Da divina, benéfica Virtude,  
Com tão sublime, encantador estilo,  
Que, em santo amor ateando as nossas almas,  
Nos fazes detestar o torpe Vício,  
Que sofrer não podendo o intenso raio,  
Que da filha do Céu os olhos vibram,  
Raivoso range os dentes, freme, espuma,  
Os vesgos olhos de través nos lança,  
E ululando se arroja ao Orco imundo:  
Enquanto, enfim celebras nos teus versos,  
A ventura, e o esforço valeroso,  
Com que rompeste os vergonhosos ferros,  
Que Nise te forjou, a falsa Nise,  
O teu Alfeno ri da longa farsa,  
Que na viçosa Sintra representa  
Essa gente, chamada a da *Farófia*.  
Ergue-se o pano sobre a vasta cena  
Vê-se em batalha a flor da Lísia terra,  
Toda a sua esperança, e firme esteio:  
Não de rígidas armas revestidos,  
Quais seus claros Avós, que denodados  
Pela Fé, pelo Rei, e pela Pátria,  
Lutando com Neptuno, e os rijos Euros,  
Com mil, e mil Nações beligerantes,  
Expuseram as vidas generosas,  
Fazendo memorandos os seus nomes,  
Desde a última Hespéria à plaga Eoa.  
Mas, em vez de seguros capacetes,  
As cabeças altíssimas lhes cingem  
Felpudos chapelinhos recortados.  
São cimeira e penacho, laçarias  
Cujas pontas fuzilam tremulando.  
Os pescoços por gola lhes abafam  
Camadas de tufados pescocinhos;  
Os peitos lhes defendem, por couraças,  
De lenço, e de cetim curtos coletes,

Debaixo dos mesquinhos, leves *Fraques*.  
Nos seus calções, com visos de batina,  
Apinhoados os botões rebentam.  
Uns meios borzeguins, por férreas grevas,  
Com meias cor de pérola ondeadas,  
As pernas em redor, e os pés lhes cobrem.  
Tem cada um por pavês, tenção, devisa,  
O anel, que a cópia traz da sua Dama:  
E na dextra, por lança, ténue vara,  
Com que ao tardo animal açouta as ancas.  
Nesta figura correm ao combate  
Uns, a minar altivos Pundonores,  
Escarlar lsenções, assolar Pejós,  
Outros, a demolir lautos banquetes  
Dos vaidosos magníficos Ricaços.  
Já, os primeiros férvidos Reinaldos  
Entram no campo da fatal peleja:  
Dá-se o sinal. Talvez agora o julgas  
Do rude tom de ríspidos tambores,  
De clarins e de pífaros formado,  
Que de susto enfiar façam o Moura,  
E o Rio das Maças tornar à urna!..  
Enganas-te Filinto; desta guerra  
Cupido é só o omnipotente Nume.  
Ele inventou o harmónico instrumento,  
O arco empresta, a mão rege, os sons inspira.  
Com tenras Damas trava-se o conflito,  
Cruzam pares, avançam-se, recuam,  
(Evoluções da Erótica milícia)  
Com rodas, tresselins chatés, cadeias,  
E outros manejos, que escrever não ousou,  
Por que de mim não creias, caro amigo,  
Que com eles já falo algaravia.  
Mas, no auge da férvida peleja,  
De quando em quando Amor tréguas ordena.  
Co' as belas inimigas se retiram  
Os destros Campeões, alguns mostrando  
Por glorioso trofeu, no esquerdo lado,  
O raminho da murta, a flor, e a liga,  
Que, afectando descuido, cair deixam  
Sobre o chão as lindíssimas Parceiras.  
Crebros sussurros vagam pelas salas;  
E, qual enxame, a turba dos Amores  
Voa, e revoa duns a outros gestos:  
Uns, com as penugentas asas, prenhes  
De dulcíssimos furtos amorosos,  
Dum suspiro imprudente, dum ar triste,  
Dum súbito rubor, dum meigo riso:  
Outros ditam aos prósperos mancebos  
Mil flamígeras vozes, lisonjeiras,  
De suave veneno borrifadas.  
Pelos ouvidos das incautas Ninfas  
A ardente peste cala aos brandos peitos,

Onde furiosa mais, e mais se ateia,  
Té que, no coração, erguida em chama,  
Lhes cresta a tenra flor da Pudicícia.  
Apenas o Peralta ufano atenta  
No semblante da Angélica adversária,  
Dos seus ardis o desejado efeito,  
Dando sinais de que a afracar começa;  
As lisonjas redobra, nada poupa;  
E as finezas da arte põe em obra  
Té que, do Pejo adormentando as Guardas,  
Dá d'avelho co' as lânguidas Repulsas.  
Amor ovante, de florida murta,  
Do feliz vencedor a frente cinge.  
E, porque já da paz o tempo expira,  
Com inquietos sons à guerra incita:  
Vendo que estes combates repetidos  
Servem de amolegar os duros peitos,  
De rígida lsenção em torno armados;  
A fim, de que na paz menos resistam,  
Ao rijo impulso dos farpões cruentos:  
Deste modo co' a dança o acto finda.  
Corre-se o bastidor; eis outra cena.  
Um torreado Alcáçar, majestoso,  
Entre os ulmos frondíferos branqueja:  
Cujo demandam, com luzidas Ninfas  
Os segundos, claríssimos Guerreiros.  
Entre o fragor dos triunfais Carrinhos,  
E entre o tropel dos férvidos Ginetes,  
Tudo atroam os rígidos Batentes.  
Já lá se patenteia a vasta porta,  
Sobre os buídos eixos ressonando:  
Entra a turba, desmontam os Peraltas;  
E, qual faminto Açor, que avista a Pomba,  
Voa a empolgá-la com as curvas garras;  
Tais correm a apear as gentis Damas;  
Que, pejando-lhes docemente os braços,  
De soberbos com carga tão formosa,  
Os fazem dar de rosto ao claro Atlante;  
Bem que sustenha os estrelados Orbes.  
Logo cem feminis, mimosos dedos  
Da jornada compõem o desalinho:  
Quais recolhem a lúcida madeixa  
(Que um lascivo Favónio desmandara)  
Debaixo da dourada, argêntea rede;  
E quais, de novo, do subtil volante,  
C'um avaro alfinete, as pontas unem,  
Que o travesso Cupido despregara,  
Por bem-aventurar ávidas vistas  
De alguns *Tirões*, que (a furto) se lançavam;  
Deste modo adoçando os graves ferros,  
Que lhes cingia os amantes pulsos.  
Prontos já todos, Ninfas, Semi-deuses,  
Em cerrada Falange a escada sobem.

Eis, no alto assoma, e baixa a recebê-los  
O fofo dono, Português Luculo,  
Co' a imensa véstia meio-abotoada,  
Onde a vermelha cruz venal lhe pende;  
Amaciando a furial *Cesária*,  
Ante as damas gentis todo se prostra,  
Balbuciando encanecidas frases,  
Com que o alto favor lhes agradece,  
De lhe honrarem, o seu indigno alvergue.  
Mas já o alcatifado sólio pisam  
Das salas ricamente entapiçadas:  
Brilham em torno as tortas serpentinas,  
Os áureos frisos, e estucados tectos.  
Eis alteando, com aérea popa,  
O diurno semblante sumptuoso,  
Pomposamente ornada sai Madama,  
Risonha acolhe os hóspedes ilustres;  
E, enquanto as Damas à porfia a abraçam  
Transluz-lhe pelos olhos a ufanía,  
Com que, ser-lhes igual, em si presume;  
Nem mecânico Pai o ser lhe dera;  
Mas talvez, que a leal consorte sua,  
Co' a Vulcânea capela o laureara.  
Sentam-se todos, trava-se a conversa  
Sobre rendas, bordados, fitas, peles;  
Altercam-se questões, a voz se esperta,  
E em breve degenera em algazarra.  
Rir-te-ias, meu Filinto, se atentasses  
No ar sisudo, e na ânsia com que falam  
Sobre tais bagatelas, parecendo,  
Que sobre a sorte do Orbe deliberam.  
Em tanto na Cozinha ferve a obra!  
Quem, empunhando um cortador cutelo,  
De Patos, de Capões, Galinhas, Pombos  
Faz imensa, cruel carnificina;  
Quem cevados Peruns destro lardeia;  
E quem, assa no forno chamejante,  
Do recental vitelo a pingue perna,  
Ou tosta da Leitoa os tenros couros:  
Este cora na aénea caçarola,  
Para cem fricassés, picantes salsas;  
Aquele esconde nas suaves massas,  
O sanguíneo presunto Lamecense,  
Que, com os recheados frangãos, nada.  
Céus! que uivo infernal me arranha o ouvido?  
É Madama, que canta lá na sala  
Uma ária de seu mestre nova e intacta,  
Bem que a ouvisse Nápoles mil vezes.  
Que trejeitos! Parece-me possessa:  
Os olhos arregala, a boca torce.  
Mas olha os impudentes lisonjeiros;  
Como, entre os crebros vivos, uns aos outros  
Encrespam o nariz, os olhos piscam.

Eis nisto soa: *Está a mesa posta.*  
Súbito erguem-se os hóspedes preclaros,  
Uma alma nova deles se apodera,  
Que os semblantes lhes tinga de alvoroço.  
Lançam-se ávidos sobre as iguarias;  
Como quando a alma Ceres enlourece  
Do Lavrador as verdes esperanças,  
Sobre a pingue seara cai faminta  
A densa nuvem dos pardais daninhos.  
Brilham, em vária cor, nos áureos copos,  
Champanha, Malvasia, Pomard, e Douro.  
Alçam Lieu e Amor contínuos brindes.  
Aqui Damon, sorrindo-se primeiro;  
Petas conta, graceja sobre tudo,  
Jogando o velho equívoco lascivo,  
E, a si, mais que ninguém no fim se aplaude.  
Ali refere Asínio um caso infando,  
Que à sua vida atara a Parca dura,  
Quando entrou a jantar, num dia infausto,  
Aonde (salvo seja) mastigara  
Um traidor grão inteiro de Pimenta.  
Crime execrando, crime inexpiável,  
Enquanto no Oriente assomar Febo!  
Perfilha os seus rancores a Assembleia,  
E às irmãs infernais Lanoso votam.  
No meio destes contos não se esquecem  
Os nossos Campeões *fome-gerados*  
De mostrar seu valor, sua destreza.  
Da casa os Donos, com prazer, contemplam  
A graça de cada um, o heróico brio,  
E o impávido estômago, faminto  
Da Glória de levar a honrosa palma,  
Com que alguidares cem acumulados  
(Pratos alguns lhes chamam por alcunha;)  
Capazes de aterrar o *Paipai* mesmo,  
Investem, talham, rompem, tragam, chupam;  
E súbito arrasada a mesa fica  
De rotos, esbrugados esqueletos.  
Viva Monsieur Minaz, viva Madama,  
De quando em quando brada a leda turba,  
Tinindo em torno os espumantes copos;  
Com honrosas ventoinhas amentando  
Aqueles oucos cérebros, fumosos;  
Porque as sangrias atentar não ousem,  
Que à férrea burra dão os tais Banquetes:  
Nem escutem a voz do Desengano,  
Que no ar librado sobre as longas asas,  
Lhes brada, que o capricho da Nobreza  
É só arruinar os vãos Ricaços,  
Que há pouco resurgindo do vil lodo,  
(Em que jaziam c'os Avós obscuros)  
Por antojo da lúbrica Fortuna,  
Já pretendem com eles igualar-se.



Em pena, dizem, do seu cego arrojo.  
(Tanto a Vaidade é desumana, e injusta!)  
Ora lhes mostra o aflitivo quadro,  
Que vislumbra através do atro futuro,  
Lá na Corte, onde a nítida Assembleia  
Que até aos Céus tanto os sublima agora,  
Por eles resvalando os torvos olhos  
(Qual súbito relâmpago nocturno)  
Como de má visão, nojoso objecto,  
Evita o seu encontro sempre alerta;  
Mais perluxa que os Naires agourentos  
Fogem dos Poleás ao toque impuro.  
Mas já, doce Filinto, me parece  
Ver a minha Tália caprichosa,  
Que jovial tégora me inspirava,  
Um pouco no semblante carregar-se;  
E de atro fel os lábios seus banhando,  
E o franzido nariz todo assanhado,  
Me pretende ditar picantes versos:  
Qual Beata que ao mundo trocar vendo  
(Nos preconceitos seus tenaz e injusto)  
Seu grave rosto, cãs, maduro siso,  
Pelas áureas madeixas, breves graças  
Da imprudente donzela, em cujo gesto  
O viço juvenil ledo floresce;  
No zelo do Senhor toda inflamada,  
Com torvo sobreceño, ardentes olhos,  
Olhando-a de través, freme e esbraveja,  
Lacerando-lhe a honra santamente,  
E no seu desafogo o Céu envolve.  
Cerremos pois o ouvido à mordaz Musa.  
Desçamos já o pano; Adeus, Amigo.

# ODE

## A FILINTO

QUAL destro Jardineiro corta, arranca  
Os espinhosos cardos  
E faz da rude Terra  
Um campo de boninas povoado:  
Ou qual do tronco agreste, e solitário  
Artífice perito  
Forma a Nau alterosa,  
Que vai dar vista a peregrinos mundos:  
Assim, Filinto meu, tu cultivaste  
O meu agreste engenho  
Tu as asas me deste,  
Com que dos ares sulco o vasto pego.  
A Lira marchetada, o plectro de oiro,  
(Oh dádivas celestes!)  
Das tuas mãos as tenho;  
Por ti sou Vate, sou de Apolo filho.  
Só tu atrairás com versos meigos  
Os Amores em bandos,  
Ferindo a teu aceno  
Com setas de oiro adamantinos peitos.  
Ou, se antes queiras com guerreiros versos,  
Do cume do Parnasso,  
Co' a tuba altissonante  
Cantarás do vermelho Marte as iras:  
As iras turbulentas, fúrias soltas  
Da rábida Megera  
Que cem cabeças ergue  
Na revolvida, sibilante coma.  
Não só produz Tessália a messe horrenda  
De armados fraticidas.  
Qual plaga, ou fria, ou quente  
Não viu de armas cobertas as campinas?  
Qual mundo não bebeu o sangue humano?  
E a madre Terra opressa  
Co' as nossas mútuas mortes  
Se dói dos duros filhos que gerara.  
Sobre cavos madeiros, ao mar alto  
Levamos atrevidos,  
Quantos danos nos trouxe  
Prometeu, que roubou aos Céus o fogo.  
Tingindo as ondas, afrontando a morte  
Vemos o mar cavar-se  
Sem mudarmos ímpios  
Do rosto a cor, do duro peito as iras.  
E tu que tens por jogo, oh Marte, a guerra,

As bastas sobancelhas  
Um pouco aliviando  
Com violento sorriso o gosto mostras.

BARROCO

# CANTATA

À SENHORA D. CLARA MANUELA

JUVALTA MAZZA

DOCE é ver na serena madrugada  
Aljofrar de Titã a loura filha  
    Nas saudosas campinas  
Com mão rosada as lânguidas boninas;  
Enquanto a fria Noite a si recolhe  
O manto azul de estrelas recamado:  
Doce é ver como as Horas vigilantes  
Jungem de Febo ao coche auri-rosado  
A Flegon e Pirois flami-spirantes  
    Que mal bater-lhes sentem  
    Ao Deus autor do dia  
    As prateadas rédeas,  
Pelos roxos balcões rompem fogosos,  
Batendo aos pulos co' as ferradas unhas  
Os ermos campos do cerúleo éter:  
    Os Céus se purpureiam  
    E as campinas se arreiam  
De ondeada alcatifa cintilante,  
    E uma alma nova pula  
No seio criador da madre Terra,  
    Apenas os visita  
O omni-parente Deus com leda fronte,  
De benéfica luz perene fonte.  
Mas mais doce me é ver Clarícia bela  
    Abrindo então ao mundo  
Com seus olhos gentis novo Oriente;  
    Ante os quais lhe parece  
Que a Aurora foge, e Febo amarelece;  
Com inveja talvez d'aqueles soltos  
    Ondados fios de ouro,  
Que nas asas dos Zéfiro fuzilam;  
Ou do esplendor daqueles dous luzeiros,  
Ante os quais o do Sol seu preço perde.  
    Onde quer que ela volva  
Os que o mundo olhos chama, o Céu estrelas,  
Inda no meio do gelado inverno,  
    A despida floresta  
    Súbito reverdece  
E o prado de boninas se guarnece;  
    Os ares se povoam  
De travessos Cupidos que revoam;  
Neptuno amansa com o azul tridente

As horríssonas vagas procelosas;  
Dorme o Austro fremente,  
E na sua obra-prima  
De graça e de beleza  
Pasmada se revê a Natureza.

#### ÁRIA

Por mais que a roxa Aurora  
Emperla as tranças belas;  
Por mais que Febo agora  
A luz rouba às estrelas,  
E dela a fronte cora,  
De Clara a formosura  
Não podem igualar.  
Brilham mais sem adorno  
Que os da Alva os seus cabelos;  
E o par dos olhos belos,  
Que tudo anima em torno  
Com o esplendor nativo  
Ao Sol faz eclipsar.

Sim, brilhantes madeixas, em vós armam  
Os dolosos Amores  
As redes mais subtis, laços traidores,  
Onde engodados caem,  
Da sua gentileza,  
Mil tristes alvedrios imprudentes,  
Que se atrevem sem susto  
De perto a vos olhar, mais do que é justo.  
E que direi de vós, olhos divinos?  
Amor por mim o diga,  
Que em vós ovante impera,  
E de hora em hora escravos mil numera,  
Não por traição covarde,  
Ou iníqua violência subjugados  
Com ervados farpões sangui-sedentos:  
Mas voluntários dando  
A vaidosas prisões intactos pulsos  
Vencidos, transportados, abrasados  
Da flamígera luz, almas estrelas,  
Que fuzilais em torno,  
Capaz com um só raio  
De fazer chamejar calando ao peito,  
A mais fria isenção, a mais rebelde.  
Vem fazer enfiar Délia, a Aurora,  
Formosa Clara, agora  
Com tão brilhantes jóias,  
E bem-aventurar o terno Alfeno:  
Lingue sem ti seu coração saudoso,  
O prado se entristece, e o bosque umbroso.

## ÁRIA

Perde, oh Clara, o seu tesouro  
De saudade o verde louro;  
Junto da água cristalina  
Langue o Lírio, a fronte inclina;  
Mana turvo o Tejo ameno;  
Esmorece o meigo Alfeno,  
Se o teu rosto hoje não vem.  
Mas já vejo a flor mimosa  
A cabeça alçar pomposa;  
Nova coma ao louro arreia;  
Doura o Tejo a escura veia:  
Bom presságio! eis chega Clara,  
Nossa glória, e nosso Bem.

ALFENO CÍNTIO

## DITIRAMBO

A FILINTO,  
NO DIA DE ANOS DA SR.<sup>A</sup> D. F. G. X. DE S.

**E**MPRESTA-ME Filinto, a maga Lira,  
Com que a alma me enlevas, me arrebatas:  
Os natais da áurea Anfrisa cantar quero,  
Té que as cordas lhe estalem.  
Ris-te? Pasma. Olha aos pés da amável Ninfa  
Bocejando a Perguiça aferrolhada...  
Escudou-me a Amizade – invisto-a, aterro-a...  
Quem resistir me pode?  
Que vejo! Em vez da Lira a vénea taça  
Sorrindo-te me of'reces! Venha embora;  
Minha Lira será, Apolo, Musas...  
Ouvi, ouvi, vindouros.  
Mas que é o que em mim ferve em brava guerra?  
Não sentes como pula pelas veias,  
Cerrando com a atroz Melancolia  
O tirsígero Baco?  
Vê como horrenda ronca entre seus braços...  
Evoé! Nictileu! – Aperta, aperta...  
Eis o Deus m'a dardeja pela boca  
Urrando roucamente.  
Ah!.. Respiro... Leneu te adite, Amigo.  
Torna a encher... Rasa... rasa... Como brilha!  
Parece-me o rubi dum Rei Indiano,  
Do Ça... Ça... Ça... que me importa!  
À saúde de ti, Anfrisa, empino  
O ebri-festivo copo... Oh gosto?... Oh pico...  
Quão doce me gorjeia na garganta!  
Desbanca Filomela.  
Agora exaltarei em digno metro  
Teus dotes não-comuns, que por mim bradam.  
Não temo provocar o grande Elpino  
E a ti mesmo, Oh Filinto.  
Oh forte Domador da plaga Eoa,  
Co' teu nome, capaz de endeusar-me,  
Bafeja ao alto assunto... Céus! que fumo  
Me ondeia pela boca!  
Quem me queima as entranhas?... Eu chamejo  
Chiam-me as carnes... Ah! traidor Filinto,  
Co' santo licor de Évio misturaste  
Do Flegetonte as águas.  
Sonho?... ou estou desperto?... Eis me arrebatam  
Sobre as penas do vento ao ar sublime...  
Lá surge o Sol radioso asseteando  
As trevas trepidantes.

Como submerge em pélago de luzes  
As pálidas estrelas! Os Etontes  
Ruem aos pulos... nas inchadas ventas  
    Revolvendo ígneo fumo.  
Eu diviso de Anfrisa o almo dia  
Junto ao Deus na carroça auri-rosada;  
Voam-lhe em torno as Graças, os Amores,  
    E os remoçantes Jocos.  
Lá vem Neptuno, com os pandos braços,  
Curvo o corpo, arrasando as roucas vagas...  
Ali, na atra caverna, o torvo Eolo  
    Os ventos arrebanha.  
Eis baixo ao Pindo... eis Délio os teus louvores  
Canta na ebúrnea lira... os montes dançam...  
Mas que esquadrão de altissonantes hinos  
    Lhe brota da cabeça?  
Eis co' as talhantes asas me demandam  
Onde brilham teus dons, celeste Ninfa;  
E eu, na frente dum leio – Eu sou a injúria  
    Da Morte, do ímpio Tempo  
Traz ufano a tua alma, e nela engasta  
A áurea Filosofia mil virtudes,  
Cujo cego esplendor o brilho vence  
    Dos cintilantes astros.  
Vem, Hino amado, vem, modularemos  
Em nunca ouvido tom... Vê pressurosos  
Os Deuses, como deixam para ouvir-nos  
    Ermo o Olímpico alcáçar.  
Lança, oh Ninfa, na taça o loiro Brómio:  
O fogo avivarei que me fulmina  
A mente insana... Venha, antes que Jove  
    M'ó arrebate invejoso.  
Anfrisa, Anfrisa, que travessa aguaste  
O almo licor! Lá se esvaece o Pindo:  
Voa o Hino: o sublime ardor se apaga  
    E Baco, e as Musas fogem.  
Tu lho lembraste, rígida Modéstia,  
E me impediste de ilustrar meu nome  
C'os louvores da que é do amável sexo  
    As delícias, o enlevo.

ALFENO CÍNTIO



# CANTATA

## À NOITE

JÁ Febo de purpúreas, roxas luzes  
C'roa as ferventes, cérulas campinas,  
Banhando dos fogosos Andaluzes  
No mar as alvas fumegantes clinas:  
    As Horas os disjungem,  
E ao mole sono o Deus, nos Tétios braços,  
Manso e manso abandona os membros lassos.  
Saem do asilo das musgosas grutas  
    Com as nocturnas aves  
    As sombras vergonhosas;  
    Serpeiam pelos vales  
Até que unidas às do anoso bosque  
Afoitas mais e mais surgem e engrossam,  
    E do mundo se apossam.  
Enquanto para o Oceano a Noite dobra  
    O véu apavonado  
Que sobre o seu azul manto estrelado  
    Invejosa estendera  
    A Aurora vigilante.  
No remanso do arroio murmurante  
    Já fervem a chuviros  
Os reflectidos trémulos luzeiros.  
Graças a Amor! Assoma a feliz hora  
    Tirada no seu carro  
De mil desejos férvidos, alados;  
Em que me prometeu a linda Nise  
De ouvir os meus queixumes namorados,  
Na floresta de plátanos, que assombra  
A entrada da caverna veneranda,  
Donde em mil borbotões de espuma o Moira  
Fervendo o seu licor perene manda.  
Nise gentil! será, Meu Bem, possível  
Que hoje eu colha as dulcíssimas primícias  
    De minhas esperanças,  
Pela travessa mão do Deus frecheiro  
    De teus divinos olhos  
    Em meu peito plantadas,  
Sempre de ardentes lágrimas regadas?  
As portas da alma Alfenó patenteia  
    À celeste alegria;  
Fogem dela os cuidados roedores,  
    Os pálidos temores;  
Com branca pedra nota este almo dia.  
Adeus Mágoas, adeus amargo Pranto:  
Torna, fruta, comigo ao ledo canto.

## ÁRIA

Já Morfeu do Letes vindo,  
Vai, de sonhos rodeado,  
Sobre o mundo fatigado  
Moles sonos sacudindo.  
Dorme tudo, oh Nise bela;  
Só Alfeno e Filomela,  
Ternas queixas modulando,  
    Vão turbando  
O nocturno mudo horror.  
Santo Amor que tens teu ninho  
Do meu Bem nos meigos olhos;  
Um pungente breve espinho  
Tu escolhe dos abrolhos  
Que em mim crava a Saudade,  
Fere na alma a tarda Nise:  
Sobre as asas da vontade  
Voará ao seu Pastor.

Eis baixo ao vale... Eis entro o augusto bosque...  
Que cena encantadora! os ares cruzam  
Infundos fuzilantes vaga-lumes  
    Enquanto outros cravados  
Nos frondosos dosséis perenes brilham:  
Emulando a floresta os céus sagrados  
De exalações, de estrelas adornados...  
Triste de mim! Não vejo a minha Nise,  
    Por mais que a selva em torno  
Com os ávidos olhos investigo!  
Vara gentil de ricos lavradores,  
    A cruel me desdenha,  
Prole de honrados, míseros pastores;  
    Vivem inda os amores,  
Inda sussurra o virginal segredo  
    Lá no Látmio penedo  
    Alta noite acolhendo  
    No seio cavernoso  
Da poderosa Cíntia o Nume altivo,  
    Que ao Acaso entregando  
O governo do carro luminoso,  
    Dentro de véu nubloso  
Sobre os ombros dos Zéfiro baixava,  
    Endimião buscando  
Que entre ovelhas lanígeras jazia,  
E nos braços do amado pegureiro,  
Do Olimpo, e de si mesma se esquecia.  
Ah! Lembre-te, inumana, a infausta sorte  
Do cerúleo Peneu da gentil moça,  
    Que desprezando altiva  
    Do áureo Pastor de Admeto  
    O terníssimo affecto,

E os ardentes queixumes lastimosos,  
 Que suado e anelante  
 Com rota voz em seu alcance espalha  
 Ao vento o triste amante:  
 Sobre a margem paterna  
 A bela fugitiva o corpo digno  
 Em justa pena da dureza interna  
 De improviso sentiu inteiriçar-se,  
 E em áspera cortiça  
 A nívea pele mórbida tornar-se:  
 Em rígidas raízes tortuosas  
 Pelo atónito rio os pés entraram:  
 Os braços torneados  
 Duros, ramosos troncos se fizeram  
 E pelo ar se estenderam,  
 E os doirados cabelos ondeantes  
 Por eles se espalharam  
 Em verde-negras folhas sussurrantes.  
 Em louro transformada  
 Co' a nova sombra aos campos maravilha  
 Do infeliz rio a filha;  
 Febo... Mas estremece a silva espessa;  
 O sonoro bulício da água cessa,  
 E os mudos nadadores à porfia  
 Saltando acendem nítida ardentia.  
 Aceito o agouro, Amor. He Nize, he Nize.  
 Repentino clarão as trevas fere...  
 Nova fragância os ares embalsama...  
 Omnipotente Deus, aos teus ministros  
 De meu pobre rebanho a guarda entrega:  
 Enquanto Alfeno à sombra  
 Das fuscas asas da amorosa Noite  
 Na mole grama passa  
 Doces momentos, do meu Bem ao lado,  
 Digno de ser dos Deuses invejado.

#### ÁRIA

Alfeno ditoso  
 Te dá mil louvores,  
 Oh Deus dos amores.  
 No céu luminoso,  
 Nas lúbricas águas,  
 No reino das mágoas  
 Despótico imperas:  
 Tu só da dor geras  
 Celeste prazer.  
 Angélica Nise,  
 Amor! que alegria!  
 A Jove me iguala:  
 Quer goste a ambrósia  
 Na Olímpica sala,

Quer da alma Ericina  
Na face divina  
Se esteja a rever.

## ODE

### CONTRA OS DETRACTORES DA POESIA

**S**UBLIME Melibeu, não te envergonhe,  
O aviltador desprezo, com que tratam  
O Ócio inerte, o inchado Pedantismo,  
De Apolo aos dignos filhos.  
Não anela a toupeira subterrânea  
A benéfica luz do roxo Febo:  
Odeia o ganso granador, do Cisne  
Os suaves gorjeios.  
Tremam, tremam de nós: nós só podemos  
Da falante pintura com um rasgo,  
Levar a par do Tempo à Eternidade  
Seus ridículos gestos.  
Mas sempre a Ira foi má conselheira.  
Dá a doce Vingança amargo fruto.  
Deixa aquele no charco de seus vícios  
Apodrecer inglório;  
E deixa o outro Charlatão vaidoso  
Com campanudas vozes, oucas frases  
As Damas aturdir, e deslumbrá-las  
Co' oiropel literário.  
Em breve de Bertrand na vasta loge  
Os ministros cruéis do Velho eterno  
O caruncho e o bolor ávidos tragam  
Seus científicos partos.  
Enquanto lentamente as longas asas  
Em torno meneando o Esquecimento,  
O fumo vão da sua ténue glória  
Dissipa pelos ares.  
Sim, os odres de peles de Elefantes,  
Cameleões de honras, de etiquetas,  
E as hidrópicas rãs, que tanto grasnam  
Inda em vida morrerão.  
Nós sós das nove Irmãs alunos, Vates,  
Com afouto e seguro pé trilhamos  
Da eterna fama a lúbrica vereda  
Por fragas, precipícios.  
Mal entramos seu templo, a Deusa augusta  
No sempiterno livro flamejante  
Com estilo de luz inextinguível  
Nossos nomes escreve.  
Após eles ao lúcido volume  
Comete os dos Varões, que libertamos  
C'os hinos imortais, das cruas garras  
Da famulenta Morte.  
Mais do que no Zénite o Sol estivo

Brilha o santo lugar, que não profana  
 Dos anos o ímpio Rei, mas junto ao átrio  
 Torvo bramindo passa.  
 Assim, mercê de Febo, a nosso arbítrio  
 Fazemos cidadãos da Eternidade  
 A mil e mil co' poderoso cármem  
 De néctar borrifado.  
 Assim de Heróis o Olimpo povoamos  
 Revocados à luz co' mago canto  
 Do Lete, onde jaziam submergidos  
 Co' a ignóbil inércia.  
 Não só com a púdica Esposa e os Filhos  
 Egas por honra sua, honra da Pátria  
 Da vã palavra a troco, à dura Parca  
 Se of'receo espontâneo.  
 Nem nas aras de amor a Linda Castro  
 Foi a primeira que a ambição ferina  
 Imolou, co' seu sangue salpicando  
 Os seus tenros infantes.  
 Ou só aqueles dous Mavórcios raios  
 Albuquerque e Pacheco, no áureo Ganges  
 Acumularam palmas decantandas  
 Pelas filhas de Jove.  
 Antes que o Gama o tormentório Cabo  
 Dobrasse afouto, muitos já surcaram  
 Estes virgíneos campos de Neptuno,  
 Co' voador arado.  
 Mas a todos oprime imensa Noite;  
 Porque o Fado lhes nega santos Vates,  
 Que à luz tragam seus nomes talvez dignos  
 Do nosso grato pranto.  
 Eia, Amigo, animoso e firme calca  
 A erma via, abraçado da Virtude:  
 Preceda-te a Verdade, afugentando  
 Os erros, co' facho.  
 Não te acobardem desdenhosos vultos  
 Dos monstros de ignorância, e de ventura,  
 Inçados de torpezas, de remorsos,  
 Enrufados vadios  
 Solta as rédeas ao riso, quando vires  
 O ar de magistério, e as fanfúrrias  
 Dos Ecos de Jornais, de Enciclopédias  
 Crespos de Inglês, de Grego.  
 Modernos sabichões omni-palrantes,  
 Inimigos jurados do talento,  
 Inventores subtis de filagranas,  
 E de engenhosos nadas.  
 Ao ingrato clarão que esparga a tocha  
 Do tardio, mas certo Desengano,  
 Ao Silêncio verão tragar seus nomes  
 C'os letárgicos beijos.

## ODE

### ÀS MUSAS

**P**ARA quem tu, celeste companhia  
Benignamente olhares  
Com fitos olhos, cheios de ternura  
Quando apenas gozar da luz do dia,  
E depois de o banhares  
Da suave Hipocrene na água pura,  
Aos teus fecundos peitos for criado  
E c'os divinos cantos embalado.  
Este jamais será esclarecido  
Nos riscos de Mavorte,  
Por quebrantar as iras arrogantes  
Dum vão usurpador enfurecido:  
Entrando à régia corte  
No meio das esquadras triunfantes,  
C'roado de palmeira, entre mil vivas  
Co' as bárbaras nações atrás cativas.  
Nem qual Columbo ou Gama denodado  
Irá em frágil quilha  
Demandar do paterno lar distante,  
Rasgando o seio de Neptuno irado,  
Novo terreno, ou ilha,  
Após droga odorífera e prestante  
Após brilhantes gemas, claras veias  
Que revolvem auríferas areias.  
Mas junto ao Lis bordado de boninas  
Que exalam mil aromas,  
Recostado no tronco dum loureiro,  
Que nas serenas águas cristalinas  
Enfeita as verdes comas,  
Rugindo co' favónio lisonjeiro,  
Inspirado por vós, oh Musas belas,  
O seu nome alçará sobre as estrelas.  
Ali ao som da tuba belicosa,  
Em rima sublimada  
Nos cantará os Heróis que triunfaram  
Dos anos, ou da Parca sanguinosa,  
E co' a invicta espada  
A fé e o pátrio império dilataram;  
Um Henriques, terror dos Mauritanos,  
Um João, fero açoite dos Hispanos.  
Ou em profícua cena expondo às gentes  
De ilustres personagens  
Trágicos fins, terríficos, injustos  
Tristes frutos de faltas imprudentes;  
Ou as doces ventajens

Que co' a morte dos maus gozam os justos:  
Deste modo ensinando ao povo rude  
Que refreie as paixões, ame a Virtude.  
Ou como o Jardineiro alimpa e poda,  
    Sem que ofenda ao grosso,  
Na figura de buxo ou de folhado,  
Os torpes ramos, que a vecejam toda.  
    Tal este aluno vosso  
Co' gume do ridículo afiado  
Decotará no Cómico exercício  
Dos nossos corações o feio vício.  
Mas se à Musa do Míncio mais se inclina  
    Ou à do flavo Ismeno,  
Vê-lo-emos entre Ninfas e Silvanos  
Ora na doce frauta campesina  
    Cantar Titiro e Almeno,  
Que no Saturno império, longos anos,  
Pascendo os seus rebanhos inocentes  
Viveram, venturosos e contentes.  
Ora na ebúrnea lira altissonante,  
    Em metros peregrinos  
Louvar os Deuses e os Heróis valentes;  
E o rúbido Tioneu co' a turba ovante  
    Dos sátiros caprinos  
Dando uivos e silvos estridentes,  
E nos copos, nadando em alegria,  
Afogando a cruel Melancolia.  
Oh tocha ardente, celestial Poesia!  
    Na noite do passado  
À Virtude co' a Inércia confundida  
Teu clarão desenvolve, e traz ao dia:  
    A ele só dá o Fado  
Guiar à Eternidade merecida  
Um nome honrado, afugentando a treva,  
Que ínvio o Esquecimento em torno eleva.  
Não nos deixeis, oh Musas (poderosas  
    De dar aos peixes mudos  
A terna voz dum rouxinol canoro)  
Por verdes, que as orelhas escabrosas  
    De mil selvagens rudos  
Não podem abrandar do vosso coro  
As suaves canções esclarecidas:  
Sempre houveram no mando indoutos Midas.  
Por vós, oh resplendor da nossa idade,  
    De Minerva mimoso,  
Fóios preclaro, e Coridon divino  
Me instruíram nos braços da Amizade.  
    Por vós, enfim, glorioso,  
Inda a pesar do Zoilo serpentino,  
Meu nome voará de gente em gente  
Honrando o pátrio ninho eternamente.

ALFENO CÍNTIO



# ODE

## A FILINTO

**F**ILINTO, ah meu Filinto, jaz enfermo  
O teu querido Alfeno, atassalhado  
De dous cruéis galfarros famulentos  
Que querem devorá-lo.  
Um deles frio mais que o gelo alpino  
Aos lassos bofes tão tenaz se aferra,  
Que em vão pelo expelir lidam, e suão  
Em convulsos arrancos:  
Enquanto o outro como frágua ardente  
Com rapidez girando pelas veias  
Me faz passar os dias dormitando  
Em contínuas modorras.  
Mas de noite roubando o sono aos olhos  
Na fantasia ao vivo me debuxa  
Centaurus, Geriões, Hidras, Quimeras  
E monstros mil informes.  
No meio destes males lastimosos,  
Em trajos de viúva encapelada,  
Tirando a rojo os lúgubres vestidos  
Entra a Melancolia.  
Com vagarosos passos se encaminha  
Para o leito a miúdo bocejando;  
E cravados em mim os torvos olhos,  
Se assenta à cabeceira.  
Ali três vezes, com as mãos de chumbo,  
Me aperta o coração, depois três vezes  
O macilento rosto me bafeja  
Co' a verde-negra boca  
À medida que em mim lavra o veneno,  
Em frias bagas de suor me banho;  
Espessas trevas súbito me embruscam  
A fraca, errante vista.  
A alegria me foge, e as doces Musas  
Me fogem de tropel, espavoridas  
Da horrenda catadura desta bruxa,  
Que entre dentes praguejam.  
Corre, corre, Filinto, ao teu Alfeno:  
Vem livrá-lo do monstro sanguinoso,  
Que as entranhas lhe chupa sitibundo  
Qual tenaz sanguisuga.  
Vem revestido não de malhas rígidas  
Ou de costa de lâminas seguras,  
Com luzente murrião, escudo, grevas  
Brandindo a grossa lança.  
Não se espanta de ver tanta ferragem  
Quem he do alvergue do Furor porteira;

Quem entra a tenda do Tirano intruso,  
Por entre armadas filas.  
Mas arma-te de saís, facécias chistes,  
Na cabeça por elmo um Alfarache,  
Por pavês, um Gil Blas ou grão Tacanho,  
Por lança um Dom Quixote.  
Nem te esqueça trazer por mor cautela  
De Ferrabrás o bálsamo bendito,  
Aquele que na *Venda* ao pobre Sancho  
Fez vomitar as tripas.  
Apenas te avistar, vê-la-ás bramindo  
Discorrer rabeando pela sala;  
Té que estourando com fragor horrendo,  
Se solte em negro fumo.  
Quando estes rudes versos te escrevia  
Longe de mim vagava a voraz fúria...  
Ei-la que chega, Oh Céus! sumamos tudo,  
Antes que deite o Lúzio.

ALFENO CÍNTIO

# ODE

## AO SENHOR ANTÓNIO MATHEVON DE CURNIEU

QUE deve a Febo suplicar o Vate,  
Aluno da gentil Filosofia,  
Sobre o altar queimando em ruivas brasas  
De Arábia o pio incenso?  
Senão que aliste o Deus o Vate Alfenio  
Debaixo das beatíficas bandeiras  
Da áurea Mediania, sem que inveje,  
Sem que invejado seja.  
De mim desterre a esquálida Pobreza,  
Alvo de opróbrios, alvo de misérias,  
Macilenta alongando ávidos olhos  
Pela opípara mesa.  
Não apeteçam de Damon o cofre  
Bem que nos ricos paços caiba apenas  
A obsequiosa onda salutante,  
E em áureo coche rode.  
Improvisas riquezas não se adquirem  
Sem vis lisonjas, extorsões, calúnias,  
Que a aura popular debalde, e o ouro  
Com falso verniz cobre.  
Co' a branda púrpura, co' ebúrneo leito  
Em vão acena o mau ao doce sono:  
Escapa aos olhos do assustado crime:  
A Paz, a Virtude ama.  
Nem só a Orestes agitou Megera:  
Mil vorazes Megeras na alma raivam  
De quem atroz punhal no seio crava  
Da Mãe comum, a Pátria.  
Ditoso Mathevon, tu que prudente,  
No farol da Verdade os olhos fitos,  
Co' prumo da Razão sondando os baixos  
Deste infido Oceano  
No porto da feliz Mediania  
Voluntário surgiste; tu, sim, gozas  
Dos altos bens que liberal reparte  
A Deusa aos seus alunos.  
Corpo são, mente sã e paz interna,  
E o ver de certo vista, face a face  
A formosa Amizade, firme escudo  
Contra os tiros da Sorte;  
A formosa Amizade cujo rosto  
O vão rico, e o Tirano jamais viram:  
Não cingem, bem que de ouro, vis cadeias

Os seus ingénuos pulsos.  
Nem tímida donzela calar ousa  
Por entre filas de venais lictores.  
Feliz dia em que achei, meu doce abrigo,  
Ante os teus olhos graça.  
Com branca pedra o noto, e os tardos netos  
Com inveja lerão, e glória minha  
Que foi de Mathevon sapiente e justo  
O triste Alfeno amigo.

ALFENO CÍNTIO

## ODE

### AO SENHOR FRANCISCO DE SALES, PROFESSOR DE RETÓRICA

NÃO bastavam aos Cisnes do áureo Tejo,  
Douto Sales, as peias que lhes tece  
O rude vulgo sórdido e profano  
    De infame opróbrio injusto?  
Não bastava que a esquálida Pobreza  
Das brancas asas decotando as guias,  
A mil e mil com plúmbeas mãos sufoque  
    Na garganta os gorjeios?  
Não bastava que a Inveja atraçoada  
Co' bafo pestilente lhes apague  
O nobre ardor o com que atrevidas tentam  
    Alar-se ao árduo Olimpo?  
Sem que os vexasse a nova imensa praga  
De daninhos répteis, que em torno silvam,  
Cujas línguas trisulcas erva, e afia  
    O fátuo Pedantismo.  
Incapaz de subir do Pindo ao Cume  
Pelas raízes roja o imundo peito;  
E encrespando a cerviz, com torvos olhos  
    Lhes acena que o sigam.  
Porém aquelas filhas da Memória  
Os seus tímidos feros desprezando  
Inspirados por vós a voo solto  
    Demandam a alta cima.  
E... mas que Deus me eleva aos mansos ares?  
Já debaixo dos pés em áurea nuvem  
O terreno vapor se espessa... Eis voo  
    Sobre os ombros dos ventos.  
Que novos sons a alma me embriagam?  
Talvez da vítrea abóbada rodante...  
Ah não: eu vejo um monte bipartido  
    Onde a áurea nuvem cala.  
Eis o Parnasso eis o Cantor divino  
Da sublime harmonia encantadora  
De cujos lábios pendem Febo e as Musas  
    Tintos de gozo. Ouçamos.  
« Então o Pai dos Deuses e dos homens  
Sobre um trono de nuvens procelosas  
Crebro girando a dextra fulminante,  
    Do Olimpo horrendo toa  
Neptuno em baixo de ira chamejando,  
Co' tridente embravece o vasto pego  
Que abalando as raízes das montanhas  
    Erguido em serras muge.

Enfiado Plutão do Sólido salta  
Tremendo e arrepiado vozeando  
Temendo ver nas lúgubres moradas  
Entrar a luz superna.»  
Calou-se aqui o Vate esclarecido  
Cujos natais tantas nações anelam.  
Eis de Apolo ao aceno solta o canto  
Do Míncio o níveo Cisne.  
« Em primeiro lugar, uma alma interna,  
Os céus, a terra, as líquidas campinas  
Mil e mil de Titã nadantes astros  
Vivifica e alimenta.  
Por entre as juntas da infinita mole  
Difusa a eterna mente criadora  
Agita a pululante Natureza  
Com regalados giros.  
Daqui os animais, os homens brotam,  
Daqui os bandos das pintadas aves,  
E os cardumes dos mudos nadadores,  
Lá no marmóreo Ponto.  
Neles reina alma luz, vigor celeste,  
Enquanto as vegetais porções divinas  
Lhes não afogam os nocivos corpos,  
Embotam térreos membros.»  
Mais não disse e os angélicos acentos,  
Sobre as penas dos Zéfiro levados  
O taciturno horror das sacras grutas  
Em torno despertaram.  
Mas eis Febo a mim volve o santo rosto  
Capaz de endeusar um baixo humano.  
Fugi, profanos, de escutar indignos  
A voz do Deus dos Vates.  
Aquele a quem meu Nume onipotente  
Mal em seus olhos raia a luz primeira  
No peito lhe infundir uma cintila  
De meu imortal fogo;  
Se o templo quer entrar da eterna fama,  
E que os seus versos vão de evo em evo  
Botando ilesos o talhante gume  
Da fouce ao voraz Tempo;  
Cumpra que tenha uma alma honrada e digna  
De impávida Virtude revestida,  
Para empreender, guiado pela glória,  
Do Pindo a árdua via.  
Enlevada nos olhos da áurea Deusa  
Pela escarpada encosta denodado  
Suba embora, e os pés a duros cepos  
Presos pela Indigência:  
Debalde tente a tímida Ignorância  
Fazer-lhe vacilar o ardido passo  
Com mil tristes sucessos agoureiros  
Os ares atroando.  
Em vão o Pedantismo ora lhe mostre

A aura popular dos seus alunos,  
De Adónis Cortesãos, Damas doutoras  
    As delícias, o enlevo:  
Ora contra ele as víboras assanhe,  
Que exalam de ígnea boca azuis contágios,  
De sanguíneas traições, de atras calúnias  
    Da pestífera inveja:  
A tudo dá de rosto, nem o engodam  
Os padrões que alçar vê a vãos engenhos;  
Da carroça do Tempo ao menor choque  
    Estalam como vidro.  
Esta via calcou Camões e Homero,  
E outros que da impia Cloto triunfaram;  
E esta debes seguir, Alfeno ousado,  
    Pela mão da alma Guia.»

# ODE

## AD SODALES

EM vão tente subir ao árduo Pindo,  
Onde das claras filhas da Memória  
Brilha o Templo imortal, quem só se escora  
Na rude Natureza.  
Da caprichosa moda o clarão breve  
De contínuo o deslumbra, o extravia;  
E do ignavo, arrogante Pedantismo  
Os mentidos louvores:  
Se a arte experta não informa e anima  
Os torpes embriões dum almo engenho,  
Dos monstruosos sonhos pouco distam  
Do amodorrado enfermo.  
Febo, que me sorriu, plácido o gesto,  
Apenas me ferio a luz nos olhos  
E jamais retirou de mim iroso  
O seu eterno fogo.  
Febo, cujos brilhantes, linceus olhos  
Sós penetram o horror silencioso  
Do imenso abismo, onde jaz submerso  
O fadado futuro.  
Previsto e carinhoso a voz me guia  
Para iniciado ser nos seus arcanos,  
Com que espero voar à Eternidade,  
Sobre os perenes séculos.  
Doces amigos, deste vosso aluno,  
Que venturoso achou ante vós graça,  
Dirigi pios, decotai severos  
A mente vecejante.  
Isto vos pede Alfeno, e a cara Pátria  
Que às vossas doutas mãos comete um filho.  
Dela bem merecei, cumpri de Apolo  
O glorioso intento.  
Ah! sinto que me ouvis. Já na alma soam  
Crebros golpes da crítica severa  
Contra arraigados, stéreis preconceitos.  
Já vergam, ruem, jazem.  
Na mente a Emulação com o almo facho  
Os inertes espíritos lhe aquece:  
Toda se desentranha em flores, frutos  
A Febo não-ingratos.  
Sim: da honesta Filáucia ilustre filha,  
Tu és sempre a nutriz, tu eternizas  
As artes, que a subtil Necessidade  
E o Acaso inventaram.



Ah! se não fora o teu ardor divino  
Invicto incitador das almas grandes;  
Quantos Heróis na noite do passado  
    Inglórios jazeriam  
Tu inflamaste Cocles na alta ponte,  
E tu no Passo-Cambalão, Pacheco  
E os dous armipotentes defensores  
    Da gloriosa Diu.  
Inda jazera no profundo Caos  
Sem ti de Elisa o desp'rado ferro  
Nem vira a luz a justa pena infanda  
    De Adamastor terrível.  
Tu acendeste a tocha inextinguível  
Da Romana facúndia, tu da Grega,  
Cuja luz a Calúnia deslumbrava  
    E a Ambição versátil.  
Tu o justo Catão sobre-humanaste  
Quando em si da Latina liberdade  
As sós relíquias co' punhal ingénuo  
    Roubou, honrado, a César.  
Elpino, Coridon, Filinto, Alcipe,  
Nomes que a Gratidão na alma me grava  
Não me esqueceis, não já de novo a Lira  
    Para vós encordoo.  
Cantemos, Musas, do Parnasso Luso  
As polares estrelas radiosas  
Por quem Elísia sobrevê altiva  
    Atenas, Gália, Roma:  
Que! Infiás, Musa? – dos seus dons sublimes  
Arar o imenso pego te amedrenta?  
Basta: já do batel por ti o leme  
    Torço: eis abica à praia.  
Mnemósine sagrada, no teu templo  
(Se alguma hora privou contigo Alfeno)  
Grava os versos que voto agradecido  
    Aos meus fiéis amigos.

ALFENO CÍNTIO

## ODE

### À ACLAMAÇÃO DE MARIA I.<sup>a</sup> DE PORTUGAL

VÃO-SE as nuvens rasgando os horizontes  
Já com feias carrancas não se abafam;  
Viçosa, verdejante Primavera  
Os campos desenluta.  
As árvores as flâmulas de flores  
Tremolam pelos cumes empinados;  
Sopra o Favónio recendente aroma,  
Nos prados que bafeja.  
Do trono Meridiano torvo e negro  
Onde as borrascas tétricas mandava,  
Desalojou ao Austro o Aquilão claro  
Com forçosas refregas.  
A formosa Afrodite toma posse  
De vegetante império; aquece, anima  
Os prolíficos gomos renascentes  
Nos mórbidos casulos.  
Os dous filhos de Leda em laço estreito  
Simbolizando a amável Natureza  
Presidem auspiciosos aos matizes  
Dos sazonzados frutos.  
Nem a Vénus oposto o alegre Baco  
Despreza o reino do longevo Luso  
C'roando a frente c'os pendentes cachos,  
As verdes parras move.  
Não viu só Numa a Ninfa sacrossanta,  
Na Lísia terra nova Egéria enxuga  
As sábias Leis que o Tempo mergulhara  
Nas águas deslembadas.  
Não açouta Belona desgrenhada  
Com mão sedenta os ríspidos cavalos;  
Nem revoltosa lívida Discórdia,  
Os ânimos baralha.  
Junto a Maria angélica Virtude,  
Com o conto da lança de Minerva,  
Quebranta invicta as hórridas cabeças  
Dos sanguinosos vícios.  
Ao estampido dos finais arrancos  
Desmaia Lísia, mas da Deusa augusta  
O vivífico sopro lhe restaura  
Os lânguidos esp'ritos  
Já o torcido grávido tesouro  
Na Lísia entorna a nútrice de Jove:  
Ávidos Cresos nunca olharam tanto  
O rosto da Ventura.  
Sobre o trono estendendo as alvas penas

A Sapiência esparge imortais raios  
Que, em luminosa chuva as mentes banham  
De Maria formosa.  
Em tanto a Lusa Fama as asas molhe  
No pátrio Tejo e no remoto Hidaspe,  
Enchendo o seio das brilhantes nuvens  
C'os vivos Lusitanos.

# MISCELÂNEA

## MÁRCIA NO CAMPO

Quæ spirabat amores,  
Quæ me surpuerat mihi.

HORAT. *Lib. 4. Od. 12.*

FELIZ prado que a minha Márcia gozas,  
Gozas a nova Cipris;  
De Amores vem ladeada; e são-lhe Amores  
Meus alados disvelos:  
Que de Márcia em redor sempre adejando,  
Nos olhos lhe conquistam  
Seu nascente desejo. A primavera,  
Que se enganou com Márcia,  
E que a tomou por Flora, aqui, mais cedo  
Surgiu, qual surge a Aurora  
Do mais formoso dia; e a Márcia ofrece,  
No seu regaço, flores;  
E, nas flores, o prometido fruto.  
Aqui de Apolo os raios  
Não se enturvam com tétricos vapores;  
Lanças de Sírio rúbido  
Não lhe instigam o ardor áureo luzeiro  
Se estende, se recosta  
Na mole flor, na folha que veveja  
Co' essa áurea luz os Numes  
No Olimpo se engrinaldam. Quando a lice  
Ela abre, no horizonte,  
Tem conflito co' a treva, e a desbarata;  
Revolve-se nos ramos  
Frondosos o verdor recém-gerado;  
Remete o monte às veigas  
Sua alegria, e o som do hino das Aves,  
Com o eco das zamponhas,  
Com que se encrespa a veia do regato.  
Já quando o Sol declina,  
E em transparentes véus dourado foge,  
As Ninfas destas várzeas  
Vêm, com tímido pé, sobre a verdura  
Entrançar leve dança.  
Quando a frígida luz torna a assomar-se  
Trajada de áureo lustre,  
Oh! como corta as dessa usada ausência  
Saudades! lança a olvido  
A estrelada mudez da mansa noite!

Sol, cada dia, novo  
Traz do Eoo aos mortais novos matizes,  
Sol novo, em novo mundo,  
Lhe aumenta de hora em hora a formosura,  
Se adianta a aperfeiçoar-se  
De hora em hora esta fábrica divina.  
Que toques não dão na alma  
Da noite a mansidão, da luz o brilho!  
E, quais vos vi, neste ano,  
Em que Márcia alegria aos campos dava,  
C'um sorrir de seus olhos!  
Deus dos prazeres, Deus da primavera,  
No prado ides raiando  
Lustre bizarro e ufanos devolvendo  
Das grinaldadas frontes,  
Boninas, com que a verde relva esmaltasse.  
Enverdecido o bosque,  
Vestida de esmeralda a parda terra,  
Com meigo aroma os montes  
Saúdam Márcia, quando neles sobe,  
Ri serpol, ri tomilho.

## EPÍSTOLA

AO SENHOR VICENTE PEDRO NOLASCO, [XL]  
POR OCASIÃO DA SUA EXCELENTE ODE  
NO *INVESTIGADOR PORTUGUEZ*  
*EM INGLATERRA, N.º 28*

Permites ipsis expendere Numinibus, quid  
Conveniat nobis, rebusque sit utile nostris.

JUVEN. Sat. 10. V. 345.

*N*ÃO é Mistério horrível, que, de luto  
Para sempre cobrir a Lusa glória,  
Entre nós combinou mérito, exílio,  
Talento, e desventura.

Do bom Filinto pranteando os males,  
Que o teu peito ralaram compassivo,  
A sua luz perderam os teus olhos.  
De lágrimas cobertos!  
Por ser de Lísia filho, quem choravas,  
Fizeram ver-te privativo a ela,  
O que passados Séc'los apregoam,  
Comum às Nações todas!  
Se um erro alguma vez merece cultos,  
Há-de ser, quando vem ele tal estirpe!  
Enobrece o amor da humanidade,  
A tudo quanto gera,  
O clarão, que derrama o tronco ilustre  
Dos ramos embaraça o ver as manchas,  
E virtuosa mão receia sempre  
Ferir o pai no filho.  
Ah! eu te adoro, amor da humanidade,  
Até mesmo nos erros, que produzes!  
Errar por tua força arrebatado!  
Qu'honroso desacerto!  
Porém, Canoro Cisne, que o Tamisa  
Ilustras hoje, como outrora o Tejo,  
Que País não cobriu o mesmo luto,  
Que vês na pátria nossa?  
Aristides padece o Ostracismo!  
E é razão bastante, a quem o manda,  
« *Viver cansado já d'ouvir a todos  
Chamar-lhe sempre o Justo!* »  
No meio da indigência acaba os dias!  
E da pátria deveu à caridade,  
Não ficarem seus ossos insepultos

E sem ter dote a filha!  
Sócrates, Focion, que fim tiveram?  
Ilustres nomes, que hoje tanto honramos!  
A Cicuta beberam condenados  
    Ao último suplício.  
Enlutaram idênticos sucessos  
Muitas vezes também do Tibre as margens;  
Foge de Roma o Orador Latino,  
    Arrasa-se-lhe a casa.  
Torna a chamá-lo a pátria, arrependida  
(Ou no momento em que o julgou preciso,)  
Mas a fugir de novo constrangido  
    Na fuga o assassinam.  
No Ponto, Ovídio acaba desterrado:  
A Séneca em exílio os Corsos viram,  
E depois os Romanos condenado  
    A romper suas veias.  
O mesmo, que viu Grécia, e que viu Roma  
Enxovalha os anais dos outros Povos;  
Pergunta a Galileu, Ramos, e Loche,  
    Se Lísia os perseguira!  
Nem é Mistério, nem de Lísia fado,  
A invencível força, que decreta,  
*Perseguição em prémio à Sapiência,*  
    *Ao ingenho exterminio.*  
É Lei geral, que vem da natureza,  
O desviar a luz, que fere os olhos  
E diz-se, que é das Águias privativo  
    Fitar do Sol os raios.  
Estas aves porém são muito raras;  
Os mais entes a lei geral guardando,  
Se podem, amortecem, ou apagam  
    A luz, qu'os amofina.  
Se alguém vistes luzir desafrontado  
Das desgraças que choras em Filinto,  
Não era o poderoso então, o mesmo  
    A quem ele assombrava.  
Escondem-se as estrelas, mais a lua,  
Quando o Sol aparece, qu'as ofusca,  
Por que o poder lhes falta de mandá-lo  
    Também a um degredo.  
*Invejosos o mérito origina,*  
*Bem como todo o Corpo causa sombra.*  
Assim cantava do Tamisa um Vate,  
    Qu'analysou o homem.  
Ter quem inveje é ter perseguidores;  
Do mérito vem pois, em linha recta,  
*Perseguição em prémio à Sapiência,*  
    Ao génio dura guerra.  
Nem podia evitar-se, que assim fosse,  
Sem criar uma luz, que não luzisse,  
Ou que mesmo luzindo, as vistas fracas  
    Dos homens não cegasse.

Impossíveis não podem ser remédio  
Só um existe, que desvia os males,  
Com qu'a inveja torpe fere, e honra  
Merecimento alheio.  
É fazer, com que nem o poderoso,  
Por ela dominado, possa um dia,  
Decretar, só por qu' é sua vontade  
*Ao ingenho extermínio.*  
Contenta-se o Filósofo com isto.  
E tal é a verdade, que os teus olhos  
Hão-de ver, dessas lágrimas enxutos,  
Que destes a Filinto.  
Mas inda quando o mal, abandonado,  
Sem remédio caminha ao seu extremo;  
Ah! quanto valor tem o ser Filinto,  
Ou génio perseguido!  
Produz cada País seus próprios frutos;  
Seria louco o Geta, qu'emprendesse,  
No gelo cultivar planta mimosa,  
Que exige doce clima.  
Zomba dos furações rasteira planta,  
A cana, e mais o vime, que se dobram;  
Mas não sabem vencer a sua fúria  
Nem cedros nem palmeiras.  
E poderão queixar-se, quando estalam,  
Em pedaços caindo sobre a terra,  
S'isto lhes vem da sua natureza,  
Que lhes veda o curvar-se?  
Ou ser palmeira, ou vime, ou cedro, ou cana;  
Mas ser palmeira, ou cedro, e juntamente  
Da cana, e mais do vime ter os dotes,  
Ninguém ouse esperá-lo.  
Seria baralhar a natureza,  
As cousas confundir entre si todas;  
Há-de estalar, quem for palmeira, e cedro,  
Vergar a cana, o vime.  
Mas antes ser palmeira, do que vime;  
Bem que d'Eolo às fúrias mais exposto;  
Em vez de sempre estar beijando a terra  
Põe seus olhos n'Olimpo!  
Que faz opaca nuvem, que mais pode  
Cobrando alguma vez do Sol os raios?  
Que lúgubre triunfo! Negras sombras  
São toda a sua gala!  
Nem perde nisto o Sol, nem ganha a nuvem;  
Luminoso ele fica tal, qual era,  
E nem lhe tira a luz, nem a faz sua  
A nuvem, que o esconde.  
Cai a perda somente sobre aqueles,  
A quem alumiava astro brilhante,  
Qu' ou deixa de mostrar-se por um pouco,  
Ou vai brilhar com outros.  
Um perde os frutos, que ele sazonava;



A muitos falta a luz, que os conduzia;  
Os mais tremem de medo, receando  
    A nuvem pavorosa!  
Mas ela fica sendo sempre nuvem,  
Senão mais, como dantes tenebrosa,  
E vê baldados seus disvelos todos,  
    Luzir o Sol de novo.  
Entretanto no Ponto vêm as Musas  
Acompanhar o Vate desterrado;  
Do palácio d'Augusto abandonando  
    Os camarins mais ricos.  
Nem mesmo quando neles vive Horácio,  
Pode impedir a sua companhia,  
Que vão as nove Irmãs muito a miúdo  
    Servir de Corte a Ovídio.  
Se o exílio de Córsega se escolhe,  
Com Séneca vai ter, dos Deuses filha,  
Doce Consolação, que ele por mimo,  
    A sua Mãe envia.  
Tão linda como as Graças, doce imagem  
Da bela Clóris, que serena os ares,  
Dissipadas as nuvens, que o toldavam  
    Por mais negras que sejam,  
Lá vai amaciar noutros rochedos,  
Em que a procela deita o naufragado,  
Seus agros dissabores, entre as rosas;  
    Que todo o ano brotam.  
Do mérito a favor o Céu envia  
Mensageiros iguais pelas mais Ilhas,  
Enquanto ele aos Sejanos entre pompas  
    Manda aflições, e dores.  
Até que lá por fim, Posteridade,  
Que já sem ter inveja os homens pesa,  
Bustos, Estátuas, Túmulos dedica,  
    Aos génios perseguidos.  
De quem os perseguiu a mor fortuna  
Então é não ter nome os conhecidos  
Servem de pedestal ao monumento,  
    Em seu desdouro erguido.  
Oh! quanto valor tem o ser Filinto!  
Em vez de lhe ofertar amargo pranto,  
Se é possível, dos Céus o mensageiro,  
    Procura ser com ele.  
Mandou-me em doce metro as suas mágoas;  
A própria Letra honrei no sobrescrito,  
Que recebi no Tejo quando os ares,  
    Vizinhos se toldavam.  
Quis dívida pagar, em que lh'estava  
Tentei, o que outra vez agora tento;  
Mas penso, que tomei caminho avesso,  
    Condutor descuidado.  
Por ti vou mais seguro, que das Musas,  
Visitado, bem como o é Filinto,

Com seu auxílio podes conduzir-lhe  
Esta dívida minha.  
Mais outro Julien não tenha o Vate  
Em mim, e quando já lhe faltam braços,  
Para a nado salvar-se inda mais vezes,  
Dos naufrágios da vida!  
Aceita a comissão; dize a Filinto,  
*Qu' um dos seus devedores lhe remete*  
*Esta parte de paga;* o mais sabe ele;  
Assim como o meu nome.  
E tu, sempre das Musas rodeado,  
Docemente com elas conversando,  
Ah! sejas tão feliz, quanto ele o fora,  
Se de ti dependesse.

## RESPOSTA

### À EPÍSTOLA ANTECEDENTE

Quis enim virtutem amplectitur ipsam  
Præmia si tolas?

JUVEN. *na mesma Sat. 10. V. 141.*

**D**O Mérito insultado, ou desvalido  
Bem que folgue a Insolência, a Inveja ria,  
Que peito ser humano e ser de bronze  
Pode ao tocante aspecto?  
« Do bom Filinto pranteando os males, »  
Tu dizes que os meus olhos se turvaram.  
Com razão lhe dei pranto; eram desastres  
De Lísia o que eu chorava.  
Mas através do tenebroso luto  
Que a mente me assombrou, na etérea rota  
Vendo Filinto reluzir, qual astro,  
Que surge d'atra nuvem,  
Por cima dos revezes, e dos anos  
Vendo passar seu nome à eternidade;  
Da sabia Astreia me enxugava o pranto  
A mão compensadora.  
Pesando a sorte dos mortais na terra,  
Túmulo e berço a dor vejo formar-lhes;  
Sem que dela se exima esse intervalo,  
Que breve ambos divide.  
Por Lei geral o pranto aos homens coube.  
Ah! Tu assim c'ó meu simpatizaste.  
No amor da humanidade a nobre origem  
Soubeste descobrir-lhe.  
Posso enganar-me, sim; mas se me engano,  
Deixa-me essa ilusão, que a mente alegra.  
No amor da humanidade erros não vejo  
Que ingénua dor desmintam.  
Se gemo de Filinto à desventura,  
É porque ela da pátria o Luto aviva.  
Luto que entre as nações teve intervalos  
Só entre nós perene.  
Da história essas lições que sábio apontas,  
Esta acerba verdade hão-de mostrar-te.  
Folgue ou gema a Virtude noutros climas,  
Não muda em Lísia a sorte.  
« Sócrates, Focion » viu sim a Grécia  
Vítimas da cabala, e da injustiça,  
Mas também viu Sólon, viu ter Licurgo  
Mais do que humanas honras.

« No Ponto desterrado acaba Ovídio»  
 Mas de seu opressor gozando as graças  
 Virgílio, Horácio à purpura contíguos,  
     Passando reis, se assentam.  
 Não preciso buscar remoto exemplo.  
 Nossos dias fatais ao mando atestam,  
 Que a Tirania mais feroz conhece  
     O auxílio dos talentos.  
 De males, e de bens n'alternativa  
 Eis como em turbilhão rolando impérios!  
 E os extintos, no véu se amortalharam  
     Da tábida Ignorância.  
 Céus! nos ares de Lísia inda negrejam  
 Feias sombras de Góticas idades,  
 Que nas flores do Engenho arremeçaram  
     « Fanático granizo.»  
 De seus heróis no prémio a historia muda  
 Deixou abertos hórridos vazios  
 Que deve encher o pranto, até que o seque  
     Reformadora dextra.  
 Senão, dize-me tu, serei contente,  
 Onde existe essa estátua, esse obelisco  
 Essa rua, se quer, que ostente o nome  
     De mérito nativo?  
 O preclaro cantor da Lusa glória  
 Na pátria sem alvergue, e sem sustento  
 Acabou qual mendigo, e jaz, que opróbrio!  
     Inda sem monumento.  
 Não precisa, dirás – seu nome sobra.  
 Concedo. Mas tal honra evitaria  
 Que escritores futuros acabassem  
     No mesmo vilipêndio.  
 Se vindos desde então bárbaros dias!  
 Carpiu Virtude, expatriou-se o Génio  
 E fastosa Indolência, oca Soberba  
     O pátrio amor renderam.  
 Se caída a grandeza em vitupério,  
 Foi público labéu de Vate o nome;  
 E suspeito o Saber se tornou preza  
     Da crua Intolerância.  
 Ouviremos sem pranto esses desastres,  
 Que inda mais que em Filinto, em Lísia pesam?  
 Ah não! Lesa reclama a Natureza  
     Altamente os seus foros.  
 Milagres o filósofo não pede.  
 Bastava que à Razão submissa a força,  
 Livre qual ar, que a gera, e que a propaga  
     A voz humana fosse!  
 Livre assombros produz, e ais tem só preza,  
 Deixe-se pois, à mente o que é da mente,  
 O livre pensamento, em cujo asilo  
     Nem tiranos governam.  
 Aproveitasse Lísia os pátrios dotes,

Inveja seu fulgor não maculara;  
Nem seus nobres esforços careceram  
De protecção alheia!  
Somos poucos no mundo, e minoramos  
Inda estes poucos. Oh verdade austera!  
Não é perseguição, mas abandono  
Que faz mal à virtude.  
Contigo, ilustre anónimo, concordo  
Que seria inverter leis, que não mudam,  
Pertender que o Leão fosse cordeiro,  
Palmeira o ténue vime.  
Mas se o mar se encapela, e ruge o vento;  
Dize ao piloto, que sem leme reja  
Náufrago lenho, que guiar seguro  
Deve por entre as ondas!  
Se o Erro, da Ignorância inato filho,  
Perverte em nosso dano a natureza;  
Torná-la em favor nosso, e melhorá-la  
Regime, saber podem.  
Incultos brejos, pestilentes várzeas  
Perdem pela cultura o seu carácter,  
E hórridos venenos prestadios  
Artes humanas tornam.  
Todo o saber consiste em regular-nos  
Atentos sempre à voz da natureza.  
Sua marcha espreitemos; que outra guia.  
Não temos mais segura.  
Mas em que vasto assunto extraviar-se  
la meu pensamento? Eu divagava  
Da resposta esquecido, que os teus versos  
Nobre vate, demandam.  
Teu auxílio enviei pronto a Filinto,  
De que pago estar deve, e tu seguro,  
Como do mimo, que também lhe toca,  
E eu tive de teu canto.  
Da escolha ufano, que de mim fizeste,  
Sinto só não saber, como ele sabe,  
O nome de quem prezo; e subscrever-lhe  
O meu agradecido.

# ODE

## A FILINTO ELÍSIO

Responde à sua Ode inserta no *Investigador Portuguez*

Nos teus olhos Delmira ou Astros fito  
Que ao meu baixel, nas amorosas vagas  
Prometem brando vento  
Ou trépido negrume:  
Neles vejo se as velas desferindo  
Serenos surgirei na amena praia,  
Ou se colhê-las devo  
E me ancorar no porto.

FIL. ELYS. *Odes.*

**A**SSIM cantavas, celebrado vate,  
Horácio Lusitano, às Musas caro,  
Na linguagem de Apolo sublimada,  
Os desdêns de Delmira.  
Hoje porém em Astros mais brilhantes  
Os olhos crava contemplando atento,  
O triste aspecto, com que ouviu, teu canto  
A saudosa Ulisseia.  
Quanto é triste cantar em terra estranha,  
Disseste, outrora, sobre a foz do Sena,  
Longe das belas, longe dos Amigos  
Que adoravam teus hinos!  
Crava os olhos em Lísia, e volta à Pátria;  
Um Céu sem nuvens, Zéfiro ligeiro,  
E pródigo piloto te convida  
A demandar o Porto.  
Que mais alto penhor sagrado queres  
De sem perigo rever, airoso, o Tejo  
Onde no berço, as Musas te entregaram  
A Cítara Apolínea:  
Que o coração piedoso de um Monarca,  
Que como, caro pai, seu povo adora;  
Ah! vem corre Filinto, vem beijar-lhe  
A dextra benfeitora.  
Sobre o solo feliz, que rega o Tejo,  
Os Astros, das Ciências, luminosos,  
Lavoisier, não têm por prémio, os golpes  
Do Terrorismo impio.  
Apinhados os manes de Pacheco,  
Os manes de Galvão, e de Albuquerque,  
Todos requestam, no porvir, viverem  
Nos teus eternos hinos.  
Agora, que de novo a Lusa glória,

Qual a cantou Camões, revive heróica,  
Teu estro, que o do vate ilustre iguala,  
Será estranho a Lísia?  
Quando entrares de novo o Pátrio Tejo,  
Vires saltar do Moira a branca espuma,  
Aonde o teu Alfeno via em Nise,  
O transumpto da Cípria:  
Do pátrio rio os mudos habitantes,  
Os que librados sobre as asas vivem,  
De novo, reverás, parar suspensos  
Por te escutar a lira:  
Quando vires, da Guia, alegre, o facho,  
Sincero amigo do perdido nauta,  
Que, de Febe, no véu caliginoso  
Como Sírio cintila:  
Vendo os esbeltos torreões de Lísia,  
Dirás como Delille, oh sítio ameno,  
Caros Penates, venturosos Lares!  
De novo a vós me entrego.  
Tremendo, o nauta de feroz procela,  
Chegando à praia onde os filhinhos choram,  
Vai rasgado traquete pôr no Templo,  
Agradecido aos Numes:  
Ah, que ricas ofrendas não consagras,  
Filinto, ao Génio protector de Lísia,  
Se ofertas, da bonança, agradecido  
Os teus divinos versos!  
Então distante de Delmira ingrata,  
De Julien falaz, no ilustre Luso  
Que justo soube avaliar teus Cantos  
Acharás novo asilo.  
Os mimosos das Musas nos seus braços,  
Receberão seu Mestre; a pátria grata  
Escreverá tal dia, entre os ditosos  
Dos fastos Lusitanos.  
Já te vejo pisar o pátrio abrigo;  
Teu estro desprender assombros novos,  
Cantando a Pátria, o Príncipe, as Proezas  
Do Lusitano Povo.

F. BORGES

## ODE

### AOS DESPOSÓRIOS DO PRÍNCIPE REAL DO REINO UNIDO DE PORTUGAL, ALGARVES, E BRASIL, COM A ARQUIDUQUESA LEOPOLDINA DE ÁUSTRIA

E julgareis, qual é mais excelente,  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

CAMÕES. *Cant. 1.º Est. 10.*

OUSARIAS, tu Musa, encarregar-te  
De tão fausto, de tão prestante assunto?  
Tens de cantar os Anos do Monarca,  
E augustos Desposórios,  
Aclamação feliz, e jubilosa,  
A Conquista de Afonso e a minha Pátria  
Arrancada à Maurisma ardida e fera.  
Mais, do que podes, ousas.  
Como hás poder, já velha e decepada  
Cantar Afonso acometendo intrépido,  
E os Egas, e os Roupinhos, as muralhas  
Crespas de homens, de lanças?  
Escadas se arrimar, romper-se escadas,  
Heróis que sobem, montam nas ameias,  
Heróis golpeados, tintos de atro sangue,  
Que vão povoar os fossos?  
Ouves tinir espadas contra escudos?  
Botes de lanças, batalhões dispersos  
Clamar?... E aos sons da tuba entrar Afonso,  
Na rendida Lisboa?  
Ouves o Canto? as salvas de alegria,  
Ao dar Leopoldina a mão de Esposa,  
Na assombrada Viena? A mão, que o ceptro  
Sopesará da América?  
Leopoldina, irás ver, em novo Mundo,  
Luso Europeu Monarca, – nome estranho!  
Estranha gente, em terras, que ouro, há muito,  
Te criam, para adorno.  
Ah! se hoje, lá na Capital, na imensa  
Plaga meridional, visses os rostos  
Dos ditosos Vassalos, e os festejos  
Aos anos do Monarca!...  
Quão felizes, em franco alegre jogo,  
Travam danças, discantam Reaes louvores,  
Brindam ao nome seu largas Saúdes!...  
Que enlevo a Leopoldina!  
Iguais, e inda mais gratos regozijos



Te esperam, Noiva augusta, quando entrases  
Na barra, que em Janeiro descoberta,  
Te aguarda, há tantas Eras.

# VERT-VERT

## POEMA DE GRESSET

### CANTO I.º

VÓS, junto a quem as Graças solitárias  
Desafeitadas brilham, dóceis reinam;  
Cujo Sp'rito pascendo só Verdades,  
Desposar sabe co' a Virtude austera  
Gosto, Risos, e amável Liberdade:  
Vós, que aos olhos quereis, que vos retrate  
Duma Ave ilustre o caso mavioso,  
Musa sejais-me, e me aqueçais o Canto:  
Dai-me esses ternos sons, sons tão de affecto,  
Que a vossa Lira despediu suave,  
Quando Sultana, no verdor da Vida,  
À vossa mágoa, e amor arrebatada,  
Desceu mesquinha ao tenebroso Império.  
Os do Herói meu illustres infortúnios,  
Podem seus foros ter aos prantos vossos.  
Sobre sua Virtude, e sorte adversa,  
E erros longos da fatal viagem,  
Compor outra Odisseia fácil fora,  
E ao Leitor dormentar com Cantos vinte.  
Fácil fora, com Fábulas sedições,  
Ressurgir Deuses, ressurgir Demónios,  
Com proezas dum mês pejar dez anos,  
E com sublimes sons enfastiosos,  
Caso acerbo salmear dum Papagaio,  
Que a Eneias lhe não cede em lustre e brio:  
Como ele pio, se infeliz mais que ele.  
A sobejo Poetar sobejo enojo.  
Abelhas no voltear, as Musas voam;  
Têm vontadinhas, fogem de Obras longas,  
Tomam a flor do assunto, e vão de voo  
Delibar o matiz doutras Boninas.  
Máximas, que aprendi nas lições vossas  
São leis, que eu dou a ler nestes meus versos.  
Se mais que franco, assoalhei mistérios,  
Nos quadros meus; que ao Vulgo arcanos sejam;  
A mística Denguice, o grave Nada,  
Das Grades a arte, e clausal Requebro,  
Vosso gracejo absolverá tais culpas;  
Vossa Razão, isenta de fraquezas,  
De ensossas pequeneses vos põe salvas.  
Em vosso Sp'rito a seu dever sujeito

Nunca a esconsa ilusão tomou domínio.  
Que bem sabeis, que um rosto afeito de arte  
Menos apraz ao Céu, que a sã lisura,  
E a se mostrar aos Homens a Virtude,  
Nunca de astutos momos se servira,  
Nem feições tomaria esquivas, cruas:  
Mas sim co' esse vosso ar, ou co' ar das Graças  
Viria merecer o incenso nosso.

Em muito Autor profundo e sábio, hei lido:  
*Correr Mundo, é correr descontos grandes.*  
Que raro vem melhor quem muito vaga;  
Quem muito vai e vem, dá em vadio.  
Mais o abrigo nos val dos Lares nossos;  
E fixos Cidadãos guardar intactas,  
No paterno solar, santas Virtudes,  
Que ir por Mares prolixos, Nações bárbaras,  
Manchar nossa alma de estrangeiros vícios,  
Sobre correr curiosos, mil perigos.

O infeliz Fado, que houve o Herói, que eu canto,  
Eterno condoimento porá na alma.  
Se o duvidais, tem de atestá-lo os Ecos  
De quanta, há *Nevers*, grade, ou locutório.

Em *Nevers* pois, entre as Visitandinas,  
Pouco há vivia egrégio Papagaio,  
Cujas prendas, bizarro e nobre génio,  
E inda Virtudes, e jocosas Graças,  
Deverão ameigar a Sorte crua,  
Se dos bons corações tal fosse a Dita.  
Transplantado em *Nevers*, do roxo Oriente,  
*Vert-vert* (nome surtiu, linda Ave, lindo)  
Chegou, tão jovem, que era novo em tudo;  
E foi-lhe Dita entrar nos santos Claustros.  
Brilhante, e belo, vandoleiro, e lesto,  
Amável, franco, e qual na ingénua idade:  
Digna Ave de habitar gaiola santa!  
Digna, por seu palrar, de estar com Freiras!  
Nem descrevo o disvelo que elas punham  
No seu Louro – Sobeja dizer Freiras.  
Nem (salvo o Director) afeição tinha  
Madre aí, que à do Louro equivallesse;  
E, em mais que um coração, diz lhana Crónica,  
Vencia o amor do Louro o amor do Padre.  
Nesse Claustro de paz quinhão tomava  
Em todo o lambedor, com que ao Caríssimo,  
Freirinhas, todas mel, se afervoravam  
Sacro peito adoçar do bento Padre.  
Ali *Vert-vert*, de tanto amor ocioso  
Era alma, e centro. – Excepto algumas Velhas  
Doloridas, ciosas veladoras  
Das espertinhas Monjas, era amado  
Por todo o mais Convento o amável Louro.  
Da Razão, não vingando, ainda a idade,

Falava a bel prazer, tudo fazia  
Com certeza de agrado, e encanto em tudo.  
Alegrando o lavor das boas Madres,  
Véus debicava, e vendas, e toalhas;  
Nem havia função, que grata fosse,  
Se não brilhava ali, não rondeava,  
Vandoleava, chilreava, ou dava silvos,  
Brincalhando, (mas sempre com modéstia)  
Acanhado em seu brinco, e comedido,  
Como em jogo, e folguedo uma Noviça.  
À muita voz, que à uma, o interrogava,  
Dava, ajustado, mui cabal resposta.  
Tal, em stilos outrora diferentes,  
A um mesmo tempo, já ditara César!  
Bem vindo, em toda a parte (di-lo a Crónica)  
Comia em refeitório o Amante amado;  
Tudo era pasto a seu guloso anseio.  
Sem contar que a toda hora, alem da mesa,  
Por entreter seu papo infatigável,  
Para debique dele as algibeiras,  
De alfenim, rebuçados e de alcorces,  
Doutras mil gulodices esquisitas,  
Sempre as Madres traziam recheadas.  
Dizem que as Atenções, finos Disvelos  
Nas Freirinhas dessa Orde' orige' houveram.  
Feliz *Fert-vert*, sentias-lo a cada hora!  
Mais mimoso, que Louro algum do Paço,  
No belo Porcionista era a ânsia toda.  
Em ócio nobre, os dias lhe volviam.

De uso, no Dormitório tinha cama,  
Na Cela, em que, a seu grado, punha o fito.  
Ditosa, e mui ditosa a Sóror, que ele  
Se dignava de honrar, com a pessoa,  
Todo o fio da noite, no aposento.  
Das Discretas anciãs, muito de raro,  
Cela acolhia ao Louro; penhorava-lhe  
O agrado a da Noviça alcova nítida.  
Porque d'asseio em tudo dava provas;  
Sabei, que muito o asseio o namorava!  
Quando, à noite, ao deitar-se, a jovem Monja  
Sozinha, se encerrava em seu retiro,  
Repousava *Fert-vert*, té o nascer da Alva,  
Na Caixa de *Agnus Dei*. Quando, desperto,  
Se erguia a fresca Freira, nas nuezas  
Matutinas cevava ávidos olhos.  
Digo a furto nuezas e toucado,  
Que hei lido: « *Espelhos tão fiéis competem  
A compor véus, que a pôr rebiques, rendas.* »  
Com Artes, e bom Gosto, o adorno e Modas,  
Para as Cortes nasceram, para o Mundo:  
Para os Claustros nasceu dar lindo jeito,  
E garbo aos véus, e às pregas da Estamenha,  
Dos Amores foliões o enxame, às vezes,

De donaire à, que a fronte, vanda, cinge,  
 Mil graças à toalha tremulante:  
 Mirar-se e remirar-se ao douto espelho,  
 Co' ele, de olhos, da boca, e da cabeça  
 O ademan consultar, compor sorriso;  
 À visita que spera armar no rosto  
 Alegre, desdém, ternura, ou tédio,  
 É cartilha, que se acha em cada cela.  
 De manso o digo; e que ninguém nos ouça:  
 E ao nosso Herói voltemos, sem mais frases.  
 Lá viva sem lidas, sem enojos,  
 Reinando, sem partilha, em todo o peito.  
 Pardais, por ele, os olvidou Sor Tecla,  
 Seis Canários, de zelos, lhe estouraram:  
 Dous Murganhos, outrora seus validos,  
 Definhavam de tábidas invejas.  
 Quem dissera, que em dias tão donosos  
 O educavam morígero, e sem fruto!  
 Que tem de sustos vir, tem de vir crimes,  
 Em que *Vert-vert*, terno ídolo das almas  
 Seja assunto tristíssimo de horrores!  
 Pára, oh Musa, e me põe estorvo às lágrimas,  
 Que irão soltas, ao ver-lhe tais desastres,  
 Fruto amargo dos estremados mimos!

## CANTO II.º

**D**E escolas tais bem credes vós que o Aluno  
 Não é baldo no dar à taramela.  
 Como uma Freira pois, discreto o Louro,  
 Excepto enquanto come, bacharela.  
 Verdade é que falava como um Livro,  
 E num tom confeitado em grã decência:  
 Não como esses altivos Papagaios,  
 Que loureiros formou muito ar mundano;  
 E, por bocas mundanas doutrinados,  
 Das humanas vaidades nada ignoram.  
 Devoto era *Vert-vert*, alma inocente,  
 Por inocentes Guias conduzido;  
 Nunca lhe ideia entrou do mal, nem coube  
 Palavra não modesta em sua boca:  
 Cânticos, sim, Colóquios muito místicos,  
 E *Oremus* de primor cantava a fio.  
 De *Maria Alacoque* insignes rasgos  
 Sabia, e assaz porção do Solilóquio.  
 Era grão gosto ouvir-lhe um *Benedicite*,  
 Um *Madre nossa*, um *vossa Caridade*.  
 Sabei que, em douto Claustro, tinha o Louro  
 Quantos meios ao bom-saber conduzem.

Freiras lá achou tão sábias, que em seus cascos  
Palavra por palavra tinham quantos  
Natais pariu moderna, e antiga Idade.  
Por frequentes lições instruído o Aluno,  
Deu sota e ás às Mestras, deu codilho.  
Macacando-as no tom, na voz, nos gestos,  
No pausado, no pio, descambava  
Santos suspiros, lânguidos acentos  
Do Canto dessas Pombas gemidoras.

Acanhado num Claustro tanto mérito,  
Por fora desbordou, de si deu brado;  
Assoalhou-se em *Nevers*: manhãs, e tardes  
De al não falavam, que das lindas cenas  
Do Louro dessas Freiras tão ditosas.  
Corria de *Moulins* a Gente a vê-lo:  
Nem da grade *Vert-vert* se despegava.  
Sor Melania, em toalha branca, e fina,  
O punha ali; contava aos espectadores  
Sua infantil meiguice, e airosas prendas;  
E o seu gesto, que os corações prendia:  
Depois dava a admirar-lhe as lindas cores.  
Mas do meigo Neófito a lindeza  
Era a porção menor de tantos méritos.  
Que escurecia prendas, e atractivos  
Mal que, soltando a voz, tudo enlevava.  
Ornado, e cheio de sainetes santos,  
Em que as jovens Professas o amestravam,  
Rompia o ilustre Louro a sua récita:  
Novas figuras, novo encanto vinha  
Variar a cada instante as suas falas.  
Louvor único seu, louvor negado  
A quanto palrador perora em público.  
– Ninguém, nesse auditório adormecia. –  
A que Orador, jamais, sucedeu tanto!  
Ouviam-no, gabavam-lhe a memória:  
E ele adestrado no que bem convinha,  
Bem convicto do nada que é a Gloria,  
Se enrufava em devoto acanhamento,  
E em modesto triunfo se humilhava.  
Folga dada ao chorrilho da Ciência,  
Fechava o bico, o corpo balançava  
Agachado, e num ar bem santo e místico,  
Com que a Gente deixava edificada.  
Quanto disse eram frases mui donosas,  
Frases mimo: – salvai-lhe certos ditos  
Praguentos que entre moças têm seu uso:  
Ele acaso os bebeu, no andar por grades,  
Ou, na Claustal conversa das Freirinhas.

No delicioso ninho assim vivia  
Senhor, e Santo, e consumado Sábio  
Padre *Vert-vert*, de mais duma Hebe amado.  
Qual gordo Frade, venerável, belo  
Como um Amor; como um Abade, instruído,

E sempre amado, e sempre dando a amar-se  
 Cortês, mas sobre si, cheiroso, e asseado,  
 E, a nunca haver viajado, feliz Ave!  
 Mas eis que assoma o prazo da amargura,  
 Aziago prazo, que lhe eclipsa a glória.  
 Oh Crime! Oh Crua, oh deslustral lembrança!  
 Porque arrancar da História no-la vedam?  
 Quanto arriscado corre um nome ilustre!  
 Val-nos obscura sorte melhor Dita:  
 E no exemplo, que aponto podem crer-me.  
 Crebros sucessos bons, crebros talentos  
 Descaminham bem vezes os costumes.  
 Teu nome, oh Louro, e as nítidas proezas  
 Não se encantoaram lá nesses teus Climas:  
 A Fama apregoou as prendas tuas,  
 E até *Nantes* levou o teu renome.  
 Lá seu redil Visitandinas Madres  
 (Que em saber tudo, não se dão por últimas)  
 Têm; como a todos é patente e claro.  
 Ora entre elas toou o eco primeiro,  
 Que rompeu novas do gabado Louro,  
 Desejo lhes cresceu de vê-lo, e ouvi-lo:  
 Desejo em Moça é fogo que arde e queima,  
 Desejo em Freira é chama que devora.  
 Corações a *Nevers* vão já voando,  
 Já, por uma Ave as mentes desatinam.  
 Cartas, mais Cartas mandam à Abadessa,  
 Pedindo venha o tão donoso Louro,  
 Desça o *Loire*, e à *Nanteza* praia abique:  
 Que algum tempo em seus Claustros se demore,  
 Da glória sua, e dos aplausos logre,  
 A desejos tão ternos outorgando-se.  
 Partem Cartas: e partem co' elas ânsias,  
 De quando hajam resposta! – Andarão séculos! –  
 – Doze dias? – De anelo morreremos. –  
 Apertam-lhe com Cartas. Sor Cecília  
 Desmaia-se, definha-se às tardanças.  
 Chega a Carta a *Nevers*. – Ao grave assunto  
 Coube chamar as Madres a Capítulo.  
 De primeiro, deu ira o peditório,  
 « O nosso Frei *Vert-vert!!!* Antes morreremos.  
 Em tais Tumbas, e Torres descampadas,  
 Que há ser de nós, ausente o amado Louro?»  
 Tais ditos soltam as mais jovens Monjas,  
 Cujas almas activas, e de ócio fatigadas,  
 Para o ingénuo prazer se abria toda.  
 Certo! que para um bando aferrolhado,  
 Que carência sofria doutros pássaros,  
 Era esse pobre Louro, a *parva quantitas*.  
 Por acórdão das Madres Assistentes,  
 Presidentes antigas dessa Cúria,  
 Cujas almas só sentia amores frios,  
 O donoso Pupilo era enviado,

Por quinze dias. – Que as prudentes Madres  
Temiam que o negar-lho com porfia  
Não lhes ponha de avesso as Sors de Nantes.  
Julgou-o assim o Estado entoalhado.

Seguiu-se ao Bil das Miledis dessa Ordem  
Grão spalhafato na freiral República.

« Que sacrifício! E há quem tal caso sofra!

É pois certo? (exclamou Sor Serafina)

Parte o Louro e nós inda temos vida?»

A Madre Sacristã, por outra parte,

Tem três desmaios, dá quatro suspiros,

Chora, freme, esvaece, e a fala perde.

Põem-se todas de nojo; e essa partida,

Negro agouro lha pinta aziaga, e fúnebre.

Nocturnos sonhos de atro horror trajados,

Do infausto dia os sustos lhes redobram.

Chega o funesto instante. Oh vãos pesares!

Tudo, na fatal praia é pronto, e o espera.

Cumpre o último adeus soltar ao Louro,

E dar princípio triste à ausência larga.

Já cada Sor, saudosa Rola geme,

E a enfadosa viuvez chora adiantada.

Quanto beijo a *Vert-vert*, na despedida!

Quantos receios não ergueu magoados!

Esta daquela o arranca, o lava em lágrimas:

Quanto é mais perto de encetar partida,

Mais juízo lhe encontram, mais encanto.

Ei-lo que passa a Roda do Mosteiro...

E co' ele passa o Amor: fica a Saudade.

« Vai, Filho meu, vai onde a honra te chama:

Donoso volta, volta sempre fido;

Levem-te sobre as ondas brandos Zéfiros;

Enquanto em ócio triste me amarguro,

Triste, incógnita, e sem nenhum consolo,

Neste forçado exílio, ao desamparo.

Parte, *Vert-vert*, e em mui feliz jornada,

De Amores o Morgado te avaliem.»

Duma Filis freirinha o adeus foi este;

Freira, que entre os lençóis tinha à surdina

C'o fim d'aproveitar insulsas horas,

Por contas e ripanço, a *João Racine*;

E que (certo!) com grande peito houvera

Seguido a Ave palreira, Claustro em fora.

Foi feito: ei-lo que embarcam o Meliante,

Téqui virtuoso, e, em seu falar, modesto.

Praza a Deus, que constante em sãos costumes,

Torne ao Claustro, qual vai virtuoso, e ingénuo!

Lançado é o dado: – os remos a água varrem,

Co' a revolvida onda o ar retine,

Ergue-se a arage', a soltas velas, partem.

CANTO III.º



A mesma Nau veleira e vagabunda,  
Que com a Ave beata o argento sulca  
Duas Ninfas, três Dragões também levava,  
Uma Ama, dous Gascões um Frade *et coetera*,  
Para um Aluno que saiu do Claustro  
Foi deparar com Sócios mui de escolha!  
*Vert-vert* que lhes ignora o termo e usanças  
Estranho se acha ali, em Terra estranha:  
Nota as novas lições linguagens novas.  
Suspenso em tal estilo que não colhe  
E que estilo não era de Evangelho,  
Nem ressabe às piedosas conferências  
Nem Oração mental, trechos da Bíblia  
Que entre brandas Vestais ouvia a miúdo;  
Más pulhas não Cristãs, chufas grosseiras;  
Que os Dragões são ralé muito indevota:  
E ora ajuntai Gascões, juntai Michelas,  
Qual sainete entoassem, vós julgai-o.  
Descridos blasfemavam os Marujos;  
Era ver como em Deus aconsoantavam,  
Com recacho, e desplante firme, e teso:  
Sem perder letra, os termos escarravam.  
Confuso, em tal balborda! e atado o Louro,  
Se encolhia em silêncio, ali, forçado.  
Dar-se a mostrar não ousa triste e tímido;  
Nem sabe, em si, que pense nem que diga.

Querem por grão favor, que o pensativo  
*Vert-vert*, durante a viagem, desembuche.  
C'um tom pouco monástico, Frei Frade  
Traça, que palre o belo melancólico.  
Meigo o *Vert-vert* toma ares de doçura,  
A suspiro metódico dá largas,  
Dum tom pedante solta um: *Ave, Soror*.  
Aqui cai no coitado a surriada,  
Se espraia o desaforo da investida.  
Ei-lo chofrado o pobre do Noviço,  
Que em si computa haver não-bem falado.  
Que mal as tais Michelas o aturassem,  
Se não fala o idioma dos Consócios.

Nascera altivo, e havendo até este átomo,  
Tido o sustento de elogial aroma,  
Faleceu-lhe a Constância, co' a Modéstia,  
Neste assalto de cível menosprezo.  
Perdendo a paciência ali o Louro,  
Co' ela a Inocência se esvaiu primeva.  
Já, amaldiçoa ingrato, e fementido  
As suas Mestras, as queridas Sorors,  
Que não lhe ornaram a alma co' as finuras  
Tão donosas, da chula francesia,  
Desses sons tão nervudos, tão garridos.  
Põe todo o peito nesse novo estudo,  
Fala pouco, mas tem o ouvido alerta.

Nada tendo de lerdo, e a abrir campo  
 Às novas elegâncias que conquista,  
 Atira-se a espancar por todo sempre  
 Quanto balhestro a mente lhe atulhava;  
 Pôs, (menos que em dous dias) tudo à tuna.  
 Tanto a language', o namorou, Dragona,  
 Em que mais garbo achou, que em sons freiráticos!  
 O eloquente animal, num *Sancti-amen*,  
 (Entra, sem casto, o mau, na gente moça!  
 Do Louro falo, que eloquente, e dócil,  
 Se viu cabal, com o aferrado estudo.)  
 Já pragueja, arremata, desadora  
 Como *Algarve*, – e é Diabo em pia benta.  
 O axioma desmentiu, que os grandes crimes  
 Se cometem graduais. Sem noviciado,  
 De alto bordo, em delitos, foi professo.  
 Soube estampar com cunhos na memória  
 Dos Barqueiros do *Loire* o *ABC* chulo.  
 Mal que um deles num frenesi, rasgava  
*Belzeb...* logo *Vert-vert* lho dava em ecos;  
 Choviam-lhe os aplausos da matula.  
 Contente, e ufano do estudado mérito,  
 Dessa honra vergonhosa fez só caso;  
 Deu-se a agradar à embaidora corja,  
 E aviltando a nobreza culti-parla,  
 Foi profano Orador o beato Louro.  
 Como obter poudo o embaidor exemplo,  
 Dar ao Diabo, um, do Céu, coração novo!  
     Nesses dias, durante as tristes cenas,  
 Que era feito de vós nos ermos Claustros  
 De *Nevers*, castas *Filis* saudosas?  
 Quanta novena, oh míseras! fizestes  
 Por um ingrato, indigno bandoleiro,  
 Que de novos amores ocupado,  
 Tinha em pouco a dor vossa, e tais novenas!  
 Rondavam pela cerca do Mosteiro,  
 Tristes enojos, ânsias e amarguras;  
 Solidão era a grade, e o Locutório:  
 Quasi quasi o silêncio era observado.  
 Cessai votos: *Vert-vert* os desmerece:  
*Vert-vert* Ave não é de grã valia.  
 Esse Louro de génio comezinho,  
 De fervor d'alma, e coração tão puro,  
 Quereis que vo-lo diga? – É um malvado,  
 Blasfemador de escacha, insigne Apóstata.  
 Leves Euros, aquáticas Nereias,  
 De vossas lidas hão colhido a seara.  
 Que há hi gabar extremos de ciência?  
 Grande ingenho que val, baldo à virtude?  
 Nele não mais cuideis. Sem pejo o infame  
 Fez puto o coração, puto o talento.  
     Portanto, vai já próximo de *Nantes*,  
 Onde insofridas languem tantas Sorors,

E a cuja ânsia tão tarde o Sol assoma  
 E o Sol dos Céus tão tarde se despede.  
 Lisonjeira Esperança, em tais enojos,  
 Sempre engenhosa no saber lograr-nos,  
 Um cultivado ingenho lhes promete,  
 Num bem-criado nobre Papagaio  
 Meiga a voz, termo honesto, e tom beato,  
 Afeitos d'alma sãos, perfeito mérito.  
 Mas, oh dor! oh speranza fementida!  
     Chega a Barca, e a barcada salta em terra.  
 Sentada ali, no cais, certa Rodeira,  
 Que (após que a Carta caminhou primeira)  
 Vinha ali cada dia tomar pouso,  
 Pela onda errante os olhos alongava,  
 Clamando, apressurando a tarda Barca.  
 Viu-a o Herói ladino, e pela pinta  
 Conheceu-lhe a ralé, no abrir dos olhos  
 Mesurado e coberto, e a voz finada,  
 No largo manto, na estamemha fina,  
 Na pequenina Cruz, nas luvas brancas;  
 Deu-se a perros; – a Freira, deu-a ao Diabo.  
 (Não é invento meu: contou-mo a Crónica.)  
 Antes ir c'um *Dragão* levara em gosto,  
 Cujo aranzel garoto assaz sabia,  
 Que ir de novo aprender as Ladainhas,  
 Cerimónias claustrais, claustrais medidas.  
 A despeito é forçoso ao meu tunante  
 Entrar no gasalhado que abomina.  
 Dá berros, dá dentadas na Rodeira,  
 Morde enraivado ora ombros, ora a nuca,  
 Todo o caminho. A custo entra no Claustro  
 A *Beata*, e da chegada informa as Madres.  
 Rebenta gran rumor, grande alvoroço.  
 Corre o sino em festejo da notícia;  
 Deixam Vésp'ras, dá-lhe asas o desejo:  
 «É *Vert-vert* que chegou, vamos falar-lhe!»  
 Vão todas de tropel, encontrando-se;  
 Mesmo as velhas, em seu andar simétrico,  
 O peso olvidam dos serôdios anos,  
 Remoçam-se, e até a geba Sor Angélica,  
 Dês que é viva, correu a vez primeira.

#### CANTO IV.º

**M**AS já o vêem. Nem há faltar os olhos  
 Na formosura do pasmoso Louro.  
 Tinham razão: que quanto menos era  
 Bom, tanto era mais belo esse magano  
*Petit-mètre* o ademan, o olhar guerreiro,  
 Lhe dão novo quilate à formosura.  
 Brilhar, oh Céus! tão ternos atractivos

Na frente dum traidor! que se não possam  
 Distinguir, conhecer corações pérfidos  
 Pelos rasgos disformes dos semblantes!  
 No admirar quanto o Louro encanto encerra,  
 Todas, dum tracto as Sors taramelavam;  
 Tal zumbido lavrava, e tal balborda,  
 Que a estouros de trovões seriam surdas.  
 E ele, sem se dignar, em tal azoada,  
 Soltar *Jaculatória* ou *Benedicite*,  
 Dava ares dum chorudo xabregano:  
 Primeira culpa. Esse ar tão descocado  
 Todo o fêmeo redil scandalizou:  
 Culpa segunda: quando Augusta a Madre  
 Prioresa, entranhada em pio afeito,  
 C'ó libertino Louro abriu colóquio,  
 Ele moquenco, safio, e desdenhoso,  
 Sem atentar no horror que proferia,  
 Com vozes dum bargante lhe responde:  
*Voto a tal, que as tais Sorors são bem párvoas!*  
 Conceito que ele ouvira (diz a Crónica)  
 Na viagem, a certo traste Passageiro.  
 Sor Cristina, que ouviu tal parouvela,  
 Com voz confeitada em mel, lhe diz que cale:  
 « Caro Irmão, ditos tais não são dum Louro!»  
 Então o estúrdio indócil, crespo e trêfego,  
 A pôs à curta, mui de maço e mona.  
 « Anjo bento! O malvado é feiticeiro,  
 (Disse a Sor) tem na pele o *Grão tinhoso*,  
 E dão-nos por divino um tal bargante!»  
 Ei-lo, que, qual pendura de patíbulo,  
 Vai às últimas: *Peste te arrevente!*  
 Corre a turba a enfrear-lhe a linguarada:  
 Mas cada uma levou chasco marujo.  
 Motejando as Freirinhas delambidas,  
 Lhe arremedava as iras bacharelas;  
 Arremessado às velhas, dos seus ralhos  
 Vertidos do nariz zombeteava.  
 Peior, quando em teor de Barbaroxa,  
 Agastado de tais sensaborias,  
 De raiva himpando, borbotava cóleras,  
 Destampando-lhe as mais horrendas chufas  
 Que na Barca aprendeu. Gafo gaiato,  
 Já pragas, *voto a tal*, com grito infame:  
 Todo o inferno passou nessa revista;  
 Bolhavam-lhe no bico *Cassos, Borrás...*  
*Mil balas, mil trovões, cornos do Demo!*  
 (Gregos verbos, no ouvido, às Freiras Moças!  
 Termos de horror a que estremece a grade!)  
 E espavorida a corja entoalhada,  
 Com mil sinais da Cruz arranca a fuga.  
 Dão por vindo, e já à porta, o fim do Mundo.  
 Perde o último dente, de narizes  
 Caindo, a Cunegunda Madre, ao ir-se

Esconder, tropicando, nas cafurnas.  
C'uma voz sepulcral da ouca dentuça  
Sor Bibiana gritou: « Misericórdia!  
Quem nos manda, oh Jesus! tal Anti-Cristo?  
Tal Demónio incarnado? Em que consciência  
Coube tal praguejar como um prescito?  
Ei-lo pois o saber, ei-la a agudeza  
De *Vert-vert* tão querido e apregoado!  
Pô-lo fora, e que vá torna-viagem .»  
*Sor Escuta* – « E em *Nevers*, as nossas Sórors,  
Têm de estilo linguagem tão perversa?  
Que lições para dar à mocidade!  
Que hereje Papagaio! – Oh! cá, não entre;  
Nem com tal Lucifer o inferno inteiro  
Venha a guarda montar, nos nossos Claustros.»

Por cabo, e por arresto, ei-lo em gaiola  
Palreiro scandaloso; e sem tardança  
Mandado de retorno. Do tal gírio  
Essa era a mor cobiça! Ei-lo proscrito,  
Detestável, convicto e condenado,  
Que urdiu ataques à monjal virtude.  
Mas assinando o arresto, o réu carpiam:  
« Que dor (diziam) no verdor da idade,  
Com tão formosas plumas, depravado!  
Com ares dum pagão, alma dum réprobo,  
De sáfia condição chapado birba!»

Sem morder a Rodeira, como à entrada,  
Se embarca, e lá num Cóe, que abriga a popa,  
Se embetesga, contente em se ver longe  
Da triste grade, que lhe dera enojo.

Nessa prolixa infortunosa *Ilíada*,  
Que desespero o teu, quando voltaste  
À antiga casa, e deste o chulo scândalo  
Às Madres sem consolo! os olhos lágrimas,  
Turvo o juízo, horror no senso da alma!  
Entram nove *Discretas* reverendas,  
Que afiguravam bem séculos nove,  
Com mantos de arrastar, véus mais que dobres.  
Voto a favor, não hás, *Vert-vert*, lá, tê-lo.  
Sor que advogue por ti lá não deparas:  
Penitente ali stás, só, sem padrinho.  
Duas sibilas morte hão já votado;  
Menos tontas condenam-no outras duas  
Ao chão que o viu nascer, c'o fusco *Brâmane*.  
Votam, concorde, as cinco que inda restam,  
Castigo de dous meses de abstinência,  
Três de retiro, e quatro de silêncio.  
Toucados, pão de ló, jardins, e alcovas  
Defesos. Nem dá fim miséria tanta;  
Que por Guarda lhe dão, por *Carcereira*,  
A *Erinis* do Mosteiro, Sor *Conversa*,  
Velha *Serpe*, esqueleto octogenário  
A penitente Louro apta caveira!

Mau grado ao Velador Argos impio!  
 Nas vagas, vezes mil, amáveis Sorors  
 Vindo carpir com piedosa mágoa,  
 Do degredo os rigores lhe ameigavam.  
 Tornando de Matinas, Sor Rosália  
 Mais duma vez amêndoas lhe trazia.  
 Mas a preso, e de ser livre saudoso,  
 O mais fino alfenim torna-se azebre.  
 Todo pejo, ensinado por desditas,  
 Ou da importuna guarda desgostado,  
 Começou nosso Louro a compungir-se;  
 Dos Dragões se esqueceu, e do Capucho,  
 E unísono co' as Madres (mais devoto  
 Que um Cónego) em seu ar, seus ademanes,  
 Da sua conversão penhor seguro  
 Deu ao velho Divã: este ao converso,  
 Desarmada a vingança, deu soltura.  
 Oh feliz Dia! Dia de alto júbilo!  
 Todos instantes teus Ternura emprega-os,  
 E pela mão de Amor serão fiados.  
 Que digo! Oh desleais prazeres míseros!  
 Oh delícias mortais! vãoos incentivos!  
 Juncam flores os longos dormitórios,  
 Leve o piso, o Café perfeito, e os Cânticos,  
 Arruído amável, liberdade plena,  
 Nada anuncia próximos pesares.  
 Mas oh das Sorors dons nímio-grandiosos!  
 Passar duma mesquinha e longa dieta  
 Súbito à mesa opípara de doces,  
 Em licores arder, farto de açúcar...  
*Vert-vert* se atira a um combro de pastilhas;  
 E o que eram Rosas tornam-se em Ciprestes.  
 Em vão sua alma errante, e último alento  
 Traçam retê-lo as Sors. – O seu fado último  
 Esses doces excessos lho apressaram!  
 Do terníssimo amor ditosa vítima,  
 Nos braços do prazer bebeu a morte.  
 Deixou pasmos co' as vozes derradeiras;  
 E Vénus veio as pálpebras cerrar-lhe;  
 E levando consigo a Elísios bosques,  
 Entre Heróis Papagaios colocou-o,  
 Junto desse que o Amante de Corina  
 Sabedor o cantou, se o carpiu morto.  
 Quem há que narrar possa as saudades  
 Que e o Louro deixa? A Sor Depositária  
 Foi quem compôs a circular Epístola,  
 De que eu tirei o caso desastroso.  
 A fim que chegue aos últimos bisnetos,  
 Tirou-se ao natural o seu transumpto;  
 Mais duma dextra, pelo Amor guiada,  
 Em nova vida restaurá-lo soube;  
 Foi pintado *Vert-vert* e foi bordado:  
 E a Dor lidou em orvalhar de lágrimas

De *Vert-vert* os bordados, e as pinturas.  
Quantas honras aos Pássaros famígeros  
Sabe dar o Helicon, todas lhe deram.  
Foi posto Mausoléu junto a um murteiro,  
Que o cobre inda hoje com cheiroso aroma.  
Lá as ternas Artemisas lhe sculpiram  
Em letras de ouro, no durável pórfido,  
E entre as flores, os versos lhe estamparam,  
Que, sem prantos verter, ler-se não podem.

#### EPITÁFIO

*Noviças, que a palrar ao Bosque vindes,  
A furto (aqui) das Madres,  
Suspendei um instante a voz palreira;  
Ouvi nosso infortúnio:  
Se a mudez vos agasta, e que é já longa  
Falai: mas falai prantos.  
Nossas mágoas ouvi em suma breve:  
Jaz Vert-vert, e aqui nós, co' ele jazemos.*

~~~~~

Dizem porém (e eu findo aqui meu Conto)  
Praguentos, que no Mausoléu não moram  
Os Manes de *Vert-vert*; que o seu Esp'rito  
Se fora aposentar na alma das Freiras,  
Passando duma a outra, em Metempsicose,  
Com todo o seu palrar, sua chibança.

Fim do Poemeto de *Vert-vert*

# ETIMOLOGIA

## DE LOUÇÃO E LOUÇANIA

DEDICADA

AO SENHOR TIMÓTEO LECUSSAN VERDIER,  
MEU CONSTANTE AMIGO D'ALÉM DE 40 ANOS

Divinare etenim mihi mat,nus donat Apollo.

HORAT. *Serm. Lib. 2. Serm. 5.*

DOUTAS obras a um Douto of'recer cabe,  
E ao meu *Verdier*, que leu cem cartapácios,  
Que ou sabe *Arábio*, ou sabe *Arábias Álgebras*,  
Eu que sábio não sou, vou mui rasteiro  
Of'recer-lhe *Loução e Louçania*:  
Não que eu confie em mim; confio em sábios  
Que em sabença hão *metido lança em África*.  
Ouçam: que enceto, abocanhando *Grego*.  
Quem chinca a língua em que campou *Homero*,  
Bem aventa que *Hígia, Hidropisia,*  
*Hipocrisia* e a mais matula em *ia*  
São talos da tronchuda couve Grega.  
Mas, com toda a *Greguice*, quantas cincas  
Sábios não deram de *Loução* querendo  
Dar-nos o tão absconso Nobiliário.  
Eu, Mísero pedante, atinei co' ele.  
Envergonhai-vos sábios palradores  
Persas, Chins, Babilónios, Cochinchinos,  
Enfronhados em gordos dicionários:  
Cuidais haver subido ao *Sete-estrela*  
Da perspícaz ciência etimológica?  
Cesse tudo o que gabam de ciência;  
O que a pena escreveu, saiu do prelo:  
Que outro saber mais alto se levanta.  
Aqui é, que eu, em *Etymons*, sou gente.  
Nas Itálias, *Faenza*, há muito, tinha  
Ingenhos apurando dado às mesas  
Branca *Louça* esmaltada: os azulejos  
Ornavam Régias Casas e Plebeias:  
Quando o Gama soltando ousadas velas  
À vulnífica proa, entre as espumas,  
Sulcava espáduas bravas de Neptuno:  
Tinha do Adamastor ouvido as iras;  
Um novo Mar saudado o roxo *Eóo*;



E as vencedoras Quinas tremulavam...  
(E como acham o tal vômito de Épica?)  
O tudo era entrar lá: – dali ver Goa,  
Dar um passo ao Japão, dar outro à China,  
Era um cuminho a afoutos Lusitanos.

O afouto Mendes Pinto a quem perigos  
De Terra e Mar não descoraram nunca,  
Palmilhou areais; rompeu por brenhas;  
Largos rios nadou trepou por serros;  
Viu-se areu com Leões, com Crocodilos;  
No traseiro, d'açoutes grandes surras  
Gramou, – paulada, e muita, no costado;  
Com Santões conversou, com Bonzos, Grepos,  
Menigrepos, Rolins e Talagrepos;  
(Da nossa multiforme fradaria  
Antes fonte primeira, que transumpto.)  
Padres todos mui doutos, mui sisudos...  
E a que fim? Por que conte lá na Aldeia  
Junto do lar em noite hiberna e fria,  
Aos Labregos que a boca abrem de espanto  
O muito que sofreu, muito que andou:  
Como usa outrem contar sediça história  
Das *três Cidras*, da *Gata borralheira*.

C'o Mendes palmilhou *Pero Solano*,  
Home' amante do rico, belo e raro:  
Que apenas no *Japão*, na *China* apenas,  
Co' as finas deparou douradas Chávanas, <sup>[xli]</sup>  
C'os pratos, (quinta essência no esmaltado)  
*Não ficou homem, não; mas mudo e quedo*,  
Deu ares duma *Státua do Segredo*.  
Admirava-os, beijava-os, como os *Turcos*  
Hão beijar das *Huris* os pretos olhos.

Partia para a *Elísia* nau veleira:  
Da Louça, que empalhou, recheou caixas,  
Que a amigos, que a parentes remetidas  
Por eles (alto o som no excelso encómio)  
Deu gran berro em *Lisboa* e nas Aldeias.

Era de ver as Damas as mais guapas  
No primor de tal *Louça* embevecidas?...  
Já à *Louça* alude quanto os gabos pede:  
O amante é já *Loução*, se antes bizarro;  
*Louçã* é toda a cara de tauria;  
Jóias, *Louçãs*; *Loução*, quanto tareco  
Encerra o toucador. *Pero Solano*,  
Que a *Portugal* mandou tal *Louçania*,  
Nome eterno ganhou. *Perosolana*  
Glória abarcou os términos do Mundo;  
E, enquanto houver Japão, fama perene.

De *Louó*, que é lavar no grego *Léxicon*,  
Deduz o meu *Verdier* o termo *Louça*,  
E eu creio que atinou: que os nossos *Lusos*  
Greguíssimos avoengos, descartando  
Godos, Mouriscos, termos engasgados

Tomaram vozes de boleio grego  
Com que o descarte por melhor supriram,  
    *Verdier*, quanto val ter lido histórias!  
Ora *Loução*, de Louça que se lava,  
Enxuga, alimpa, e brilha num instante  
É paridura; o verbo grego *Louô*  
Foi seu pai; como a língua grega há sido  
*Eva* de vozes mil, que hoje povoam  
De *Lusos Léxicons* compridas laudas.  
*Louça* pariu *Louçã*, *Louçã* parindo  
Deu *Louçania* à luz deu *Louçainhas*,  
Que são tudo o que enfeita as nossas Belas.

    Quanto é grato admirar uma Menina  
Inglesa e de *fashion*, c'o escarapate  
De chic'ras, Bule, Chá, e Açucareiro,  
C'roa de recheio da redonda mesa!  
Na água fervente lava as persolanas  
C'os dedinhos de anéis (astros vislambres)  
E com gala enxaropa os circunstantes!

    Quando o haver todo este Orbe palmilhado  
A mais não nos valesse que a achar chávanas,  
Que dedinhos de anéis industres lavam;  
A achar pratos de fino, de áureo esmalte,  
Que ufanos Trimalchões com fruta of'recem  
De precoce estação às *louçãs* Damas;  
Útil foi já ter palmilhado o *Pinto*  
C'o *Solano*, o *Japão* e a larga *China*.

# ODE

## A DUARTE PACHECO

Per damna, per cædes, ab ipso  
Ducit opes, animumque, ferro.

HORAT. *Lib. 4. Od. 4.*

QUÃO Malvados!... Roer na fama ousaram  
Do impávido Pacheco! As mesmas pedras  
De Cochim gritaram aos Céus vingança.  
Pacheco, que as salvara  
Do jugo Samorim! Nos grossos ferros,  
Que lhe cingiu a Inveja, e na masmorra  
Reluz, e cega os olhos da Calúnia  
O luzeiro do Herói...  
Vejo artilhadas Naus, minaces Torres,  
Granizar flechas, vomitar pelouros,  
Línguas de fogo, enovelado fumo  
Enegrecer os ares,  
Cevar-se em secos, embreados lenhos,  
Milhões de braços apinhados de ira  
Contra um punhado Luso... Aqui, por terra,  
Dão destruidor assalto;  
Além, por Mar, baixéis sem conto investem  
O Passo Cambalão... Ferve, travada  
Por todo lado a guerra: o sangue... os gritos...  
Cobrem o Sol nevoeiros  
De lanças, flechas... os ouvidos surdos,  
Co' estourar das granadas, co' estampido  
Dos Vulcâneos trovões... Nem lá, no Tártaro,  
Igual lavra alvoroto,  
Troa alarido igual... E quem resiste?  
Quem se reparte, e acode co' a presença?  
Quem rebate? quem vence? e quem triunfa?  
O invencível Pacheco.

## ODE

Verás da Saudade a sombra fria  
Desfazer-se, assim como a noite escura  
Se desfaz, com a luz do novo dia.

ELPINO *Nonacriense*.

QUÃO saudosas lembranças me recordas,  
Dia quatro de Julho!  
Oh cara Pátria, aonde a Luz primeira  
Me raiou nestes olhos.  
Oh cara Pátria, onde encarei recente  
O maternal sorriso  
Onde Clio me bafejou bem tenro  
Alentos Apolíneos,  
Que os Amigos, que as Damas, mais no peito,  
Que no bolso encerravam;  
Damas gentis, Amigos estremados!  
E deixar-vos eu pude?  
E pude, e não morri? Daqui tão longe  
Vos envio a cada hora  
O coração envolto num suspiro.  
Lá ficou presa esta alma.  
Que estes ares que ufanam Liberdade,  
Amores não me inspiram,  
Como os ares tão meigos de Ulisseia.  
Onde estais, oh tão lindas  
Márcia, Delmira, Nise? Agra saudade!  
Ou mata-me dum golpe,  
Ou fere a Inquisição, expulsa os frades,  
E dá-me a amada Elísia.  
Ver, na Pátria, que maus hoje assoberbam  
Com ignorante orgulho,  
Suceder a Justiça à Tirania;  
Ver delidas as nódoas  
Que à Inocência monstros lhe imprimiram  
Com fanático aleive:  
Inocência tão pura, que a atestaram  
Já dous Reais Decretos.  
Mas réus Ministros, frouxos nas bondades  
Quão prestos nos rigores;  
Mas com descuido ingrato, protectores  
Desleixam de cumpri-los;  
Desleixam ter a glória sobre-humana  
De reparar o injusto.

## ODE

### AO CAVALHEIRO F. J. M. DE BRITO

Tu pois bendize o Céu, que tal tesouro  
Depositou em ti.

ELPINO Duriense. [XLI]

**D**EU-ME sumo prazer e lho agradeço  
Co' as Obras do moral, terso Ribeiro;  
Sábio Amador, e Imitador ilustre  
Da boa idade de ouro  
Da Lusitana língua, abriu-se praça  
Entre os Sás, e Ferreiras. Muito anelo  
Que pela estrada o siga quanto aluno  
Na Elísia invoca o Apolo.  
Do monte, em que sentadas com Horácio,  
Com Píndaro, as Piérides avistam  
O chão que deu à luz Camões altíloquo,  
Garção, Elpino, Alfeno,  
Disferem todas nove sons dulcíssimos  
Bafejados de aplauso, e de contento,  
Que inda ressoa, igual ao que influíram,  
Nos Lusos, canto, outrora.

## ODE

Exegi monumentum ære perenius,  
Regalique situ pyramidum altius.

HORAT. *Lib. 3. Od. 30.*

**M**ELHOR que os Cisnes, discantou Marreco,  
Com generosas vozes ressonantes  
Deu com vozes de bolsa mate aos trilos  
De mélicas gargantas.  
Que não cantara Homero dos Marrecos?...  
Aquiles fero, Ulisses o matreiro  
Postos de ré, de inveja chorariam  
Aos sons da Marrequeida:  
Que em canto mais sublime, enlevaria  
A mente dos Celícolas, delindo  
Quanto renome a Ilíada e a Odisseia  
Se não granjeado no Orbe.  
Viva o Canto argentino de Marreco  
Mais durável, lhe erijo monumento,  
Que Egiptanas altíssimas Pirâmides  
Que a Terra vai sorvendo.

*Fim das Poesias Inéditas.*